

Giovana Bleyer Ferreira dos Santos

***PAUL ET VIRGINIE: PARATEXTOS E TEXTOS EM
TRADUÇÕES BRASILEIRAS NOS SÉCULOS XX E XXI***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor em Estudos de Tradução.

Linha de pesquisa: Teoria, Crítica e História da Tradução.
Orientadora: Prof^ª Dr.^a Marie-Hélène Catherine Torres.

**Florianópolis
2014**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Giovana Bleyer Ferreira dos

PAUL ET VIRGINIE: PARATEXTOS E TEXTOS EM TRADUÇÕES
BRASILEIRAS NOS SÉCULOS XX E XXI / Giovana Bleyer Ferreira
dos Santos ; orientadora, Marie-Hélène Catherine Torres -
Florianópolis, SC, 2014.

202 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Paul et Virginie. 3.
Paratexto. 4. récit poétique. 5. retradução comentada. I.
Torres, Marie-Hélène Catherine. II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da
Tradução. III. Título.

GIOVANA BLEYER FERREIRA DOS SANTOS

***PAUL E VIRGINIE: PARATEXTOS E TEXTOS EM
TRADUÇÕES BRASILEIRAS NOS SÉCULOS XX E XI***

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutora em Estudos da Tradução” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 16 de setembro de 2014.

Profa. Dra Andréia Guerini.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Marie-Hélène C.
Torres Orientadora e Presidente
(UFSC)

Prof.^a Dr.^a Germana Henriques
Pereira de Sousa
(UNB)

Prof.^a Dr.^a Andréia Guerini
(UFSC)

Prof. Dr. Philippe Humblé
(Hogeschool-Universiteit
Brussel/PGET)

Prof.^a Dr.^a Karine Simone (UFSC)

Prof. Dr. Gilles Abes (UFSC)

À tous ceux qui ont fourni une
brique de leurs vies pour la
construction de mon chemin.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, ao meu cunhado, Bruno Campos, à minha sobrinha Catarina Bleyer Campos e à minha irmã Nicali Bleyer, meu porto seguro, minha referência.

À Profª Dra. Marie- Hélène C. Torres, pela paciência e constância nas orientações; por incentivar minhas escolhas; pelas leituras atentas do meu trabalho, pelas sugestões e pelas críticas sempre construtivas.

À amiga Cristiane Grando, ser que ilumina meu caminho.

À amiga Marina Silveira de Melo.

À Elísia Paixão de Campos.

À minha prima Ângela Bathke Humeres, ao meu primo André Bathke Humeres e à amiga Cynthia Beatriz Costa, pelo apoio imprescindível.

Ao amigo Diego Barbosa pela ajuda constante e, em especial, na resolução de burocracias na UFSC.

À minha amiga-irmã Arelis Felipe Ortioza.

Às amigas Blandine Doucet, Camila Paula Camilotti, Gabriella Paraguai, Laurence Lalloe Tejerina, Meirilayne Ribeiro, Patrícia Chanely Ricarte, Thalita Paraguai e Suzy Antunes e, ao amigo Kall Lyws, pelas consultas teóricas e relacionadas à língua francesa.

Ao professor Philippe Humblé pelas orientações durante o período do meu Doutorado Sanduíche.

Às professoras Andréia Guerini, Germana Henriques Pereira de Sousa, Karine Simone e aos professores Gilles Abes e Walter Carlos Costa pelas contribuições advindas da qualificação e da defesa desta tese.

Aos amigos que se tornaram minha família na Bélgica, Adriano Mafra, Leni Ferreira, Rayane Gabriel Ferreira e Silvânia Carvalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução PGET-UFSC, pela minha formação acadêmica.

À Cordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelas bolsas obtidas para o apoio a minha formação no Brasil e no Exterior.

Pela ajuda na obtenção de materiais necessários para minha discussão teórica, agradeço aos amigos Matheus Carvalho e Rogério Max, e as amigas, Marília Israel e Simone Rezende.

Às amigas, Adriana Luiza de Oliveira, Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo, Juliana Rodrigues, Letícia Maria Vieira Souza Goellner, Karla Amandio, Karina Lopes, Márcia Saeger, Narceli Piucco, Silvy Caroline Laforga e aos amigos Davi Silva Gonçalves, Eric Silveira e Rodrigo Cardoso.

Aos secretários do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução PGET-UFSC, Carlos Fernando Santos e Gustavo Marcel Guaita.

E aos demais amigos, que aqui não foram citados, mas que são lembrados com gratidão, pelo reforço positivo e pela torcida.

*La nature se peint partout
d'elle-même; et quand un de ses
rayons tombe sur mon âme, je
le reflète.*

Bernardin de Saint-Pierre

RESUMO

A presente tese tem como objetivo principal uma proposta de retradução comentada do romance *Paul et Virginie* do escritor francês Bernardin de Saint-Pierre. Como objetivo secundário, propõe-se uma análise das traduções brasileiras deste romance de 1906 à 2008 no sistema literário brasileiro sob o aspecto da “Visualização das Traduções” bem como um estudo dos paratextos traduzidos e não traduzidos. Tanto para a análise tradutória quanto para a retradução, são estudados trechos representativos a partir da teoria de Antoine Berman (1995), Gerard Genette (2010), Lawrence Venuti (1995). A análise dos excertos de narrativa poética baseia-se principalmente na teoria de Jean-Yves Tadié (1994).

Palavras-chave: *Paul et Virginie*, tradução comentada, visibilidade do tradutor, paratexto.

ABSTRACT

The present work aims at proposing a commented retranslation on the novel *Paul et Virginie*, by the French author Bernardin de Saint-Pierre. As a secondary objective, we propose an analysis of the Brazilian translations of this novel from 1906 to 2008 into the Brazilian literary system under the perspective of “View of Translations” and a study of the translated and not translated paratexts. For both the translational analysis and the retranslation we used representative excerpts from the theoretical principles of Antoine Berman (1995), Gerard Genette (2010), and Lawrence Venuti (1995). The analysis of the excerpts of the poetic narrative is based mainly on Jean-Yves Tadié’s theory.

Key-words: *Paul et Virginie*, commented translation, translator’s visibility, paratext.

RÉSUMÉ

Cette thèse a objectif principal de proposer une retraduction commentée du roman *Paul et Virginie* de l'écrivain français Bernardin de Saint-Pierre. Comme objectif secondaire, nous proposons une analyse des traductions brésiliennes de 1906 à 2008 de ce roman dans le système littéraire brésilien en ce qui concerne « l'affichage des traductions » ainsi qu'une étude des paratextes traduits et non traduits. Autant pour l'analyse de traduction que pour la retraduction, sont étudiés des extraits représentatifs à partir de la théorie d'Antoine Berman (1995), Gerard Genette (2010), Lawrence Venuti (1995). L'analyse des extraits de récit poétique s'appuie principalement sur la théorie de Jean-Yves Tadié (1994).

Mots-clés: *Paul et Virginie*, traduction commentée, visibilité du traducteur, paratexte.

SUMÁRIO

Capítulo 1 HISTÓRIA DAS TRADUÇÕES DE <i>PAUL ET VIRGINIE</i> NO BRASIL	29
1.1. UMA VISUALIZAÇÃO DAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS	29
1.2 <i>PAUL ET VIRGINIE</i> : A TRADUÇÃO BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E SUA ATUALIZAÇÃO DE 2008	36
1.3 AS TRADUÇÕES DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	41
1.3.1 Paulo e Virgínia 1906	42
1.3.2 Paulo e Virgínia 1913	44
1.3.3 Paulo e Virgínia 1924	46
1.3.4 Paulo e Virgínia 1941	48
1.3.5 Paulo e Virgínia 1943	49
1.4 AS TRADUÇÕES DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	51
1.4.1 Paulo e Virgínia 1965	51
1.4.2 Paulo e Virgínia 1986	55
1.4.3 Paulo e Virgínia 1988	58
1.5 TRADUÇÕES SEM DATA	61
1.5.1 Paulo e Virginia – Editora Irmãos Garnier	61
1.5.2 Paulo e Virginia – Editora Aurora	63
Capítulo 2 <i>PAUL ET VIRGINIE</i> : OS PARATEXTOS COMO FORMA DE INTRODUÇÃO DO AUTOR E DA OBRA NO SISTEMA LITERÁRIO DO TEXTO DE CHEGADA	66
2.1 A INSERÇÃO DE UM TEXTO EM UM NOVO CONTEXTO	66
2.2 PREFÁCIO [<i>AVANT-PROPOS</i>]	67

	12
2.3 AVISO SOBRE ESTA EDIÇÃO [<i>AVIS SUR CETTE ÉDITION</i>]	70
2.4 PREÂMBULO [<i>PRÉAMBULE</i>]	74
2.5 BERNARDIN DE SAINT-PIERRE POR ELE MESMO [<i>BERNARDIN DE SAINT-PIERRE POUR LUI MÊME</i>]	98
Capítulo 3 <i>PAUL ET VIRGINIE</i> : CAMINHOS PARA A RETRADUÇÃO	102
3.1 O texto descritivo	107
3.1.2 Formas do texto descritivo	113
3.2 <i>PAUL E VIRGINIE</i> : TRADUÇÃO DOS TRECHOS DESCRITIVOS	117
3.2.1 As figuras de linguagem em <i>Paul et Virginie</i>	117
3.2.2 Configurações da descrição em <i>Paul et Virginie</i>	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144
APÊNDICE A – Quadros com os trechos descritivos do romance <i>Paul et Virginie</i> e nossa retradução.	152
APÊNDICE B – Quadros com trechos das traduções brasileiras de <i>Paul et Virginie</i>	162

INTRODUÇÃO

Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814) tornou-se um escritor mundialmente conhecido com a publicação do romance *Paul et Virginie* (1788). Discípulo de Rousseau, Saint-Pierre buscou criar nesta obra um ambiente adequado para expor ideais como a felicidade e a virtude. Utilizando experiências pessoais, conhecimentos adquiridos com a leitura de diversos livros e de relatos, como destacam os autores Antoine Fleury em *Vie de Bernardin de Saint-Pierre* (1844), Édouard Meaume em *Étude sur la vie privée de Bernardin de Saint-Pierre* (1855) e Saint-Charles em *La vie et les aventures de Bernardin de Saint-Pierre d'après les documents les plus authentiques* (1900), o autor escreveu este clássico da literatura mundial que, ainda hoje, é traduzido para diversos idiomas, como registra o *Index Translation* – UNESCO, e no qual ele materializa temas que seriam recorrentes de uma das correntes do Romantismo: o amor, a virtude e a natureza.

Paul et Virginie foi publicado pela primeira vez em 1788 como parte da terceira edição de *Études de la nature* e alcançou um grande sucesso, contrariando a impressão vivenciada pelo autor na primeira leitura pública do romance (SAINT-CHARLES, 1900).

Frequentador dos salões de sua época, segundo Saint-Charles (1900), Saint-Pierre foi convidado por Madame Necker para realizar uma leitura do manuscrito de *Paul et Virginie* diante de um público seletivo escolhido pela anfitriã. A leitura acabou fatigando alguns dos presentes e Saint-Pierre, por considerar que nenhum editor reconheceria um autor se sua obra não tivesse tido repercussão em um círculo, imergiu em um estado de desesperança. Saint-Charles (1900) comenta que Saint-Pierre questionou toda a sua obra, fruto de quatorze anos de observação e de paciência e, considerando-a indigna, pensou até mesmo em queimá-la durante os primeiros momentos de sua cólera. Sucedeu, porém, que, alguns dias após a leitura do manuscrito, um amigo de Saint-Pierre, o pintor Vernet, crendo ser impossível que o autor de *Études de la nature* tivesse escrito algo tão sem valor, insistiu com o amigo que lhe permitisse conhecer a narrativa, que foi lida por Saint-Pierre após certa relutância (SAINT-CHARLES, 1900, p.264-267).

Saint-Charles (1900) relata que Vernet inicialmente escutou a leitura de Saint-Pierre com desconfiança, mas não tardou a se fascinar pela narrativa e a dizer que jamais havia escutado algo tão puro e tão comovente e que a descrição de climas distantes desenvolveu em seus olhos uma nova natureza que continha “le pinceau de Virgile et la

morale de Platon”¹ (SAINT-CHARLES, 1900, p.266). O crítico ainda menciona que Vernet disse ter sido uma inspiração que Saint-Pierre tenha colocado o personagem do velho na narrativa, pois ele dava uma perspectiva à obra ao conferir-lhe, por exemplo, uma distância temporal marcada pela separação dos detalhes da infância dos personagens da catástrofe. Saint-Charles (1900, p.266) também destaca que o que Vernet teria dito a Saint-Pierre, sobre ele ter escrito um “chef-d’œuvre”² se confirmou, pelo enorme sucesso que *Paul et Virginie* alcançou tendo sucessivas reedições.

Segundo Pierre Trahard (SAINT-PIERRE, 1958), *Paul et Virginie* foi, além da realização de um sonho pessoal do autor, o meio para demonstrar que a sociedade corrompe o homem e seus valores, e que a felicidade está em viver segundo as leis naturais, a inocência e a virtude. Discípulo de Fénelon e de Rousseau, Saint-Pierre

voudrait réformer la société, ou plutôt fonder une république idéale sur le modèle de Salente, une république, où revivrait l’âge d’or, une sorte d’Éden où des êtres vertueux vivraient dans la concorde et la justice, parmi les fleurs, les oiseaux et les grâces du ciel³ (SAINT-PIERRE, 1958, p.VII).

Para materializar esse ideal em *Paul et Virginie*, o autor preocupou-se inicialmente em criar o espaço “perfeito” para desenvolver suas ideias. O cenário escolhido foi a cidade de Porto Luís, na Ilha de França, que pertence ao arquipélago Mascarenhas, localizado ao sul do oceano Índico.

Buscando dar um ar de autenticidade à sua narrativa, Saint-Pierre descreve no primeiro parágrafo de *Paul et Virginie* as informações necessárias para que o leitor possa situar seu pensamento no espaço da narrativa:

Sur le côté oriental de la montagne qui s’élève derrière le Port-Louis de l’Ile-de-France, on voit,

¹ “[...] “o pincel de Virgílio e a moral de Platão” (SAINT-CHARLES, 1900, p.266). Tradução nossa salvo indicação.

² “obra-prima” (SAINT-CHARLES, 1900, p.266).

³ “[...] queria reformular a sociedade, ou antes fundar uma república, onde se viveria a idade de ouro, uma espécie de Éden onde os seres virtuosos viveriam na concordância e na justiça, entre as flores, os pássaros e as graças do céu” (SAINT-PIERRE, 1958, p.VII).

dans un terrain jadis cultivé, les ruines de deux petites cabanes. Elles sont situées presque au milieu d'un bassin formé par de grands rochers, qui n'a qu'une seule ouverture tournée au nord. On aperçoit sur à gauche, la montagne appelée le morne de la Découverte, d'où l'on signale les vaisseaux qui abordent dans l'île, et au bas de cette montagne, la ville nommée le Port-Louis; à droite, le chemin qui mène du Port-Louis au quartier des Pamplémousses; ensuite l'église de ce nom, qui s'élève avec ses avenues de bambous au milieu d'une grande plaine; et plus loin, une forêt qui s'étend jusqu'aux extrémités de l'île. On distingue devant soi, sur les bords de la mer, la baie du Tombeau; un peu sur la droite, le cap Malheureux; et au-delà, la pleine mer, où paraissent à fleur d'eau quelques îlots inhabités, entre autres le coin de Mire, qui ressemble à un bastion au milieu des flots⁴. (SAINT-PIERRE, 1958, p.77-78).

Estas descrições são precisas e, segundo Trahard (SAINT-PIERRE, 1958), são compatíveis com as fornecidas por La Caille⁵, o que permite ao leitor identificar o “real” presente na obra ao “localizar” os lugares onde viveram Paul e Virginie, o que colabora para criar o seu tom de autenticidade. Além disso, Pierre Édouard Lémontey (1823), em seu *Étude littéraire sur la partie historique du roman de Paul et Virginie*, enumera outros fatos históricos que serviram de inspiração à composição do romance. Tem-se, por exemplo, o naufrágio do navio

⁴“Na encosta oriental da montanha que se eleva atrás de Porto Luís na Ilha de França, vemos, em um terreno outrora cultivado, as ruínas de duas cabanas. Elas estão situadas quase no meio de uma bacia formada por grandes rochedos que não possui mais que uma abertura voltada para o norte. Distingue-se à esquerda uma pequena montanha arredondada chamada *Découverte*, de onde vemos os navios que aportam na ilha, e na parte inferior desta montanha a cidade denominada Porto Luís; à direita o caminho que leva de Porto Luís ao distrito *Pamplémousses*; em seguida a igreja de mesmo nome, erguida em uma avenida que se eleva com suas bordas de bambu no meio de uma grande planície; e mais distante, uma floresta que se estende até as extremidades da ilha. Distinguimos à frente, sobre as orlas do mar, a baía de *Tombeau*; um pouco à direita, o cabo *Malheureux*; e mais além, em pleno mar aparecem à flor da água algumas ilhotas inabitadas, entre as quais o recanto de *Mire*, que se assemelha a um baluarte no meio das ondas. (SAINT-PIERRE, 1958, p.77-78).

⁵[...] La Caille, physicien et astronome de mérite, qui avait été chargée d'une mission scientifique en Afrique du Sud et qui, du cap de Bonne-Espérance, avait poussé ses investigations jusqu'à l'île Bourdon et à l'Île de France, où il séjourna neuf mois, en 1753. (SAINT-PIERRE, 1958, p.XIV).

Saint-Géran que, no romance, sofreu uma alteração proposital na data, adequando-se ao desejo de Saint-Pierre de retratar uma influência climática típica do mês de dezembro. E, dentro deste naufrágio, o episódio do marinheiro que se aproxima de uma dama e lhe diz que é preciso se despir para pular na água e se salvar, fato representado no romance por Virginie (LÉMONTEY, 1823).

Entretanto, Cantu, Vasari e Beuve (1955) destacam que Bernardin de Saint-Pierre, em seu processo de composição do romance *Paul et Virginie*, utilizou-se não apenas de cenas vividas ou já descritas por ele em *Voyage à Île-de-France* [Viagem à Ilha-de-França], seu primeiro livro de sucesso, publicado em 1773, período em que o exotismo⁶ estava no auge, mas também dos relatos feitos por moradores da referida ilha. Saint-Pierre fez ainda uma cuidadosa seleção de intertextos que, além de comprovar o exímio leitor que foi, demonstra o cuidado que teve ao escrever o romance. Como se pode verificar, entre os textos mencionados pelo autor, encontramos desde relatos de aventura até referências mitológicas.

Ainda discorrendo sobre o hábito de Saint-Pierre de escrever suas memórias, Cantu, Vasari e Beuve afirmam que o autor redigia relatos sobre diversas áreas, como “artes, moral, geografia” (1955, p.174) e que ele tomava conhecimento de todos os assuntos de sua época. Sobre o estilo do autor, para Cantu, Vasari e Beuve (1955), Saint-Pierre distinguiu-se dos outros, pois, assim como Rousseau inovou ao escrever sobre os Alpes, Saint-Pierre o fez ao introduzir a natureza dos trópicos. Cantu, Vasari e Beuve (1955) mencionam, para enfatizar a inovação pitoresca de Saint-Pierre, uma passagem de *Voyage a Île de France* na qual, ao se preocupar com a forma de descrever a natureza, o autor afirma que, por ser tão nova esta arte de reproduzi-la, não há termos para isso. E, para salientar, interpõe:

Experimentai fazer a descrição de uma montanha de modo a dá-la a reconhecer: quando tiverdes falado da base, dos flancos, e do pico, tereis dito tudo; mas quanta variedade nessas formas arqueadas, arredondadas, alongadas, achatadas, cavadas, etc.! Não encontrareis senão perífrases; é a mesma dificuldade para as planícies e os vales. Quando se tem de descrever um palácio, não há

⁶ Segundo Vitor Aguiar e Silva (2000), o exotismo é “o gosto pelos costumes e paisagens de países novos e estranhos, e, por vezes, [...] pelo bárbaro e primitivo” (p.549).

mais o mesmo embaraço... Não existe uma moldura que não tenha seu nome. (SAINT-PIERRE apud CANTU; VASARI; BEUVE, 1955, p.177-178).

Porém, segundo Cantu, Vasari e Beuve, Saint-Pierre contornou com destreza essa adversidade ao inserir “no vocábulo pitoresco um grande número de palavras emprestadas às ciências, às artes, à navegação, à botânica, etc.” (1955, p.178). Outra intrigante observação feita por Cantu, Vasari e Beuve (1955), sobre *Voyage à Île de France*, é que “muitas páginas de ‘Paulo e Virgínia’ não são senão a composição poética e colorida de que se tem na ‘Viagem’ o traço real e nu” (1955, p.178).

Essa afirmação pode ser confirmada com a leitura da edição crítica de Pierre Trahard (SAINT-PIERRE, 1958) que traz notas criadas para as passagens de *Paul et Virginie* que haviam sido mencionadas em *Voyage à Île de France*.

Analisando o sucesso da obra dentro do sistema literário francês, Pierre Trahard⁷ escreve que sua publicação levou os leitores às lágrimas, ocasionou um “dilúvio” de cartas entusiasmadas, “mais de quatro mil cartas” (SAINT-PIERRE, 1958, p. XXVI), e deu início a uma onda de traduções para diversos idiomas e de “imitações”. Trahard menciona que o romance foi lido e comentado até mesmo por Louis Bonaparte, que na ocasião estava com dezoito anos, e por seu irmão Joseph Bonaparte. Para ele, o público leitor passou por um entusiasmo semelhante àquele sentido com a publicação de *La Nouvelle Héloïse*, de Rousseau, pois como relata Trahard, Saint-Pierre também “avait touché la corde sensible en s’adressant au cœur”⁸ (SAINT-PIERRE, 1958, p.XXVI).

Prova disso é que no sistema literário francês a obra de Saint-Pierre tornou-se referência a ponto de ser intertexto da obra de escritores famosos como Flaubert (*Paul et Virginie* é um dos livros que Emma, a protagonista de *Madame Bovary*, lê) e Balzac (menciona na obra *Le curé de Village*). Para exemplificar esta presença de *Paul et Virginie* como intertexto de outras obras da literatura francesa, escolhemos

⁷ Pierre Trahard foi o responsável pela edição de 1958 do romance. Sua edição foi a mais usada para traduções e aparece como referência bibliográfica da tradução de 1986 feita por Rosa Maria Boaventura.

⁸ “[...] havia tocado a corda sensível se endereçando ao coração” (SAINT-PIERRE, 1958, p.XXVI).

apresentar sua aparição em *Le Curé de Village*, “O cura da aldeia”, que compõe os Estudos de Costume da Comédia da Vida Humana, de Balzac.

Em “O cura da aldeia”, o intertexto aparece de duas maneiras: temos um espaço de enunciação sobre o valor de *Paul et Virginie* dentro do sistema literário francês - “livro suave [...] um dos livros mais emocionantes da língua francesa” (BALZAC, 1989, p.22); e temos passagens que abordam o efeito que esta leitura causou na personagem Verônica.

Como demonstração dessa influência, o narrador escreve, por exemplo, que no dia seguinte após a leitura da obra, enquanto Verônica caminhava para mostrar o livro que adquiriu ao padre, para saber se o aprovava, ela achou “suas flores mais belas do que na véspera, ouviu-lhes a linguagem simbólica, examinou o azul do céu com fixidez cheia de exaltação e, então, de seus olhos correram lágrimas sem causa” (BALZAC, 1989, p.23); e que esta obra proporcionou à personagem descobrir o amor.

Porém, a respeito dessa descoberta feita por Verônica, é interessante ressaltar que ela tem um caráter negativo na obra, pois “pela meiga e nobre personalidade do autor, ela foi levada ao culto do ideal, essa fatal religião humana. Sonhou ter como amante, rapaz semelhante a Paulo [...]” (BALZAC, 1989, p.23); e esta ilusão a fez criar um estereótipo inalcançável de amante, fato que é, em parte, responsável pela desgraça da personagem na narrativa.

Para finalizar esta breve exposição feita de *Paul et Virginie* como intertexto na obra de Balzac, gostaríamos de justificar que escolhemos utilizar uma tradução de *Le Curé de Village* para ressaltar o caráter valorativo do paratexto e a importância que o tradutor pode exercer enquanto intermediador cultural. Para isto, faremos referência a Um paratexto em forma de nota de rodapé⁹, inserido em “O cura da aldeia” (BALZAC, 1989) pelo tradutor Paulo Rónai¹⁰.

⁹ *Paulo e Virgínia*: pequeno romance sentimental de Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814), discípulo preferido de Rousseau, publicado em 1788. Considerado uma obra-prima sobretudo pelo sentimento da natureza, pelas descrições do mar e de paisagens tropicais, é a história singela de um jovem e uma jovem criados juntos na Ilha de França (hoje Ilha Maurício), que acabam por se apaixonar um pelo outro. Separados por certo tempo, estão na iminência de se reunirem e de se casarem, quando Virgínia morre num naufrágio (BALZAC, 1989, p.22).

¹⁰ Segundo o dicionário *DITRA*, Paulo Rónai foi fundador e primeiro secretário-geral da *Associação Brasileira de Tradutores*. Em 1981, ganhou o Prêmio Trienal *Nath Horst* da *Federação Internacional de Tradutores*, que é considerado o Nobel da Tradução. Ele traduziu para o português mais de cem livros, com destaque para os dezessete volumes da *Comédia*

A presença deste paratexto pode ser entendida com base em dois fatores. Em um primeiro momento, o tradutor pode ter pretendido ampliar a experiência do leitor, referenciando de forma mais direta a obra de Saint-Pierre que faz intertexto com a de Balzac. Isto porque durante a narração o próprio Balzac faz menções à importância deste romance, “um dos livros mais emocionantes da língua francesa” (BALZAC, 1989, p.22). Em um segundo momento, têm-se uma alusão ao fato do autor de *Paul et Virginie* ter sido discípulo de Rousseau. Aqui o tradutor pode ter se preocupado em clarificar as consequências que esta leitura traz para a personagem Verônica, que é levada a desejar uma condição de amor semelhante à dos personagens, que viviam em uma sociedade idealizada e que não haviam sido corrompidos pelo meio. Essa abordagem pode contribuir ainda para a visão que Malcolm Coulthard (1992) tem de um tradutor, que é “anyone who takes an existing text which is inaccessible to a given group of potentially interested readers and attempts to produce a new text which will be accessible for them”¹¹ (COULTHARD,1992, p.11). Ou ainda, representar uma forma de responsabilidade que o “destinador” assume, que é um dos assuntos que trabalharemos no primeiro capítulo desta tese.

O período literário da produção de *Paul et Virginie* permite a identificação de diferentes aspectos possíveis de serem abordados no romance, o que reafirma a enunciação feita por Vítor Manuel de Aguiar e Silva que, ao discorrer sobre o século XVIII, salienta que neste período houve uma renovação dos valores estético literários, visto que diversas correntes, como a barroca, a neoclássica e a pré-romântica, confluíram sem que “qualquer estilo tenha exercido um domínio homogêneo e prolongado” (2000, p.531).

Sem ter tido a homogeneidade de uma escola literária, nem apresentado “um corpo sistemático de doutrinas” (SILVA, 2000, p.534), o autor destaca que o pré-romantismo eclodiu em diferentes lugares da Europa no século XVIII, merecendo destaque a obra *Night thoughts* de 1742, de Young, publicada na Inglaterra; o movimento do *Sturn un*

Humana de Balzac, que levou mais de quinze anos para concluir. Desta coleção, faz parte o livro “O cura da aldeia”.

¹¹ “[...] alguém que, partindo de um texto inacessível a um determinado grupo de leitores potenciais, tenta produzir um novo texto que seja acessível a esses leitores”. (COULTHARD,1992, p.11)

Drang, na Alemanha; e na França os autores Diderot, Bernardin de Saint-Pierre, Prévost e Rousseau.

Tendo ainda o pré-romantismo, segundo Silva (2000), dado origem a novos conceitos estéticos, além de “uma nova temática e uma nova sensibilidade” (p.534), uma de suas características fundamentais foi a “valorização do sentimento”, que contribuiu para que “a bondade e a virtude” fossem consideradas “atributos naturais das almas sensíveis” (p.534). No romance estudado neste trabalho, a personagem Virginie é virtuosa e sua bondade é estendida a todos os seres sofredores que habitam a Ilha de França.

Silva (2000) destaca que muitas vezes o pré-romantismo apresenta “um caráter terno e tranquilo, como a suave emoção que se experimenta ante uma bela paisagem ou como as melancólicas e doces lágrimas que suscitam uma saudosa lembrança” (p.535). Neste contexto, ele ainda acrescenta que,

o sentimento da natureza e da paisagem constitui outro traço relevante da literatura pré-romântica. Não se trata apenas de uma maior capacidade descritiva do mundo exterior, trata-se acima de tudo de uma nova visão da paisagem: entre a natureza e o eu estabelecem-se relações afectivas [...]. (SILVA, 2000, p.535-536).

Nesse cenário, novas paisagens adquirem visibilidade, como é o caso da “montanha, contrastada e selvagem” (SILVA, 2000, p.536). Entre estas paisagens, Silva (2000) cita as de *La nouvelle Héloïse* de Rousseau e, recorrendo ao primeiro paratexto criado por Saint-Pierre para a recepção de seu romance *Paul et Virginie*, temos, também, como exemplo, a declaração do autor sobre sua inovação descritiva da natureza:

Je me suis proposé de grands desseins dans ce petit ouvrage. J'ai tâché d'y peindre un sol et des végétaux différents de ceux de l'Europe. Nos poètes ont assez reposé leurs amants sur le bord des ruisseaux, dans les prairies et sous le feuillage des hêtres. J'en ai voulu asseoir sur le rivage de la mer, au pied des rochers, à l'ombre des cocotiers,

des bananiers et des citronniers en fleurs¹².
(SAINT-PIERRE, 1958, p. CXLVI).

É importante salientar que Silva (2000) perpassa por outras características importantes que estiveram presentes nas obras produzidas neste período e que também estão presentes no romance estudado. Ao falar, por exemplo, das “antinomias românticas” (2000, p. 557), o autor declara que o romantismo é “herdeiro do reformismo iluminista”. Essa característica, algumas vezes, acaba por gerar um impulso ideológico, que, entre outras coisas, glorifica “o homem natural” (2000, p.558). A religiosidade é outro ponto que se destaca, pois ela é “preponderantemente de natureza sentimental e intuitiva; seu diálogo com a divindade tende a dispensar a mediação do sacerdote e o formalismo dos ritos” (2000, p.558). Em *Paul et Virginie* podemos verificar tanto uma crítica à sociedade, que muitas vezes “corrompe o homem” que nasce puro, um dos marcos do pensamento do filósofo Rousseau, de quem Saint-Pierre foi discípulo, quanto esta expressão de religiosidade:

On ne leur avait appris de la religion que ce qui la fait aimer; et s'ils n'offraient pas à l'église de longues prières, partout où ils étaient, dans la maison, dans les champs, dans les bois, ils levaient vers le ciel des mains innocentes et un coeur plein de l'amour de leurs parents¹³.
(SAINT-PIERRE, 1958, p.91).

Em relação à forma e ao estilo, Silva destaca que neste período se desenvolvem “novas formas literárias como o drama, o romance histórico, o romance psicológico e de costumes, a poesia intimista e a poesia filosófica, o poema em prosa, etc.” (2000, p.559) e que a transformação da língua e do estilo se deu notadamente pelo “domínio do adjetivo e da metáfora” (2000, p.560). Essa última enunciação abre

¹² “Eu propus-me a grandes projetos nesta pequena obra. Esforcei-me para pintar um solo e vegetais diferentes daqueles da Europa. Nossos poetas assaz repousaram seus amantes na beira dos riachos, nas pradarias e à sombra das faias. Eu quis assentar alguns sobre a costa do mar, ao pé dos rochedos, à sombra dos coqueiros, das bananeiras e dos limoeiros em flor” (SAINT-PIERRE, 1958, p.CXLVI).

¹³ “Da religião, eles só aprenderam o que era feito de amor; e se eles não ofereciam à igreja longas preces, em qualquer lugar em que estivessem, em casa, nos campos, nos bosques, eles elevavam para os céus as mãos inocentes e um coração cheio de amor por sua família. (SAINT-PIERRE, 1958, p.91).

espaço para o primeiro objetivo desta tese de doutorado: uma (re)tradução comentada do romance *Paul et Virginie* com um olhar atento para as figuras de linguagem que singularizam algumas descrições do livro.

Neste contexto, Álvaro Faleiros busca, em seu artigo *A crítica da retradução poética* (2009), configurar a importância da retradução como um espaço rico para a reflexão do fazer poético. Para isto, retoma o conceito de Haroldo de Campos, para quem a retradução é um movimento de crítica que se reapropria de uma obra já traduzida e lhe acrescenta novas leituras.

Buscando refletir sobre o vasto campo que a retradução ocupa, Faleiros (2009) elucida a necessidade de se compreender pelo menos quatro grandes práticas: a *tradução indireta*, a *retradução como autocorreção*, a *retradução como crítica* e a *crítica da retradução poética*.

A *tradução indireta*, para Faleiros (2009), seria aquela feita a partir de outra língua que não a do texto de partida, ou mesmo a partir de outra forma de expressão do texto de partida. Para exemplificar, o autor recorre a Yves Gambier (1994), para quem a acepção mais comumente dada à retradução é aquela na qual é utilizada a tradução proveniente de um idioma de mais fácil acesso do que o idioma do texto de partida. Para ilustrar essa estratégia, Faleiros (2009) relembra o caso de Byron, poeta inglês, que teve suas obras traduzidas para o português a partir do francês, língua que muitos dos escritores românticos brasileiros dominavam.

Como segundo exemplo, Faleiros (2009) recorda as palavras de Mário Laranjeira sobre as traduções de Villon no Brasil:

As traduções de Villon feitas por Péricles Eugênio da Silva Ramos e por Sebastião Uchoa Leite estão ambas redigidas em português moderno. Os dois tradutores dizem ter utilizado como texto de partida a edição de Augusto Lognon e Lucien Foulet. Essa edição mantém o texto em sua forma lingüística do século XV, ou seja, em *moyen français*. Sebastião Uchoa Leite, entretanto, diz explicitamente em suas “Notas e Agradecimentos” que ‘levou-se [sic] em consideração as edições modernas [...] e foi valioso o auxílio da tradução semântica para o francês moderno de Lanly. Embora também não o

diga, Péricles E. da Silva Ramos, deve ter-se valido de ‘traduções de Villon para o francês moderno’, de maneira que ambos na realidade, teriam feito uma retradução, conforme as seguintes etapas: texto original em *moyen français*, tradução intralingual para o francês moderno, tradução para o português moderno. (LARANJEIRA, 1993, p.118).

Assim temos que, embora o texto de partida em *moyen français* tenha sido consultado, e os tradutores tenham trabalhado a forma textual do texto de partida e mantido algumas das características específicas da poesia de Villon, a recorrência desses tradutores à “tradução moderna de Villon” criou uma forma de tradução indireta.

Já para identificar a prática que Faleiros (2009) propõe denominar de *retradução como autocorreção*, o autor menciona a tradução brasileira de “O corvo”, de Edgar Allan Poe, feita por Machado de Assis em 1883, a partir da tradução de Stéphane Mallarmé e que foi corrigida e republicada por Mallarmé em 1888. Ou seja, Mallarmé praticou a *retradução como autocorreção*.

A terceira prática comentada por Faleiros é a da *retradução como crítica*. Neste espaço no qual é proposta “uma nova tradução em função de traduções já existentes” (2009, p.146), menciona nomes importantes como Haroldo de Campos, Henri Meschonnic e Mário Laranjeira, e expõe que:

a adoção dessa forma de crítica leva ao acréscimo de mais outro texto literário para a história da recepção de uma determinada obra no sistema literário de chegada e pode servir tanto para apresentar uma nova abordagem tradutória, como para propor supostas correções e contra-sensos, supressões ou acréscimos. (FALEIROS, 2009, p.146).

A quarta e última prática, que segundo Faleiros abrange, de certa forma, as três anteriores, e que nos interessa particularmente, é definida pelo autor como *crítica da retradução poética*. Esta prática, que foi pouco desenvolvida até o presente momento, como ressalta o autor, está ligada a uma discussão que já tem quase dois séculos: a da “historicidade do traduzir” (2009, p.147).

Para estabelecer marcos teóricos da *crítica da retradução poética*, Faleiros (2009) retorna ao início do século XIX e menciona Goethe que teria escrito, “ainda que embrionária a primeira reflexão sobre a retradução [...] mais especificamente, de (re) tradução poética” (p.147). Para ilustrar esta percepção, Faleiros (2009) descreve os estágios que a tradução de uma determinada obra poética passaria na visão de Goethe.

O primeiro destes estágios se daria pela tradução em prosa, que permitiria a uma nação ter acesso ao conteúdo de determinada obra, ainda que esta não tivesse familiarizada com o seu modo de significar, a saber, “sua forma” (FALEIROS, 2009, p. 147). Em um segundo estágio, o tradutor utilizaria livremente elementos de sua conveniência para parodiar a obra. E no terceiro, haveria o desejo de transpor para a língua de chegada toda a estranheza do texto de partida.

Faleiros (2009) distingue como o ponto alto desta reflexão de Goethe o fato de se “pensar a tradução como processo, composto de etapas, às quais correspondem retraduições de uma determinada obra” (2009, p.147). Para o autor, esse pensamento “aponta para uma compreensão da tradução como acontecimento marcado histórica e culturalmente” (2009, p.147-148). Estes fatores são encontrados em considerações mais recentes, feitas por autores como Antoine Berman e Yves Gambier, como aponta Faleiros (2009).

Berman escreve que “é essencial distinguir dois espaços (e dois tempos) de tradução: *o das primeiras traduções e o das retraduições*”¹⁴ (2007, p.96-97). Essa distinção permite, no dizer do autor, uma reflexão sobre a *temporalidade do traduzir*.

Discutindo semelhante opinião quanto à distinção entre o espaço e o tempo de uma retradução, mas estabelecendo uma relação mais próxima entre a retradução e as traduções anteriores, temos Yves Gambier.

Para Gambier,

la retraduction serait une nouvelle traduction, dans une même langue, d’un texte déjà traduit, en entier ou en partie. Elle serait liée à la notion de réactualisation des textes, déterminée par l’évolution des récepteurs, de leurs goûts, de leurs besoin, de leurs compétences¹⁵” (1994, p.413).

¹⁴ Grifos do autor.

¹⁵ “A retradução seria uma nova tradução, em uma mesma língua, de um texto já traduzido, inteiro ou em parte. Ela seria ligada a noção de reatualização dos textos, determinada pela

Isso implica, nas palavras do autor, que “la retraduction conjugue à cette dimension sócio-culturelle la dimension historique: ele apporte des changements parce que les temps ont changé¹⁶” (1994, p.413), fato já mencionado anteriormente. Gambier (1994) ainda destaca que a retradução trabalha sobre textos já introduzidos na língua-cultura de chegada, sendo, portanto, importante a relação que o retradutor estabelecerá com esses textos “anteriores”.

As reflexões expostas por Berman (2007) e Gambier (1994) sustentam a discussão proposta por Enrico Monti em *Autour de la retraduction: perspectives littéraires européennes* (MONTI; SCHNYDER, 2011), na qual Monti afirma que não é apenas a língua que muda, mas também os recursos que são postos à disposição do tradutor. O autor afirma que:

les normes traductives, ces contraintes socioculturelles qui influencent profondément l’activité de traduction et ses résultats, jouent un rôle fondamental dans l’évolution de la pratique de la traduction et de la retraduction¹⁷” (MONTI; SCHNYDER, 2011, p.16).

Além disso, ainda temos como justificativa para uma retradução “la volonté de donner une nouvelle perspective au texte”¹⁸ (p.17) em casos em que acreditamos que “certaines perspectives ou dimensions du texte de départ n’ont pas été suffisamment prises en compte dans les traductions précédentes”¹⁹. (2011, p.17). No caso da nossa proposição de retradução, consideramos a visibilidade do tradutor que tem alcançado notável reconhecimento, a inserção do recurso denominado paratexto, que permite uma manutenção de estrangeiridades presentes no texto e que pode colaborar para uma melhor introdução de um

evolução dos receptores, dos seus gostos, de suas necessidades, de suas competências”. (GAMBIER, 1994, p.413).

¹⁶ “[...] conjuga em sua dimensão sócio-cultural” uma “dimensão histórica: ela comporta as mudanças porque os tempos mudaram”. (GAMBIER, 1994, p.413).

¹⁷ “[...] as normas tradutórias, suas especificidades socioculturais que influenciam profundamente a atividade tradutória e seus resultados, possuem um papel fundamental na evolução e na prática da tradução e da retradução”. (MONTI; SCHNYDER, 2011, p.17).

¹⁸ “[...] a vontade de dar uma nova perspectiva ao texto.” (MONTI; SCHNYDER, 2011, p.17).

¹⁹ “[...] certas perspectivas ou dimensões do texto de partida não foram suficientemente consideradas nas traduções precedentes”. (MONTI; SCHNYDER, 2011, p.17)

determinado autor e da obra em um sistema literário, além do reconhecimento de trechos descritivos que singularizaram partes do texto, como discutiremos no terceiro capítulo deste trabalho.

Quanto à estrutura, este trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos uma análise das traduções brasileiras pautadas na “Visualização das traduções”, abordagem desenvolvida pela pesquisadora Marie-Hélène C. Torres na qual, partindo do conceito de Gérard Genette sobre paratextos, a autora desenvolve uma metodologia expositiva que classifica os paratextos como índices morfológicos e discurso de acompanhamento. Nesta abordagem, Torres (2004) demonstra que os paratextos que acompanham uma obra podem conter informações diversas que permitem aferir: a língua cultura de origem, o lugar da obra no sistema literário tanto de partida quanto de chegada, a visibilidade (ou não) do tradutor, etc. No caso específico dos paratextos classificados como discurso de acompanhamento, podem ser vistos como mediadores e introdutores da obra e do autor num sistema literário, e como espaço para o tradutor expor algo sobre seu projeto tradutório.

Sobre as traduções da obra encontradas em português do Brasil, a primeira data de 1811 e pode ser considerada um marco na história da imprensa no Brasil e um reflexo do reconhecimento que o romance já possuía dentro do sistema literário. Isto porque, como informa Simone Cristina Mendonça de Souza (2007), em sua tese de doutorado *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*, a obra *Paul et Virginie* está entre os trinta primeiros romances publicados pela Imprensa Régia, que se instalou no Brasil após a mudança da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808. Outro fator que devemos ressaltar sobre essa tradução é que, embora ela só contenha o primeiro paratexto criado por Saint-Pierre, foi publicada cinco anos após a “edição definitiva” da obra, que é a de 1806, na qual Saint-Pierre acrescentou o paratexto intitulado *Préambule*.

Considerando as traduções brasileiras do século XX, a primeira que encontramos em nossa pesquisa na Internet, de 1904, aparecia como disponível apenas para consulta local na biblioteca da Universidade de Caxias do Sul. Foi realizada, então, uma visita à referida biblioteca, mas a obra não foi localizada. Contudo, pelos dados disponibilizados no *site* da biblioteca, como título, local e editora que a publicou, é possível afirmarmos que essa tradução teve uma nova edição em 1906, que consta em nosso *corpus*.

Outra revelação de nossa pesquisa *online* foi uma tradução datada de 1918, que apareceu no acervo da biblioteca da Universidade Federal de São João Del Rei, mas que, em pesquisa posterior, deixou de constar no referido acervo, não tendo sido possível, portanto, adicioná-la ao nosso *corpus*.

Desta maneira, temos um *corpus* de doze traduções brasileiras de *Paul et Virginie*. No entanto, dessas traduções, convém mencionar que a de 2008 se apresenta como uma atualização da tradução lançada pela Imprensa Régia (1811) e que optamos por trabalhar somente com ela neste caso. Além disso, no que diz respeito à tradução de 1924, foi reeditada em 1941, e como o texto do romance não sofreu alterações significativas e esta tradução foi encontrada quando faltavam dois meses para a conclusão deste trabalho, optamos por trabalhar apenas com sua reedição de 1941 no que tange a seleção dos trechos analisados. Ou seja, para compor nosso *corpus*, temos respectivamente as traduções dos anos de 1906, 1913, 1941, 1943, 1965, 1986, 1988, 2008 e duas traduções sem data, totalizando dez traduções brasileiras.

No segundo capítulo, apresentaremos uma análise crítica dos paratextos criados por Saint-Pierre para edições distintas de *Paul et Virginie*. O objetivo será demonstrar, através de excertos, como eles podem auxiliar na recepção do autor e da obra dentro dos sistemas literários, além de justificar nossa escolha de incluir todo o conjunto de paratextos em nossa retradução de *Paul et Virginie*. Quanto à retradução do romance, não se encontra disponível na íntegra nesta tese pela inviabilidade devido à sua extensão e principalmente porque, segundo nosso embasamento teórico sobre tradução, a importância de uma retradução está no exercício de crítica que ela incita no tradutor e nos demais estudiosos interessados. Acreditamos que a compreensão acerca deste processo de retradução é possível ser apreendida com a análise dos excertos.

No terceiro e último capítulo, apresentamos a análise de alguns fragmentos que classificamos como *passagens significantes* do romance. A seleção desses fragmentos, que têm alta carga poética em sua constituição, deu-se com a leitura do artigo *Paul et Virginie, récit poétique*, de Youma Charara (2010), no qual a autora discorre sobre a possibilidade de ser feita uma leitura da obra a partir da teoria proposta por Jean-Yves Tadié em *Récit Poétique* (1994). A partir destas leituras teóricas, selecionamos 26 trechos que enquadrámos no que chamamos de texto descritivo, segundo Philippe Hamon (1981), que engloba a

classificação proposta por Tadié de *récit poétique*²⁰ [narrativa poética]. Para Hamon (1981), o texto descritivo é um tipo de texto que demandará uma postura particular tanto do descritor quanto do descritário, que exigirá um acesso às referências pessoais que ambos construíram ao longo de suas vidas como, por exemplo, a “competência linguística”. A seleção destes fragmentos e seu enquadramento dentro da categoria do texto descritivo permitiram que criássemos um parâmetro de comparação entre as traduções brasileiras e a nossa retradução.

Nesta perspectiva, é importante ressaltar que pretendemos realizar nossa retradução segundo o conceito de ética defendido por Antoine Berman (2007). Para isso, lembramos que a tradução deve ser realizada por meio de um ato ético que consiste em “reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro” (BERMAN, 2007, p.48). Isso implica que o tradutor deve “abrir o Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua”, porque a tradução é “a manifestação de uma manifestação” (2007, p.69). Sob esse ponto de vista, consideraremos sobretudo nossa atual posição na história da tradução, que tem sido marcada por uma maior visibilidade do tradutor e pelo reconhecimento de seu papel de intermediador cultural, como menciona Susan Bassnett (1995).

Em nossa análise das traduções brasileiras, buscaremos estabelecer uma relação entre a nossa retradução e as traduções precedentes destacando as nossas escolhas tradutórias e as escolhas dos demais tradutores, em fragmentos tidos como *passagens significantes* do romance.

Exposto nosso percurso de construção do trabalho, definimos como objetivos gerais desta tese realizar um estudo sobre as traduções brasileiras do século XX e XXI de *Paul et Virginie* e elaborar uma metodologia para orientar a retradução do romance. E como objetivos específicos: uma análise das traduções brasileiras do século XX sob o aspecto da “visualização das traduções”; uma análise dos paratextos criados por Saint-Pierre para edições distintas de *Paul et Virginie* visando sua valorização como mecanismo auxiliar na recepção de uma obra e de seu autor dentro de um sistema literário; e uma discussão sobre as singularidades da escrita de *Paul et Virginie* que demandam um olhar mais atento do tradutor e do crítico de tradução.

²⁰“Le récit poétique est un récit que reprend, en prose, les moyens du poème, et définit un univers privilégié, un paradis perdu et retrouvé”. (TADIÉ, 1994, p.197).

A narrativa poética é uma narrativa que recompõe, em prosa, os recursos do poema, e define um universo privilegiado, um paraíso perdido e reencontrado. (TADIÉ, 1994, p.197).

Capítulo 1 HISTÓRIA DAS TRADUÇÕES DE PAUL ET VIRGINIE NO BRASIL

Neste capítulo propomos uma análise das traduções brasileiras da obra *Paul et Virginie*, que fazem parte do corpo desta tese, sob o aspecto da “visualização das traduções”, segundo a classificação de Marie-Hélène C. Torres (2011). Esta classificação analisa as informações dispostas nas capas, contracapas, folhas de rosto, etc., e permiti que o leitor conheça um pouco mais sobre a obra, o autor e sua língua-cultura.

1.1. UMA VISUALIZAÇÃO DAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS

É possível verificarmos, através de uma revisão de literatura, que o campo denominado Estudos da Tradução obteve um maior reconhecimento a partir dos anos setenta do século XX. Muito se tem refletido sobre as operações envolvidas no processo tradutório, sobre o estatuto do tradutor, sua visibilidade. A partir de tais reflexões, conclui-se, dentre outras coisas, que uma obra reflete em sua escritura uma língua-cultura que marca seu lugar específico em um tempo determinado. Como escreve Susan Bassnet (2003, p.3), “a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua para outra – ela é hoje corretamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas, um processo em que ocorrem todos os tipos de transações mediadas pela figura do tradutor” (p.9).

A instauração da obra traduzida em um tempo-espaço tem o tradutor como mediador. Ele é o leitor da obra em sua língua original e tem acesso a informações contidas no sistema de partida que podem contribuir para a recepção de um autor e de sua obra no sistema de chegada. Como forma possível de transmitir estas informações ao leitor, o recurso denominado por Gérard Genette (2009) pode ser utilizado. Segundo Genette (2009), o paratexto cerca e prolonga o texto literário no intuito de “*apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: *para torná-lo* presente, para garantir sua presença no mundo, sua *recepção*” (p.9). Das categorizações do paratexto apresentadas por Genette em *Paratextos Editoriais* (2009), e já discutidas no artigo que publicamos “Reflexões sobre uma *ética* na tradução” (2012), nos chama a atenção dois tipos específicos: o prefácio e a nota, que podem ser vistos como um espaço de enunciação tanto para o autor quanto para o tradutor. O prefácio, tido como “toda espécie

de texto liminar (preliminar ou pós-liminar)” (GENETTE, 2009, p.145), é um discurso produzido sobre o texto que se segue ou que o antecede. Neste espaço, podemos encontrar uma enunciação do autor com informações relacionadas ao processo de composição da obra; ou, em se tratando de uma tradução, podemos deparar com informações sobre o projeto de tradução, sobre o autor, sobre a obra e seu contexto de produção, um estudo crítico, etc; as notas, por sua vez, podem ser “um desvio local ou uma bifurcação momentânea do texto” (2009, p. 289), podem trazer tanto uma explicação como uma complementação sobre algum termo e, no caso da tradução, ainda servir como um meio para a manutenção de uma estrangeiridade, aspecto que, segundo Antoine Berman (2007), deverá ser mantido.

Tendo em vista um texto traduzido como objeto de estudo, os paratextos que se dispõem na capa e na contracapa, título, nome do autor, do tradutor e coleção a que pertence determinada obra também despertam o interesse do crítico. Estas informações podem repassar ao leitor algo sobre o estatuto do texto traduzido, sobre a língua-cultura de origem e refletir o momento histórico em que a tradução foi produzida. Para comprovar sua aplicabilidade ao campo dos Estudos da Tradução, temos os estudos de José Yuste Frías (2010) e das autoras Danielle Risterucci-Roudnicky (2008) e Marie-Hélène Catherine Torres (2004; 2011).

Discorrendo sobre o paratexto e sua aplicabilidade na análise de obras traduzidas, Danielle Risterucci-Roudnicky (2008), em sua *Introduction à l'analyse des œuvres traduites*, chama a atenção para uma reflexão em torno do que ela denomina “leitura cultural”, que está presente em uma obra literária²¹ e que tem início na própria capa do livro, a qual já forma, por si, uma imagem cultural nos leitores.

Risterucci-Roudnicky (2008, p.30-32) ao referir-se ao título expõe que ele já concentra problemas inerentes à tradução do texto literário, na medida em que vem a ser o primeiro a captar o interesse do leitor estrangeiro. Para a autora, o título representa a identidade do livro e algumas traduções tentarão naturalizá-lo. Ele costuma ser pensado para um determinado público em uma dada cultura e pode tanto seguir convenções quanto explorar aspectos da língua original, remetendo até

²¹ A autora apresenta uma metodologia semelhante à desenvolvida por Marie-Hélène C. Torres (2004) em sua tese de doutorado. Risterucci-Roudnicky (2008) também dispõe os dados de suas análises em tabelas que trazem tanto as informações encontradas no espaço das capas e contracapas como trechos comparativos de obras.

mesmo a pesquisas intertextuais. Ele pode servir para se verificar a “fidelidade” ao original ou uma “intraduzibilidade” linguística e cultural e até mesmo promover um enriquecimento da obra por sua tradução. Outro fato destacado pela autora que abrangerá todas as traduções brasileiras analisadas de *Paul et Virginie* é a tradução literal do título, que é feita sempre que ela parece linguisticamente possível. Nesse tipo de tradução, Risterucci-Roudnicky (2008, p.39) menciona que há uma tentativa de criar uma coincidência entre o título original e a sua tradução. No caso das traduções brasileiras de *Paul et Virginie* temos esta tradução literal, visto que o título é formado pelos nomes traduzidos das personagens “Paulo e Virginia”. Esse tipo de escolha, nos casos em que não são mencionados dados como o título original, a indicação de que se trata de uma tradução e nem são traduzidos os paratextos criados pelo autor ou construídos outros para a recepção do texto, implica em um apagamento da estrangeiridade da obra, que, segundo a nossa concepção de tradução, deve ser mantida.

Partindo para a discussão sobre os prefácios, Risterucci-Roudnicky (2008) diz que há uma especificidade no que tange aos prefácios de obras traduzidas, na medida em que eles tematizam a passagem de uma cultura à outra, por intermédio de diversas informações, de esclarecimentos e de comentários feitos a propósito do texto. Isso permite que sejam evitados os mal entendidos e que determinadas perspectivas possam ser corrigidas. Discorrendo sobre uma tipologia dos prefácios e posfácios de obras traduzidas, a autora se fundamenta em três critérios²²:

Le rapport linguistique et culturel du préfacier à l'œuvre traduite. L' ancrage culturel des destinataires et des destinataires est le pivot d'articulation de trois grandes catégories: les pré- et postfaces auctoriales, les pré- et postfaces allographes et les pré-et postfaces des traducteurs; - l'identité du préfacier: auteur, traducteur ou critique. Parfois figurent dans un même édition les trois perspectives; - la date de la préface qui

²² O discurso linguístico e cultural do prefaciador à obra traduzida. A âncora cultural dos destinadores e dos destinatários é o pivô de articulação de três grandes categorias: os pré e os posfácios autorais, os pré e os posfácios alógrafos e os pré e posfácios dos tradutores; - a identidade do prefaciador: autor, tradutor ou crítico. Por vezes figuram na mesma edição as três perspectivas; - a data do prefácio que acompanha a primeira tradução ou uma retradução. Este critério permite de levar em consideração a historicidade das traduções (RISTERUCCI-ROUDNICKY 2008, p.49). Tradução nossa salvo indicação.

accompagne la première traduction ou une retraduction. Ce critère permet de prendre en compte l'historicité des traductions (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008, p.49).

A autora acrescenta que²³ “L’intérêt de cette typologie est d’orienter la lecture des préfaces vers leur enjeu et leur fonction dans le champ interculturel, à diverses époques” (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008, p.49). E, para sistematizar seu pensamento, ela esboça o quadro abaixo, dividido em prefácio autoral, alógrafo e prefácio do tradutor:

Prefácio autoral		Prefácio alógrafo			Prefácio do/dos tradutores	
Do país de origem para o leitor do país receptor	Estrangeiro para o leitor do país receptor	Do país receptor para o leitor do país receptor	Do país receptor para o leitor do país receptor	Do país estrangeiro para o leitor do país receptor	Tradutor ou coletivo	Retradutor ou coletivo

Tradução do quadro apresentado por RISTERUCCI-ROUDNICKY (2008, p.49).

Dissertando sobre os tipos de prefácios, Risterucci-Roudnicky (2008) diz que os autorais não são muito frequentes, pelo fato de que, nele, o autor de uma obra deveria se endereçar a um leitor estrangeiro. No caso de *Paul et Virginie*, embora Bernardin de Saint-Pierre não se enderece diretamente aos leitores estrangeiros, ele faz menções a traduções de sua obra, o que acaba passando ao leitor cotidiano a ideia de que, de uma forma ou outra, o autor já pensava em seus leitores de outros países

J'en ai deux traductions anglaises, une italienne, une allemande, une hollandaise, et une polonaise, on m'a promis de m'envoyer une russe, unanime qui par tout pays ramènent de tous leurs moyens les hommes aux lois de la nature. Elles m'en ont donné une preuve évidente en ce que la plupart de ces traductions ont été faites par des dames ou des demoiselles. J'ai été enchanté, je l'avoue, de voir mes enfants adoptifs revêtus de costumes étrangers par leurs mains maternelles

²³ [...] o interesse desta tipologia é orientar a leitura dos prefácios através do seu jogo e de sua função no campo inter-cultural em épocas diversas. (RISTERUCCI-ROUDNICKY 2008, p.49).

ouvirginales. Je me suis donc cru obligé à mon tour de les orner de tous les charmes de la typographie et de la gravure françaises, afin de les rendre plus dignes du sexe sensible qui les avait si bien accueillis. (SAINT-PIERRE, 1958, p. 3)²⁴.

Logo em seguida, ele acrescenta informações que nos permitem saber que o autor já sabia do grande alcance da recepção de sua: “Des savants célèbres y ont traduit mes *Études de la Nature* ; mais on y a fait surtout un si grand nombre de traductions de *Paul et Virginie*, que l’original français y est devenu un livre classique”²⁵ (SAINT-PIERRE, 1958, p.11).

Quanto aos prefácios alógrafos, para Risterucci-Roudnicky (2008), eles constituem o *corpus* mais vasto de prefácios das obras estrangeiras. Isso porque, como a autoramenciona, “Les grandes auteurs du répertoires universel sont en general préfacés par spécialistes du pays récepteur”²⁶ (2008, p.51). Essa construção então se torna um lugar para que sejam expostas informações linguísticas e culturais que farão uma mediação na cultura receptora.

Quanto ao prefácio dos tradutores, ele consiste em um lugar de mediação. Eles podem trazer informações necessárias para uma maior compreensão da obra que está sendo traduzida, sobre o seu contexto de produção, sobre o estilo empregado pelo autor e sobre o trabalho realizado pelo tradutor para que fosse feita essa tradução. O campo temático é vasto e com temáticas invariantes que, para Risterucci-Roudnicky, abrangem discussões como: “[...] le vieillissement des traductions, la critique des traductions précédentes, le changement de

²⁴ A reputação deste pastoral se estendeu em toda a Europa. Eu tenho duas traduções inglesas, uma italiana, uma alemã, uma holandesa, e uma polonesa, prometeram enviar-me uma russa. É unânime que em todos os países e meios os homens advindos da natureza são celebrados. A maioria dessas traduções foram feitas por senhoras e moças. Eu fiquei encantado, eu confesso, de ver meus filhos adotivos revestidos de costumes estrangeiros por mãos maternas ou virginais. Eu me senti então obrigado a adorná-las com todos os charmes da tipografia e da gravura francesa, a fim de deixá-las mais dignas do sexo sensível que as acolheram tão bem. (SAINT-PIERRE, 1958, p.3)

²⁵ Célebres intelectuais traduziram meus *Études de la Nature*; fizeram tão mais traduções de *Paul et Virginie* que o original francês se tornou um livro clássico. (SAINT-PIERRE, 1958, p.11)

²⁶ Os grandes autores do repertório universal em geral são prefaciados pelos especialistas do país receptor. (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008, p.51).

titre, les intraduisibles, les négociations avec le texte, les choix fondamentaux qui engagent une relecture de l'œuvre"²⁷ (2008, p.52).

Ainda em se tratando do tradutor, Risterucci-Roudnicky acrescenta que o conhecimento que nos é passado a respeito da obra literária traduzida é produto do percurso cultural e pessoal do tradutor, bem como de sua concepção de tradução. É pela sua mediação que teremos conhecimento sobre o autor estrangeiro, a sua língua e o seu país. Ou seja, como coloca a autora “Pour le lecteur qui ne parle pas la langue de l'original, la voix du traducteur se substitue à celle de l'auteur”²⁸ (2008, p.57). Contudo, a autora não deixa de lembrar-nos de que, por estar ligada à história pessoal, cultural e política de um tradutor, a obra poderá demandar uma retradução, visto que cada tradução possui seu estilo, que é “ligado a uma biografia e a uma época” (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008, p.60). No segundo capítulo desta tese, voltaremos a esta questão, que marca a retradução da obra.

Tendo em vista que a obra traduzida se insere em um novo contexto histórico-cultural e que a presença dos chamados paratextos podem auxiliar na legitimação da obra dentro da cultura receptora, concebemos o nosso próprio modo de analisar as traduções sob esse aspecto, o qual nos permite uma “visualização da tradução”. Como foi mencionado anteriormente, Risterucci-Roudnicky (2008) apresenta uma metodologia semelhante à desenvolvida por Marie-Hélène C. Torres em sua tese de doutorado publicada em livro em (2004) e traduzida parcialmente para o português em 2011. A seguir, expomos rapidamente a metodologia utilizada por Torres (2011) na qual se baseará a análise das traduções brasileiras de *Paul et Virginie* dispostas neste capítulo.

Em *Traduzir o Brasil Literário: Paratexto e discurso de acompanhamento*²⁹ (2011), Marie-Hélène C. Torres apresenta um panorama dos romances brasileiros traduzidos na França a partir de uma análise textual e paratextual. Para fundamentar parte de sua pesquisa, a autora baseia-se no conceito desenvolvido por Genette (2009) sobre o paratexto e em princípios da teoria descritiva da tradução, passando por

²⁷ “[...] o envelhecimento das traduções, a crítica das traduções precedentes, a mudança dos títulos, as intraduzibilidades, as negociações do texto, as escolhas fundamentais que engajam uma releitura da obra”. (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008, p.51).

²⁸ Para o leitor que não fala a língua original, a voz do tradutor substitui a do autor (RISTERUCCI-ROUDNICKY, 2008, p.59).

²⁹ Este livro é originário da tese de doutorado da pesquisadora, publicada na França: *Variations sur l'étranger dans les lettres brésiliennes: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*. Paris: Artois Presses Université, 2004.

questões como: *as normas* a que o tradutor se submete, se as do texto fonte ou as do sistema receptor; e se determinada posição do tradutor origina um texto mais naturalizado ou mais exotizado. A autora analisa o paratexto enquanto *índice morfológico* e *discurso de acompanhamento* e *metatexto*, elucidando uma série de princípios que o crítico pode observar ao analisar a tradução de uma obra. Como índice morfológico, ela caracteriza

todas as indicações que figuram nas capas externas – frente e verso – e nas capas internas dos livros (páginas de rosto, páginas do falso título etc.) e que trazem detalhes sobre o estatuto das traduções, ou seja, a maneira pela qual elas são percebidas conforme os elementos informativos que apresentam (TORRES, 2011, p.17).

Assim, como discurso de acompanhamento, “qualquer marca paratextual (prefácio, pareceres, etc.)” (TORRES, 2011, p.17). Outra distinção que a autora faz é analisar elementos como as notas de rodapé, glossário, etc, enquanto metatextos. Neste trabalho, não faremos essa distinção de metatexto. Esses aspectos textuais serão incluídos na categoria de discurso de acompanhamento.

Torres (2001) elabora um modelo de “visualização das traduções” dispondo em tabela tanto os dados classificados como “índices morfológicos”, quanto fragmentos comparativos entre as traduções e o texto de partida. Segundo a autora, no que tange ao aparato do paratexto, essa visualização permite “empreender um reconhecimento de tudo o que está em torno dos textos” (TORRES, 2011, p.18). Nos casos em que todos os paratextos estão voltados para a cultura-alvo, em que aparecem informações como o nome do tradutor ou o “título original” da obra, Torres (2009) nos remete ao conceito de Gideon Toury (1995) de *tradução assumida*.

Como forma de facilitar a recapitulação dos critérios aqui discutidos, seguiremos o modelo de “visualização das traduções”, feito por Torres (2011), que dispõe os dados obtidos em tabelas, em nossa análise das traduções brasileiras de *Paul et Virginie*.

1.2 PAUL ET VIRGINIE: A TRADUÇÃO BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E SUA ATUALIZAÇÃO DE 2008

Dentre as traduções brasileiras encontradas de *Paul et Virginie*, a primeira pode ser considerada um marco na história da imprensa no Brasil e um reflexo do reconhecimento que o romance já possuía dentro do sistema literário. Isto porque, como informa Simone Cristina Mendonça de Souza (2007), em sua tese de doutorado *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*, *Paul et Virginie* está entre os trinta primeiros romances de ficção publicados pela Imprensa Régia, que se instalou no Brasil após a mudança da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808. Outro fator que devemos ressaltar sobre essa tradução é que, embora não contenha nenhum dos paratextos criados por Saint-Pierre, ela foi publicada cinco anos após a “edição definitiva” de *Paul et Virginie*, que é a de 1806, na qual Saint-Pierre acrescentou o paratexto intitulado *Préambule*.

A tradução datada de 2008 foi localizada em uma pesquisa que abrangeu os acervos das bibliotecas universitárias e que teve como finalidade verificar se haviam outras traduções brasileiras de *Paul et Virginie* que não constavam em nosso acervo. Para isto digitamos nos campos de busca o nome e o sobrenome do autor, Bernardin de Saint-Pierre, o título da obra em francês, *Paul et Virginie* e o título em português, “Paulo e Virginia”. Como podemos verificar na figura abaixo, “Paul e Virginia” não é o título principal da obra mas ele apareceu em nossa pesquisa como um subtítulo, permitindo assim a localização desta tradução.

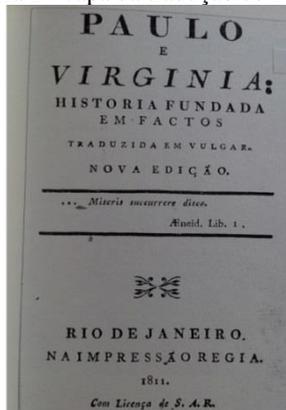
Figura 1- capa da coletânea em que se encontra a referida atualização do romance



Fonte: Saint-Pierre (2008)

Embora a capa seja uma representação genérica do tema, dentro do livro foi reproduzida a capa de 1811.

Figura 2 - capa da tradução de 1811



Fonte: Saint-Pierre (2008)

Um fato interessante a ser destacado em relação à obra é que ela é, na verdade, uma atualização. Não temos a indicação do tradutor, mas em relação ao romance “Paulo e Virgínia” somos informados de que a transcrição é de Simone Cristina Mendonça de Souza, que pesquisou os romances publicados pela Imprensa Régia. Também é mencionado que a atualização é de Alexandre Arbex, que o revisor é Umberto Figueiredo

Pinto e que as ilustrações do romance são provenientes da Biblioteca Nacional.

De todas as traduções analisadas, esta “atualização” de 2008 é mais significativa em termos de paratextos. Começando pelas orelhas do livro, temos a informação de que estas “novelas” retratam costumes em vigor na época de D. João e, no que concerne a “Paulo e Virginia”, a de que o livro foi “um *best-seller* em plena monarquia”, abordando a escravidão de forma direta. Há também uma apresentação dos organizadores do livro, Lúcia Maria Bastos Ferreira das Neves e Luiz Carlos Villalta, e, com base nas informações expostas na obra, podemos aferir que o envolvimento acadêmico de ambos pode ter contribuído para que o livro fosse publicado com esse significativo aparato paratextual, o que, por conseguinte, reforça a importância que um projeto editorial pode ter. Segundo o referido paratexto, Lúcia Maria Bastos Ferreira das Neves é:

professora titular de História Moderna na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Cientista do Nosso Estado/FAPERJ, Pesquisadora do CNPQ e do Pronex “Dimensões da cidadania”. Autora dos livros *Napoleão e Portugal: imaginário e política, 1808-1810* (2008) e *Corcundas e constitucionais: a cultura política da Independência do Brasil, 1820-1822* (2003) e organizadora do *Dicionário do Brasil Joanino* junto com Ronaldo Vainfas (NEVES & PEREIRA, 2008, s/p).

Quanto a Luiz Carlos Villalta ele é:

bolsista de produtividade do CNPQ, é professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desde 2002, tendo sido antes por cerca de 14 anos, professor da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É co-organizador dos dois volumes da *História de Minas Gerais: As Minas Setecentistas* (2008) e autor de *1789-1808 O Império Luso-brasileiro e os Brasis* (2000) e de vários capítulos sobre a história do livro e da leitura no Brasil e em Portugal ((NEVES & PEREIRA, 2008, s/p).

Na contracapa, temos mais algumas informações sobre os temas referenciados nos quatro textos que compõem a obra. Temos o estudo apresentado na introdução da tese sobre “A impressão Régia e as novelas”, o paratexto criado para a recepção da atualização da obra, intitulado “*Paulo e Virgínia: um romance em sintonia com seu tempo*”. Dentre as importantes informações contida no paratexto, temos a seguinte:

Paulo e Virgínia [...] teve uma tradução publicada pela Imprensa Régia, em 1811, como o título *Paulo e Virgínia: História fundada em factos traduzida em vulgar*. Essa é a edição que se republica aqui, com a ortografia atualizada e ligeiras retificações de forma [...]. Em Portugal, nos inícios do século XIX, o livro teve duas edições, uma em 1807 e outra em 1823; em 1818, a Typografia Barrois, de Paris, publicou uma versão do livro em português (NEVES & PEREIRA, 2008, p.37).

Aqui, notamos que a publicação feita em Portugal em 1807, no ano seguinte à edição definitiva criada por Saint-Pierre em 1806, abre espaço para a consolidação de *Paul et Virginie* entre os leitores de língua portuguesa. Ainda em Portugal, esta obra que, como foi citado anteriormente, também foi editada em 1823, contou com uma publicação em 1898, relançada em 1903, pela editora Antônio Maria Pereira, com uma tradução feita por Bocage, publicada postumamente (1905) e outras traduções, conforme se verifica em pesquisa no *Index Translation* da UNESCO. Quanto à influência da obra no Brasil, então colônia de Portugal, o paratexto traz que em 1822 foi encenada uma peça inspirada neste romance no Teatro São João. Além disso, ele é citado no romance *Lucíola* (1862), de José de Alencar, e em *Helena* (1876), de Machado de Assis, em que a personagem “conta a Estácio que havia apanhado um romance em sua biblioteca, e ele lhe pergunta se teria sido Paulo e Virgínia” (NEVES & VILLALTA, 2008, p.37). Outras informações contidas no paratexto se referem ao autor e à sua obra como, por exemplo, os temas abordados por Saint-Pierre em *Paul et Virginie*. O livro ainda traz cinco ilustrações feitas por Tony Johannor para a edição francesa de 1863, que estava no acervo da imperatriz Thereza Christina Maria.

Quanto às outras informações gerais sobre o livro, os nomes dos personagens são traduzidos e os sobrenomes mantidos em francês. A maioria dos nomes de lugares citados na obra é traduzida, mas, como ocorrerá em outras traduções, o termo *Pamplémousses* é mantido em francês. Temos também a tradução do primeiro paratexto criado pelo autor, *Avant-Propos*, traduzido como “Advertência do autor”, e das duas notas criadas por Saint-Pierre no romance.

Em “Advertência do autor”, Saint-Pierre aproveita para discorrer sobre os desejos que quis retratar em seu romance. Ele fala sobre o processo de composição e da recepção da obra e ainda afirma que os principais fatos narrados são reais e lhe foram relatados por habitantes que ele conheceu na referida Ilha em que acontece a ação. Ele também classifica sua obra como uma “espécie de pastoral” (NEVES & VILLALTA, 2008, p.68) e elucida uma das características que marcam a sua maneira de ver o mundo e o reafirmam como discípulo de Rousseau: “Eu decidi também colocar em evidência algumas grandes verdades, como esta: que a nossa felicidade consiste em viver conforme a natureza e a virtude” (2008, p.68). Há ainda uma menção a Teócrito e a Virgílio como escritores que fizeram “pinturas” da realidade. E aqui é interessante mencionar que trechos da obra de Virgílio aparecem como intertexto na obra de Saint-Pierre. Ainda a partir dessa leitura, é possível supor que o autor é de origem europeia: “Eu me propus grandes intentos nesta pequena obra. Procurei pintar nela um território e vegetação diferentes dos da Europa” (2008, p.68).

Quanto às notas feitas por Saint-Pierre, a primeira explica a origem do nome de um lugar:

Há muitas montanhas, cujos cumes são redondeados em forma de mamas e que tem o nome delas em todas as línguas. São, com efeito, verdadeiras mamas; pois delas manam muitos rios, que espalham a abundância sobre a terra. Elas são os mananciais dos principais rios que regam e constantemente dão bastante água, atraindo continuamente as nuvens à roda do pico do rochedo mais alto que elas têm no seu centro como o bico da mama (2008, p.223).

A outra nota é um intertexto que diz respeito ao momento em que o escravo Domingues e o cão Fidèle encontram Paul e Virginie, que se perderam na mata após terem levado uma escrava fugida de volta ao

seu senhor para que ela lhe pedisse perdão. Sobre esse trecho, o autor escreve: “Este lance de sagacidade do preto Domingos e de Fiel, seu cão, se parece muito com o do selvagem Téwnissa e de seu cão Oniath, referido por Mr. De Crèveœur na sua obra cheia de humanidade intitulada: *Lettres d'un cultivateur américain*” [sic] (2008, p.223). Recapitulando as informações, temos:

Índices morfológicos

Título	Paulo e Virginia
Autor	Bernardin de Saint-Pierre
Transcrição	Simone Cristina Mendonça de Souza
Atualização	Alexandre Arbes
Revisão	Umberto Figueiredo Pinto
Editora	Casa da palavra
Data de publicação	2008 (atualização da tradução de 1811)
Edição	Ø
Ilustrações	Contém 5 ilustrações provenientes de uma edição francesa de 1863 pertencente a Biblioteca Nacional.
Coleção	Ø
Língua/cultu-ra de origem	Menciona-se que as figuras reproduzidas pertencem a uma edição francesa de 1863 da referida obra.

Discurso de acompanhamento

Avant-Propos	Advertência do autor
Notas de Saint-Pierre	Há muitas montanhas, cujos cumes são arredondados em forma de mamas e que tem o nome delas em todas as línguas. São, com efeito, verdadeiras mamas; pois delas manam muitos rios, que espalham a abundância sobre a terra. Elas são os mananciais dos principais rios que regam e constantemente dão bastante água, atraindo continuamente as nuvens à roda do pico do rochedo mais alto que elas têm no seu centro como o bico da mama (NEVES & VILLALTA p.223). Este lance de sagacidade do preto Domingos e de Fiel, seu cão, se parece muito com o do selvagem Téwnissa e de seu cão Oniath, referido por Mr. De Crèveœur na sua obra cheia de humanidade intitulada: <i>Lettres d'un cultivateur américain</i> ” [sic] NEVES & VILLALTA p.223).
Paratextos criados	Ø

1.3 AS TRADUÇÕES DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Considerando as traduções brasileiras da primeira metade do século XX, a primeira que encontramos data de 1904, e se trata de uma obra rara, disponível apenas para consulta local na biblioteca da Universidade de Caxias do Sul. Porém, pelos dados disponibilizados no

site da respectiva biblioteca, é possível supor que essa tradução teve uma nova edição em 1906, a qual consta em nosso acervo de pesquisa.

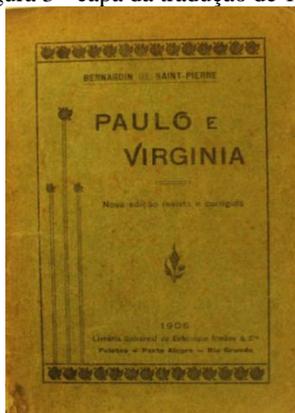
A quarta tradução é de 1918 e está em situação semelhante. É uma obra rara e pertence à biblioteca da Universidade Federal de São João Del Rei, que apareceu em nossa primeira pesquisa *online*, mas depois deixou de constar no catálogo da referida universidade.

Partiremos, então, da análise da primeira tradução que possuímos, de 1906.

1.3.1 Paulo e Virgínia 1906

Ao analisarmos os índices morfológicos da tradução de 1906, vemos que ela traz na capa o título traduzido em português, “*Paulo e Virgínia*”, e o nome do autor, “Bernardin de Saint-Pierre” (Figura 3). Temos referência ao ano, 1906, ao local, Pelotas Porto Alegre e Rio Grande, e ao nome da editora, Livraria Universal de Echenique Irmãos e C&A, também, temos a informação de que se trata de uma nova edição revista e corrigida, possivelmente, como já mencionamos, da edição de 1904. Não há indicação do nome do tradutor na edição nem do título original da obra.

Figura 3 - capa da tradução de 1906



Fonte: Saint-Pierre (1906)

A tradução não contém ilustrações. A contracapa traz apenas informações sobre outras obras publicadas pela mesma editora. Em se tratando do discurso de acompanhamento, temos a tradução do paratexto *Avant-Propos* que acompanhou a primeira edição separada de *Paul et*

Virginie em 1789 e que, nesta edição, intitula-se “Advertencia do auctor”.

Em relação a outros aspectos textuais da obra, é válido lembrar que os nomes dos personagens são traduzidos, e os sobrenomes mantidos em francês, sendo que, para se referir à mãe de “Virginia”, o tradutor utiliza-se tanto da expressão “madama de la Tour” quanto de “senhora de la Tour”, ressaltando-se aqui que a primeira forma se aproxima um pouco mais da empregada em francês, “madame”. Sobre a menção aos lugares, é adotada a tradução direta, mas há uma exceção. O tradutor cita o nome de um bairro em francês³⁰ e em seguida apresenta sua tradução entre parênteses, passando a utilizá-la em referências posteriores. Esta opção pode marcar uma tentativa do tradutor de explicar a naturalização.

Recapitulando as informações dispostas sobre essa primeira tradução, temos as seguintes tabelas referentes aos índices morfológicos e ao discurso de acompanhamento, respectivamente:

Índices morfológicos

Título	Paulo e Virginia
Autor	Bernardin de Saint-Pierre
Tradutor	Ø
Editora	Livraria Universal de Echenique Irmãos e C&A
Data de publicação	1906
Edição	Revista e ampliada
Ilustrações	Ø
Colecção	Ø
Língua/cultura de origem	Ø

Discurso de acompanhamento

Avant-Propos	Advertencia do autor
Notas de Saint-Pierre	Ha muitas montanhas cujos cumes são arredondados em fôrma de mammas, e que são assim chamadas em todas as línguas. São com effeito, verdadeiras mammas, porque d’ellas manan muitos rios e regatos que espalham a abundância sobre a terra. Ellas são os mananciaes dos principaes rios que regam e constantemente dão bastante agua, atrahindo continuamente as nuvens á roda do pico do rochedo mais alto que ellas têm no seu centro como o bico da mamma (SAINT-PIERRE, 1906, p.24).

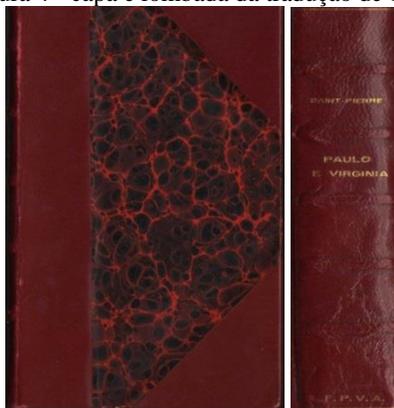
³⁰ Respondeu-me: Venho do bairro chamado *Poudre d’Or* (Pó de Ouro), mandam-me ao porto avisar o governador que um navio de França está ancorado na ilha de Ambre (SAINT-PIERRE, 1903, p.102).

	Este lance de sagacidade do preto Domingos e de Fiel, seu cão, se parece muito com o do selvagem Tévénissa e de seu cão Oniath, referido por Mr. De Crévecœur na sua obra cheia de humanidade intitulada: <i>Lettres d'un cultivateur américain</i> (SAINT-PIERRE, 1906, p.27).
Paratextos criados	Ø

1.3.2 Paulo e Virgínia 1913

Não foi possível consultarmos a capa original da tradução de 1913, pois a que temos foi reencapada em couro vermelho (Figura 4). De índices morfológicos, temos o sobrenome do autor e o título da obra em português, impressos em letras douradas na lombada do livro:

Figura 4 - capa e lombada da tradução de 1913



Fonte: Saint-Pierre (1913)

Na primeira página, temos novamente o sobrenome do autor, precedido de uma abreviação de seu nome, “B. de Saint-Pierre”, o título do livro em português, “*Paulo e Virgínia*”, e, abaixo, no canto esquerdo, a data de publicação, 1913. Na página seguinte, há apenas o nome do livro, “Paulo e Virgínia”. E, em uma terceira página, aparece o nome do autor acrescido da letra “o”, “Bernardino de Saint-Pierre”, o título, “*Paulo e Virgínia*”, a indicação de gênero, “romance”, um emblema com pássaros e a indicação da editora, “Livraria Teixeira”, seguido do endereço e da cidade, “São Paulo”.

Não há menção ao nome do tradutor nem à língua-cultura do romance. Contudo, assim como a tradução de 1906, essa também apresenta o discurso de acompanhamento *Avant-Propos* traduzido e aqui intitulado “PROLOGO”. Logo, seria possível que o leitor dessa tradução

pensasse que o autor do romance era de origem europeia pela leitura do paratexto que traz, entre outras informações já destacadas na análise anterior, a de que “Ao escrever esta obrinha propunha-me varios designios entre os quaes o de tractar de descrever uma região e vegetaes diferentes dos da Europa” (SAINT-PIERRE, 1913, p.I).

Diferindo da tradução de 1906, a de 1913 não traz as duas notas criadas por Saint-Pierre. Em contrapartida, apresenta sete ilustrações com legendas distribuídas ao longo da obra. Cinco delas são assinadas por René Perrette, o que leva a crer que foi consultada a edição de *Paul et Virginie* lançada pela Edition Moderne Librairie Ambert. non daté. In-8 Carré, que contém ilustrações feitas por esse pintor.

Outra informação que o livro traz é um índice com outras obras publicadas pela mesma editora. Os nomes dos personagens são traduzidos e os sobrenomes mantidos em francês. Os nomes de lugares citados na obra também são traduzidos. A obra não apresenta divisão de capítulos.

Um elemento que aparece neste livro e que se repetirá na tradução de 1965 é o fato do nome do autor aparecer como “Bernardino”, em vez de Bernardin, fato que pode indicar uma naturalização do nome, e mesmo, como veremos na análise dos excertos, uma consulta não mencionada à esta tradução de 1913.

Resumindo as informações, da tradução de 1913 temos:

Índices morfológicos

Título	Paulo e Virginia
Autor	Bernardino de Saint-Pierre
Tradução	Ø
Editora	Casa da palavra
Data de publicação	1913
Edição	Ø
Ilustrações	6
Coleção	Ø
Língua/cultu-ra de origem	Ø

Discurso de acompanhamento

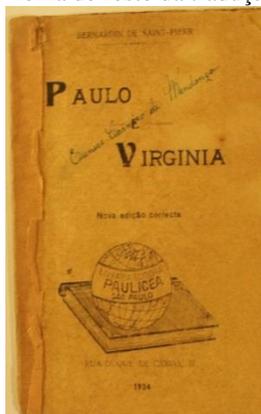
Avant-Propos	Prologo
Notas de Saint-Pierre	Ø
Paratextos criados	Ø
Legenda das figuras	Um homen já edoso passava... (fig 1) E mesmo cortei palissadas na

	<p>montanha... (fig2)</p> <p>Algumas vezes ella ahi levava a pascer as suas cabras... (fig3)</p> <p>Paulo quiz beija-la... (fig 4)</p> <p>A preta Maria olhava para o alto mar (fig 5)</p> <p>Paulo, então avançou ora nadando, ora agarrando-se aos recifes. (fig 6)</p> <p>Granadeiros abriram a marcha. (fig 7)</p>
--	--

1.3.3 Paulo e Virgínia 1924

A tradução consultada de 1924 não possui a capa original. Quanto aos índices morfológicos, temos na folha de rosto o nome do autor, o título da obra em português, “Paulo e Virginie”, a informação de que se trata de uma “nova edição correcta”, a coleção a que pertence, “Coleção Horas Recreativas”, a editora, Paulicea, o local, São Paulo e a data, 1924.³¹ Não há referência a um tradutor, ao título original da obra nem outra informação que nos permita conhecer algo sobre a língua e a cultura de origem do livro.

Figura 5 - folha de rosto da tradução de 1924



Fonte: Saint - Pierre (1924)

Quanto aos discursos de acompanhamento, ela traz o primeiro paratexto criado por Saint-Pierre, *Avant Propos*, cujo título é traduzido

³¹ Uma particularidade da tradução de 1924 é que temos uma reedição, datada de 1941 e já tida como a “5ª Edição Correta”.

por “Anteloquio” e as notas feitas pelo autor. O exemplar consultado não possui capa e não há outras figuras no livro. Ao final, há uma lista de outras obras à venda na mesma livraria. Como nas traduções anteriores, os nomes dos personagens são traduzidos, mantendo-se os sobrenomes em francês. Os lugares citados na obra também são traduzidos. Diferente do que ocorre nas demais traduções, aqui as citações em latim que aparecem no romance são traduzidas em nota de rodapé. Recapitulando as informações da tradução de 1924, temos:

Índices morfológicos

Título	Paulo e Virginia
Autor	Bernardin de Saint-Pierre
Tradutor	Ø
Editora	Livraria Editora Pauliceia
Data de publicação	1924
Edição	Nova edição correcta
Ilustrações	Nosso exemplar não possui a capa do livro. Não há figuras dentro do livro.
Coleção	Ø
Língua/cultura de origem	Ø

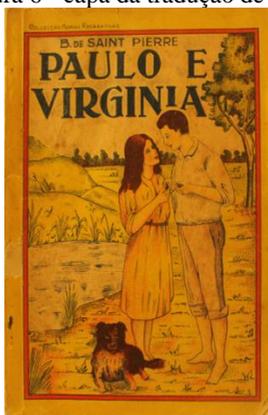
Discurso de acompanhamento

Avant-Propos	Anteloquio
Notas de Saint-Pierre	<p>Há muitas montanhas cujos cimos são arredondados á maneira de Mammilhos, e que têm esse nome em todas as linguas. São effectivamente verdadeiros mammilhos, porque deles provêm rios, riachos e ribeiros que espalham a abundancia na região. São as nascentes dos principaes rios que banham e fornecem constantemente as aguas, attrahindo sem descanço as nuvens em redor do píncaro do rochedo, que as ultrapassa como um grande mamilo. Notamos já essas admiraveis providencias da natureza nos nossos anteriores Estudos (SAINT-PIERRE, 1924, p. 21).</p> <p>Esta prova de sagacidade do preto Domingos e do cão Fiel assemelha-se muito [sic] do selvagem Tévvénissã e i cão Onioah, segundo Crèveccer ua [sic] obra cheia de humanidade intitulada: “Cartas dum cultor americano” (SAINT-PIERRE, 1924, p. 21).</p>
Paratextos criados	Ø

1.3.4 Paulo e Virgínia 1941

A tradução de 1941 traz na capa uma ilustração com as personagens principais com passarinhos nas mãos, representando uma cena descrita no romance, à qual se acrescenta o cão Fidèle, todos em meio à natureza (Figura 6). De índices morfológicos, ela contém o sobrenome do autor precedido de seu primeiro nome abreviado, “B. de Saint-Pierre”, o título da obra em português, “Paulo e Virgínia”, e a coleção a que pertence, “Coleção Horas Recreativas”:

Figura 6 - capa da tradução de 1941



Fonte: Saint-Pierre (1941)

Na folha de rosto, temos o nome e o sobrenome do autor, “Bernardin de Saint-Pierre”, novamente o título em português, “*PAULO E VIRGÍNIA*”, a informação de que se trata de uma “5ª Edição Correta”, que, como vimos, é possível que se trate de uma das reedições da tradução de 1924. Temos também a editora, “Livraria Editora Pauliceia”, e a data de publicação, 1941.

Não há referência a um tradutor, ao título original da obra nem a outra informação sobre a língua e a cultura de origem do livro. Ela não contém nem os discursos de acompanhamento criados por Saint-Pierre tampouco as notas. Esta obra possui três figuras com legenda, e é possível que elas sejam provenientes da obra usada como fonte para a tradução, visto que há referências a números de páginas que não correspondem à sequência do livro. No final do livro, há uma lista de outras obras à venda na mesma livraria. Como nas traduções anteriores, os nomes dos personagens são traduzidos, mantendo-se os sobrenomes

em francês. Os lugares citados na obra também são traduzidos. Recapitulando as informações da quarta tradução, temos:

Índices morfológicos

Título	Paulo e Virgínia
Autor	Bernardin de Saint-Pierre
Tradução	
Editora	Livraria Editora Pauliceia
Data de publicação	1941
Edição	5.a Edição Correta
Ilustrações	1 na capa e 3 ao longo da obra
Coleção	Horas Recreativas
Língua/cultura de origem	Ø

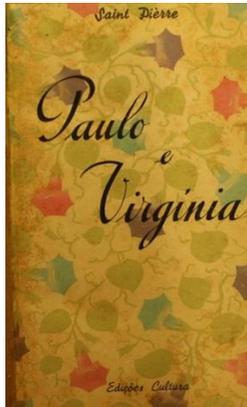
Discurso de acompanhamento

Avant-Propos	Ø
Notas de Saint-Pierre	Ø
Paratextos criados	Ø
Legenda das figuras	<p>... Margarida, aflita com a situação do filho, disse-lhe particularmente (fig1) (SAINT-PIERRE, 1941, p.41).</p> <p>Uma rapariga apareceu na galeria da popa do “Saint-Gérard” alongando os braços para quem tantos esforços envidada para salva-la. (fig2) (SAINT-PIERRE, 1941, p.71)</p> <p>... para ali nos dirigimos e um dos primeiros objetos que se nos deparou à vista foi o corpo de Virgínia. (fig3) (SAINT-PIERRE, 1941, p.81)</p>

1.3.5 Paulo e Virgínia 1943

Como ocorreu no caso da edição que dispomos da tradução de 1913, a edição de 1943 utilizada nesta pesquisa também foi reencapada em couro azul. Porém, há uma folha colorida após essa encadernação, e é possível que seja a capa original:

Figura 7 - possível capa da tradução de 1943



Fonte: Saint-Pierre (1943)

Como primeiras informações de índices morfológicos, temos, ainda na capa em couro azul, o sobrenome do autor e o título da obra em português. Na folha de rosto temos a série do romance, “Novelas do coração”; no alto da página, encontra-se o número “1”, seguido do sobrenome do autor, “Saint-Pierre”, indicando talvez que este é o primeiro volume desta série; abaixo do título do livro traduzido, “*Paulo e Virginia*”, a editora, “Edições Cultura”, o endereço e o ano, 1943. Ela não contém os discursos de acompanhamento e as notas criadas por Saint-Pierre. Também não há outro paratexto criado para a recepção da obra, não sendo possível, portanto, aferir algo sobre a origem do autor ou do romance.

Os nomes dos personagens são traduzidos e os sobrenomes mantidos em francês. A maioria dos nomes de lugares citados na obra são traduzidos, mas encontramos o termo “Pamplemousses” que, assim como em edições anteriores, é mantido em francês. Temos então:

Índices morfológicos

Título	Paulo e Virginia
Autor	Bernardin de Saint-Pierre
Tradução	Ø
Editora	Edições Cultura
Data de publicação	1943
Edição	Ø
Ilustrações	Ø
Coleção	Novelas do coração
Língua/cultu-ra de origem	Ø

Discurso de acompanhamento

Avant-Propos	∅
Notas de Saint-Pierre	∅
Paratextos criados	∅

1.4 AS TRADUÇÕES DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Como veremos a seguir, as traduções de *Paul et Virginie* pertencentes à segunda metade do século XX se diferenciarão consideravelmente, sobretudo pela escrita de paratextos criados sobre a obra e o autor. Um reflexo disto pode ser visto na legitimação adquirida pelos Estudos da Tradução, que passaram a ser valorizados como disciplina autônoma e, gradativamente, foram consolidando seu campo de ação, que tem na figura do tradutor seu principal ator.

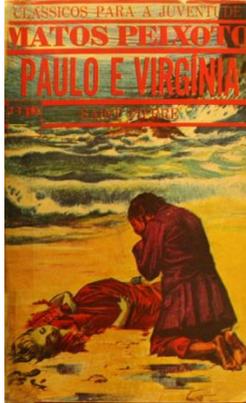
Entre as discussões empreendidas por teóricos e críticos da tradução, tem destaque a visibilidade adquirida pelo tradutor. Basnetto (2003) menciona que o tradutor deixou de ser visto como um simples responsável pela transferência de informações de uma língua para a outra e passou, corretamente, a ser visto como um leitor crítico, conhecedor da língua-cultura de produção dos textos. Assim ele passou a ser o responsável pela transferência de informações de uma língua-cultura para outra. É no caso em que há a escritura de paratextos para a recepção das traduções e dos respectivos autores a carga de estrangeiridade é mais facilmente mantida. O resultado é mostrado a seguir nas menções feitas aos paratextos que acompanham as traduções de *Paul et Virginie* (citados integralmente no anexo deste trabalho) que permitem ao leitor brasileiro ampliar seus conhecimentos sobre o autor, o contexto de produção da obra e a própria obra em si, demonstrando, portanto, sua funcionalidade.

1.4.1 Paulo e Virgínia 1965

A tradução de 1965 traz na capa a figura de um homem se lamentando sobre o corpo de Virginie estirado na praia (Figura 8). Se fizermos uma comparação entre os acontecimentos do livro e a figura da capa, vemos que as informações não são compatíveis, pois o corpo de Virginie é encontrado pelo personagem Vieillard e pelo escravo Domingues. No início da capa, temos o nome da coleção a que ele pertence, “Clássicos para a juventude”, o nome da editora, “Matos

Peixoto”, seguido do título traduzido, “Paulo e Virgínia”, e do sobrenome do autor, “Saint-Pierre”:

Figura 8 - capa da tradução de 1965



Fonte: Saint-Pierre (1965)

Nesta tradução, aparecem pela primeira vez discursos de acompanhamento criados para a recepção da obra no sistema brasileiro. O primeiro deles está nas chamadas “orelhas” do livro e é assinado por Paulo Matos Peixoto, o editor. Trata-se de um resumo da introdução contida dentro do livro e que possui cerca de seis páginas. Temos ainda a tradução do discurso de acompanhamento *Avant-Propos*, que na tradução é intitulado “Prefácio”. As notas criadas por Saint-Pierre não aparecem nesta tradução. Ela contém nove figuras coloridas de autoria de Augusto Iriarte Gironáz distribuídas ao longo da obra. Na página de rosto, encontramos o nome do autor, acrescido da letra “o”, “Bernardinho de Saint-Pierre”, como na tradução de 1913, e o título traduzido, “Paulo e Virgínia”. Pela primeira vez, aparece também o nome do tradutor, “Vieira Neto³²”, logo após o título. Em seguida, temos a indicação de autoria da introdução como sendo de Paulo Matos Peixoto. Nas páginas seguintes, encontramos a indicação do título original, *Paul et Virginie*, referenciando, portanto, a língua-cultura de partida. Temos a informação de que se trata da primeira edição e esta é a única tradução em que os capítulos são divididos e recebem títulos.

³² Além do referido romance, Vieira Neto também traduziu para o português duas obras de Julio Verne, *Le Tour du monde en quatre-vingts jours* (Volta ao mundo em 80 dias), pela editora Abril Cultura, em 1973, e *De la Terre à la Lune* (“da Terra à Lua”), em 1982, pela editora Hemus.

Nesta tradução, os nomes dos personagens também são traduzidos e os sobrenomes mantidos em francês. Porém, nos chama a atenção que, ao se referir à mãe de “Virgínia”, o tradutor se utilize das formas “viúva La Tour” e “senhora de la Tour”. Ainda acerca de nomes, encontramos na introdução uma tradução do nome do autor, Thiago Henrique Bernardino de Saint-Pierre, no lugar de Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre. Os nomes de seus familiares também são traduzidos: sua primeira esposa, Félicité Didot, é traduzido por Felicidade Didot, o nome de seus filhos, Paul e Virginie, traduzidos por Paulo e Virgínia, e de sua segunda esposa, Désirée de Pelleport, traduzido por Desiderata Pelleport. Com exceção das cidades de nascimento e morte do autor (Havre 1737- Eragny 1814), todos os outros nomes de lugares citados no texto também são traduzidos.

Quanto às características referentes à apresentação da obra, a introdução é excepcionalmente rica. Já no primeiro parágrafo, temos importantes informações que remetem a historicidade do romance:

O cândido romance, tocante tragédia de Paulo e Virgínia, foi escrito há quase cento e oitenta anos. Esta circunstância é responsável pelo que há de excessivamente romântico e róseo em suas páginas imortais. Não podia ser outro o estilo literário, naquela época que antecedeu o próprio romantismo (SAINT-PIERRE, 1965, p.9).

Em parágrafos posteriores, Paulo Matos Peixoto esclarece que “a obra imortal há de ser entendida dentro da moldura do tempo em que foi escrita e apreciada no quadro das circunstâncias que a criaram” (SAINT-PIERRE, 1965, p. 9), singularizando, portanto, características de sua recepção dentro de um contexto específico. Ele ainda apresenta alguns aspectos que deram a “Paulo e Virgínia” esta posição de imortalidade no cenário da literatura como “a própria essência do ideal humano que o romance contém” (SAINT-PIERRE, 1965, p.10). E também contrapõe a obra de Saint-Pierre à de alguns clássicos literários, como Homero, Shakespeare e Voltaire. Para isso, ele escreve que “a história conta, na implacável frieza de seus registros, as traições, as vinganças, os ódios, as ambições”, e que mesmo em Homero “já encontramos a perfídia conjugal e a deslealdade entre amigos e inimigos” (SAINT-PIERRE, 1965, p.10), mas que, ao contrário deste “comum”, Saint-Pierre “fêz dos seus personagens tipos consagrados do que há de mais nobre e admirável na alma humana” (SAINT-PIERRE, 1965, p.10-11).

No paratexto Peixoto destaca ainda, quanto ao espaço criado por Saint-Pierre, que “a natureza simples e dadivosa era o enquadramento adequado ao pastoral romance de amor” (SAINT-PIERRE, 1965, p.11). E que Saint-Pierre quis mostrar “aos homens, tão corrompidos pelo artificialismo e pelas naturais tendências do comum dos homens, o ideal estado de felicidade” (SAINT-PIERRE, 1965, p.11). Para isso, Peixoto escreve que Paulo e Virgínia são apresentados por Saint-Pierre como:

ignorantes e simples, identificados com as leis da natureza, nada mais conhecendo da vida senão aquilo que liam nas pétalas das flôres e viam refletido nos espelhos das águas. Ambos oferecem o exemplo modelar da inocência juvenil e inspiram ao leitor um estado ideal de personalidade humana que, feliz no âmbito primário da ignorância, foge de modo salutar da vida mundana falsa e pervertida (SAINT-PIERRE, 1965, p.11-12).

No parágrafo de conclusão deste paratexto, Peixoto anuncia outro importante objetivo de Saint-Pierre em sua obra: “quis dar corpo e alma, em seu livro, às teorias de Rousseau: expurgar os costumes e estabelecer a igualdade” (SAINT-PIERRE, 1965, p.13). Acreditamos que, com as informações contidas na introdução, é possível que o leitor se situe no contexto histórico em que foi produzida a obra, compreendendo o veio romântico do livro e sua representatividade literária. As outras informações presentes na introdução se referem a dados biográficos do autor, como a viagem que fez para a “Ilha da França”, que originou a obra *Estudos da Natureza* e que serviu de base para o cenário de seu romance *Paulo e Virgínia*, o fato de Saint-Pierre ser discípulo de Rousseau, de ter pertencido à Academia Francesa, de ter se casado duas vezes e de ter tido dois filhos, Paulo e Virgínia, no primeiro casamento. Esses dados ampliam o conhecimento dos leitores a respeito do autor e permitem que eles saibam que algumas experiências vivenciadas por este se tornaram material para sua produção escrita. Recapitulando, então, as principais informações contidas na tradução de 1965, temos:

Índices Morfológicos

Título	Paulo e Virginia
Autor	Bernardino de Saint-Pierre
Tradutor	Vieira Neto
Editores	Matos Peixoto

Data de publicação	1965
Edição	Matos Peixoto
Ilustrações	1 na capa e 9 ao longo da obra
Coleção	Clássicos para a Juventude
Língua/cultura de origem	<i>Título original: Paul et Virginie</i>

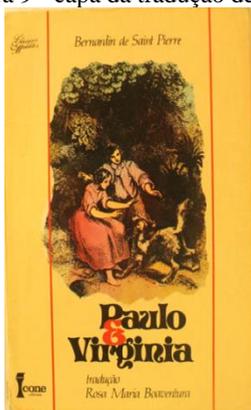
Discurso de acompanhamento

Avant-Propos	Prefácio
Notas de Saint-Pierre	Ø
Paratextos criados	Introdução

1.4.2 Paulo e Virgínia 1986

A tradução de 1986 traz na capa (Figura 9) o nome do autor, Bernardin de Saint-Pierre, uma ilustração de Paul, Virginie e o cachorro Fidèle, o título do romance traduzido como “*Paulo e Virgínia*”, a coleção à qual pertence o livro, “Clássicos e Malditos”, a editora, “Ícone”, e o nome da tradutora, Rosa Maria Boaventura:

Figura 9 - capa da tradução de 1986



Fonte: Saint-Pierre (1986)

Nas folhas internas, encontramos a informação de que se trata de um romance francês, que a tradutora também é autora da introdução e das notas explicativas do romance e membro do Grupo de Estudos

Franceses de Interpretação e Tradução (G.F.I.T). Temos ainda a indicação de autoria da capa, “J. L. Paula Jr”.

Esta tradução contém três paratextos feitos pela tradutora: uma introdução de uma página e meia; setenta “notas explicativas” no final do livro; e um resumo na contracapa. Como nas outras traduções, os nomes dos personagens são traduzidos e os sobrenomes mantidos em francês. Como a maioria das traduções, esta também não possui divisão em capítulos. Os nomes dos lugares mencionados são traduzidos, mas há notas explicativas que permitem que o leitor “consiga situar” melhor o espaço da obra. Sobre a “Ilha-da-França”, por exemplo, a tradutora escreve:

Antigo nome da ilha Maurício, situada no oceano Índico, a 880km a leste da ilha de Madagáscar. Descoberta pelos portugueses, foi colonizada pelos holandeses, depois pelos franceses e finalmente pelos ingleses. Hoje é estado independente, membro da Comunidade Britânica. Na época do romance, era colônia da França. Porto-Luís, até hoje sua capital, situa-se no fundo de uma baía, dominada pela montanha do Polegar, que faz parte da região montanhosa que se estende ao sul e a leste da capital (SAINT-PIERRE, 1986, p.85)

Um ponto que chama a atenção nesta tradução é que ela contém bibliografia. Através dela, podemos verificar que a tradutora consultou três edições de *Paul et Virginie*, sendo uma delas a criada por Pierre Trahard (podemos verificar que algumas notas criadas pela tradutora são na verdade traduções de notas desta edição de Trahard); consultou também dicionários e uma obra de literatura francesa do século XVIII, escrito por André Lagarde e Laurent Michard.

O primeiro parágrafo da introdução traz dados gerais sobre a obra. Ele informa que ela teve êxito desde sua publicação em 1788, sendo reeditada várias vezes, traduzida para diversos idiomas, como se pode comprovar no registro do Catálogo da Biblioteca Nacional da França, e que ainda hoje atrai um grande número de leitores.

Assim como Peixoto escreve, na tradução de 1965, que “a obra imortal há de ser entendida dentro da moldura do tempo em que foi escrita e apreciada no quadro das circunstâncias que a criaram” (SAINT-PIERRE, 1965, p.9), Boaventura manifesta semelhante opinião ao dizer

que “para bem compreender o romance de Saint-Pierre, cumpre situá-lo na época em que foi escrito, o final do século XVIII, auge do Iluminismo” (SAINT-PIERRE, 1986, p.7).

A tradutora ainda fornece ao leitor outras informações importantes para que ele conheça o contexto de produção da obra e algumas intenções de Saint-Pierre:

Pregavam os iluministas que a sociedade ideal devia visar à felicidade que só podia nascer do respeito aos direitos humanos [...] A leitura de Paulo e Virgínia, torna evidente que Bernardin de Saint-Pierre aproveitou a narrativa para ilustrar estes conceitos e sobretudo os de Jean-Jacques Rousseau: educar o homem natural longe da civilização, formando-lhe o caráter e enriquecendo-o com a honestidade e as qualidades do coração. O saber consistiria em noções concretas, úteis para a vida prática. (SAINT-PIERRE, 1986, p.7).

Boaventura termina acrescentando que “precisamente, a arte com que o autor associa a beleza moral à da natureza, criando harmonia entre os hábitos simples das personagens e uma ilha distante” é o que mantém o romance “tão vivo até hoje” (SAINT-PIERRE, 1986, p.7).

Outras informações relevantes que aparecem na introdução se referem aos temas universais recorrentes utilizados por Saint-Pierre, tais como “a inocência de Paulo e Virgínia adolescentes, o idílio apaixonado do primeiro e eterno amor, o bucolismo, a tragédia da morte” (1986, p.8) e o naufrágio do Saint-Géran em 1744, que realmente ocorreu nas costas da ilha Maurício, apenas em mês diferente do citado pelo autor. A tradutora ainda ressalta que o “cenário exuberante” descrito por Saint-Pierre colabora para que o exotismo marcante na literatura de época se faça presente nesse romance.

As notas explicativas, que posteriormente serão mais bem exploradas, referem-se principalmente a locais, como já foi mencionado, a referências mitológicas, a algumas passagens em que estão presentes conceitos de Rousseau, a tipos de vegetais e a termos de uso mais peculiar, como, por exemplo, “malabares”, que “são indianos da península de Malabar, próxima ao rio Ganges” (SAINT-PIERRE, 1986, p.89).

Recapitulando as informações contidas nesta tradução, temos:

Índices morfológicos

Título	Paulo e Virginia
Autor	Bernardino de Saint-Pierre
Tradutor	Rosa Maria Boaventura
Editora	Ícone
Data de publicação	1986
Edição	Ø
Ilustrações	1 na capa
Coleção	Clássicos e Malditos
Língua/cultura de origem	Romance francês

Discurso de acompanhamento

Avant-Propos	Ø
Notas de Saint-Pierre	<p>“Há muitas montanhas cujos cumes são arredondados em forma de mamelonar e assim ficaram conhecidas em todas línguas (sic). São, com efeito, verdadeiros mamelões, pois deles brotam muitos rios e ribeirões que espalham abundância na terra. São as nascentes dos principais rios que a regam fornecendo água, pois atraem incessantemente nuvens ao redor dos picos. Falamos dessas providências admiráveis da natureza em nossas obras anteriores.” p.20.</p> <p>Este traço de sagacidade do preto Domingos e do seu cão Fiel se parece muito o de Téivénissa e do seu cão Oniah, que M. de Crèveccœur relatou na obra cheia de humanidade “Lettre (sic) d’un Cultivateur américain” p.22.</p>
Paratextos criados	Introdução Notas explicativas

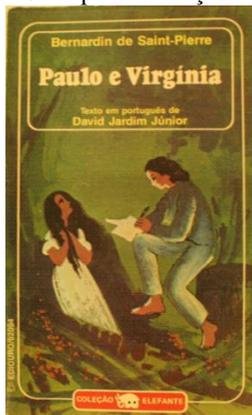
1.4.3 Paulo e Virgínia 1988

A tradução de 1988 traz na capa (Figura 10) o nome e sobrenome do autor, Bernardin de Saint-Pierre, o título traduzido, “*Paulo e Virgínia*”, a autoria do texto em português, “David Jardim Júnior³³”,

³³ David Jardim Júnior traduziu diversos títulos religiosos para a editora Ediouro entre os anos de 1984-1989. Entre eles: *Eclesiastes*, *Epístola de São Paulo aos Romanos*, *A Essência do Alcorão e do Masnavi*.

uma figura de Paul e Virginie, a editora, “Ediouro”, e a coleção a que pertence, “Elefante”:

Figura 10 - capa da tradução de 1988.



Fonte: Saint-Pierre (1988)

Nas páginas internas, encontramos a indicação do título original, *Paul et Virginie*, e uma informação que procura transmitir “segurança” ao leitor, “as nossas edições reproduzem integralmente os textos originais”, embora não haja no texto nenhum dos paratextos criados por Saint-Pierre. Há dez desenhos em preto e branco representando cenas do romance livro, distribuídas ao longo do romance. Ele contém dois paratextos criados para a tradução, uma introdução de uma página e meia e um texto curto na contracapa. Além disso, ele traz uma “ficha didática de leitura”, com vinte e cinco perguntas no final, e apresenta outros títulos publicados na mesma coleção de *Paulo e Virgínia*. Como nas outras traduções, os nomes dos personagens são traduzidos e os sobrenomes mantidos em francês. Relembrando que, na tradução de 1906, temos “Madama de la Tour” para se referir à mãe de Virgínia, e na tradução de 1988, o tradutor utiliza exatamente o mesmo vocábulo empregado em francês, “Madame de la Tour”. O que pode justificar sua escolha aqui é que “madame” é um vocábulo reconhecido no português do Brasil e, portanto, não causa necessariamente um estranhamento nos leitores. Os nomes dos locais indicados na obra também são traduzidos.

Sobre as informações contidas na introdução, é mencionado que Saint-Pierre foi leitor de *Robinson Crusóe* na infância, o que possivelmente despertou seu gosto por viajar. Aliás, foi em uma dessas viagens que o autor conheceu a “Ilha” que serviria de cenário para este

romance que “tornou-se um dos livros mais conhecidos do mundo” (SAINT-PIERRE, 1988, p.5). Além de discutir sobre o “valor intrínseco” da obra, o autor da introdução também discorre sobre outros fatores que contribuíram para que ela fosse tão difundida. Dentre esses fatores, destaca que:

O exotismo estava então na moda. O “bom selvagem” – homem livre que vivia de acordo com as leis da natureza, desprezando o fausto e o servilismo das cortes – seduzia os intelectuais da nova geração, que sonhavam se libertar do despotismo, assim como da decadência material e moral que o agonizante regime feudal representava (SAINT-PIERRE, 1988, p.5-6)

Para concluir a introdução, o autor afirma que Saint-Pierre não visava produzir um simples romance, “e sim defender uma tese social e, em última análise, até mesmo política” (1988, p.6). Para contextualizar o leitor, ele ainda escreve que o romance foi publicado “em 1788, às vésperas, portanto, da Revolução Francesa” (1988, p.6) e que ele fazia parte dos *Études de la Nature*, representando seu quarto volume e constituindo um exemplo das ideias morais e filosóficas de Saint-Pierre.

O texto presente na contracapa é breve, mas significativo. Ele anuncia que Saint- Pierre ficou mundialmente conhecido pela escritura de sua “terna e comovente obra Paulo e Virgínia”, a qual teve como cenário uma das ilhas que o autor conheceu. Ele ainda ressalta que um “trágico destino” pôs fim a um amor puro e inocente que nasceu na infância dos personagens e se desenvolveu em um “ambiente bucólico”. De acordo com tal texto, Paulo e Virgínia comungavam “encantadores ideais” em meio a um “verdejante paraíso” (SAINT-PIERRE, 1988, p.5-6).

Recapitulando as informações desta edição, temos:

Índices morfológicos

Título	Paulo e Virgínia
Autor	Bernardin de Saint-Pierre
Tradutor	David Jardim Júnior
Editora	Ediouro
Data de publicação	1988
Edição	Matos Peixoto
Ilustrações	1 na capa e 10 ao longo da obra
Coleção	Elefante

Língua/cultura de origem	Título original: <i>Paul et Virginie</i>
---------------------------------	--

Discurso de acompanhamento

Avant-Propos	Prefácio
Notas de Saint-Pierre	Ø
Paratextos criados	Introdução Texto na contracapa do livro, Ficha didática de leitura

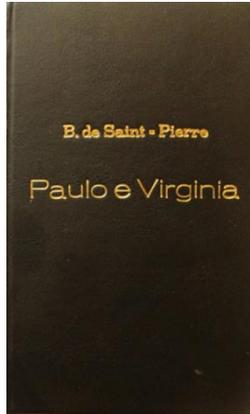
1.5 TRADUÇÕES SEM DATA

Em nossa pesquisa, deparamo-nos com duas traduções sem data. Com base em uma diferença ortográfica que nos permitiu ao menos perceber qual tradução sem data teria sido publicada primeiro, segue abaixo uma análise dessas traduções classificadas pelas editoras a que pertencem.

1.5.1 Paulo e Virginia – Editora Irmãos Garnier

Como ocorreu no caso da tradução de 1913 e na de 1941, também não foi possível visualizarmos a capa original desta tradução, pois foi reencapada:

Figura 11: capa reencapada da tradução sem data da Editora Garnier



Fonte: Saint-Pierre (editora Garnier s/d)

Nossa primeira consulta a esta tradução foi feita em material da biblioteca da Universidade Federal de Caxias do Sul, contudo, posteriormente, ela apareceu em um site de livros usados e foi possível adquiri-la. Nenhum dos dois exemplares traz a capa original, mas no livro pertencente à referida Universidade, há um carimbo na folha ao lado da folha de rosto em que há o nome da Livraria Americana e uma menção às cidades de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande, o que pode ser um indicativo de que essa livraria era responsável pela distribuição de livros produzidos pela Editora Irmãos Garnier. Na folha de rosto, temos o título da obra em português, o sobrenome do autor e a informação de que se trata de uma “nova edição revista e corrigida”. Embora se trate de uma tradução para o português brasileiro, e a referida editora tenha tido sede no Brasil entre os anos de “1844 a 1934” (HALLEWELL, 2012, p.221) temos “Paris” como local na folha de rosto, seguido da informação “livraria de Garnier Irmãos” e de um endereço em francês. Ela contém a tradução do primeiro paratexto criado por Saint-Pierre, traduzido por “Advertencia do autor”, e as notas de Saint-Pierre. Não foram criados paratextos para a recepção da obra. Os nomes dos personagens são traduzidos e os sobrenomes, mantidos em francês. A maioria dos nomes de lugares citados na obra é traduzida, mas encontramos alguns nomes que permaneceram apenas em francês, como *Pamplémousses*, *Coïn de Mire* e um nome que é usado em francês, mas é seguido de uma tradução em parêntese, *Poudre d’or* (o Pó de ouro). Este livro contém dezesseis figuras ao longo do texto.

Recapitulando as informações desta tradução temos:

Índices Morfológicos

Título	Paulo e Virginia
Autor	Saint-Pierre
Tradutor	Ø
Editora	Irmãos Garnier
Data de publicação	Sem data
Edição	Nova edição revista e corrigida
Ilustrações	16 ilustrações
Coleção	Ø
Língua/cultura de origem	Ø

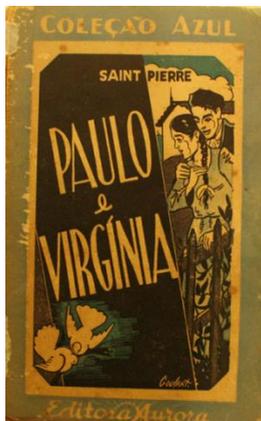
Discurso de acompanhamento

Avant-Propos	Advertencia do autor
Notas de Saint-Pierre	<p>Há muitas montanhas cujos cumes são arredondados em forma de mamas, e que têm o nome delas em todas as línguas. São com efeito verdadeiras mamas; pois delas manão muitos rios que espalhão a abundancia sobre a terra. Ellas são mananciaes dos principaes rios, que a regão e constantemente dão bastante agua, attrahindo continuamente as nuvens á roda do pico do rochedo mais alto que ellas tem no seu centro como o bico de mama (SAINT-PIERRE, sd, p.43).</p> <p>Este lance de sagacidade do preto Domingos e de Fiel, seu, se parece muito com o do selvagem Tewenissã e de seu cão Onioah, referido por Crèveçer na sua obra cheia de humanidade intitulada: “Lettres d’um cultivateur américais (SAINT-PIERRE, sd, p.49).</p>
Paratextos criados	Ø

1.5.2 Paulo e Virginia – Editora Aurora

A segunda tradução encontrada sem data traz na capa (Figura 12) o título em português, a coleção a que pertence, Coleção Azul, o sobrenome do autor, Saint-Pierre, a editora, Aurora, e uma ilustração com personagens do romance que é assinada por “Goulard”:

Figura 12 - capa da tradução da editora Aurora



Fonte: Saint-Pierre (editora Aurora s/d)

Não há referência ao tradutor e ao título original da obra, nem há outra informação que nos permita conhecer algo sobre a língua e a cultura de origem do livro. Ela não contém os discursos de acompanhamento criados por Saint-Pierre e nenhum outro foi acrescentado para a recepção da obra. No entanto, o livro traz na contracapa informações sobre a coleção a que pertence e, nas últimas páginas, há também informação sobre três outros volumes (16, 17,18) que antecedem a publicação de “Paulo e Virginia”, obra que é marcada pelo número 19 que aparece na lombada do livro. Como nas traduções anteriores, os nomes dos personagens são traduzidos, mantendo-se os sobrenomes em francês. Os lugares citados na obra também são traduzidos.

Recapitulando as informações desta tradução, temos:

Índices morfológicos

Título	Paulo e Virginia
Autor	Bernardin de Saint-Pierre
Tradutor	Ø
Editora	Aurora
Data de publicação	Sem data
Edição	Ø
Ilustrações	1 na capa
Coleção	Azul
Língua/cultu-ra de origem	<i>Título original: Paul et Virginie</i>
Volume	19

Discurso de acompanhamento

Avant-Propos	Ø
Notas de Saint-Pierre	
Paratextos criados	Ø

Em nossa análise das traduções brasileiras de *Paul et Virginie*, desenvolvida segundo a metodologia da “visualização das traduções”, foi possível confirmar que este romance tem permanecido no sistema literário brasileiro há mais de 177 anos. Verificamos também que nas traduções mais recentes o tradutor ganhou maior visibilidade e que a escritura de paratextos pode ser tida como a maneira encontrada para situar o leitor do texto de chegada no contexto de partida do autor e da produção da referida obra.

Como forma de enfatizar o espaço que o paratexto pode exercer no sistema apresentaremos no capítulo seguinte uma discussão feita a partir da teoria de Gideon Toury (1995) e das informações contidas nos paratextos criados por Bernardin de Saint-Pierre para edições distintas de *Paul et Virginie*.

Capítulo 2 PAUL ET VIRGINIE: OS PARATEXTOS COMO FORMA DE INTRODUÇÃO DO AUTOR E DA OBRA NO SISTEMA LITERÁRIO DO TEXTO DE CHEGADA

Como foi possível observar no capítulo anterior, dos três paratextos criados por Saint-Pierre para edições distintas de *Paul et Virginie*, apenas o primeiro, *Avant-Propos*, está presente em algumas das traduções brasileiras, aparecendo, respectivamente, nas de 1811 (e sua atualização de 2008), 1906, 1913, 1924, 1965, 1988 e na tradução sem data da editora Irmãos Garnier. Considerando que os paratextos podem servir como mediadores no sistema de recepção de um texto, tanto em seu próprio sistema literário quanto no sistema literário do país para o qual o texto é traduzido, neste capítulo abordaremos questões referentes a esta especificidade do paratexto. Para contextualizar nossa discussão, traremos algumas das informações presentes nos paratextos criados por Saint-Pierre.

2.1 A INSERÇÃO DE UM TEXTO EM UM NOVO CONTEXTO

Else Ribeiro Pires Vieira, ao falar sobre “a interação do texto traduzido com o sistema receptor” (1996, p.124), parte da teoria dos poli sistemas, termo consolidado por Even-Zohar, e, revisitando as teorizações do autor, ressalta que a ideia por trás deste termo é a de “uma multiplicidade de relações na heterogeneidade da cultura” (VIEIRA, 1996, p.125). Salienta, tendo como base os conceitos de Gideon Toury, que “os objetivos de uma tradução são definidos pelo pólo receptor, por ser ele o que mais toma a iniciativa da transferência inter-textual e interlingual” (VIEIRA, p.132). A autora também acrescenta, como ponto alto desta nova perspectiva de análise das traduções através de uma teoria descritiva, que a tradução deve ser agora estudada em “seu ambiente imediato” (1996, p.132), ou seja, no sistema receptor.

A proposta de um estudo das traduções em seu sistema receptor remete à mudança de sentido que o conceito de “crítica” sofreu a partir do século XX. Segundo Antoine Berman,

criticar uma obra não é mais enunciar uma série de julgamentos a seu respeito, a partir de regras estéticas ou da sensibilidade, com a finalidade de

informar ou de esclarecer o público [...] é resgatar a pura Idéia dessa obra, seu “caráter puro e acabado [...] que é o fundamento de toda compreensão da obra literária (2002, p.217).

Aplicando esta conceituação a um estudo das traduções de *Paul et Virginie*, podemos elaborar uma análise crítica que vise a compreender as traduções precedentes e inclusive a buscar justificativas que validem a proposta de inserir na retradução do romance o conjunto dos paratextos criados por Saint-Pierre. Para isto, é preciso entender as traduções precedentes em seu contexto histórico, além de situar a própria retradução dentro do contexto em que ela está sendo produzida. No caso dos fundamentos teóricos que marcam nosso caminho para a retradução, está marcado, sobretudo, por uma maior visibilidade do tradutor e pela busca de realizar o ato tradutório conservando as *estranheiridades* que caracterizam o romance e seus paratextos, localizando-os em sua língua cultura de partida.

Ao realizarmos este procedimento empreenderemos um certo trabalho crítico e, lembrando as palavras de Berman (2002), para quem a crítica deve resgatar o “sentido infinito da obra” (p.218), tentaremos, com a discussão das informações contidas nos paratextos, abrir o horizonte do leitor de *Paul et Virginie*, traduzindo para *sua língua* as informações contidas nestes paratextos.

Sabendo ainda que “a compreensão de um texto [...] é antes de tudo, a do produto expressivo de um sujeito” (BERMAN, 2002, p.255) e que “é também a compreensão de um fenômeno de linguagem objetivo que se define menos por seu autor do que por sua situação na história da língua e da cultura” (2002, p.255), consideramos nossa posição histórica, ou seja, marcada por uma maior visibilidade do tradutor e pela crença no paratexto como sendo um espaço propício a reflexões e explicações sobre a obra que ele acompanha. Sendo assim, propomos abaixo uma incursão pelos paratextos criados por Saint-Pierre para edições distintas de *Paul et Virginie*.

2.2 PREFÁCIO [AVANT-PROPOS]

O primeiro paratexto criado por Saint-Pierre para o romance *Paul et Virginie* em 1788, traduzido aqui como *Prefácio*, é também o único que consta em algumas das traduções brasileiras, como mencionado. Embora breve, ele traz importantes informações sobre o

projeto de Saint-Pierre, o tipo de texto que ele tentou produzir, sua recepção na primeira leitura pública e sobre o material usado na escrita. Sobre seu primeiro objetivo, o autor escreve:

Je me suis proposé de grands desseins dans ce petit ouvrage. J'ai tâché d'y peindre un sol et des végétaux différents de ceux de l'Europe. Nos poètes ont assez reposé leurs amants sur le bord des ruisseaux, dans les prairies et sous le feuillage des hêtres. J'en ai voulu asseoir sur le rivage de la mer, au pied des rochers, à l'ombre des cocotiers, des bananiers et des citronniers en fleurs³⁴ (SAINT-PIERRE, 1958, p. CXLIV-CXLVI)

Neste trecho o autor apresenta seu projeto de retratar um cenário diferente do que estava presente em outras obras poéticas e já oferece informações sobre o espaço de seu romance. Temos ainda uma segunda informação na qual o autor, ao referenciar sua escolha pelo espaço adotado para o enredo, deixa transparecer a tese que defenderá no decorrer de *Paul et Virginie*, centrada na valorização da virtude que, por sua vez, se desenvolve melhor quando se vive em meio à natureza,

J'ai désiré réunir à la beauté de la nature entre les tropiques, la beauté morale d'une petite société. Je me suis proposé aussi d'y mettre en évidence plusieurs grandes vérités, entre autres celle-ci: que notre bonheur consiste à vivre suivant la nature et la vertu³⁵ (1958, p. CXLIV-CXLVI).

Além disso, temos ainda a declaração do autor sobre a história ser “verdadeira” em seus principais acontecimentos, tendo sido seu trabalho apenas acrescentar algumas circunstâncias indiferentes,

³⁴ “Propus-me a grandes projetos nesta pequena obra. Esforcei-me para pintar um solo e vegetais diferentes daqueles da Europa. Nossos poetas assaz³⁴ repousaram seus amantes na beira dos riachos, nas pradarias e à sombra das faias. Eu quis assentar alguns sobre a costa do mar, ao pé dos rochedos, à sombra dos coqueiros, das bananeiras e dos limoeiros em flor”. (SAINT-PIERRE, 1958, p. CXLIV-CXLVI).

³⁵ “Desejei reunir à beleza da natureza entre os trópicos, a beleza moral de uma pequena sociedade. Propus-me também a evidenciar várias grandes verdades como a de que a nossa felicidade consiste em viver segundo a natureza e a virtude”. (SAINT-PIERRE, 1958, p. CXLIV-CXLVI).

il ne m'a point fallu imaginer de roman pour peindre des familles heureuses. Je puis assurer que celles dont je vais parler ont vraiment existé, et que leur histoire est vraie dans ses principaux événements. Ils m'ont été certifiés par plusieurs habitants que j'ai connu à l'île de France³⁶ (1958, p. CXLIV-CXLVI).

Sobre a maneira como a obra foi recebida ao ser lida para um público seletos Saint-Pierre (1958) escreve,

Lorsque j'eus formé, il y a quelques années, une esquisse fort imparfaite de cette espèce de pastorale, je priai une belle dame qui fréquentait le grand monde, et des hommes graves qui en vivaient loin, d'en entendre la lecture, afin de pressentir l'effet qu'elle produirait sur des lecteurs de caractères si différents: j'eus la satisfaction de leur voir verser à tous des larmes. Ce fut le seul jugement que j'en pus tirer, et c'était aussi tout ce que j'en voulais savoir³⁷. (1958, p. CXLIV-CXLVI).

Embora a leitura da biografia de Saint-Pierre feita por Aime Martin (1826) demonstre que está informação sobre a recepção da primeira leitura pública de *Paul et Virginie* não está correta, pois, o que ocorreu foi que o romance não foi bem aceito e a resposta do público acabou deixando o autor em um estado de desesperança que o fez questionar toda a sua obra, esse primeiro paratexto traz importantes informações para o leitor. É possível conhecer: o projeto do autor, que foi o de retratar um “solo” diferente do encontrado na europa, e dos que costumeiramente ilustravam a obra de outros escritores; ter uma apreensão de como se construiu o enredo do romance a partir de fatos

³⁶ “[...] não foi preciso imaginar um romance para pintar famílias felizes. Eu posso assegurar que aquelas das quais vou falar existiram de verdade, e que sua história é verdadeira nos seus principais acontecimentos. Eles foram-me certificados por vários habitantes que eu conheci na *Île de France*” (SAINT-PIERRE, 1958, p.CXLIV-CXLVI).

³⁷ “Quando formei há alguns anos, um esboço bastante imperfeito desta espécie de pastoral, pedi a uma bela dama que frequentava a alta sociedade e aos homens sérios que viviam longe dela, que ouvissem minha leitura, a fim de sentir o efeito que esta produziria sobre leitores de características tão diferentes: tive a satisfação de ver todos chorar. Foi o único julgamento que pude conseguir, e era também tudo aquilo que queria saber”. (SAINT-PIERRE, 1958, p.CXLIV-CXLVI).

“reais” aos quais ele acrescentou algumas circunstâncias; o conceito que ele defenderá na obra, que as pessoas são mais felizes quando vivem segundo as leis da natureza; a estratégia de publicação que ele usou para lançar este romance no sistema literário francês, que foi o de incluí-lo como parte de seu livro *Études de la nature*, que já havia conquistado grande número de leitores na França; e a declaração de seu desejo de “retratar” a natureza, cuja consolidação pode ser encontrado em trechos descritivos presentes no romance como veremos mais detalhadamente no terceiro capítulo desta tese.

2.3 AVISO SOBRE ESTA EDIÇÃO [*AVIS SUR CETTE ÉDITION*]

Avis sur cette édition [Aviso sobre esta edição] foi o segundo paratexto criado por Saint-Pierre para a segunda edição de *Paul et Virginie* de 1789. Aqui Saint-Pierre retoma o diálogo com seu público, visto na edição de seus *Études de la Nature* sobre esta mesma disposição de “aviso”, *Avis sur cet ouvrage*. Em ambas as obras, o autor apresenta sua opinião e suas teorias sobre questões de conhecimentos relacionados à natureza, bem como sobre a recepção de suas obras por críticos de renomados jornais franceses como o *Mercur*.

No que se refere ao conteúdo apresentado no paratexto aqui analisado, além dele ter funcionado como um espaço para que Saint-Pierre rebatesse críticas sofridas por suas declarações sobre temas diversos, não comuns à literatura da época, temos dados de considerável interesse para o leitor de *Paul et Virginie*.

Sobre o enredo da obra, Saint-Pierre afirma que os fatos são reais, que lhe foram narrados por moradores da referida Ilha e chega a afirmar que em determinada ocasião ele conheceu uma senhora que lhe deu o seu testemunho sobre o autor ter descrito o que de fato ocorreu com uma parente sua:

Monsieur, que vous m’avez fait passer une nuit terrible! Je n’ai cessé de gémir et de fondre en larmes. La personne dont vous avez décrit la fin malheureuse avec tant de vérité, dans le naufrage du Saint-Géran, était ma parente³⁸ (SAINT-PIERRE, 1958 p. CLVII).

³⁸ “Senhor, o senhor me fez passar uma noite terrível! Eu não cessei de gemer e de me desfazer em lágrimas. A pessoa de quem o senhor descreveu o fim infeliz com tanta verdade, no naufrágio do Saint-Géran, era minha parente”. (SAINT-PIERRE, 1958, p. CLVII).

Ainda em se tratando do enredo, Saint-Pierre menciona que foi abordado por um escritor de renome que desejava fazer um drama de *Paul et Virignie* alterando porém o destino dos personagens, na esperança de agradar ao seu público. Na ocasião Saint-Pierre lhe respondeu:

[...] que je ne croyais pas qu'on pût dénaturer un événement véritable, dont l'impression d'ailleurs était faite dans l'esprit du public, [...] que d'ailleurs il retrancherait de son sujet ce que son but moral a de plus intéressant, parce qu'il est dangereux de n'offrir à la vertu d'autre perspective sur la terre que le bonheur, et qu'il faut apprendre aux hommes non seulement à vivre, mais encore à mourir³⁹ (SAINT-PIERRE, 1958 p. CXLIV-CXLVI).

Segundo nos informa o paratexto, o escritor compreendeu o ponto de vista de Saint-Pierre e lhe prometeu ser o mais fiel possível ao retratar tudo que ele também testemunhou na referida Ilha, atribuindo a “veracidade” solicitada por Saint-Pierre aos fatos narrados.

Outro dado que nos chama atenção é sobre o conhecimento que o autor tinha do alcance de sua obra. Ele mencionou ter tido informações sobre o romance já estar sendo traduzido,

Une demoiselle anglaise en a fait, à Londres, le sujet d'une romance. Une autre demoiselle du même pays, en passant à Paris pour aller en Languedoc, m'a voulu communiquer une traduction de leur histoire, qu'elle compte publier incessamment, mais j'ignore la langue anglaise, dont j'admire d'ailleurs les grands écrivains dans nos traductions⁴⁰ (SAINT-PIERRE, 1958 p. CXLIV-CXLVI).

³⁹ “[...] que não acreditava que se pudesse deturpar um evento real, cuja impressão estava feita no espírito do público [...] que aliás ele suprimiria desta obra o que seu objetivo moral tem de mais interessante, porque é perigoso não oferecer à virtude outra perspectiva sobre a terra além da bondade, e que é preciso ensinar aos homens não somente a viver, mas ainda a morrer”. (SAINT-PIERRE, 1958, p. CXLIV-CXLVI)

⁴⁰ “Uma senhorita inglesa o fez, em Londres, tema de um romance. Outra senhorita do mesmo país, passando por Paris para ir à *Languedoc*, quis me comunicar uma tradução de sua história, que ela contou publicar incessantemente, mas eu desconheço a língua inglesa, da qual eu

Além disso, ele também dissertou sobre o processo de composição desta nova edição, que ele revisou com cuidado e corrigiu algumas “faltas de data e de estilo”. Disse também que a opção pelo formato in-18 foi feita para atender a vontade das damas que desejavam carregá-la consigo, tratando porém de já advertir que não poderia arcar com outras edições com esta configuração devido aos custos mais elevados. E, em se tratando do processo de produção da obra, explicou os cuidados tidos pelo editor, o Sr. Didot que,

[...] y a employé un caractère tout neuf, et des plus jolis de sa fonderie. [...] il a imprimé cette édition sur un fort beau papier, et il en a tiré un certain nombre d'exemplaires sur un papier vélin de sa composition, le premier de ce genre qui soit sorti de sa manufacture. Il a fait même examiner feuille à feuille les rames de ce papier, afin d'en retrancher toutes celles qui ne se trouveraient pas de la même nuance: attention bien rare dans les éditions les plus recherchées. Enfin, il les a fait passer à son cylindre, pour en satiner l'impression; de sorte que j'ai trouvé chez lui tous les arts qui peuvent rendre parfaite l'édition d'un livre, et, ce que les arts ne donnent pas toujours, l'affection et le zèle, qui font marcher d'accord plusieurs arts différents⁴¹ (SAINT-PIERRE, 1958 p. CXLIV-CXLVI).

Ele acrescentou ainda comentários sobre a autoria das pranchas que acompanham esta edição:

M. MOUREAU LE JEUNE, dessinateur du Cabinet du Roi, a dessiné les trois premières planches de Paul et Virginie, et en a dirigé la

admira, aliás, os grandes escritores em nossas traduções”. (SAINT-PIERRE, 1958 p. CXLIV-CXLVI).

⁴¹ “[...] empregou uma letra novinha em folha, e das mais bonitas de sua fundição [...] imprimiu esta edição em um papel muito bonito, e um certo número de exemplares em um papel velino de sua composição, o primeiro deste gênero que saiu de sua manufatura. Ele até fez com que cada folha dessa resma fosse examinada a fim de retirar todas aquelas que não possuíssem a mesma nuance: atenção muito rara mesmo nas edições mais procuradas. Enfim, ele as fez passar por seu cilindro, para acetinar a impressão; de maneira que eu encontrei nele todas as artes que podem deixar perfeita a edição de um livro, e a proeza que nem sempre dão a afeição e o zelo, que fazem caminhar juntas várias artes diferentes”. (SAINT-PIERRE, 1958 p. CXLIV-CXLVI).

gravure, ainsi que celle de la quatrième, avec cette correction et ce goût dont le rare assemblage est particulier à ses productions, surtout à celles qu'il affectionne. Il a donné à chaque caractère et à chaque site son expression propre ; et quoique le champ en soit très petit, il y a développé, à l'ordinaire, ses grands talents⁴² (SAINT-PIERRE, 1958 p. CXLIV-CXLVI).

No que se refere às informações sobre a última prancha desta edição, vemos que longe de apenas elogiar o trabalho feito por Vernet, o autor já manifesta a opinião que defenderá mais adiante, que refuta o julgamento feito por um crítico de que ele só tinha talento para pintar a natureza e não para de fato conhecê-la cientificamente. Para o autor, pintores e escritores tinham de fato uma grande compreensão pelos objetos de seu trabalho ainda que não fossem cientistas:

M. VERNET m'a voulu donner une preuve de l'intérêt qu'il prend à la célébrité de mes ouvrages, et, ce qui m'est plus sensible, un témoignage particulier de son amitié, en dessinant dans la quatrième planche le naufrage et la mort de Virginie. Je me sens aussi flatté du suffrage des artistes, en faveur de mes *Études*, que de celui des physiciens; car les artistes étudient la nature par des méthodes qui ne sont pas moins sûres que des instruments, et dans des résultats harmoniques aussi intéressants et aussi certains que les causes physiques qui les produisent. Le lecteur sentira donc, comme moi, tout le prix du dessin d'un peintre aussi fameux que M. VERNET, qui, de tous les peintres, a le mieux étudié les harmonies générales de la nature, et en a le mieux rendu l'ensemble dans ses immortels tableaux⁴³ (SAINT-PIERRE, 1958 p. CXLIV-CXLVI).

⁴² “Sr. MOUREAU O JOVEM, desenhista do Gabinete do Rei, desenhou as três primeiras pranchas de *Paul et Virginie*, e dirigiu sua gravura, assim como a da quarta, com esta correção e este gosto cuja rara junção é particular às suas produções, sobretudo àquelas de que ele gosta. Ele deu a cada letra e a cada lugar sua expressão própria; e embora o campo em si fosse muito pequeno, ele desenvolveu, como de costume, seus grandes talentos”. (SAINT-PIERRE, 1958 p. CXLIV-CXLVI).

⁴³ “3° Sr. VERNET quis me dar uma prova do interesse que ele tem pela celebridade de minhas obras, e, o que me é mais tocante, um testemunho particular de sua amizade, desenhando na quarta prancha o naufrágio e a morte de Virginie. Eu me sinto lisonjeado tanto com a opinião

Expostos estes comentários, convém lembrar que na referida edição em que foi impresso este paratexto o autor manteve seu *Avant-Propos*, o que gera um significativo volume de dados para os leitores de Saint-Pierre, remarcando a diversificada importância dos paratextos que notadamente são um espaço para a divulgação e ampliação de marcas significativas tanto para se obter uma compreensão tanto sobre a obra em si quanto para se conhecer o autor. No caso das traduções brasileiras, que só mantiveram a tradução do *Avant-Propos* é possível pensarmos na quantidade de informações que o leitor brasileiro deixou de ter acesso e que poderia contribuir para um maior conhecimento acerca do autor e de seu processo de composição da obra.

2.4 PREÂMBULO [*PRÉAMBULE*]

O terceiro paratexto criado por Saint-Pierre se intitula *Préambule*⁴⁴ [Preâmbulo] e foi escrito para a edição definitiva e de luxo de *Paul et Virginie* lançada em 1806 por P. Didot L'aine. Ele traz diversas declarações do autor sobre o processo de criação do romance, o conteúdo que o compõe, e o processo envolvido na materialização da obra em si, que envolve a criação dos desenhos, e posteriormente das pinturas, que compõe esta edição, e o próprio processo de editoração e impressão, com informações sobre os custos de produção e o lucro.

Em se tratando deste paratexto o primeiro fator que chama atenção antes de termos conhecimento da riqueza de seu conteúdo é a sua extensão. A edição de 1806 contém 318 páginas, incluindo-se aqui as pinturas criadas para a representação do romance e o retrato do autor e, destas 318 páginas o espaço destinado ao referido paratexto e sua nota está contido em 91 páginas, ou seja, quase 1/3 do romance. Isto reforça a importância que o autor tinha alcançado em seu meio literário, pois se verificarmos outros textos literários da época é possível conferir que não era comum o autor ter um espaço extenso como este, no qual pudesse

favorável dos artistas sobre os meus *Études*, quanto com a dos físicos; porque os artistas estudam a natureza por métodos que não são menos seguros que os instrumentos, e alcançando resultados harmônicos tão interessantes e tão certos como as causas físicas que eles produzem. O leitor sentirá então, como eu, todo o apreço do desenho de um pintor tão famoso como Sr. VERNET, que, de todos os pintores, é o que melhor estudou as harmonias gerais da natureza, e quem melhor a retratou como um todo em seus quadros imortais". (SAINT-PIERRE, 1958 p. CXLIV-CXLVI).

⁴⁴ Devido à riqueza da construção de notas escolhemos a edição crítica feita por Jean-Michel Racault de 1999 como texto de partida deste paratexto.

fornecer dados detalhados sobre o processo de criação de sua obra. Também não era comum um diálogo tão direto com o público e mesmo um conhecimento da grande difusão de uma obra, como ocorre com Saint-Pierre, que menciona saber da tradução de *Paul et Virginie* para diversos idiomas.

Saint-Pierre inicia este paratexto fornecendo as principais informações sobre o projeto do livro. O autor fala que ele foi feito por subscrição, menciona o responsável por sua impressão, o tipo de papel utilizado, que as pranchas que compõem o romance foram feitas por renomados artistas e diz também que, atendendo ao pedido de alguns amigos, ele inseriu um retrato dele mesmo:

Voici l'édition in-4 de *Paul et Virginie* que j'ai propose par souscription. Elle a été imprimée chez P. Didot l'aîné, sur papier vélin d'Essone. Je l'ai enrichie de six planches dessinées et gravées par les plus grands maîtres, et j'y ai mis en tête mon portrait, que mes amis me demandaient depuis longtemps⁴⁵ (SAINT-PIERRE, 1999, p.267).

Na introdução, ele ainda comenta que algumas razões retardaram o lançamento desta edição, mas devido ao compromisso dele com seus subscritores ele levou este projeto adiante. E justificando que esta edição interessará apenas há um pequeno número de pessoas ele se sente a vontade para fazer:

[...] quelques réflexions utiles aux gens de lettres sans expérience, en les éclairant de celle que j'ai acquise, sur les contrefaçons, les souscriptions, les journaux, et les artistes, j'ai lieu de croire qu'elle ne sera indifférente à aucun lecteur⁴⁶ (SAINT-PIERRE, 1999, p.268).

Dando continuidade ao seu discurso ele começa a apresentar os motivos que o levaram a levar a proposta desta nova edição adiante:

⁴⁵ “Eis a edição in-4 de *Paul et Virginie* que eu propus por subscrição. Ela foi impressa por P. Didot, o primogênito, em papel velino de Essone. Eu o enriqueci com seis pranchas desenhadas e gravadas pelos maiores mestres, e pus na frente meu retrato, como meus amigos me pediam há muito tempo” (SAINT-PIERRE, 1999, p.267).

⁴⁶ “[...] terá espaço para fazer algumas reflexões úteis a escritores sem experiência, instruindo-os com a que eu adquiri, sobre as imitações, as subscrições, os jornais, e os artistas; e eu tenho razões para acreditar que ela não será indiferente a nenhum leitor”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.268).

Le premier motif qui m'engagea à faire une édition recherchée de *Paul et Virginie* fut le grand succès de ce petit ouvrage. [...] l'accueil qu'il reçut à sa naissance surpassa mon attente. On en fit des romans, des idylles, et plusieurs pièces de théâtre. On en imprima les divers sujets sur des ceintures, des bracelets, et d'autres ajustements de femme. Un grand nombre de pères et surtout de mères firent porter à leurs enfants venants au monde les surnoms de Paul et Virginie⁴⁷ (SAINT-PIERRE, 1999, p.268).

Segundo Saint-Pierre (1999), sua obra se tornou conhecida em toda a Europa e ele soube que ela havia sido traduzida para o inglês, para o italiano, para o alemão, para o holandês e para o polonês e que isto aconteceu porque “c'est unanime qui par tout pays ramènent de tous leurs moyens les hommes aux lois de la nature”⁴⁸ (SAINT-PIERRE, 1999, p.268). Saint-Pierre (1999, p.269) acrescenta que grande parte das traduções foram feitas por senhoras e moças e que ter visto seus filhos revestidos de costumes estrangeiros, o deixou encantado e contribuiu para que ele desejasse adornar esta edição, “je me suis donc cru obligé à mon tour de les orner de tous les charmes de la typographie et de la gravure françaises, afin de les rendre plus dignes du sexe sensible qui les avait si bien accueillis”⁴⁹ (SAINT-PIERRE, 1999, p.269). Ainda sobre estas traduções Saint-Pierre escreve que elas totalizaram um número tão elevado que *Paul et Virginie* se tornou um livro clássico.

A leitura deste paratexto mostra que Saint-Pierre procurava manter um diálogo direto com seus leitores contemporâneos e que, além da difusão que sua obra já possuía no sistema literário europeu de sua época, que havia a possibilidade dela ser difundida no mundo em épocas vindouras, “[...] je crois que mon humble pastorale pourrait fort bien

⁴⁷ “O primeiro motivo que me encorajou a fazer uma edição requintada de *Paul et Virginie* foi o grande sucesso desta pequena obra [...] a recepção que ela recebeu em seu nascimento superou minha expectativa. Fizeram romances, idílios, peças de teatro. Imprimiram diversas representações em cintos, braceletes e outros apetrechos femininos. Um grande número de pais e sobretudo de mães batizaram seus filhos de Paul e de Virginie”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.268).

⁴⁸ “É unânime que em todos os países ela eleva os homens às leis da natureza”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.268).

⁴⁹ “[...] todos os charmes da tipografia e da gravura francesa, a fim de deixá-los mais dignos do sexo sensível que o acolheu tão bem”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.269).

m'acquérir un jour autant de célébrité que les poèmes sublimes de l'*Illiade* et de l'*Odyssée* en ont valu à Homère”⁵⁰ (SAINT-PIERRE, 1999, p.270). Um último complemento que ele declara de exaltação ao espaço conquistado pela sua obra é a referência de já ser possível encontrar monumentos em sua homenagem em alguns museus.

Após expor estas questões mais sentimentais que levaram Saint-Pierre a empreender esta edição de luxo, vale lembrar que o autor também se justifica por meios mais concretos. Ele diz, por exemplo, ter desejado deixar para os seus filhos uma edição impossível de ser imitada pelos falsificadores. E também que quis usar a fama conquistada com “seus filhos adotivos em favor dos seus próprios filhos” (SAINT-PIERRE, 1999), pois o sucesso da venda da obra deveria garantir-lhes os meios financeiros necessários para que sobrevivessem após sua morte. Em seguida, Saint-Pierre inicia um longo percurso de explicação sobre todo o processo de confecção da obra e também aproveita a oportunidade de já ter um público previsto para defender suas teorias sobre as marés, sobre o movimento dos planetas ao redor do sol e sobre o próprio movimento que deve ter ocorrido no começo dos tempos, que ocasionou a separação geográfica que vemos nos dias de hoje.

Sobre a questão da falsificação encontramos significativas informações nas declarações feitas por Saint-Pierre, que nos permitem conhecer um pouco mais sobre a os procedimentos adotados no século XIX, sobre a divulgação das obras e sobre os meios de contenção de falsificações que causavam prejuízo financeiro para os autores. Sobre este assunto, ele afirma:

Il y a environ deux ans et demi qu'un homme, moitié libraire, moitié homme de loi, vint m'offrir ses services pour Lyon. Il allait, me dit-il, dans cette ville qui remplit de ses contrefaçons les départements du midi, et même la capitale. Il était revêtu des pouvoirs de plusieurs imprimeurs et libraires pour saisir les contrefaçons de leurs ouvrages, et s'était obligé de faire tous les frais de voyage et de saisie, à la charge de leur tenir compte du tiers des amendes et des confiscations. Il m'offrit de se charger de mes intérêts aux

⁵⁰ “[...] acredito que um dia meu humilde pastoral poderá me trazer tanta celebridade como os poemas sublimes da *Iliada* e da *Odisseia* trouxeram à Homero”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.270).

mêmes conditions. Nous en signâmes l'acte mutuellement⁵¹ (SAINT-PIERRE, 1999, p.270).

Saint-Pierre firmou acordo com este homem e inicialmente recebeu um retorno considerável, que objetivava empregar na edição definitiva de *Paul et Virginie*, porém passou-se cerca de 2 anos e meio sem que ele tivesse notícias deste homem. Algum tempo depois outra livraria-editora de Bruxelas lhe fez a mesma proposta e ele concordou. Além de prezar pelos seus interesses contra as falsificações ela também se responsabilizou em lidar com o homem que Saint-Pierre havia contratado anteriormente. Contudo, o retorno financeiro que adveio desta nova parceria foi bem menos considerável e Saint-Pierre teve que lidar com fundos bem mais modestos para empreender a edição que desejava.

Ainda em se tratando do conhecimento acerca do retorno obtido com a venda de livros, Saint-Pierre menciona o agradecimento de um amigo que disse ter se refugiado em Londres e se tornado livreiro para sobreviver. Ele declarou a Saint-Pierre que pôde viver confortável apenas com a venda de *Paul et Virginie*. A gratidão que este amigo de Saint-Pierre demonstrou foi bastante significativo para o autor, que mencionou ter se lembrado de um episódio ocorrido com alguns Atenienses que foram feitos prisioneiros de guerra na Sicília e puderam subsistir recitando versos das tragédias de Eurípidés, a quem agradeceram quando retornaram ao seu país.

Como exposto no primeiro parágrafo do paratexto, Saint-Pierre se propõe a fazer algumas reflexões que acredita que podem ajudar escritores sem experiência. E um meio que ele encontrou para isto pode ter sido a reprodução de uma conversa que teve com um jovem amigo, que tinha o gosto pelas letras e que ainda estava decidindo os passos que daria em seu futuro. Saint-Pierre data este evento como ocorrido em 1804, três meses após ele ter acordado uma edição in-8 de seu livro *Étude de la Nature* com um livreiro, Déterville. Ele conta que seu jovem amigo entrou em sua casa sem a alegria natural que tinha e trazendo um jornal em sua mão. Este jornal era o *Journal des Débats* e Saint-Pierre era o assunto debatido. Segundo informava seu amigo, o jornalista dizia

⁵¹ “Tem por volta de dois anos e meio que um homem, metade livreiro, metade homem da lei, veio me oferecer seus serviços em Lyon. Ele iria nas cidades em que ocorressem as falsificações, tanto nas que estivessem em seu entorno quanto na capital. Ele estava revestido de poderes dados por várias livrarias e editoras para embargar as imitações de suas obras, e estava obrigado a fazer todas as viagens e apreensões, encarregado de manter a conta do terço dos confiscos e multas. Ele me ofereceu de se encarregar dos meus interesses nas mesmas condições”. (SAINT-PIERRE, 1958, p.270).

que ele só servia para fazer romances e que mesmo a Teoria das marés que ele havia feito (a qual Saint-Pierre expõe no final deste paratexto como uma nota) não era mais que um romance. Ele ainda questionava os princípios de moral de Saint-Pierre, que ele considerava exagerado, sua falta de conhecimento em política e dizia que ele tinha o hábito de falar sem cessar. Pelo relato de Saint-Pierre, vemos que seu jovem amigo estava indignado com as injúrias proferidas pelo jornalista, mas Saint-Pierre não cedeu ao jogo de ofensas. Ao invés disso, ele ponderou o fato lembrando-se do exemplo de outros grandes autores que também sofreram críticas injustas de jornais ou que não eram devidamente valorizados por estes, como Rousseau e Voltaire, que alcançaram um notável reconhecimento no sistema literário e se tornaram conhecidos e aclamados pelo público.

A discussão entre Saint-Pierre e seu jovem amigo é bastante extensa no paratexto e o teor gira em torno de aconselhamentos advindos da experiência de Saint-Pierre. Em uma das passagens transpostas vemos que o jovem está tomado de cólera, diante de tantas injustiças praticadas pelos jornalistas, e para refutá-las diz que se tornará um, e que agirá de forma mais íntegra com os autores, que serão bem mais valorizados em seu jornal. Considerando esta intenção de seu amigo, se tornar jornalista, e enunciando sua opinião sobre como deve agir um escritor, Saint-Pierre diz ao seu jovem amigo que:

[...] un homme de lettres doit se proposer un but plus sublime dans le cours de sa vie. C'est d'y chercher la vérité. Comme la lumière est la vie des corps, dont elle développe avec le temps toutes les facultés, la vérité est la vie de l'âme, qui lui doit pareillement les siennes. Quel plus noble emploi que de la répandre dans un monde encore plus rempli d'erreurs et de préjugés que la terre n'est couverte au nord de sombres forêts?⁵² (SAINT-PIERRE, 1958, p.284).

Como último conselho Saint-Pierre diz a seu amigo que ele deve,

⁵² “[...] um escritor deve se propor um objetivo mais sublime no curso de sua vida. O de procurar a verdade. Como a luz é a vida dos corpos, que desenvolve com o tempo todas as faculdades, a verdade é a vida da alma, que também lhe deve sua vida. Tem missão mais nobre que de difundi-la em um mundo que está mais cheio de erros e de preconceitos do que a terra ao norte está coberta de sombrias florestas?” (SAINT-PIERRE, 1958, p.284).

Encouragez, à leur naissance, les talents timides, en vous rappelant les faibles débuts de Corneille, de Racine, et de Fontenelle. Préparez au siècle nouveau des artistes, des poètes, des historiens. Ce n'est point de héros dont il manque, c'est d'écrivains capables de les célébrer. N'insérez dans vos feuilles que ce qui méritera les souvenirs de la postérité. Mettez-y les découvertes du génie et les actes de vertu en tout genre. Ne craignez pas que vos jeunes talents fléchissent sous de si nobles fardeaux; ils n'en prendront qu'un vol plus assuré; et la reconnaissance des races futures suffira pour les rendre illustres. Vos feuilles deviendront pour la France ce que sont depuis tant de siècles pour la Chine les annales de son empire.

En parcourant cette carrière, que vous indique l'amour de la patrie, étendez de temps en temps vos regards sur les autres parties du monde; votre journal renfermera un jour les archives du genre humainhumano⁵³ (SAINT-PIERRE, 1999, p.284).

Das reflexões a que o autor se propôs no começo deste paratexto estas parecem ser as mais pertinentes para expressar seu desejo de contribuir com a formação de jovens escritores e mesmo de deixar registrado, de modo mais formal e, porque não dizer, para a posteridade, suas experiências de vida.

Retomando as considerações tecidas pelo autor sobre o processo de criação da referida edição de *Paul et Virginie* Saint-Pierre reforça que ele é “un monument de littérature”⁵⁴ (SAINT-PIERRE, 1958, p.276) que foi ilustrado por alguns dos artistas famosos de sua época e que ele nada negligenciou para enriquecer e aperfeiçoar esta edição. Além disso, no que diz respeito aos custos deste empreendimento, Saint-Pierre faz

⁵³ “Encoraje, em seu nascimento, os talentos tímidos, lembrando-se das fraquezas iniciais de Corneille, de Racine e de Fontenelle. Prepare para o novo século artistas, poetas e historiadores. Não faltam heróis e sim escritores que possam celebrá-los. Não coloque em suas folhas o que merece as lembranças da posteridade. Coloque as descobertas do gênio e os atos de virtude de todo gênero. Não tema que seus novos talentos se curvem para estes fardos tão nobres; eles apenas farão um voo mais seguro; e o reconhecimento das raças futuras será suficiente para torná-los ilustres. Suas folhas se tornarão para a França o que se tornaram depois de tantos séculos para a China os anais de seu império. Percorrendo esta trajetória, que indica o amor pela pátria, estenda às vezes a sua apreciação às outras pátrias do mundo; um dia, o seu jornal reunirá os arquivos do gênero humano”.

(SAINT-PIERRE, 1999, p.284).

⁵⁴ “[...] monumento de literatura”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.276).

questão de fornecer dados com a quantia empregada em cada etapa do processo bem como dizer que muitos destes artistas quiseram contribuir gratuitamente com seu serviço tanto por afeição ao próprio “pastoral” quanto por afeição ao seu autor. Como prova de seu reconhecimento, ele menciona o nome de todos aqueles que se envolveram no processo ao discorrer sobre cada uma das seis pranchas criadas para a edição e sobre o seu retrato inserido no começo desta edição.

Em relação às informações contidas na descrição das pranchas, dois tipos nos chamam atenção: o desejo que o autor parece ter de esclarecer a inserção “de um espaço real” no que é fictício nas composições; e a descrição por si só, que vai contribuir para a nossa defesa sobre a composição do “portrait”, no próximo capítulo, feita por Saint-Pierre, pois na sua forma de descrição de algumas das pranchas o autor já insere elementos mais imagéticos que colaboram para reforçar o caráter poético do conjunto de sua obra, entendido aqui como texto e paratexto.

A primeira prancha tem por título *Enfance de Paul et Virginie*⁵⁵ (SAINT-PIERRE, 1999, p.287):



⁵⁵ “A Infância de Paul e Virginie” (SAINT-PIERRE, 1999, p.287).

Sobre esta composição o autor escreve:

Madame de la Tour et Marguerite les tiennent sur leurs genoux, où ils se caressent mutuellement. Fidèle, leur chien, est endormi sous leur berceau. Près de lui est une poule entourée de ses poussins. La négresse Marie est en avant, sur un côté de la scène, occupée à tisser des paniers. On voit au loin Domingue, qui ensemeuse un champ ; et plus loin l’Habitant, leur voisin, qui arrive à la barrière. A droite et á gauche de ce tableau plein de vie sont les deux cases des deux amies. **Près de l’une est un bananier, la plante du tabac, un cocotier qui sort de terre près d’une flaqué d’eau et d’autres accessoires rendus avec beaucoup de vérité**⁵⁶. Au loin on découvre les montagnes pyramidales de l’Ile de France, des Palmiers, et la mer⁵⁷ (SAINT-PIERRE, 1999, p.287).

Vemos que esta descrição corresponde fielmente a uma passagem do livro, no entanto, aqui, é o reforço do autor de que a paisagem foi retratada com “verossimilhança” que nos chama atenção, relembRANDO-nos de suas declarações anteriores, sobre o romance ter se fundado no relato que ele ouviu na Ilha-de-França. Mais adiante ele passa a nomear alguns dos envolvidos no processo de composição da prancha,

Ce paysage, ainsi que ses personnages remplis de suavité, est de M. Lafitte, qui a dessiné mon portrait. Il a été d’abord gravé à l’eau-forte par M. Dussault, qui excelle en ce genre de préparation, et gravé ensuite au burin relevé de pointillé par M.

⁵⁶ Grifos nossos.

⁵⁷ “As Madame de la Tour et Marguerite os tem no colo, onde eles se acariciam mutuamente. Fidèle, o seu cachorro está adormecido sob o berço. Perto dele há uma galinha cercada por seus pintinhos. A negra Marie está na frente, em um lado da cena, tecendo cestas. Vemos, ao longe, Domingue, que semeia o campo; e, mais longe ainda, o Habitante, seu vizinho, que chega à cerca. À direita e à esquerda desse **quadro cheio de vida** estão as duas cabanas das duas amigas. **Perto de uma, estão uma espécie de bananeira, a planta do tabaco, um coqueiro que brota próximo a um lago e outros elementos retratados com verossimilhança.** Ao longe, descobrimos as montanhas piramidais da Ilha de França, as Palmeiras e o mar”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.287).

Bourgeois de la Richardière⁵⁸” (SAINT-PIERRE, 1999, p.287).

Em seguida, ele explica como é feito o procedimento de gravação, que com frequência envolve mais de três artistas no processo, pois na época os artistas acreditavam que se tivessem mais especialistas trabalhando juntos o resultado final seria mais grandioso. Desta maneira, é eleito um responsável pelo trabalho que:

[...] en donne d’abord le sujet, et en fait faire le dessin; il le livre ensuite à un graveur, qui en fait exécuter tour à tour l’eau-forte, le paysage, les figures, et met le tout en harmonie. Après quoi un graveur en lettres y met l’inscription⁵⁹ (SAINT-PIERRE, 1999, p.288).

Saint-Pierre (1999) termina seus comentários sobre este procedimento enfatizando que cabe a um conhecedor da arte julgar se estes procedimentos são mesmo capazes de aperfeiçoar a arte.

O desenho da segunda prancha foi dado a Saint-Pierre por Girodet e a paisagem foi gravada com água-forte⁶⁰ por Dussault, assim como a anterior, e o especialista no trabalho com maço e cinzel, o senhor Roger, foi o responsável pela dupla de figuras. O autor faz questão de ressaltar que o senhor Roger abriu mão de outros trabalhos para poder se dedicar à execução da parte que lhe cabia na prancha.

⁵⁸ “Essa paisagem, assim como os personagens repletos de suavidade, é do senhor Lafitte, que desenhou o meu retrato. Ela foi primeiro gravada com água-forte pelo senhor Dussault, que domina esse tipo de preparação, e gravada com cinzel em relevo pelo senhor Bourgeois de la Richardière”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.287) .

⁵⁹ “[...] dá primeiro o tema e manda desenhá-lo; passa, então, ao gravador, que faz executar uma a uma com água-forte, as paisagens e as figuras, harmonizando-as. Depois dele, um gravador de letras coloca a inscrição”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.288).

⁶⁰ Segundo o dicionário Houaiss água-forte é “uma técnica de gravura a entalhe em que se marcam traços na camada protetora (de cera, p.ex.) de uma placa de metal, a qual, imersa em ácido nítrico, tem esses traços transformados em sulcos pela ação corrosiva do ácido.

Ela tem por título *Passage do torrent*⁶¹ (SAINT-PIERRE, 1999, p.288):



A prancha acima retrata a cena em que Paul carrega Virginie após terem ido pedir perdão ao senhor da escrava Marrone e estão tentando retornar para suas casas:

Le fond représente les sites bouleversés des montagnes de l'île de France où les rivières qui descendent de leurs sommets se précipitent en cascades. Ce fond âpre, rude et rocailleux, relève l'élégance, la grâce et la beauté des deux jeunes personnages qui sont sur le devant, dans la fleur d'une vigoureuse adolescence. Paul, au milieu des roches glissantes et des eaux tumultueuses, porte sur son dos Virginie tremblante⁶² (SAINT-PIERRE, 1999, p.288).

⁶¹ “Travessia do riacho” (SAINT-PIERRE, 1999, p.288).

⁶² “O fundo representa a paisagem montanhosa da Ilha de França, onde os riachos que descem os picos se precipitam, formando cascatas. Esse fundo penetrante, rude e pedregoso destaca a elegância, a graça e a beleza dos dois jovens personagens que estão na frente, na flor de uma

O autor aproveita para comentar algo sobre o sentimento mútuo de cumplicidade dos personagens e da confiança que partilham, que parece se fortalecer a cada obstáculo que eles passam:

Il semble devenu plus léger de sa belle charge, et plus fort du danger qu'elle court. Il la rassure d'un sourire, contre la peur si bien exprimée dans l'attitude craintive de son amie, et dans ses yeux orbiculaires. La confiance de son amant, qui le presse de ses bras, semble naître ici, pour la première fois, du courage de l'amant; et l'amour de l'amant, si bien rendu par ses tendres regards et son sourire, semble naître à son tour de la confiance de son amant⁶³ (SAINT-PIERRE, 1999, p.288).

Embora a descrição acima seja mais singela que a feita por Saint-Pierre nas outras pranchas, o autor acrescenta sentimentos para os personagens que não estão descritos no livro. E ele também reforça o modo de significar deste sentimento que, em Paul, é “retratado” por seu olhar terno e por seu sorriso, enfatizando que o modo de descrição em Saint-Pierre sempre revela camadas mais profundas do que aquelas imediatamente apreendidas em uma leitura superficial.

A terceira prancha foi gravada com água-forte, com cinzel e ponteadado, por Mécou, que possuía diversos trabalhos no Museu Imperial e foi indicado à Saint-Pierre por Roger, de quem foi aluno. O desenho original é de Gérard, que transpõe para o trabalho “[...] la touche et le caractère de l'école de Rome où il est né”⁶⁴ (SAINT-PIERRE, 1999, p.293).

vigorosa adolescência. Paul, entre as rochas escorregadias e as águas revoltas, carrega nas costas a trêmula Virginie”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.288).

⁶³ “Ele parece leve, ainda que carregando a sua bela carga, e mais forte devido ao perigo que ela corre. Ele a tranquiliza com um sorriso, contra o medo tão bem expresso na atitude temerosa de sua amiga, e em seus olhos redondos. A confiança de sua amante, que o pressiona entre os braços, parece nascer aqui, pela primeira vez, da coragem do amante; e o amor do amante, tão bem retratado por seu olhar terno e seu sorriso, parece nascer, por sua vez, da confiança de sua amante”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.288).

⁶⁴ “[...] o toque e a personalidade da escola de Roma onde ele nasceu”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.293).

Ela tem como título *Arrivée de M. de La Bourdonnais*⁶⁵
(SAINT-PIERRE, 1999, p.290):



Aqui e novamente aqui o autor insere traços reais em seu processo de descrição e de composição. Começando pelo próprio retrato do senhor de la Bourdonnais, que foi desenhado e retocado tendo como base a gravura que está contida no livro *Mémoires de sa vie* [Memórias de sua vida], que traz uma biografia deste governador da Ilha de França. Saint-Pierre abre um espaço nos comentários sobre esta prancha e fala sobre algumas ações do governador na referida ilha, como o investimento em hospitais. Saint-Pierre também ressalta que o senhor de la Bourdonnais era um homem de caráter, e explica como ele foi injustamente acusado de corrupção no final de seus dias. Ele faz um comentário relativamente longo sobre o governador no espaço deste paratexto, mas tendo em vista que esta é uma edição especial, destinada principalmente a um público que já o reconhece, e que respeita

⁶⁵ “A chegada do senhor de la Bourdonnais” (SAINT-PIERRE, 1999, p.290) .

suasobras, ele mesmo justifica seu ato e dirigindo-se à este público diz: “Je crois qu’aucun de mes lecteurs ne trouvera mauvais que je me sois un peu écarté de mon sujet, pour rendre moi-même quelques hommages aux vertus d’un grand homme malheureux, à celles de sa digne fille et d’une colonie reconnaissante”⁶⁶ (1999, p.293). Saint-Pierre ainda agradece à filha do senhor de la Bourdonnais, por ter contribuído com a edição escrevendo uma breve biografia de seu pai. No que concerne à descrição da cena em si, ela condensa mais informações do que as que estão contidas no romance:

Cet illustre fondateur de la colonie française de l’Ile de France arrive dans la cabane de madame de la Tour, où les deux familles sont rassemblées à l’heure du déjeuner. Il fait poser sur la table, par un de ses noirs, un gros sac de piastres. A la vue du gouverneur, tous les personnages se lèvent, et toutes les physionomies changent. Il annonce à madame de la Tour que cet argent est destiné au départ prochain de sa fille. Madame de la Tour, tournée vers elle, lui propose d’en délibérer. Virginie et son ami Paul sont dans l’accablement; Domingue, qui n’a jamais vu tant d’argent à la fois, en est dans l’admiration; enfin jusqu’au chien Fidèle a son expression. Il flaire le gouverneur, qu’il n’a jamais vu, et témoigne par son attitude que cet étranger lui est suspect⁶⁷ (SAINT-PIERRE, 1999, p.290).

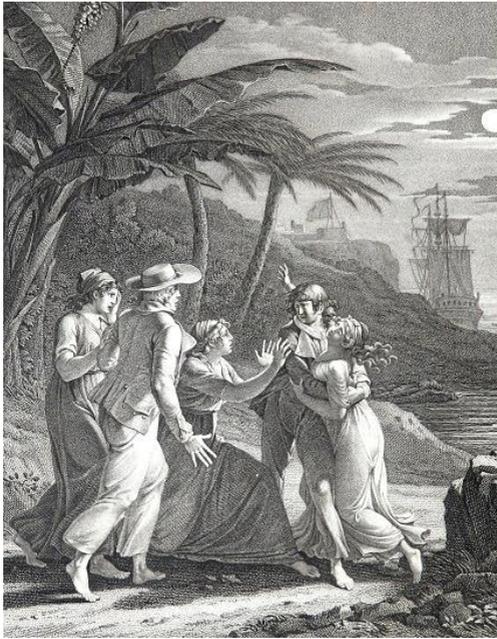
Na descrição da cena do romance, embora de fato os personagens aparentem certa surpresa com a presença do governador na casa de Madame de la Tour, o clima que se instaura na casa não é cercado pela desconfiança descrita no trecho da terceira prancha. Ao

⁶⁶ “Penso que nenhum dos meus leitores julgará mal que eu tenha me desviado do assunto, para prestar, eu mesmo, algumas homenagens às virtudes de um grande homem infeliz, as de sua digna filha e da colônia agradecida”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.293).

⁶⁷ “Esse ilustre fundador da colônia francesa da Ilha de França chega à cabana da madame de la Tour, onde as duas famílias estão reunidas na hora do almoço. Ele pede para um de seus negros colocar sobre a mesa um grande saco de piastras. Ao avistarem o governador, todos os personagens se levantam, e todas as fisionomias se alteram. Ele anuncia à madame de la Tour que aquele dinheiro é destinado à partida próxima da filha dela. Madame de la Tour, virada para ela, pede-lhe para deliberá-lo. Virginie e seu amigo Paul parecem desesperançados; Domingue, que nunca vira tanto dinheiro de uma só vez, demonstra admiração; até o cão Fidèle expressa algo. Ele cheira o governador, que nunca vira antes, e mostra, por sua atitude, que desconfia desse estranho” (SAINT-PIERRE, 1999, p.293).

contrário, temos até mesmo uma aproximação entre o governador e Paul, que o reconheceu como uma pessoa digna e lhe disse que gostaria de ser seu amigo. Apenas em cenas subsequentes é que Paul começa a desconfiar que algo que ele desconhece está sendo tramado. A própria madame de la Tour não deixa de se alegrar com a possibilidade de afastar os dois jovens por um certo período, visto que ela conhece os sentimentos que Virginie tem por Paul e os julga muito jovens e desafortunados para já se envolverem.

A quarta prancha tem como título *Adieux de Paul et de Virginie*⁶⁸ (SAINT-PIERRE, 1999, p.294):



Segundo Saint-Pierre, esta prancha contém uma “scène déchirante”⁶⁹, (SAINT-PIERRE, 1999, p.294) desenhada por Moreau le Jeune, que já havia feito outros temas para edição de *Paul et Virginie* publicada em in-18. No espaço desta enunciação o autor acrescenta novas informações sobre o processo de composição de uma prancha. Ele ressalta que quanto mais um artista envelhece, mais aprimorado parece

⁶⁸ “*Adeus de Paul e Virginie*”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.294).

⁶⁹ “[...] cena dilacerante”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.294).

ficar seu trabalho (caso ilustrado por Saint-Pierre através da comparação entre os desenhos feitos por Moreau le Jeune para a edição in-18 e o feito para esta edição de 1806). E, acreditando ser próximo o suficiente de Moreau le Jeune para criticar sua técnica ele comenta que o material que o respectivo desenhista utiliza, a sépia, é pouco durável. Ele utiliza esta ocasião para discorrer sobre o processo de fabricação desta tinta, comparando-a também a outras e marcando o conhecimento que possui em outras áreas:

[...] on sait que la sépia est une encre naturelle qui sert au poisson qui en porte le nom à échapper à ses ennemis. Il est mou et sans défense, mais au moindre danger il lance sept ou huit jets de sa liqueur ténébreuse, dont il s'environne comme d'un nuage, et qui le fait disparaître à la vue. Les artistes on trouvé le moyen d'en faire usage dans les lavis; ils en tirent des tons plus chauds et plus vaporeux que ceux de l'encre de Chine. Mais soit qu'en Italie, d'où on nous l'apporte tout préparé, on y mêle quelque autre couleur pour le rendre plus roux; soit qu'il soit naturellement fugace, il est certain que ces belles nuances ne sont pas de durée⁷⁰ (SAINT-PIERRE, 1999, p.294).

E ele também acrescenta outras observações sobre os tipos de tinta, a fonte de sua fabricação e sua duração e diz esperar que elas sejam úteis a outros artistas e que possam servir para levar adiante a glória de Moreau le Jeune.

Ainda sobre este trabalho do senhor Moreau ele diz que ele é composto “d’une chaleur et d’une harmonie qui surpassent peut-être tout ce qu’il a fait de plus beau dans ce genre⁷¹” (SAINT-PIERRE, 1999, p.294) e ao falar sobre a cena em si ele reforça que ela “[...] se passe au milieu d’une nuit éclairée de la pleine lune; il y a une harmonie

⁷⁰ “[...] sabemos que a sépia é a tinta natural de um molusco, que a libera como forma de escapar de seus inimigos. Ele é mole e indefeso, mas, ao menor perigo, lança sete ou oito jatos de seu licor tenebroso, que o cerca como uma nuvem, fazendo-o desaparecer de vista. Os artistas encontraram o meio de usar a aquarela; conseguem com ela tons mais quentes e mais vaporosos que os da tinta da China. Na Itália, porém, de onde já nos trazem tudo preparado, misturam na tinta outra cor para deixá-la mais avermelhada; ainda que seja naturalmente fugaz, é certo que essas nuances não são duradouras”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.294).

⁷¹ “[...] de um calor e de uma harmonia que superam, talvez, tudo que ele já fez de mais bonito no gênero”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.294).

touchante de lumières et d'ombres qui se fait sentir jusqu'à l'entrée du port"⁷² (1999, p.294).

Como aconteceu nas pranchas anteriores, esta também contou com o envolvimento de outro artista, o jovem gravurista Prot, que foi indicado à Saint-Pierre por Roger. Prot gravou-a com água-forte e cinzel e a finalizou, deixando-a na forma em que ela foi inserida na edição de 1806.

Sobre a descrição da cena em si, além do trecho já mencionado sobre a harmonia entre luzes e sombras, o restante da descrição corresponde ao que está contido na cena do romance e traz o desfecho dos sentimentos da família depois que viram ao longe o navio em que Virginie deveria embarcar.

A quinta prancha tem como título *Elle parut un ange qui prend son vol vers les cieux*⁷³ (SAINT-PIERRE, 1999, p.295):



⁷² “[...] se passa no meio de uma noite iluminada pela lua cheia; há uma harmonia comovente de luzes e sombras presentes até a entrada do porto”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.294).

⁷³ “Pareceu um anjo que faz seu voo para o céu” (SAINT-PIERRE, 1999, p.295).

Aqui é descrito o naufrágio do navio Saint-Géran. Ela foi feita por Prud'hon. Segundo Saint-Pierre, Prud'hon demonstrou um extraordinário talento ao confeccionar esta prancha e o diante de tamanho esplendor ele interpôs o seguinte questionamento:

Comment M. Prud'hon a-t-il pu renfermer de si grands objets dans un si petit espace? où a-t-il trouvé les modèles de ces mobiles et fugitifs effets que l'art ne peut poser, et dont la nature seule ne nous présente que de rapides images; une vague en furie dans un ouragan, et une âme angélique dans une scène de désespoir? Cette conception a trouvé ses expressions dans l'âme sensible, les ressouvenirs, et les talents supérieurs d'un artiste déjà très connu des gens de goût. A la fois dessinateur, graveur et peintre, on lui doit des enfants et des femmes remarquables par leur naïveté et leur grâce⁷⁴ (SAINT-PIERRE, 1999, p.296).

Na opinião de Saint-Pierre Prud'hon é o “elogios Il est selon moi le La Fontaine des dessinateurs, et il a avec ce premier de nos poètes encore plus d'une ressemblance par sa modestie, sa fortune, et sa destinée. Puisse ce peu de lignes concourir à étendre sa réputation jusque dans les pays étrangers! Son beau dessin y justifiera suffisamment mes éloges”⁷⁵ (SAINT-PIERRE, 1999, p.296). O outro artista envolvido no processo foi novamente Roger, que fora aluno e amigo de Prud'hon. Segundo Saint-Pierre a prancha ao ser gravada pelo senhor Roger resguardou tudo que era possível da beleza da criação do senhor Prud'hon, o que deixou o autor extremamente satisfeito.

⁷⁴ “Como o senhor Prud'hon conseguiu retratar objetos tão grandes em um espaço tão pequeno? Ou teria ele encontrado os modelos desses efeitos efêmeros e fugidios que a arte não pode oferecer, e dos quais a natureza, apenas, não nos apresenta mais do que imagens rápidas; uma onda em fúria em meio a um furacão e uma alma angélica em uma cena de desespero? Essa concepção encontrou as suas expressões na alma sensível, nas lembranças e nos talentos superiores de um artista já muito conhecido entre as pessoas de bom gosto. Desenhista, gravurista e pintor, é a ele que devemos as crianças e mulheres de graça e ingenuidade notáveis”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.296).

⁷⁵ “La Fontaine dos desenhistas, e ele se parece com esse que foi o primeiro dos nossos poetas em relação à sua modéstia, à sua fortuna e ao seu destino. Que essas poucas linhas possam expandir a sua reputação até países estrangeiros! Seu belo desenho justificará o bastante os meus”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.296).

Sobre a descrição da prancha em si, Saint-Pierre escreve que nela:

On ne voit qu'une petite partie de la poupe et de la galerie du vaisseau le S. Géran; mais il est aisé de voir à la solidité de ses membres et à la richesse de son architecture que c'est un gros vaisseau de la Compagnie française des Indes. Une lame monstrueuse, telle que sont celles des ouragans des grandes mers, s'engouffre dans le canal où il est mouillé, engloutit son avant, l'incline à bâbord, couvre tout son pont, et s'élevant par-dessus le couronnement de sa poupe, retombe dans la galerie dont elle emporte une partie de la balustrade. Les feux semblent animer ses eaux écumantes, et vous diriez que tout le vaisseau est dévoré par un incendie⁷⁶ (SAINT-PIERRE, 1999, p.295).

A descrição acima chama atenção pelo desejo do autor de retratar o próprio movimento do barco em seu processo de naufrágio. Ele insere elementos capazes de criar a imagem do objeto que será engolido pelo mar, aproximando-o de uma realidade pretendida, como é o caso, por exemplo, dele exemplificar que se trata de um navio da Companhia Francesa das Índias, e de produzir uma harmonia no movimento das chamas e das “águas espumosas”.

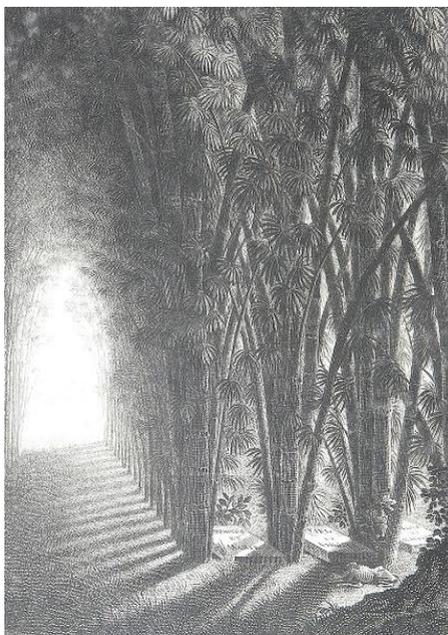
E inserindo uma descrição próxima à contida no romance, fala do estado em que se encontra Virginie e de seus atos pudicos, que para ele tornam este desenho uma obra prima:

Virginie en est environnée; elle détourne les yeux de sa terre natale, dont les habitants lui témoignent d'impuissants regrets, et du malheureux Paul, qui nage en vain à son secours, prêt à succomber lui-même à l'excès de son

⁷⁶ “Vemos apenas uma pequena parte da popa e da galeria do navio S. Géran; mas é possível ver, pela solidez de seus membros e riqueza arquitetônica, que se trata de um grande navio da Companhia Francesa das Índias. Uma onda monstruosa, como são as das tempestades dos grandes mares, engole o canal onde ele está ancorado, devorando a parte da frente, inclinándolo a bombordo, cobre toda a ponte e, elevando por cima a coroa da popa, recai na galeria da qual ela arranca uma parte da balastrada. As chamas parecem movimentar essas águas espumosas, e poderia se dizer que todo o navio está sendo devorado pelo incêndio”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.295).

désespoir, autant qu'à celui de la tempête. Elle porte une main pudique sur ses vêtements tourbillonnés par les vents en furie; de l'autre, elle tient sur son cœur le portrait de son amant qu'elle ne doit plus revoir, et jette ses derniers regards vers le ciel, sa dernière espérance. Sa pudeur, son amour, son courage, sa figure céleste, font de ce magnifique dessin un chef-d'œuvre achevé⁷⁷ (SAINT-PIERRE, 1999, p.295-296).

A sexta e última prancha tem por título *Les Tombeaux*⁷⁸ (SAINT-PIERRE, 1999, p.297):



⁷⁷ “Virginie está cercada por tudo isso; ela desvia os olhos de sua terra natal, cujos habitantes testemunham os seus lamentos impotentes, e do infeliz Paul, que nada em vão ao seu socorro, pronto a sucumbir, ele mesmo, ao excesso de seu desespero, assim como ao da tempestade. Ela pousa uma mão pudica sobre as roupas remexidas pelo vento em fúria; a outra segura sobre o seu coração o retrato do amante que ela não mais verá, e seu olhar está virado para o céu, a sua última esperança. Seu pudor, seu amor, sua coragem, sua figura celeste fazem desse magnífico desenho uma obra-prima”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.295-296).

⁷⁸ “Os Túmulos” (SAINT-PIERRE, 1999, p.297).

Ela foi feita por Isabey, que soube reunir, segundo Saint-Pierre, “par l’art particulier que je lui connais d’harmonier la lumière et les ombres, et d’en tirer des effets magiques”⁷⁹ (SAINT-PIERRE, 1999, p. 297). Para o autor, devido à qualidade das composições de Isabey, apreciadas até mesmo por Bonaparte, apenas esta prancha já seria o suficiente para tornar sua edição célebre. Porém, ele procurou aperfeiçoá-la ainda mais e a gravação em água-forte foi feita por Pillement, um jovem que se destacava na arte de fazer paisagens, tendo sido ainda finalizada no buril por Beauvinet.

Quanto à descrição da prancha ela é profundamente triste e retrata o lugar de sepultamento dos jovens amantes, de suas mães, de seus escravos e até mesmo do cachorro da família, cuja ossada é vista próxima ao túmulo de seus donos. O lugar da cena é uma alameda de bambus, que Saint-Pierre enfatiza que foi desenhada com grande veracidade por Isabey, ou seja, novamente ele enfatiza a representação de um “real” em sua obra. O cenário é extremamente mórbido e apesar de sabermos que se trata de um romance o tom da descrição feita por Saint-Pierre parece invocar os sentimentos mais pesarosos que seus leitores podem sentir:

On n’aperçoit dans cette solitude aucun être vivant; ici reposent à jamais, sous l’herbe, tous les personnages de cette histoire: les premiers jeux de l’heureuse enfance de Paul et de Virginie sur des genoux maternels, les amours innocentes de leur adolescence, les dons funestes de la fortune, leur cruelle séparation, leur réunion encore plus douloureuse, n’ont laissé près de leurs humbles tertres aucun monument de leur vie. On n’y voit ni inscriptions, ni bas-reliefs⁸⁰ (SAINT-PIERRE, 1999, p.297).

⁷⁹ “[...] pela arte particular pela qual eu o conheço a harmonia da luz e das sombras criando efeitos mágicos”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.297).

⁸⁰ “Não avistamos nessa solidão ser vivo algum; aqui repousam para sempre, sob a grama, todos os personagens dessa história: as primeiras brincadeiras da infância feliz de Paul e Virginie sobre os colos maternels, os amores inocentes de sua adolescência, os dons funestos da sorte, a sua separação cruel, seu reencontro ainda mais doloroso, não deixaram em seus modestos outeiros nenhum monumento de sua vida. Não vemos ali nem inscrições, nem altos-relevos”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.297).

O autor ainda concede à arte o poder de materializar para sempre as lembranças, através de uma construção textual que intercala verdades universais, como a de que o “tempo nos conduz à eternidade”,

L’art n’y a gravé que leurs simples noms, mais la nature y a placé, pour tous les hommes, de plus durables et de plus éloquents ressouvenirs. Ces roseaux gigantesques qui murmurent toujours, agités par les moindres vents, comme les faibles et orgueilleux mortels; ces flots lointains qui viennent, l’un après l’autre, expirer sur le rivage, comme nos jours fugitifs sur celui de la vie; ce vaste océan d’où ils sortent et retournent sans cesse, image de l’éternité, nous disent que le temps nous entraîne aussi vers elle⁸¹ (SAINT-PIERRE, 1999, p.297).

Para finalizar seus comentários sobre as pranchas que compõem esta edição, Saint-Pierre informa que todas as pranchas, e o seu retrato, foram impressas por Dien, um tipógrafo em chapa de cobre recomendado por Roger e que a letra gravada foi de autoria do irmão de Dien.

Como mencionamos inicialmente, este paratexto é bastante extenso e Saint-Pierre aproveita seu espaço para expor sua opinião sobre diversos assuntos, para dialogar com seus leitores, instruindo-os em campos sobre os quais ele acredita ter conhecimento, como as questões relacionadas às formas de pintura e mesmo sobre questões físicas que envolvem desde a sua Teoria das marés até a discussão sobre a origem do mundo e a divisão geográfica do nosso planeta. Não pretendemos fazer uma discussão exaustiva sobre este paratexto, mas ainda achamos necessário mencionar duas abordagens feitas pelo autor. A primeira diz respeito a um esclarecimento prestado por Saint-Pierre sobre seu nome e seu sobrenome:

Jacques-Henri-Bernardin de Saint-Pierre.
J’observerai que dans l’ordre naturel de mes

⁸¹ “A arte gravou apenas os seus simples nomes, mas a natureza criou, para todos os homens, as lembranças mais duráveis e eloquentes. Os juncos gigantescos que não param de murmurar, agitados pelo menor dos ventos, como os fracos e orgulhosos mortais; as marés longínquas que vêm, uma após a outra, desaguar na praia, como os nossos dias fugidios na vida; esse vasto oceano de onde saem e retornam sem parar, imagem da eternidade; dizendo-nos que o tempo nos conduz também a ela”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.297).

prénoms, Bernardin était le second, et Henri le troisième. Mais cet ordre ayant été changé, par hasard, au titre de la première édition de mes *Études*, Henri s’y est trouvé le second, et Bernardin le troisième. J’ai eu beau réclamer leur ancien ordre, le public n’a plus voulu s’y conformer⁸² (SAINT-PIERRE, 1999, p.286).

O próprio Saint-Pierre ao comentar este fato procura imediatamente esclarecer que embora a discussão possa parecer frívola ele a considera importante porque ela pode ser entendida como uma forma de acolhimento que ele recebeu do público. E como muitas pessoas acreditaram que seu sobrenome era “Bernardin de Saint-Pierre” ele mesmo o assinou nesta ordem algumas vezes.

Na segunda abordagem que tratamos aqui Saint-Pierre fala da importância das mulheres na sociedade dando-lhes um notório reconhecimento:

[...] les femmes ont contribué plus que les philosophes à former et à réformer les nations. Elles ne pâlirent point les nuits à composer de longs traités de morale; elles ne montèrent point dans des tribunes pour faire tonner les lois. Ce fut dans leurs bras qu’elles firent goûter aux hommes le bonheur d’être tour à tour, dans le cercle de la vie, enfants heureux, amants fidèles, époux constants, pères vertueux. Elles posèrent les premières bases des lois naturelles⁸³ (SAINT-PIERRE, 1999, p.310).

Saint-Pierre (1999) acrescenta que a sociedade humana foi fundada por uma mãe de família, que reuniu em torno de si os homens errantes e os fixaram em um lugar específico. Elas são responsáveis por

⁸² “Jacques-Henri-Bernardin de Saint-Pierre. Farei a observação de que, na ordem natural de meus nomes, Bernardin seria o segundo e Henri, o terceiro. Mas essa ordem fora mudada, por acaso, no título da primeira edição de meus *Études*, com Henri aparecendo em segundo lugar e Bernardin, em terceiro. Embora eu tenha reivindicado a sua ordem original, o público não quis mais se conformar”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.286).

⁸³ “[...] as mulheres contribuíram mais do que os filósofos para formar e reformar as nações. Elas não perderam noites compondo longos tratados de moral; elas não foram às tribunas esbravejar leis. Mas em seus braços elas trazem felicidade para os homens que percebem que estão em um círculo da vida, crianças felizes, amantes fiéis, esposas constantes, pais virtuosos. Elas consolidaram as primeiras bases das leis naturais”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.310).

lembrar aos homens as leis fundamentais da natureza, e de sua própria humanidade através dos sentimentos naturais que elas os fazem desenvolver. O autor enfatiza que elas nascem e morrem mulheres, que são amadas como mães, como filhas e como esposas. Elas inspiraram a criação dos objetos de primeira necessidade, de agradabilidade e os cultos religiosos. A própria mitologia associou às deusas tudo que há de mais belo na natureza. E ele ainda lhes atribuiu outras responsabilidades que sistematizaram a expansão da sociedade e constituíram bases de diversas ciências:

Elles inventèrent le pain, les boissons agréables, les tissus des vêtements, les filatures, les toiles, etc. Elles amenèrent les premières à leurs pieds les animaux utiles et timides qu'ils effrayaient par leurs armes, et qu'elles subjuguèrent par des bienfaits. Elles imaginèrent pour plaire aux hommes les chansons gaies, les danses innocentes, et inspirèrent à leur tour la poésie, la peinture, la sculpture, l'architecture, à ceux d'entre eux qui désirèrent conserver d'elles de précieux souvenirs⁸⁴ (SAINT-PIERRE, 1999, p.311).

Para Saint-Pierre (1999) as mulheres são capazes de apaziguar disputas, de dobrar o coração dos ambiciosos. Isso porque elas possuem uma piedade natural que movem suas ações nobres, demonstrando o verdadeiro significado da grandeza. Elas derramaram as primeiras lágrimas pelas vítimas da tirania, são elas que conservam em suas lembranças de conquistadores magnânimos. Outro fato que ele acrescenta, que pode ser uma referência a sua própria experiência de escritor, visto que sua biografia nos informa que *Paul et Virginie* teve sua primeira leitura pública no salão da madame de Necker, é que as mulheres “[...]Vous protégez dans vos cercles l'écrivain solitaire qui a eu le bonheur de vous plaire et le malheur d'irriter des factions jalouses”⁸⁵ (1999, p.314).

⁸⁴ “Elas inventaram o pão, as bebidas agradáveis, os tecidos de vestimentas, as fiações, as telas, etc. Elas foram as primeiras a domesticar aos seus pés os animais úteis e tímidos que eles assustavam com suas armas, e que elas valorizaram por seus benefícios. Elas imaginaram para o prazer dos homens as canções felizes, as danças inocentes, e inspiraram a poesia, a pintura, a escultura, a arquitetura, à aqueles dentre eles que desejaram conservar delas as preciosas lembranças”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.314).

⁸⁵ “[...] protegem em seus círculos o escritor solitário que teve a ventura de lhes agradar e de irritar as facções invejosas”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.314).

Finalizando a escritura deste paratexto Saint-Pierre (1999) acrescenta algumas informações pessoais e diz, “Ma navigation est déjà avancée. Mais si la Providence, qui a dirigé ma faible nacelle au milieu de tant d’orages, retarde encore de quelques années mon arrivée au port, je les emploierai à rassembler d’autres études”⁸⁶ (1999, p.303). Desta forma, o autor encerra seu longo preâmbulo que acreditamos ser uma fonte pertinente de informações que deve integralizar uma edição de *Paul et Virginie* realizada por um tradutor e por uma editora que se preocupem com a qualidade de informações que o leitor do texto traduzido terá.

2.5 BERNARDIN DE SAINT-PIERRE POR ELE MESMO [BERNARDIN DE SAINT-PIERRE POUR LUI MÊME]

O quarto paratexto, incluído hoje nas reedições mais contemporâneas do romance *Paul et Virginie*, foi escrito em 1809, três anos após a edição definitiva do romance Saint-Pierre o escreveu a pedido de um pintor americano que buscou fazer um retrato de homens célebres. Trata-se de um paratexto autobiográfico em que o autor descreve as partes importantes de sua vida e os percursos que realizou.

Em relação ao conteúdo, Saint-Pierre começa seu relato discorrendo sobre uma viagem de navio que fizera com um tio à Martinica quando tinha doze anos. Em seguida ele descreve seu percurso escolar que culminou, apesar de seu gosto pelas letras, na formação de engenharia, pois seria o meio mais seguro de garantir sua subsistência. Ele entrou em um corpo de engenheiros e em seu primeiro trabalho foi enviado a Malta, que estava sobre ameaça turca. De lá percorreu países como a Polônia, a Rússia, Áustria e Alemanha. Ao retornar à França ele encontrou a oportunidade de ir para a Ilha-de-França, que viria a servir de cenário para o seu romance *Paul et Virginie* e constituiria ela própria um livro de relatos vividos pelo autor na viagem. Sua estadia na referida Ilha o levou a um estado melancólico, como ele mesmo relata, devido aos maus tratos dados aos negros e outras intempéries que ele testemunhou, à falta de cordialidade de seus colegas que o viam como um pessoa de fora de sua corporação e mesmo à sua má remuneração. Ele então solicitou seu retorno para a França e obteve. Chegando lá decidiu escrever sobre a experiência vivida sob o

⁸⁶ “Minha navegação já está avançada. Mas se a Providência, que dirigiu meu frágil barquinho no meio de tantas tempestades, retardar ainda em alguns anos minha chegada ao porto, eu os empregarei para empreender outros estudos”. (1999, p.303).

título *Voyage à Île-de-France*, que ele publicou sem se identificar como autor, tendo “o público” como seu confidente. A respeito da publicação deste livro Saint-Pierre escreve: “Il m’attira quelques éloges des journalistes, mais il me fit des ennemis à Versailles: on ne me pardonna point d’avoir publié les désordres de la colonie et déploré le sort des malheureux noirs”⁸⁷ (SAINT-PIERRE, 1929, p.12). Segundo relata o autor, esta foi sua segunda tentativa de escrita. A primeira foi um memorial que escreveu sobre a Holanda, a Prússia, a Polônia e a Rússia depois de ter retornado de suas viagens do norte. Nesta ocasião Saint-Pierre já se atrevia a manifestar suas observações em outros campos de saberes e disse ter previsto a “divisão da Polônia pelas três potências vizinhas” mas o memorial, apresentado ao ministério das relações estrangeiras, não surtiu nenhum efeito.

Após a publicação de *Voyage a Île de France*, Saint-Pierre lançou os primeiros volumes de seus *Études de la Nature*, dos quais o autor declara ter feito cinco edições sucessivas. Esta obra lhe proporcionou uma significativa estabilidade financeira e, diferente do que aconteceu com *Paul et Virginie*, não teve imitações. Um fato que chama atenção neste paratexto é o contato político que Saint-Pierre desenvolveu com governantes da França. Ele menciona que o rei Louis XVI o nomeou intendente do Jardim das Plantas e do Museu de História Natural e que após ter perdido toda a sua segurança financeira (emprego, pensões e suas economias) com o advento da revolução que ele disse haver previsto, e ficar em uma posição primária, ele obteve ajuda do imperador Bonaparte que,

[...] a rétabli une partie de ma fortune par plusieurs pensions, et il y a joint la croix d’honneur. Son frère Joseph, roi d’Espagne, y a mis le comble par une pension de six mille francs. Je dois ces bienfaits non sollicités au simple mouvement de bienfaisance naturel à ces deux grands princes”⁸⁸ (SAINT-PIERRE, 1929, p.14).

⁸⁷ “Ele atraiu-me alguns elogios de jornalistas, mas me trouxe alguns inimigos em Versailles: não me perdoaram por ter publicado as desordens da colônia e a deplorada sorte dos negros infelizes”. (SAINT-PIERRE, 1929, p.12).

⁸⁸ “Ele restabeceu uma parte da minha fortuna pelas várias pensões, e lá se juntou a cruz de honra. Seu irmão Joseph, rei da Espanha, fez ainda mais com uma pensão de seis mil francos. Eu devo estas benfeitorias, não solicitadas, ao movimento de bondade natural comum a estes dois grandes príncipes”. (SAINT-PIERRE, 1929, p.14).

Aqui ainda é válido ressaltar que Pierre Trahard em seu paratexto que acompanha a edição de 1958 de *Paul et Virginie* menciona que Bonaparte foi leitor de *Paul et Virginie*.

Para concluir seu paratexto autobiográfico, ele diz que possui um sítio próximo à Paris onde passa “la moitié de chaque mois de la belle saison”⁸⁹ (SAINT-PIERRE, 1929, p.15) e termina bendizendo todos os males que passou, que lhes permitiram que ele se tornasse conhecido:

Ó sages Américains, si, comme je l’ai souvent désiré, j’avais pu cultiver un petit coin de vos vastes forêts et y vivre heureux, je vous serais sans doute inconnu; mais si j’ai pu, en parcourant le monde, mériter le monument d’amitié que vous m’avez élevé dans votre Musée, je bénirai tous les maux que j’ai soufferts!⁹⁰ (SAINT-PIERRE, 1929, p.15).

Esta última declaração expressa o reconhecimento que Saint-Pierre sabia que já tinha alcançado em âmbito internacional, exposto primeiramente pela menção às traduções que ele ouviu falar que *Paul et Virginie* teve e reforça a ideia de que os leitores de Saint-Pierre que tiverem acesso ao conjunto de seus paratextos terão a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o contexto que envolveu a produção e a recepção de suas obras no sistema literário de sua época.

A apresentação feita acima dos paratextos escritos por Saint-Pierre buscou demonstrar sua importância enquanto fonte de informação para os leitores de *Paul et Virginie*, incluídos aqui os leitores do texto de partida e de chegada. Nosso argumento de defesa para que eles sejam incluídos na retradução do romance é a de que eles propiciam um enriquecimento da leitura, fornecendo informações adicionais sobre o contexto de produção da obra, sua recepção, possíveis influências nos sistemas literários, o autor e a processo de composição do romance em si. Pelo nosso posicionamento atual, que valoriza a visibilidade do tradutor e seu papel e intermediador cultural, acreditamos que uma retradução de *Paul et Virginie* deve conter todo o conjunto de seus

⁸⁹ “[...] a metade de cada mês da bela estação”. (SAINT-PIERRE, 1929, p.15).

⁹⁰ “Ó sábios americanos, se, como sempre desejei, tivesse podido cultivar um pequeno canto de suas vastas florestas e viver feliz, eu lhes seria sem dúvida desconhecido; mas se pude, percorrendo o mundo, merecer o monumento de amizade que me concedestes em vosso Museu, eu abençoarei todos os males que sofri”. (SAINT-PIERRE, 1929, p.15).

paratextos. Além disso, assumindo que o tradutor tem também um papel crítico neste processo, defendemos também a criação de um paratexto que traga informações adicionais sobre o autor e a obra, para que o leitor da língua-cultura de chegada tenha também a indicação de outras fontes de pesquisa para aprofundar seus conhecimentos acerca do autor, da obra, e do período de sua produção.

Dando procedimento ao nosso objetivo de mostrar os critérios que fundamentam nossa proposta de retradução do romance apresentaremos no próximo capítulo uma discussão sobre os excertos que classificamos como passagens significantes de *Paul et Virginie*.

Capítulo 3 *PAUL ET VIRGINIE*: CAMINHOS PARA A RETRADUÇÃO

A proposta de retraduzir o clássico *Paul et Virginie* foi feita a partir da concretização de uma realidade fundamental: o gosto pela época de sua produção; a possibilidade de escolher o que traduzir; a liberdade para criar um projeto que trouxesse minhas concepções tradutórias; e o desafio, que não se imaginava tão grande, de compreender na prática o processo envolvido na tradução de um romance. Além disso, o contato com o texto permitiu que se verificasse a existência de várias frentes possíveis de pesquisa que poderão ser desenvolvidas após a conclusão deste trabalho.

A escolha do romance *Paul et Virginie* foi feita inicialmente com base na leitura de uma adaptação da obra feita pela editora CLE para o “francês fácil”. O conhecimento prévio desta história de amor que materializava a virtude de personagens que viviam isolados em uma ilha, desprovidos de luxos e afastados da hipocrisia que cerca o gênero humano, foi a primeira razão que motivou a escolha. A segunda foi ter encontrado quatro traduções brasileiras deste romance, em uma busca feita num *site* de sebos virtuais, o que me permitiria analisar e confrontar diferentes traduções com o texto de partida. Além disso, na leitura da edição definitiva do romance em francês foi possível verificar que dos três paratextos criados por Saint-Pierre sobre sua obra, apenas o primeiro, *Avant Propos*, havia sido traduzido. Este fator aumentou a vontade de propor uma retradução do romance, pois ela seria a primeira a conter todo o conjunto de paratextos da obra. O objeto de pesquisa havia sido definido mas ainda faltava a sistematização de um projeto tradutório e a definição de uma metodologia para a análise das traduções encontradas. Considerando que um trabalho acadêmico está sempre suscetível a mudanças e que o pesquisador sempre encontra novos materiais que se somam à sua pesquisa, no caso desta tese não foi diferente. Em pesquisas posteriores à elaboração deste projeto encontramos outras traduções brasileiras e o *corpus* inicial que continha quatro traduções passou a ser composto por 11. Esse aumento do *corpus* consolidou um percurso de mais de cento e setenta anos de tradução do romance no Brasil e permitiu que se analisassem aspectos como o da *visualização das traduções*, discutido no primeiro capítulo, e exigiu uma reformulação da maneira de abordar os textos traduzidos que, no fim, acabou configurando um recorte a mais para a justificativa da retradução do romance. O caminho foi distinguir as *passagens significantes* do

romance, que se destacam pela presença de figuras de linguagem típicas do texto poético como: a comparação, a personificação, a metáfora e a sinestesia.

Para a constituição de nosso posicionamento teórico nos fundamentamos principalmente na teoria de Antoinette Berman (1995, 2007) e Laurence Venuti (1995). A partir das discussões propostas por estes teóricos, procuramos nos ater à realização de um trabalho pautado em uma *ética* da tradução, que leva em consideração a diferença existente entre as línguas culturas de partida e de chegada e os diferentes modos de recepção de uma obra dentro do novo sistema que pode ser mais bem referenciada se houver a clara posição da visibilidade do tradutor.

Segundo Antoine Berman (2007) a tradução eticamente concebida deve ser marcada pelo desejo de “abrir o estrangeiro ao seu próprio espaço de língua”, respeitando as diferenças linguístico culturais da língua de partida e da língua de chegada, mesmo sabendo que no ato tradutório o tradutor está exposto a uma *sistemática da deformação* que determina “a priori seu desejo de traduzir” (2007, p.45).

Em se tratando do processo tradutório, Berman (2007) enumera 13 deformações⁹¹ que podem ocorrer. Ele acrescenta que o tipo textual pode colaborar para que elas sejam mais claramente vistas e exemplifica que na prosa literária é mais fácil que elas passem despercebidas, pois sua própria natureza suscita às vezes um certo “não controle” de sua escrita” (2007, p.46). Se considerarmos, por exemplo, um poema metrificado e com rimas, facilmente podemos perceber em sua tradução se houve a deformação classificada como “destruição dos ritmos”, mas, no que se refere ao texto em prosa, o olhar do crítico e do tradutor, ao elaborar seu projeto de tradução, ou ao investigar uma tradução realizada, deve se ater a diferentes aspectos para captar características que singularizam os textos. Certamente, ao pensarmos sobre a tradução, temos em mente a conceituação de Venuti (1995), quem pondera que todo texto traduzido passa inevitavelmente por um processo de domesticação. O que importa neste contexto é que o tradutor empreenda

91[...] a clarificação, o alongamento, o enobrecimento e a vulgarização, o empobrecimento qualitativo, o empobrecimento quantitativo, a homogeneização, a destruição dos ritmos, a destruição das redes significantes subjacentes, a destruição dos sistematismos textuais, a destruição (ou a exotização) das redes de linguagem vernaculares, a destruição das locuções e idiotismos, o apagamento das superposições de línguas (BERMAN, 2007, p.48).

uma leitura atenta do texto que se propõe a traduzir e que nesta leitura identifique as *passagens significantes*, entendidas pelo autor como “exemplos estilísticos (no sentido amplo) pertinentes e significativos no original” (BERMAN, 1995, p.70), que contêm *a carga de novidade* do texto, que deverá, na medida do possível, estar presente no texto traduzido.

Em se tratando da proposta de retradução de *Paul et Virginie*, foram identificados 26 trechos descritivos que contêm alguma referencialidade poética. Considerando o significativo número de traduções brasileiras da obra e não pretendendo uma análise exaustiva, nem negatar o trabalho feito pelos tradutores, principalmente porque, como Berman (1995) expõe, é injusto analisar uma tradução sem se reportar ao conjunto de normas que a modelaram, a análise dos trechos destacados das traduções tem como objetivo uma leitura crítica que servirá como base para fundamentar nossas próprias escolhas na transferência destes trechos em língua francesa para o português do Brasil em nossa proposta de retradução de *Paul et Virginie*.

Compreendido que o texto do romance traz passagens com especificações mais poéticas, que merecem um maior cuidado na tradução, também foi preciso refletir sobre outras marcas textuais significativas como: a tradução ou não do nome dos lugares e dos personagens, a pontuação empregada e as formas de tratamento. Para fundamentar essas escolhas, relembramos as palavras de Berman (2007) sobre a importância de se manter a ética na tradução da “letra” do texto, procurando respeitar as estrangeiridades que permitem ao leitor tomar consciência de que está diante de um texto escrito em uma língua diferente da sua.

Para a tradução dos topônimos e dos antropônimos, consultamos as reflexões feitas por Michel Ballard.

Michel Ballard (2001), em suas considerações sobre a tradução de nomes, afirma que “ce signe relève de tout un éventail de traitements dans le transfert de son signifiant”⁹² (p.12), o que acaba gerando reflexões diversas por parte dos tradutores para cada tipo de tradução de nome.

No caso dos sobrenomes, Ballard (2001, p.18) menciona que eles são os que melhor resistem à tradução. Segundo o autor, eles pertencem a uma “ficção clássica” e trazem consigo toda uma referencialidade. Para exemplificar, menciona os casos de “Eugénie

⁹²[...] este signo levanta todo um leque de tratamentos na transferência de seu significante (BALLARD, 2001, p.12).

Grandet” e de “Madame Bovary” (2001, p.18). No caso dos nomes, menciona também uma proximidade já consolidada por textos religiosos. Em alguns casos, há apenas uma diferença na pronúncia e em outros casos há também uma mudança na grafia como em “Alan/Alain” (BALLARD, 2010, p.19). Quando Ballard discorre sobre as razões que em geral causam preocupação aos tradutores, cita o fato de que alguns nomes não possuem “equivalentes” em outra língua, como ocorre com o uso dos diminutivos feito pelos anglo-saxões, que fazem uso de formas como “Eddy” para se referir a “Edward” (2001, p.19), e outros casos em que procuram substituir estes nomes por outros com grafia próxima. O ponto alto, porém, da reflexão de Ballard é a menção ao fato de que antes de se pensar apenas em uma questão de “intraduzibilidade e de acomodação” para a tradução (ou não) dos nomes, é preciso lembrar que eles trazem informações “linguístico culturais” e que optar por manter determinado nome (e mesmo os sobrenomes) como ele se apresenta no texto original é uma maneira de promover “la préservation de l’identité culturelle avec un élément de ‘couleur locale’”⁹³ (BALLARD, 2001, p.20). Ainda refletindo sobre a tradução de nomes, menciona que algumas traduções se justificam quando se trata de um uso que “consiste à traduire un nom emprunté à un personnage historique”⁹⁴ (2001, p.22).

As considerações tecidas pelo autor sobre a tradução dos topônimos segue os mesmos princípios discutidos na tradução dos antropônimos. Há, porém, uma importante observação quando Ballard (2001) coloca que “les noms de lieux à l’interieur des villes [...] ne sont généralement pas traduits”⁹⁵ (p.25) e explica que alguns nomes possuem uma referência cultural muito grande. E, sabendo que, como coloca Ballard,

La traduction des référents culturels est à la fois révélatrice d’un degré de compréhension mutuel entre deux cultures et de la conscience (ou de la conception) qu’a le traducteur de son rôle comme médiateur. Il y a un donné linguistico-culturel qui est fait de spécificités plus ou moins partagées par

⁹³ “[...] a preservação de uma identidade cultural com um elemento de ‘cor local’”. (BALLARD, 2001, p. 20).

⁹⁴ “[...] consiste em traduzir um nome emprestado de um personagem histórico”. (BALLARD, 2001, p.22).

⁹⁵ “[...] os nomes de lugares do interior das cidades [...] geralmente não são traduzidos”. (BALLARD, 2001, p.25).

les publics des deux communautés, et ce donné est l'objet de stratégies qui tantôt se répartissent entre des priorités contrastées (préservation de l'étrangéité des signifiants et explicitation des signifiés) et qui tantôt pratiquent une sorte de transmission négociée⁹⁶. (2001, p.108)

Nossa tradução propõe se desenvolver dentre do princípio da ética, proposto por Berman (2007) e concordo que o tradutor exerce um papel de mediador, buscaremos respeitar as estrangeiridades do texto, para que seja possível manter as “referências culturais” que elas trazem. Para isto, diferentemente das traduções brasileiras existentes, que traduzem o antropônimo e mantêm o sobrenome em francês, em nossa retradução nós mantivemos nomes e sobrenomes em francês. Porém não deixamos em francês os antropônimos consagrados no cenário da literatura mundial, que já estão consolidados em nosso sistema, como Virgílio (Virgile) e nomes de personagens bíblicos e mitológicos, considerando-se também o fato de a origem deles não ser francesa e, portanto, da nomenclatura não ser uma marca de estrangeiridade do romance. Desta maneira, optamos por traduzir esses nomes pelos que já os correspondiam em nosso sistema.

Em relação aos topônimos, também buscamos a correspondência para os nomes que representam lugares reais, como *Ile-de-France*, traduzido por “Ilha de França” (embora atualmente o lugar seja conhecido como Ilha Maurício). No caso de lugares fictícios, alguns foram traduzidos por terem em sua constituição um valor semântico significativo para a obra, como *Rocher des adieux*, traduzido por “Rochedo do adeus”, que foi o nome que Virginie pediu que dessem ao lugar onde ela se despediu de Paul antes de sua viagem para a França.

Sobre a pontuação empregada, tanto no romance quanto nos paratextos, vemos uma grande recorrência ao uso do ponto e vírgula e de períodos longos. Na medida do possível, procuramos respeitar o uso do ponto e vírgula, mas, no caso dos períodos extensos, muitos foram

⁹⁶ A tradução das referências culturais é por vezes reveladora de um grau de compreensão mútuo entre duas culturas e da consciência (ou da concepção) que o tradutor tem de seu papel como mediador. Há um “quê” linguístico-cultural que é feito de especificidades mais ou menos partilhadas pelo público das duas comunidades, e este “quê” é o objeto de estratégias que se repartem entre prioridades contrastadas (preservação da estrangeiridade dos significantes e explicitação dos significados) e a prática de um modo de transmissão negociada. (BALLARD, 2001, p.108).

repointados porque isso deixaria o texto mais coeso para uma leitura em português brasileiro, fato que pode ser entendido como uma adequação às normas do sistema de chegada.

Pensando em uma possível diferença da língua francesa em relação à língua portuguesa, deparamos com uma marca de formalidade representada pela utilização do pronome pessoal *vous*. Em francês, sua utilização reflete um distanciamento no diálogo e pode ser considerada uma forma de respeito, uma diferença de idade, de posição social e sobretudo de falta de intimidade. Em nossa tradução, optamos por substituí-lo pelo pronome de tratamento “senhor”, procurando desta maneira manter um caráter semelhante ao seu uso em língua francesa, já que “vós” causaria um excesso de formalidade e seria utilizar um pronome que caiu praticamente em desuso no português do Brasil.

Outras informações serão referenciadas abaixo, quando apresentamos nossa análise de trechos do romance *Paul et Virginie*.

3.1 O texto descritivo

Philippe Hamon (1981), ao escrever suas considerações sobre o texto descritivo, nos diz que:

Chaque système, chaque genre littéraire institutionnalis   d  fini sans doute la propre norme descriptive, au sein de laquelle l’auteur peut construire ou déconstruire alternativement, selon les impératifs de la propre stylistique, des écarts ou des conformités, la thématisation de l’objet décrit étant sans doute prédéterminée, fortement, à la fois par la thématisation globale du genre et par le traitement des autres composants de l’œuvre (le dialogue, le récit, la chronologie, le montage, les modes préférentiels de groupement des personnages, etc)⁹⁷ (p.94).

97 Cada sistema, cada gênero literário institucionalizado define sem d  vida sua própria norma descritiva, ao seio da qual o autor pode construir ou desconstruir alternadamente, segundo os imperativos de sua própria estilística, as digressões ou as conformidades, a tematiza  o do objeto descrito sendo sem d  vida pré-determinado, fortemente, pela tematiza  o global do gênero e pelo tratamento dos outros componentes da obra (o diálogo, a narrativa, a cronologia, a montagem, os modos preferenciais de agrupamento das personagens etc.) (HAMON, 1981, p.94).

As colocações de Hamon ajudam a repensar a forma adotada por Saint-Pierre na escritura de seu romance *Paul et Virginie*. Como vimos no paratexto *Avant-Propos*, ao falar de sua obra, Saint-Pierre (1958) a denomina como uma “espécie de pastoral”, narrativa marcada pela presença de elementos campestres na composição da espacialidade do romance. Porém, como foi possível analisar, *Paul et Virginie* possui outras características textuais que o levam além da representatividade de ser apenas uma “espécie de pastoral”. As passagens que destacamos como narrativa poética demonstram uma preocupação estilística na elaboração do texto e na criação de um modelo pessoal que reforça outra declaração feita por Hamon acerca do texto descritivo. Em linhas gerais, Hamon coloca que a elaboração de uma poética ou mesmo de uma semiótica do discursivo exigirá um esforço que deve ultrapassar “multiplicité du posé et du présupposé, des genres et des textes”⁹⁸ (1981, p.94). Isso possibilitará que sejam construídos alguns modelos de funcionamento que permitirão que sejam feitas reflexões sobre “les modes d’organisation particuliers de certain textes particuliers”⁹⁹ (1981, p.94). O resultado disto pode ser entendido como a possibilidade de se estudar um texto pensando-se nos elementos que permeiam a forma de construção de seu discurso e o efeito que ela pode causar no leitor e nas escolhas que deverão ser feitas pelo tradutor.

Em se tratando do texto descritivo, Hamon ainda acrescenta que há alguns traços que possibilitam que um sistema seja apreendido como descritivo, tais como “réurrence de certaines types, scènes, certains personnages particuliers, et certaines structures types [...]”¹⁰⁰ (1981, p. 69). Isto porque, para o autor, a descrição deve “multiplier ces signaux auto-référentiels ou métalinguistiques [...]”¹⁰¹ (1981, p. 65), tornando-os notáveis no decorrer do fluxo textual. No caso de *Paul et Virginie*, nas passagens destacadas como narrativa poética, é notável a recorrência ao uso de figuras de linguagem e a repetição de determinadas palavras, em trechos distintos, que muitas vezes são modificadas pelo uso de adjetivos que também se repetem qualificando de forma diferente cada imagem. Quanto aos cenários que se constituem através desta forma textual descritiva, vemos que a incidência maior está nas passagens que

98[...] a multiplicidade do posto e do pressuposto, dos gêneros e dos textos [...] (HAMON, 1981, p. 94).

99 [...] os modos de organização particulares de certos textos particulares (HAMON, 1981, p. 94).

100 [...] recorrência de certas cenas, certos personagens particulares, certos tipos de estrutura (HAMON, 1981, p. 69).

101 [...] multiplicar os sinais autorreferenciais e metalinguísticos (HAMON, 1981, p.65).

falam sobre a natureza, o que, por sua vez, pode também ser analisado do ponto de vista do *portrait*, pela riqueza de detalhes e pela forte constituição imagética que pode se instaurar na imaginação do leitor, como veremos posteriormente na análise destes trechos.

Pensando sob essa perspectiva de inserção de determinados elementos que direcionam a leitura de um texto como descritivo, Hamon ainda afirma que:

le descriptif tend à convoquer en texte des postures de descripteur et de lecteur (de descriptaire) particulières, tend certainement à accentuer et à solliciter prioritairement une certaine compétence linguistique de ce dernier, principalement lexicale [...] le descriptif organise (ou désorganise), de façon privilégiée, la lisibilité de l'énoncé¹⁰² (1981, p.6).

As colocações referenciadas acima levam à reflexão sobre o tipo de relação que o leitor terá com o texto a partir da interação entre o que foi lido e sua própria leitura de mundo. A leitura de um texto que possa ser classificado como descritivo demandará uma organização por parte do leitor que deverá relacionar toda a informação lexical que ele tem à sua aplicação em associação a possíveis significados que ela possa ter na construção total do que é descrito. Essa organização culminará no desenvolvimento do que Hamon (1981) chama de “competência descritiva”, que será constituída a partir de combinações semiológicas, de expansões textuais e pela organização de possibilidades específicas. Aqui veremos, por exemplo, que o uso de determinado vocabulário em uma cena descritiva pode levar a um efeito mais poético, que exigirá do leitor que deixe de considerar apenas seu significado mais direto, permitindo que sua imaginação entre em jogo ao reconstruir a cena descrita. Para ilustrar isso, temos abaixo uma cena de *Paul et Virginie* em que o narrador descreve a personagem Virginie:

Virginie n'avait que douze ans; déjà sa taille était plus qu'à demi formée; de grands cheveux blonds ombrageaient sa tête; ses yeux bleus et ses lèvres

102 [...] o descritivo tende a convocar no texto posturas particulares do descritor e do leitor (descritário), tende certamente a acentuar e a solicitar prioritariamente uma certa competência linguística deste último, principalmente lexical [...] o descritivo organiza (ou desorganiza), de modo privilegiado, a legibilidade do enunciado. (HAMON, 1981, p.6)

de corail brilliaient du plus tendre éclat sur la fraîcheur de son visage: ils souriaient toujours de concert quand elle parlait; mais quand elle gardait le silence, leur obliquité naturelle vers le ciel leur donnait une expression d'une sensibilité extrême, et même celle d'une légère mélancolie¹⁰³. (SAINT-PIERRE, 1958, p. 122).

No trecho acima, vemos que, para descrever a personagem, o narrador insere vocábulos que criam um efeito mais poético no texto. Os cabelos “sombreiam” sua cabeça, os olhos e os lábios, que são de “coral”, “brilham” sobre o “frescor” de sua face. O narrador convida o leitor a uma ressignificação dos vocábulos que utiliza, ativando sua criatividade para construir a imagem da personagem. Temos a presença de figuras de linguagem como a comparação “lábios de coral” e a sinestesia “frescor da face”, que se repetirão em outros trechos descritivos do romance. E isto porque a descrição é:

donc le lieu de la mise en scène de cette confusion, savoir des mots et savoir des choses, le lieu où le lecteur est interpellé dans ce double savoir lexical et encyclopédique, le lieu où est accentuée et actualisée la relation du lecteur au lexique de la langue maternelle, c'est-à-dire à cette composante du langage qui est, peut-être plus que d'autres, l'objet d'un apprentissage systématisé dans les divers protocoles pédagogiques¹⁰⁴. (HAMON, 1981, p.46)

Essas colocações feitas por Hamon também podem ser inseridas dentro do contexto da tradução. Sendo o tradutor o leitor do texto de

103 Virginie não tinha mais que doze anos; sua estatura estava quase formada; grandes cabelos loiros sombreavam sua cabeça; seus olhos azuis e seus lábios de coral brilhavam do mais terno esplendor sobre o frescor de sua face: sempre sorriam juntos quando ela falava; mas se ela guardava o silêncio, sua obliquidade natural em direção ao céu dava-lhe uma expressão de uma sensibilidade extrema, e mesmo de ligeira melancolia (SAINT-PIERRE, 1958, p.122).

104 [...] será portanto o lugar de pôr em cena esta confusão, saber as palavras e saber as coisas, o lugar onde o leitor é interpelado neste duplo saber lexical e enciclopédico, o lugar onde está acentuada e atualizada a relação do leitor com o léxico de sua língua materna, ou seja, deste componente da linguagem que é, mais que outros, o objeto de uma aprendizagem sistematizada nos diversos protocolos pedagógicos (HAMON, 1981, p.46).

partida, deverá, na medida do possível, recriar o mesmo sistema de descrição ao traduzir o texto. Aqui entrará em jogo este acesso à sua “enciclopédia” pessoal e um cuidadoso trabalho de busca de significações para criar na língua de chegada um sistema semelhante ao que está presente na língua de partida do texto.

Pensando na perspectiva ética que deve ser adotada pelo tradutor, lembramo-nos do teórico Mário Laranjeira, que, ao refletir sobre a fidelidade na tradução de um texto poético, diz que ela “será a resultante de um trabalho operado nos níveis semântico, linguístico-estrutural e retórico formal, integrados todos no nível semiótico textual onde se dá a significância” (1993, p.125). No caso específico deste trabalho, a presença de trechos poéticos nos remete ao que Laranjeira detalha sobre a fidelidade estrutural,

chamamos de fidelidade linguístico-estrutural o cuidado que deve ter o tradutor de poemas em preservar ou recuperar, no seu trabalho de reescritura, os jogos de significantes da cadeia original (nos níveis sintático e prosódico das classes morfológicas, léxico, fônico etc) (LARANJEIRA, 1993, p.127).

Em nossa tradução, procuramos valorizar as descrições presentes buscando soluções para manter a amplitude do processo de significação de determinados vocábulos do sistema textual. Contudo, alguns trechos do texto em francês são marcados por assonâncias que não foi possível recriarmos.

Buscando outras relações acerca das enunciações feitas por Hamon (1981) sobre o texto descritivo e sua aplicabilidade ao romance estudado, temos o destaque atribuído ao personagem a partir do século XIX. Hamon nos diz que “la description du milieu est au service du personnage”¹⁰⁵ (1981, p.28). Em nosso estudo, essa afirmação pode ser entendida de duas maneiras. Na primeira, o espaço onde ocorre a narrativa é a consolidação de um “ideal” que Saint-Pierre teve e que ele mesmo enuncia no primeiro paratexto que escreve para a recepção de sua obra, que é o de promover a união entre a beleza da natureza e a beleza moral. A segunda maneira vai se constituindo ao longo da narrativa e se dá pelo fato de sermos levados a perceber a valorização do ambiente descrito. Constantemente, os personagens ornamentavam

105 [...] a descrição do meio está a serviço do personagem (HAMON, 1981, p.28).

ainda mais o local onde se desenvolvia a ação. Tal fato era descrito pelo personagem Vieillard, uma das vozes narrativas do romance, que era quem organizava o texto. É válido ressaltarmos que toda a descrição contida no romance é feita por este personagem. É ele quem insere poeticidade na descrição dos lugares, dos sentimentos e da própria caracterização dos personagens. Este fato é mencionado por Youma Charara que, ao expor sua análise sobre a narrativa poética presente em *Paul et Virginie*, destaca a importância do personagem Vieillard e diz que:

Les discours du vieux sage constituent une légitimation philosophique du récit poétique: ils valorisent constamment cette nature qui est au centre du récit poétique comme thème ou objet de description (le paysage), et comme qualité première du sujet de l'énonciation (homme naturel, non aliéné)¹⁰⁶ (CHARARA, 2010, p.91).

Além disso, a autora ainda acrescenta que o Vieillard é também o porta-voz do pensamento do autor, o qual trabalha seu conhecimento sobre a natureza apresentando-o de forma poética, embora não menos referencial que os cientistas. Sobre essa comparação, é válido ressaltar que o próprio Saint-Pierre, no paratexto *Avis sur cette édition*, que acompanha a edição de 1789 de *Paul et Virginie*, defende-se da crítica de um jornalista que teria dito que quanto mais Saint-Pierre tinha talento para pintar a natureza, menos tinha para conhecê-la:

Les écrivains qui ont le mieux écrit sur un sujet l'ont le mieux connu; et vice versa, ceux qui l'ont le mieux connu ont été les plus capable d'en écrire. C'est ce que montre l'expérience de tous les temps, dans tous les genres¹⁰⁷ (SAINT-PIERRE, 1958, p.105).

106 [...] os discursos do velho sábio constituem uma legitimação filosófica da narrativa poética: valorizam constantemente essa natureza que está no centro da narrativa poética como tema ou objeto de descrição (a paisagem), e como qualidade primeira do sujeito de enunciação (homem natural, não alienado) (CHARARA, 2010, p.91).

107 “[...] os escritores que melhor escreveram sobre um assunto, melhor lhe conheceram; e vice-versa, aqueles que têm o melhor conhecimento foram os mais capacitados para escrever. É o que mostra a experiência de todos os tempos, em todos os gêneros” (SAINT-PIERRE, 1999, p.105).

Saint-Pierre (1958) segue reafirmando a defesa de seu método ao dizer que muitas de suas descobertas, no que se referiam à natureza, ainda não eram de conhecimento dos chamados cientistas.

Essa análise sobre Vieillard reforça a ideia de que o personagem pode ter um valor de legitimação de frentes diversas, como a construção do espaço e a sua caracterização ao ser inserido no centro de um texto descritivo.

Ainda em se tratando das considerações de Hamon (1981), o autor ressalta que a descrição demanda um nível estilístico que é constituído por procedimentos particulares. Dentro deste procedimento, é possível enquadrarmos diferentes tipos textuais que se interpenetram, como o chamado *récit poétique* [narrativa poética] e o *portrait* [retrato], ambos presentes no romance *Paul et Virginie*, como veremos a seguir.

3.1.2 Formas do texto descritivo

Youmna Charara, em seu artigo *Paul et Virginie, récit poétique* (2010), diz existir a possibilidade de uma leitura poética do romance. Lembra a declaração de gênero feita por Saint-Pierre, que diz ter escrito “uma espécie de pastoral” (SAINT-PIERRE, 1958, p.CXLVI) ao se referir à sua obra *Paul et Virginie* e diz haver uma distinção entre o que seria um pastoral e uma narrativa poética. Para defender seu ponto de vista, a teórica afirma que o *récit poétique*, termo consolidado por Jean Yves Tadié na obra *Le récit poétique*, tem uma abordagem superior à do pastoral e diz que muitas obras que antes pareciam ser uma inovação do pastoral ou mesmo da epopeia, foram enquadradas no que posteriormente se convencionou chamar *récit poétique*, cujas características são próprias. Partindo da obra escrita por Tadié (1994), Charara discorre sobre algumas das características que permitem que *Paul et Virginie* seja lido como *récit poétique*.

Pensando sobre a estrutura do *récit poétique*, é importante mencionarmos que o estudo feito por Roman Jakobson (1995) é citado tanto por Tadié (1994) quanto por Charara (2010) em perspectivas que se complementam. Tadié (1994) retoma a discussão de Jakobson em “Linguística e Poética” e formula que o que “une, ou separa, a linguagem falada, a linguagem escrita, a linguagem literária [...] é a dosagem de funções igualmente presentes em todos os lugares, a dos graus, com uma intensidade variável” (TADIÉ, 1994, p.6) e assinala que o mesmo ocorre nos casos de gênero e de técnicas literárias, o que reafirma, portanto, a possibilidade de encontrarmos em *Paul et Virginie*

trechos descritivos que podem ser lidos como *récit poétique*. Já Charara (2010), ao recorrer a Jakobson, evidencia que há no texto elementos que remetem ao que o linguista chama de *função referencial* e de *função poética*. Essa menção reforça a ideia destacada por Tadié (1994) de não haver apenas uma função em um texto, e ainda se enquadra na própria estrutura do romance de Saint-Pierre, no qual dados reais se misturam à imaginação do autor, como, por exemplo, a descrição geográfica de localização do espaço da obra e a descrição o personagem do senhor de La Bourdonnais, cujo nome é o mesmo de um governador da Île-de-France, mas que, enquanto personagem da obra, é uma representação.

Sobre a composição do *récit poétique*, Tadié (1994) discute sobre os personagens, o espaço e o tempo, e afirma que, “Absorbés par la narration, les personnages sont parfois dévorés par le narrateur, lorsqu’il est aussi le protagoniste”¹⁰⁸ (1994, p.9). Em *Paul et Virginie*, como já vimos, é o olhar de Vieillard que organiza o enredo e, na descrição dada de Paul e de Virginie, eles são uma representação da memória do narrador que é quem fornece as informações para que o seu interlocutor do romance (a outra voz narrativa) e os leitores construam suas próprias representações dos personagens. Isso reafirma a colocação de Hamon, de que:

L’effet-personnage d’un texte est donc une construction de plusieurs systèmes descriptifs juxtaposés, cette juxtaposition suggérant un faisceau de relations causales ou d’implications [...] c’est-à-dire le lieu d’une cohérence narrative¹⁰⁹ (1981, p.113).

Em se tratando do espaço, Tadié menciona que “devenu personnage, l’espace a un langage, une action, une fonction, et peut-être la principale; son écorce abrite la révélation”¹¹⁰ (1994, p.10). No caso de *Paul et Virginie*, é na descrição do espaço que encontramos as passagens mais poéticas, que, a nosso ver, muitas vezes podem ser identificadas também sob a forma denominada *portrait*, visto que a

108 “[...] absorvidos pela narração, os personagens são por vezes devorados pelo narrador, quando ele é também o protagonista (TADIÉ, 1994, p.9).

109 “O efeito-personagem de um texto é, portanto, uma construção de muitos sistemas descritivos justapostos, esta justaposição sugerindo o encadeamento de relações causais ou de implicações [...], ou seja, o lugar de uma coerência narrativa” (HAMON, 1981, p.119).

110 “[...] tornado personagem, o espaço tem uma linguagem, uma ação, uma função, e talvez a principal; sua crosta abriga a revelação (TADIÉ, 1994, p.10)”.

forma de descrição empregada parece apresentar aos leitores um retrato que, por toda a riqueza utilizada na construção vocabular, acaba singularizando e levando os leitores à construção de uma imagem única, reafirmando que a descrição é passível de despertar um efeito estético.

No estudo feito por Charara (2010), a autora destaca alguns trechos relacionados à natureza nos quais aparece a repetição de determinados vocábulos com significados comparativos distintos. A autora fala, por exemplo, do “sangue” que representa a vivacidade da coloração de algumas pimentas e que são “mais brilhantes que o coral”¹¹¹ (CHARARA, 2010, p.93) e do próprio vocábulo “coral” que aparece como coloração dos lábios de Virginie, que marcam, em sua leitura, “o paradigma da cor vermelha”¹¹² (2010, p.93).

Para a autora, as descrições de Saint-Pierre “instauram um jogo de contraste entre o realismo da pintura e a desrealização poética”¹¹³ (CHARARA, 2010, p.96). Essa referência à pintura, podemos dizer, marca uma aproximação com uma declaração de Saint-Pierre que, no paratexto que precede a segunda edição de *Paul et Virginie*, disse ter feito um “quadro da natureza” e consolida a possibilidade de que muitas das cenas de *Paul et Virginie* podem ser vistas dentro do que se convencionou chamar *portrait*.

Segundo Jean-Philippe Miraux (2003): “L’écriture du portrait suscite l’intérêt, fait surgir la présence d’un monde de l’ailleurs”¹¹⁴ (p.17) e ela “force son lecteur à tracer lui-même les traits du portrait l’ailleurs”¹¹⁵ (2003, p.18). Em *Paul et Virginie*, este modo de descrição, que demanda uma ressignificação e uma associação de termos por parte do leitor, se torna evidente na descrição de cenas da natureza, como no trecho a seguir:

Il y avait semé des graines d'arbres qui dès la seconde année portent des fleurs ou des fruits, tels que l'agathis, où pendent tout autour, comme les cristaux d'un lustre, de longues grappes de fleurs blanches; le lilas de Perse, qui élève droit en l'air ses girandoles gris de lin; le papayer, dont le tronç

111 “sont plus éclatantes que le corail” (CHARARA, 2010, p.93).

112 “Le paradigme de la couleur rouge” (CHARARA, 2010, p.93).

113 “[...] instaurent un jeu ou un contraste entre réalisme de la peinture et déréalisation poétique (CHARARA, 2010, p.96).

114 “[...] a escritura de um retrato desperta o interesse, faz surgir a presença de um mundo ‘à parte’ [...]”. (MIRAUX, 2003, p.17).

115 “[...] força seu leitor a traçar, ele mesmo, os traços do retrato”. (MIRAUX, 2003, p.18).

sans branches, formé en colonne hérissée de melons verts, porte un chapiteau de larges feuilles semblables à celle du figuier¹¹⁶ (SAINT-PIERRE, 1958, p.109).

A descrição feita pelo autor instaura um jogo de imagens que, ao mesmo tempo em que configura uma representação do espaço para cada leitor, que o constrói em um acesso à sua enciclopédia pessoal, sistematiza uma imagem tão rica em detalhes que permite ao leitor acreditar que está verdadeiramente diante de um “retrato da natureza”. Esta característica remete à explanação feita por Miraux (2003), na qual diz que¹¹⁷:

[...] si l'on combine l'existence d'une encyclopédie spécifique à chaque lecteur et les informations sciemment fournies et triées par l'auteur, il est possible de comprendre que le portrait se fonde sur de complexes rapports entre l'imaginaire individuel, les champs cognitifs qui nous sont propres, et les éléments spécifiquement littéraires proposés par l'œuvre, et disséminées dans ce champ autonome et fictionnel que constitue le roman; et c'est dans ce jeu difficile entre l'extérieur au texte investi dans le roman par le lecteur et l'intérieur au texte imaginariement construit par le créateur que se réalise le phénomène esthétique de réception du portrait (p.52).

116 “Ele havia semeado as sementes das árvores que desde o segundo ano davam flores ou frutos, tais como a ágata, de onde pendia tudo ao redor, como os cristais de um lustre, longos cachos de flores brancas; o lilás da Pérsia, que eleva diretamente ao ar suas girândolas cinzas de linho; o mamoeiro, cujo tronco sem ramos, forma uma coluna eriçada de mamões verdes e possui um capitel de largas folhas semelhantes àquela da figueira (SAINT-PIERRE, 1958, p.109).

117 “[...] se combinamos a existência de uma enciclopédia específica de cada leitor e as informações fornecidas e escolhidas intencionalmente pelo autor, é possível compreender que o retrato se funda sobre complexas relações entre o imaginário individual, os campos cognitivos que nos são próprios, e os elementos especificamente literários propostos pela obra, e disseminados no campo autônomo e ficcional que constitui o romance; e é neste jogo dificultoso entre o que é exterior ao texto e investido no romance pelo leitor e o que é interior ao texto, imaginariamente construído pelo criador, que se realiza o fenômeno estético de recepção do retrato (MIRAUX, 2003, p.62).

A consideração feita por Miraux retoma, em certa medida, aquelas feitas por Hamon (1981), assegurando que no texto descritivo entra em jogo o conhecimento do leitor em associação ao modo que o autor trabalha a linguagem em sua construção textual. Da mesma maneira, reforçamos que aqui é pedida a atenção do tradutor, que deverá se ater ao sistema linguístico utilizado pelo autor ao transpor um texto para a sua língua, buscando adequar sua própria bagagem enciclopédica neste processo de pensar os modos de significação do texto.

Visto isto, partimos para nossas considerações sobre a retradução do romance *Paul et Virginie*, que serão marcadas pela discussão das escolhas feitas na retradução dos trechos classificados como narrativa poética e, por conseguinte, como conjunto de *portraits*.

3.2 PAUL E VIRGINIE: TRADUÇÃO DOS TRECHOS DESCRITIVOS

Como mencionado anteriormente, na retradução de *Paul et Virginie* deparamos com trechos que apresentam elementos caracterizados como figuras de linguagem, a saber: a metáfora, a comparação e a sinestesia. Tais elementos permitem que seja feita uma leitura mais descritiva de alguns trechos, colaborando para a construção do espaço onde se exalta a natureza e para a adequação dos próprios personagens a este espaço. A maior parte destes trechos é construída de forma tal que um elemento de comparação (“comme, de plus, la plus grande, mois”) é inserido em um período de forma direta apenas para singularizar um significado. Em outros casos, temos trechos tão ricos em detalhes que é possível vislumbrar a criação de uma imagem ao lermos sobre sua descrição. Classificamos estes trechos como narrativa poética, e, nesta narrativa poética, alguns formam o que denominamos “retrato”. Veremos abaixo a inserção de algumas destas figuras de linguagem.

3.2.1 As figuras de linguagem em *Paul et Virginie*

Quanto às figuras de linguagem presentes no romance *Paul et Virginie*, vemos com mais frequência a *comparação*, marcada em francês pelo uso dos vocábulos “comme”, “de plus”, “la plus grande”, “moins”. Segundo Pierre Fontanier, a comparação:

consiste à rapprocher un objet d'un objet étranger, ou de lui-même, pour en éclaircir, en renforcer, ou en relever l'idée par les rapports de convenance ou de disconvenance: ou, si l'on veut, de ressemblance ou de différence¹¹⁸ (1977, p.377).

O autor ainda acrescenta que a comparação “peut contribuer infiniment à la beauté du discours”¹¹⁹. E, no caso em que a comparação tem um “sujeito” como objeto, Fontanier enumera algumas características que são viáveis para a formação desta figura de linguagem no referido contexto:

[...] qu'elle soit juste et vraie, non dans tous les rapports quelconques, mais dans ceux qui lui servent de fondement; [...] que l'objet dont elle est tirée soit plus connu que celui qu'on veut faire mieux connaître; [...] qu'elle présente à l'imagination quelque chose de neuf, d'éclatant, d'intéressant; [...] que les rapports en soient imprévus et frappants, en même temps que sensibles et aisés à apercevoir¹²⁰. (FONTANIER, 1977, p.379)

Para ilustrar a presença da comparação no romance *Paul et Virginie*, escolhemos quatro excertos que apresentamos abaixo¹²¹. O primeiro quadro contém o trecho em francês da obra e a nossa tradução; o segundo traz os excertos das traduções brasileiras. É conveniente lembrarmos aqui que, seguindo a linha teórica proposta por Berman (1995), não é nossa intenção fazer uma crítica negativa das traduções precedentes. Nos casos em que alguns dos excertos apresentarem escolhas bastante distintas, elas serão evidenciadas e analisadas em

118 “[...] consiste em aproximar um determinado objeto de um objeto estrangeiro, ou dele mesmo, para esclarecer, reforçar, ou retomar uma ideia por meio do discurso de conveniência ou de inconveniência: ou, ainda, de semelhança ou diferença” (FONTANIER, 1977, p.377).

119 “[...] ela pode contribuir infinitamente com a beleza do discurso”. (FONTANIER, 1977, p. 379).

120 “[...] que ela seja justa e verdadeira, não em todos os aspectos, mas naqueles que lhe servem de fundamento; [...] que o objeto do qual ela é tirada seja mais conhecido que aquele que se quer fazer conhecer; [...] que ela apresente à imaginação alguma coisa de novo, de brilhante, de interessante; [...] que as associações sejam imprevisas e surpreendentes, e ao mesmo tempo sensíveis”. (FONTANIER, 1977, p. 379-380).

121 Lembramos aqui que os quadros desenvolvidos neste trabalho seguem o modelo criado por Marie-Hélène C. Torres (2004).

comparação com o texto de partida e mesmo com as demais traduções apenas pela tentativa de se compreender a diferença na formação e reprodução possível da imagem contida no texto em francês.

No primeiro exemplo, temos uma passagem em que o narrador explica ao seu interlocutor uma possível razão para o desejo de isolamento das personagens Marguerite e Madame de la Tour:

Quadro 1 Exemplo 1 de *comparação* - Texto em Francês e Retradução 2014

1958	2014 – Retradução
C'est un instinct commun à tous les êtres sensibles et souffrants de se réfugier dans les lieux les plus sauvages et les plus déserts ; comme si des rochers étaient des remparts contre l'infortune, et comme si le calme de la nature pouvait apaiser les troubles malheureux de l'âme. p112-113	É um instinto comum a todos os seres sensíveis e sofredores se refugiar nos lugares mais selvagens e mais desertos ; como se as rochas fossem baluartes contra o infortúnio, e como se a calma da natureza pudesse apaziguar os conflitos lastimáveis da alma.

No excerto acima, vemos que a comparação atua para consolidar o tipo de refúgio buscado pelas almas sofredoras. Há uma relação de proteção criada por condições da natureza, o refúgio propiciado por lugares mais afastados, que parece ser capaz de aliviar as dores de um sofrimento. Na escolha do vocabulário destacado, temos uma tradução bastante próxima do texto em francês, marcada pelo uso de termos que acreditamos que estejam em ligação semântica direta. Contudo, algumas das escolhas feitas pelos tradutores permitem uma leitura que se amplia de outras formas. A escolha do vocábulo “agreste”, presente em algumas das traduções, por exemplo, embora não seja uma tradução tão direta (entendendo-se aqui por direta a escolha de um vocábulo cognato), permite um entendimento mais geral se tivermos em mente todo o conjunto da obra. Isso porque a ideia contida em “agreste” pode imprimir uma sensação de terreno “árido”, embora selvagem também esteja entre suas significações; segundo o dicionário Houaiss, esta aridez é condizente com a descrição do narrador de que as personagens não procuraram na ilha os melhores terrenos. Elas tornaram cultivável um solo pobre, que apresentava adversidades para a agricultura.

Quadro 2 Exemplo 1 de *comparação* - Texto em Francês e Traduções Brasileiras do século XX

1958 – francês	1811 – 2008
C'est un instinct commun à tous les êtres sensibles et souffrants de se réfugier dans les lieux les plus sauvages et les plus déserts;	É um instinto comum a todos os entes sensíveis e sofredores, o de refugiar-se nos lugares mais agrestes e desertos ; como se

comme si des rochers étaient des remparts contre l'infortune, et comme si le calme de la nature pouvait apaiser les troubles malheureux de l'âme. p.112-113	uns rochedos pudessem servir de muralha contra a desgraça , e como se o sossego da natureza pudesse aplacar as infelizes perturbações da alma. p.71
1906	1913
É um instinto comum a todos os entes sensíveis e sofredores de refugiar-se nos lugares mais agrestes e mais desertos , como se alguns rochedos fossem trincheiras contra o infortúnio, e como se o socego da natureza pudesse aplacar as perturbações desgraçadas da alma. p.8	E' instinto vulgar em todos os sêres sensíveis e soffredôres, abrigarem-se nos sítios mais retirados e agrestes , como se os rochedos fossem baluartes contra o infortunio e como se a quietude da Natureza pudesse afugentar as amarguras das almas desventuradas. p.5
1941	1943
É instinto vulgar em todos os sêres sensíveis e sofredores abrigaram-se [sic] nos sítios mais retirados e agrestes , como se os rochedos fossem baluartes contra o infortúnio e como se a quietude da Natureza pudesse afugentar as amarguras das almas desventuradas. p. 5	É instinto comum a todos os entes sensíveis que sofrem, o refugiar-se nos lugares mais agrestes e mais desertos ; como se os rochedos fossem baluartes contra o infortúnio, e como se a quietude da natureza pudesse apaziguar os infelizes desassossegos da alma. p. 10
1965	1986
Há uma tendência geral em todos os espíritos que sente e que sofrem a refugiarem-se nos locais mais ínvios e mais desertos , como se as penedias fôssem defesa para as desditas e como se o recesso da natureza pudesse mitigar as angústias da alma. p. 21	É instinto comum a todos os entes sensíveis que sofrem, o refugiar-se nos lugares mais agrestes e mais desertos ; como se os rochedos fossem baluartes contra o infortúnio, e como se a quietude da natureza pudesse apaziguar os infelizes desassossegos da alma. p.8
1988	Edição sem data Aurora
É um instinto comum a todos os seres sensíveis e sofredores o de se refugiarem nos lugares mais selvagens e mais desertos , como se rochedos fossem baluartes contra o infortúnio, e como se a calma da natureza fosse capaz de apaziguar os tormentos da alma. p.9	Refugiar-se nos lugares mais silvestres e mais desertos é um instinto comum a todos os seres sensíveis e sofredores, como se rochedos fossem proteção contra o infortúnio e a paz da natureza acalmasse as perturbações dolorosas da alma. p.11
Edição sem data irmãos Garnier	
É um instinto comum a todos os entes sensíveis e sofredores, de refugiar-se nos lugares os mais agrestes e os mais desertos ; como se alguns rochedos fossem antemuraes contra a desgraça, e como se o socego da natureza pudesse aplacar as perturbações desgraçadas da alma. p. 13	

O segundo e o terceiro exemplos são excertos que apresentam características dos personagens principais do romance, Virginie e Paul. No segundo exemplo temos a coloração dos lábios de Virginie, “de coral”, excerto mencionado anteriormente quando discutimos a visão de Youmma Charara (2010) sobre a possibilidade de leitura do romance

como *récit poétique*. Das descrições contidas nesse excerto, temos a harmonia entre os “olhos azuis” de Virginie e seus “lábios de coral”, que vão além de uma simples descrição visto que eles expressam uma interpretação do narrador ao descrever o efeito que atingem quando a personagem “se expressa oralmente ou quando guarda o silêncio”. Do ponto de vista do que discutimos sobre o *portrait*, não se vê na descrição que segue, e mesmo na descrição seguinte sobre o personagem Paul, a possibilidade da construção de uma imagem mais “real”, visto que os traços apresentados induzem uma interpretação de características objetivas dos personagens. Em outras palavras, será a imaginação de cada leitor que construirá a própria imagem dos personagens, visto que são descritos com mais poeticidade (entendo-a aqui como traços de uma descrição não exata, não palpável) do que com traços pertinentes para a criação de uma imagem descritiva no sentido de detalhes de interpretação mais singular como simples “olhos azuis e cabelos loiros”.

Quadro 3 Exemplo 2 de *comparação* - Texto em Francês e Retradução 2014

1958	2014 – Retradução
<p>Virginie n'avait que douze ans; déjà sa taille était plus qu'à demi formée; de grands cheveux blonds ombrageaient sa tête; ses yeux bleus et ses lèvres de corail brillaient du plus tendre éclat sur la fraîcheur de son visage: ils souriaient toujours de concert quand elle parlait; mais quand elle gardait le silence, leur obliquité naturelle vers le ciel leur donnait une expression d'une sensibilité extrême, et même celle d'une légère mélancolie. p.122</p>	<p>Virginie não tinha mais que doze anos; sua estatura estava quase formada; grandes cabelos loiros sombreavam sua cabeça; seus olhos azuis e seus lábios de coral brilhavam do mais terno esplendor sobre o frescor de seu rosto: eles sempre sorriam juntos quando ela falava; mas se ela guardava o silêncio, sua obliquidade natural, em direção ao céu dava-lhe uma expressão de uma sensibilidade extrema, e mesmo de uma ligeira melancolia.</p>

No que tange às escolhas feitas pelos tradutores das traduções brasileiras nos chamam atenção as traduções de 1913 e 1941, respectivamente. Elas apresentam uma notável variação se as compararmos ao texto em francês e mesmo às outras traduções brasileiras, incluindo a nossa retradução. Temos no trecho que revela as características expressas pelos olhos e pelos lábios da personagem Virginie, em seu estado de fala e em seu estado de silêncio, uma mudança significativa. É o rosto de Virginie que se modifica conforme seu estado e não a expressão formada por seus olhos e por seus lábios: “possuía compridos e bastos cabellos louros, os olhos azues, os labios coralinos sempre dispostos a um sorriso. Falando, o seu rosto era muito expressivo; quando se calava tornava-se docemente” (SAINT-PIERRE, 1913, p.15).

Quadro 4 Exemplo 2 de *comparação* - Texto em Francês e Traduções Brasileiras do século XX

1958 –francês	1811 – 2008
<p>Virginie n'avait que douze ans; déjà sa taille était plus qu'à demi formée; de grands cheveux blonds ombrageaient sa tête ; ses yeux bleus et ses lèvres de corail brillaient du plus tendre éclat sur la fraîcheur de son visage: ils souriaient toujours de concert quand elle parlait; mais quand elle gardait le silence, leur obliquité naturelle vers le ciel leur donnait une expression d'une sensibilité extrême, et même celle d'une légère mélancolie. p.122</p>	<p>Virgínia não tinha mais que doze anos e já seu corpo começava a tomar forma; longos cabelos louros assombrevavam sua cabeça; os olhos azuis e os lábios de coral esplendiam com suavidade sobre o frescor de seu rosto. Eles sorriam sempre quando ela falava; mas, quando guardava silêncio, sua obliquidade natural para o céu lhes dava a expressão de uma sensibilidade extrema, e também a de uma leve melancolia. p.76</p>
1906	1913
<p>Virginia não tinha mais de doze anos: já sua estatura estava quasi formada; seus grandes cabelos louros ornavam sua cabeça; seus olhos azues e seus labios de coral brilhavam com o mais suave esplendor sobre a fresquidão de seu rosto. Eles sorriam sempre de concerto quando ella falava; mas quando guardava o silencio, a sua obliquidade natural para o Céu lhes dava a expressão não só de uma sensibilidade extrema, como a de uma leve melancolia.p.17</p>	<p>Virginia tinha doze annos e já era alta e a physionomia completa: possuía compridos e bastos cabellos louros, os olhos azues, os labios coralinos sempre dispostos a um sorriso. Falando, o seu rosto era muito expressivo; quando se calava tornava-se docemente pensativo e meigamente concentrado. p.15</p>
1941	1943
<p>Virginia tinha doze anos e já era alta e a sua fisionomia completa; possuía compridos e bastos cabelos loiros, os olhos azues, os lábios coralinos sempre dispostos a um sorriso. Falando, o seu rosto era muito expressivo; quando se calava tornava-se êle docemente pensativo e meigamente concentrado. p.10-11</p>	<p>Virginia tinha apenas doze anos e já a sua estatura ia em mais de metade do seu completo desenvolvimento; compridos cabelos louros aureolavam-lhe a cabeça; seus olhos azues e os lábios de coral brilhavam com terníssima suavidade, quando falava seus olhos pareciam sorrir, quando, porem, se conservava silenciosa, a sua natural obliquidade para o céu dava-lhes uma expressão de extrema sensibilidade, e também de leve melancolia. p.22-23</p>
1965	1986
<p>Virgínia tinha doze anos e a sua estatura era já meio formada. Compridos cabelos loiros cingiam-lhe a cabeça e os olhos dum azul-celeste e os lábios dum rubor coralino brilhavam deslumbrantemente na mimosa frescura de suas faces. Quando falava, olhos e lábios sorriam, mas quando estava calada, o pendor natural daqueles para o céu dava-lhe expressão sentimental e um pouco melancólica. p.31</p>	<p>Já aos doze anos Virgínia atingia a altura quase perfeita; compridos cabelos loiros cobriam a sua cabeça; os olhos azuis e lábios de coral brilhavam ternamente no rosto viçoso e sorriam sempre quando ela falava, porém quando ela ficava em silêncio, naturalmente voltado o olhar para o céu, dava-lhe expressão de uma extrema sensibilidade e até de uma leve melancolia. p.16</p>

1988	Edição sem data Aurora
Virgínia contava apenas doze anos; já se achava quase inteiramente desenvolvida; tinha cabelos louros e compridos; os olhos azuis e os lábios de coral ostentavam o mais suave brilho na doçura de seu rosto; seus olhos sorriam sempre juntos quando ela falava, mas, quando se mantinha em silêncio, sua obliquidade natural, voltada para o céu, imprimia-lhes uma expressão de extrema sensibilidade, e mesmo de uma leve melancolia. p.17	Virgínia tinha apenas doze anos e já a sua estatura ia em mais de metade do seu completo desenvolvimento; compridos cabelos louros aureolavam-lhe a cabeça; seus olhos azues e os lábios de coral brilhavam com terníssima suavidade, quando falava seus olhos pareciam sorrir, quando, porém, se conservava silenciosa, a sua natural obliquidade para o céu dava-lhes uma expressão de extrema sensibilidade, e também de leve melancolia. p.17
Edição sem data irmãos Garnier	
Virgínia não tinha mais de dez anos; já sua estatura estava quase formada; seus grandes cabelos louros ornavão sua cabeça; seus olhos azues e seus lábios de coral brilhavam com o mais suave esplendor sobre a fresquidão de seu rosto. Elles sorrião sempre de concerto quando ella fallava; mas quando guardava o silencio, a sua obliquidade natural para o Céu lhes dava a expressão de uma sensibilidade extrema, e tambem a de uma certa melancolia. p. 29-30	

O terceiro exemplo, conforme mencionado, é um excerto onde temos descritas características do personagem Paul. Assim como ocorreu com o excerto anterior, neste também o narrador utiliza-se de características poéticas em sua descrição, criando uma impressão pessoal em cada leitor do romance. A descrição dos “olhos” volta a ter a representação não “objetiva”. Sozinhos, eles teriam certa “altivez”, mas os cílios, que os preenchem e os contornam como pincéis, atenuam essa altivez e lhe propiciam a maior doçura.

Quadro 5 Exemplo 3 de *comparação* - Texto em Francês e Retradução 2014

1958	2014 – Retradução
Pour Paul, on voyait déjà se développer en lui le caractère d'un homme au milieu des grâces de l'adolescence. Sa taille était plus élevée que celle de Virginie, son teint plus rembruni, son nez plus aquilin, et ses yeux, qui étaient noirs, auraient eu un peu de fierté, si les longs cils qui rayonnaient autour comme des pinceaux ne leur avaient donné la plus grande douceur. p.122-123	Quanto a Paul, víamos se desenvolver nele o caráter de um homem em meio às graças de adolescente. Era mais alto que Virginie, sua pele mais bronzeada, seu nariz mais aquilino, e seus olhos, que eram pretos, teriam um pouco de altivez se os longos cílios que preenchiam seu contorno como pincéis não lhe dessem uma grande doçura.

Como podemos verificar nas traduções a seguir, há uma grande disparidade na escolha dos tradutores. Na tradução de 1943, “as

pestanas que velam ligeiramente os olhos dão-lhes muita doçura em vez de atenuarem a altivez dos olhos dele”; na tradução de 1965, as pestanas disfarçam “completamente” a altivez revelada pelos olhos de Paul; na de 1986, os “cílios” dão “maior suavidade” à “leve altivez dos olhos” de Paul; na tradução de 1988, os “compridos cílios” trazem “maior doçura aos olhos” e se não fosse por eles “teriam parecido um tanto atrevidos”; na tradução da editora Aurora, além dos olhos pretos apresentarem “uma certa altivez”, as “compridas pestanas” velavam-nos e “davam-lhe muita doçura”. Em nenhuma das traduções mencionadas é mantida a imagem dos cílios como “pincéis”; apenas as traduções de 1906, a tradução sem data da Editora Garnier e a tradução-atualização de 2008 mantêm essa informação.

Quadro 6 Exemplo 3 de *comparação* - Texto em Francês e Traduções Brasileiras do século XX

1958 – francês	1811 – 2008
<p>Pour Paul, on voyait déjà se développer en lui le caractère d’un homme au milieu des grâces de l’adolescence. Sa taille était plus élevée que celle de Virginie, son teint plus rembruni, son nez plus aquilin, et ses yeux, qui étaient noirs, auraient eu un peu de fierté, si les longs cils qui rayonnaient autour comme des pinceaux ne leur avaient donné la plus grande douceur. p.122-123</p>	<p>Quanto a Paulo, viam-se já nele o caráter de um homem em meio às graças da adolescência. Era mais alto que Virgínia, sua tez, mais tostada, seu nariz, mais aquilino, e seus olhos, que eram pretos, teriam tido mais vivacidade se as longas pestanas que raiavam à roda como pincéis não os tivessem dotado de maior doçura. p.76</p>
1906	1913
<p>Quanto a Paulo, via-se já desenvolver n’elle o caracter de um homem no meio das graças da adolescencia. Sua estatura era mais alta que a de Virginia, sua tez mais morena, o nariz mais aquilino, e seus olhos que eram pretos teriam tido a maior agudeza se as longas pestanas, que raiavam á roda como pinceis, não lhes tivessem dado a maior doçura. p.17</p>	<p>Paulo já era tambem um homem. O caracter apparecia lhe formado por entre as graças da adolescencia. De maior estatura do que Virginia, era trigueiro, nariz aquilino e olhos negros, cuja expressão d’orgulho era atenuada pelos longos cílios que os debruavam moderando-lhes a luz. p.15</p>
1941	1943
<p>Paulo já era, também, um homem. O caráter apparecia lhe formado por entre as graças da adolescência. De maior estatura do que Virginia, era trigueiro, nariz aquilino e olhos negros, cuja expressão de orgulho era atenuada pelos longos cílios que os debruavam moderando-lhes a luz. p.10-11</p>	<p>Quanto a Paulo, já nele se via desenvolver o caráter do homem por entre as graças da adolescência. Era mais alto que Virgínia, a tez mais carregada, o nariz mais aquilino, e os olhos, que eram pretos, apresentavam uma certa altivez, e as compridas pestanas que, velando-os ligeiramente, davam-lhe muita doçura. p. 22-23</p>
1965	1986
<p>Por seu lado, Paulo revelava já os característicos de seu sexo por entre as graças do adolescente. Era mais alto e menos</p>	<p>Quanto a Paulo, já via desenvolver o caráter de homem entre as graças da adolescência. Mais alto do que Virgínia, de tez mais</p>

branco do que Virgínia, tinha o nariz aquilino e nos seus olhos negros revelava-se certa altivez que as longas pestanas disfarçavam completamente. p.31	bronzeadas, nariz mais aquilino e olhos negros, com uma leve altivez se os longos cílios que os cercavam, como feixes de luz, não dessem maior suavidade. p.16
1988	Edição sem data Aurora
Quanto a Paulo, já via nele formar-se o caráter de um homem, entre a graciosidade da adolescência. Era mais alto que Virgínia, a sua tez mais morena, o nariz mais aquilino, e os olhos, que eram negros, teriam parecido um tanto atrevidos, se os compridos cílios que os rodeavam não lhes tivessem trazido maior doçura. p.17-18	Quanto a Paulo, já nele se via desenvolver o caráter do homem por entre as graças da adolescência. Era mais alto que Virgínia, a tez mais carregada , o nariz mais aquilino, e os olhos, que eram pretos, apresentavam uma certa altivez, e as compridas pestanas que, velando-os ligeiramente, davam-lhe muita doçura. p.17
Edição sem data irmãos Garnier	
Quanto a Paulo, via-se já desenvolver nelle o caracter de um homem no meio das graças da adolescencia. Sua estatura era mais alta que a de Virgínia, sua tez mais morena , seu nariz mais aquilino, e seus olhos que são pretos terião tido a maior agudeza, se as longas pestanas, que raiavão á roda como pinceis, não lhes tivessem dado a maior doçura. p.30	

O quarto excerto também apresenta uma descrição da personagem Virginie, mas na visão que o narrador atribui a Paul. Trata-se de um excerto em que, dirigindo-se diretamente a Virginie, Paul lhe diz o quanto ela significa para ele e lhe atribui uma série de elogios que se constroem em comparação com elementos da natureza, como o céu, e com animais que têm características especiais, como os bengalis, cujo canto tem reconhecida notoriedade. No que se refere à figura da comparação, as escolhas do autor refletem o exposto por Fontanier (1977) e apresentam uma comparação com elementos conhecidos: “o céu” e o “canto” de um pássaro. Considerando que no romance a natureza está presente em quase todas as páginas, com essa aproximação o autor materializa a realidade vivida pelos personagens. Até o presente momento da narrativa, a Ilha-de-França é o único lugar que Virginie conhece e isso permite que ela veja toda a grandiosidade manifestada nestas comparações.

Quadro 7 Exemplo 4 de *comparação* - Texto em Francês e Retradução 2014

1958	2004 – Retradução
L'azur du ciel est moins beau que le bleu de tes yeux; le chant des bengalis, moins doux que le son de ta voix. p.156	O azul do céu é menos belo que o azul dos seus olhos; o canto dos bengalis, menos doce que o som da sua voz.

Nas traduções brasileiras, chama a atenção a escolha presente nas traduções de 1913 e na de 1941. Aqui o azul do céu deixa de ser “menos belo” ou “não tão belo quanto” o azul dos olhos de Virginie e seus olhos passam a “refletir” este azul. Temos também uma inversão na ordem da segunda comparação e é o timbre da voz de Virginie que é posto como figura de comparação, sendo “mais meigo” que o canto dos pássaros.

Quadro 8 Exemplo 4 de *comparação* - Texto em Francês e Traduções Brasileiras do século XX

1958 – francês	1811 – 2008
L'azur du ciel est moins beau que le bleu de tes yeux; le chant des bengalis, moins doux que le son de ta voix. p.156	O azul do céu é menos belo que o azul de teus olhos; o cantar das bengalinhas menos belo que o som da tua voz. p. 95
1906	1913
O azul do céu é menos bello que o azul de teus olhos; o cantar das bengalinhas menos doce que o som da tua voz. p.46	O teu olhar azul reflecte o azul do céu, e o timbre da tua voz é mais meigo do que o trinado dos bengalis. p.50
1941	1943
O teu olhar azul reflete o azul do céu e o timbre da tua voz é mais meigo do que o trinado dos bengalis. p.29	O azul do céu é menos belo do que o dos teus olhos, o canto dos bengalis, menos suave do que o som da tua voz. p.67
1965	1986
O azul do céu não é tão belo como o do teus olhos. O canto do tendilhão é menos suave do que a tua voz. p.66	O azul do céu é menos belo do que o dos seus olhos; o gorjeio dos bengalis, menos suave do que a sua voz. p.34
1988	Edição sem data Aurora
O azul do céu não é tão belo quanto o azul de seus olhos; o canto dos bengalis é menos melodioso do que o som da sua voz. p.42	O azul do céu, menos belo do que o dos teus olhos, o canto dos bengalis, menos suaves [sic] que o som da tua voz. p.47
Edição sem data irmãos Garnier	
O azul do céu é menos bello que o azul de teus olhos; o cantar das bengalinhas menos bello que o som da tua voz. p.84	

3.2.2 Configurações da descrição em *Paul et Virginie*

Nos excertos que se seguem, temos passagens mais descritivas, nas quais deparamos com a figura de linguagem conhecida como *personificação* e com uma possibilidade de leitura mais poética da narrativa. Aqui entra em jogo a discussão tecida a partir da conceituação de Hamon (1981) sobre cada texto criar sua própria norma descritiva. No caso deste romance de Saint-Pierre, foi possível verificarmos a repetição de determinados vocábulos em passagens distintas. Essa recorrência pode contribuir para que se crie no leitor uma imagem mais completa do cenário, com sua geografia montanhosa, suas diversas

fontes de água, como os rios, as cascatas e o mar, os sons que se espalham no espaço de diversas maneiras, como o som de animais ou os trazidos pelo vento ou pelas águas. Tendo entendido que a repetição destes vocábulos singulariza o repertório poético de Saint-Pierre, sempre que havia a possibilidade de se traduzir as palavras por cognatos em língua portuguesa, optamos por fazê-lo. No caso da palavra francesa “mugissant”, que aparece em quatro passagens do romance, como exposto na tabela abaixo, optamos por derivar os termos da nossa tradução do verbo “bramir”, que tem entre os seus significados, segundo o dicionário Houaiss, os de “produzir grande e impressionante ruído; ribombar, retumbar; gritar colericamente, vociferar; exclamar, bradar”.

Quadro 9 Exemplo 1 de *personificação* - Texto em Francês e Retradução 2014

1958	2014
[...] grandes volutes écumeuses et mugissantes [...] p.150	[...] suas grandes espumas bramidoras [...].
Les troupeaux abattus sur les flancs des collines, le cou tendu vers le ciel, aspirant l'air, faisaient retentir les vallons de tristes mugissements. p.158-159	Os rebanhos abatidos sobre a encosta das colinas, o pescoço esticado para o céu, aspirando o ar, faziam ecoar tristes bramidos nos vales.
[...] et l'entrée de ce vallon, une écluse par où sortaient pêle-mêle avec les eaux mugissantes les terres, les arbres et les rochers. p.160-161	[...] e a entrada deste vale, uma represa de onde saíam desordenadamente com as águas bramidoras as terras, as árvores e as rochas.
Chaque lame qui venait briser sur la côte s'avancait en mugissant jusqu'au fond des anses. p.222-223	Cada onda que vinha quebrar sobre a costa avançava bramindo até o fundo das enseadas.

Dito isto, recorremos mais uma vez a Fontanier para definir a personificação, que para ele consiste em fazer “d’un être inânime, insensible, ou d’un être abstrait et purement idéal, un espèce d’être réel et physique, doué de sentiment et de vie”¹²² (1977, p.111). No caso do romance *Paul et Virginie*, a personificação suaviza e, por vezes, responsabiliza elementos da natureza.

O primeiro excerto é um dos trechos em que o autor discorre sobre os eventos provocados pela natureza que devastam a Ilha-de-França e destroem o sítio onde Paul e Virginie habitam. Comparando o trecho abaixo aos demais que se encontram em anexo neste trabalho, é possível perceber que vocábulos como “affreux, torrentes, écumeux e mugissantes” se repetirão expressando talvez a preferência semântica de

122 “[...] de um ser inanimado, insensível, ou de um ser abstrato e puramente ideal, uma espécie de ser real e físico, dotado de sentimento e de vida” (FONTANIER, 1977, p.111).

Saint-Pierre utilizada na construção das imagens descritas no romance. No que se refere ao trecho especificamente, chama atenção a inserção de variados elementos de relevo sobre os quais se aplica a ação dos vapores que se elevaram do oceano e “cobriram toda a ilha como um vasto parasol”. Seus efeitos são sentidos no cume das montanhas, nos bosques, nas planícies, nos vales e no fundo da bacia. Essa preocupação em situar os diferentes lugares que foram atingidos por esse evento da natureza remete a já mencionada declaração de Saint-Pierre na qual o autor diz ser nova a arte de descrever a natureza (ao escrever “*Voyage à Île de France*”) e discorre sobre as diversas formas sob as quais uma montanha pode se apresentar. Ao inserir neste trecho tantas variedades do relevo que foi atingido por esse efeito da natureza, o autor contribui para a indução de uma possível pretensão de verossimilhança e, certamente, para reafirmar seu exímio conhecimento dos acidentes geográficos.

Quadro 11 Exemplo 1 de *personificação* - Texto em Francês e Retradução 2014

1958	2014 – Retradução
<p>Cependant ces chaleurs excessives élevèrent de l’océan des vapeurs qui couvrirent l’île comme un vaste parasol. Les sommets des montagnes les rassemblaient autour d’eux, et de longs sillons de feu sortaient de temps en temps de leurs pitons embrumés. Bientôt des tonnerres affreux firent retentir de leurs éclats les bois, les plaines et les vallons; des pluies épouvantables, semblables à des cataractes, tombèrent du ciel. Des torrents écumeux se précipitaient le long des flancs de cette montagne: le fond de ce bassin était devenu une mer; le plateau où sont assises les cabanes, une petite île; et l’entrée de ce vallon, une écluse par où sortaient pêle-mêle avec les eaux mugissantes, les terres, les arbres et les rochers. p.160-161</p>	<p>Todavia estes calores excessivos elevaram do oceano vapores que cobriram a ilha como um vasto guarda-sol. As copas das montanhas os reuniam em torno delas, e longos sulcos de fogo saíam de tempos em tempos de seus picos enevoados. Logo os trovões horrendos fizeram repercutir seus clarões nos bosques, nas planícies e nos vales; chuvas apavorantes, parecidas com cataratas, tombavam do céu. Torrentes espumosas se precipitavam ao longo dos flancos desta montanha: o fundo desta bacia virou um mar; o planalto onde estão assentadas as cabanas, uma pequena ilha; e a entrada deste vale, uma represa de onde saíam desordenadamente com as águas bramidoras, as terras, as árvores e as rochas.</p>

Como é possível observarmos, as traduções brasileiras mantêm a variabilidade do vocabulário geográfico apresentado pelo autor: “montanhas, bosques, planícies, vales...”. Ainda no que se refere ao vocabulário, considerando-se a repetição do vocábulo “mugissantes” em trechos do romance de Saint-Pierre, nas traduções brasileiras ele apresenta algumas variações. As águas, caracterizadas por este vocábulo, são “águas estrepitosas”, “águas bramidoras”, “águas” que saem “gemendo”, “águas mugidoras”, “águas tumultuantes” e “águas

barulhentas”. Dos períodos em que estes trechos estão contidos, chama atenção as traduções de 1913, de 1941 e a sem data da Editora Aurora, pela supressão da preposição “com” [*avec*], que na sentença que antecede “as águas” e direcionam a leitura para que se compreenda que é em “conjunto” com estas “águas” que “a terra, as árvores e as rochas” saem confusamente pela comporta. No caso desta supressão e nas escolhas complementares que se verificam, temos nas traduções de 1913 e de 1941, que pela comporta saíam: “confusamente aguas gemendo, terra, arvores e rochedos, arrancados” e na tradução da Editora Aurora, saíam “confusamente, águas bramidoras, terras, árvores e rochedos”. Embora até possamos compreender que a terra, as árvores e os rochedos tenham saído misturados com as águas, na nossa visão da ideia que está contida no texto em francês, temos uma maior amplitude do “desastre” provocado pela fúria da natureza.

Quadro 12 Exemplo 1 de *personificação* - Texto em Francês e Traduções Brasileiras do século XX

1958 – francês	1811 – 2008
<p>- Cependant ces chaleurs excessives élevèrent de l’océan des vapeurs qui couvrirent l’île comme un vaste parasol. Les sommets des montagnes les rassemblaient autour d’eux, et de longs sillons de feu sortaient de temps en temps de leurs pitons embrumés. Bientôt des tonnerres affreux firent retentir de leurs éclats les bois, les plaines et les vallons; des pluies épouvantables, semblables à des cataractes, tombèrent du ciel. Des torrents écumeux se précipitaient le long des flancs de cette montagne: le fond de ce bassin était devenu une mer; le plateau où sont assises les cabanes, une petite île; et l’entrée de ce vallon, une écluse par où sortaient pêle-mêle avec les eaux mugissantes, les terres, les arbres et les rochers. p.160-161</p>	<p>Contudo, aqueles calores excessivos levantaram do oceano vapores que cobriam toda a ilha como um vasto pára-sol. Os cumes das montanhas os ajuntavam à roda de si, e uns longos sulcos de fogo saíam de quando em quando de seus picos enevoados. Logo uns trovões horrorosos fizeram ressoar com seu estrondo os bosques, as planícies e os vales; umas chuvas espantosas, semelhantes a cataratas, caíram do céu. Umas torrentes espumosas se precipitaram ao longo das encostas da montanha; o fundo desta planície se tornou um mar; o chão levantado, onde estão assentadas as cabanas, uma ilha; e a entrada deste vale, uma comporta, por onde saíam, confusamente, com as águas estrepitosas, as terras, as árvores e os rochedos. p.97</p>
<p>1906 Nesse meio tempo, aquelas calores excessivos levantaram do oceano vapores que cobriam a ilha como um vasto parasol. Os cumes das montanhas os ajuntavam á roda de si, e longos sulcos de fogo saíam de quando em quando de seus picos enevoados Logo depois trovões horrorosos fizeram ressoar com o seu estrondo os bosques, as planícies e os vales: chuvas torrenciais semelhantes a cataractas cahiram do céu. Torrentes espumosas se precipitavam ao</p>	<p>1913 No emtanto este excessivos calores [sic] fizeram sair do Oceano vapores que se espalharam pela região como um enorme manto de nevoa. Nos pincaros das montanhas cobertos pelo nevoeiro denso, viam-se grandes sulcos de fogo irromperem de tempos a tempos. Pouco depois trovões fortísimos ribombavam, repercutindo o echo pelas florestas, planícies e vales; chuvas torrrenciaes, simulhando cataratas, caíam</p>

<p>longo das encostas da montanha; o fundo da planície se tornara um mar; a chapada onde estão edificadas as cabanas, uma ilha; e a entrada do valle uma comporta, por onde saíam confusamente, com as águas estrepitosas, terra, arvores e rochedos. (1906, n-49, p.50)</p>	<p>sobre a região, chegando a produzir cascatas gigantescas precipitando-se ao longo das montanhas; o fundo d'esse lago tornára-se um mar; a clareira onde estão assentes as cabanas uma comporta por onde saíam confusamente águas gemendo, terra, arvores e rochedos, arrancados. p. 54-55</p>
<p>1941</p>	<p>1943</p>
<p>No entanto êsses excessivos calores fizeram sair do Oceano vapores que se espalhavam pela região como um enorme manto de neves. Nos píncaros das montanhas cobertas pelo nevoeiro denso via-se grandes sulcos de fogo irromper de tempos a tempos.</p> <p>Pouco depois, trovões fortíssimos ribombavam, repercutindo o éco pelas florestas, planícies e vales; chuvas torrenciais, semelhando cataratas, caíam sôbre a região, chegando a produzir cascatas gigantescas precipitando-se ao longo das montanhas; o fundo desse lago tornara-se um mar, a clareira onde estão assentes as cabanas uma pequena ilha, e a entrada desse vale parecia a de uma comporta por onde saíam confusamente águas gemendo, terra, arvores e rochedos, arrancados. p. 32</p>	<p>Todavia estas calmas levantaram do oceano evaporações, à semelhança dum grande toldo cobrindo a ilha. Os cumes das montanhas acumulavam-nas ao redor de si, e extensos sulcos de fogo saíam de quando em quando de seus píncaros nebulosos. Pouco tempo depois horrorosos trovões fizeram retumbar seu estampido pelo bosque, planície e vales; chuvas espantosas como cataratas caíam do céu.</p> <p>Torrentes espumantes precipitavam-se ao longo da montanha; o fundo do vale, tinha-se convertido n'um mar; a chapada onde estavam as cabanas, n'uma ilha; e a entrada do vale, n'uma comporta por onde saíam confusamente, águas bramidoras, terras, árvores e rochedos. p.73</p>
<p>1965</p>	<p>1986</p>
<p>O calor excessivo levantava do oceano vapôres que cobriam a ilha como enorme guarda-sol.</p> <p>Os picos das montanhas reuniam-os em volta e sulcos de fogo saíam, de vez em quando, das suas extremidades brumosas.</p> <p>Em breve, com terrível estampido, os trovões ribombavam pelos bosques, planuras e vales. Chuvas diluviais, como cataratas, caíam do céu. Torrentes espumantes, precipitando-se pelos córregos da montanha, tornavam em mar o fundo da bacia. A chapada, onde assentam as cabanas, transformara-se em pequena ilha. A entrada do vale era simples estreito por onde saíam, de mistura com as águas mugidoras, terra, árvores e penedos! p. 71</p>	<p>Todavia, aquele calor excessivo levantou do oceano uma névoa úmida que cobriu a ilha, como um vasto guarda-sol. Os cumes das montanhas coroavam-se com as brumas e longos sulcos de fogo saíam, de quando a quando, de seus picos enevoados. Logo depois, estrondos medonhos de trovões atroaram pelas matas, planícies e vales; chuvas torrenciais, comparáveis a cataratas, caíam do céu. Cursos de água espumantes desabavam ao longo dos declives da serra: o fundo deste vale transformara-se em mar; o platô, onde estão situadas estas casas, em ilha; e a entrada deste sítio, em comporta por onde saíam de roldão com as águas tumultuantes, as terras, as árvores e as rochas. p. 36</p>
<p>1988</p>	<p>Edição sem data Aurora</p>
<p>Enquanto isso, aquele calor excessivo levantou do mar vapores que cobriram toda a ilha, como um pálio imenso. Concentraram-se em torno dos picos das montanhas, e</p>	<p>Todavia estas calmas levantaram do oceano evaporações, à semelhança dum grande toldo cobrindo a ilha. Os cumes das montanhas acumulavam-nas ao redor de si, e extensos</p>

<p>longas riscas de fogo cortavam, de vez em quando, os cumes nebulosos. Dentro em pouco, terríveis tempestades agitavam com o seu fragor as matas, as planícies e os vales; verdadeiras cataratas desabaram do céu. Torrentes espumejantes precipitaram-se ao longo das encostas da montanha; o fundo deste vale parecia um mar, e o platô onde se encontravam as cabanas uma ilha; a entrada do vale uma represa, por onde saíam, de mistura com as águas barulhentas, terra, árvores e pedras. p.45-46</p>	<p>sulcos de fogo saíam de quando em quando de seus píncaros nebulosos. Pouco tempo depois horrorosos trovões fizeram retumbar seus estampidos pelos bosques, planícies e vales; chuvas espantosas como cataratas caíam do céu.</p> <p>Torrentes espumantes precipitavam-se ao longo da montanha; o fundo do vale, tinha-se convertido num mar; a chapada onde estavam as cabanas, numa ilha; e a entrada do vale, numa comporta por onde saíam confusamente, águas bramidoras, terras, árvores e rochedos. p. 51-52</p>
<p>Edição sem data irmãos Garnier</p>	
<p>Comtudo, aquellos calores excessivos levantarão do oceano vapores, que cobrirão a ilha como um vasto parasol. Os cumes das montanhas os ajuntavão á roda de si, e longos sulcos de fogo sahião de quando em quando de seus picos ennevoados. Logo trovões horrorosos fizeram ressoar com o seu estrondo os bosques, as planícies e os vales, chuvas espantosas semelhantes a cataractas cahirão do céu. Torrentes espumosas se precipitavão ao longo das encostas desta montanha; o fundo desta planicie se tornára um mar; o chão levantado, onde estão sentadas as cabanas, uma ilha; e a estrada deste valle uma comporta, por onde sahião confusamente, com as aguas estrepitosas, as terras, as arvores e os rochedos. p. 92</p>	

O excerto abaixo pertence à parte do romance que precede o naufrágio do Saint-Géran. Nele, o narrador descreve toda a atmosfera que se apodera da Ilha anunciando a chegada do tufão. Embora tenhamos escolhido apresentar aqui apenas um fragmento deste excerto, é possível percebermos a repetição do vocábulo “mugissants”, que novamente é atribuído ao elemento “água”, que agora se materializa na forma de “ondas” que avançam emitindo esse “som” ao virem quebrar na costa. Aqui vemos que as “ondas” são “personificadas”; cada uma “avançava mugindo até o fundo das enseadas”, “jogava pedras” e “descobria parte do leito da costa” quando recuava.

Quadro 13 Exemplo 2 de *personificação* - Texto em Francês e Retradução 2014

1958 francês	2014 – Retradução
<p>Chaque lame qui venait briser sur la côte s'avancait en mugissant jusqu'au fond des anses, et y jetait des galets à plus de</p>	<p>Cada onda que vinha quebrar sobre a costa avançava mugindo até o fundo das enseadas, e jogava pedras a mais de cinquenta pés nas</p>

cinquante pieds dans les terres; puis, venant à se retirer, elle découvrait une grande partie du lit du rivage, dont elle roulait les cailloux avec un bruit rauque et affreux . p.222-22	terras; depois, quando recuava, descobria uma grande parte do leito da costa, de onde ela rolava pedras com um barulho rouco e aterrorizante .
--	---

Das informações contidas nas traduções, a ocorrência do termo “mugissant” neste trecho apresenta um maior número de traduções mais aproximadas, como veremos abaixo. Temos os termos “bramando”, “bramindo”, “mugindo” e “rugindo”. Na tradução de 1988 não há o referido trecho.

Quadro 14 Exemplo 2 de *personificação* - Texto em Francês e Traduções Brasileiras do século XX

1958 – francês	1811 – 2008
Chaque lame qui venait briser sur la côte s’avançait en mugissant jusqu’au fond des anes, et y jetait des galets à plus de cinquante pieds dans les terres ; puis, venant à se retirer, elle découvrait une grande partie du lit du rivage, dont elle roulait les cailloux avec un bruit rauque et affreux . p.222-223	Cada vaga que vinha quebra-se na costa se adiantava, bramando até o cabo das enseadas, e, ali, lançava seixos a mais de 50 pés pela terra dentro; depois, vindo a recolher-se, descobria uma grande parte do leito da praia cujos seixos rolavam com um ruído rouco e horroroso . p.132-133
1906	1913
Cada vaga que vinha quebrar-se na casa, espraiva-se bramindo até o fundo das enseadas e lançando seixos a mais de cinquenta pés pela terra dentro; depois, retirando-se, descobria uma grande parte do leito da praia, cujos seixos rolava, com um ruído rouco e horroroso. p.106-107	Cada estoque d’água que vinha quebrar-se na costa avançava mugindo até o fundo das ancoras e ahi projectava seixos a mais de cinquenta pés na terra; assim que se retirava, deixava a descoberto uma grande parte do leito do rio d’onde fazia rolar os seixos com um som rouco e medonho. p. 121-122.
1941	1943
Cada estoque de água que vinha quebrar-se no costado avançava mugindo até o fundo das âncoras e aí projetava seixos a mais de cinquenta pés na terra; quando se retirava deixava a descoberto uma grande parte do leito do rio, de onde fazia rolar os seixos com um som rouco e medonho. p.70	Cada vaga que vinha quebrar-se na costa, avançava mugindo até o fundo das enseadas e lançava calhaus a mais de cinquenta pés pela praia a dentro; quando se retirava descobria grande parte do leito da praia, da qual rolavam os seixos com um ruído rouco e horrível. p.154-155
1965	1986
Cada volta de mar, que rebentava na costa, avançava, mugindo , até o fundo das enseadas e atirava seixos a amis de cento e cinqüenta metros pela terra adentro. Depois, na ressaca, descobria grande parte do leito da praia, rolando os calhaus com tom rouco e medonho! p.134-135	Cada onda que se quebrava na praia avançava rugindo até o fundo das enseadas, e ali atirava pedras a mais de cinquenta pés, terra adentro; depois recuava, descobrindo grande extensão da costa cujos cascalhos rolavam com barulho rouco e medonho. p. 71
1988	Edição sem data Aurora
Não tem o trecho	Cada vaga que vinha quebra-se na costa, avançava mugindo até o fundo das enseadas e lançava calhaus a mais de cinquenta pés

	pela praia a dentro; quando se retirava descobria grande parte do leito da praia, da qual rolavam os seixos com um ruído rouco e horrível. p.107-108
Edição sem data irmãos Garnier	
Cada vaga que vinha quebrar-se na costa, se adiantava bramando até cabo das enseadas e ali lançava seixos a mais de cinquenta pés pela terra dentro; depois vindo a recolher-se, descobria uma grande parte do leito da praia, cujos seixos rolava, com um ruído rouco e horroroso. p.193	

O excerto seguinte pode ser enquadrado na categoria do descritivo que expusemos como “portrait”. Há um encadeamento de imagens proposto pelo narrador que, como mencionado por Miraux (2003), solicita do leitor um acesso à sua enciclopédia específica e cria relações entre seu imaginário e elementos literários inseridos na descrição textual que se apresenta. Neste processo, a imagem é criada através do jogo que, segundo Miraux, se constitui entre o que é “extérieur au texte investi dans le roman par le lecteur”¹²³ e aquilo que está no interior do texto e que foi “imaginairement construit par le créateur”¹²⁴; é neste processo que “se réalise le phénomène esthétique de réception du portrait”¹²⁵ (MIRAUX, 2003, p.62).

Nas informações contidas no excerto abaixo é possível verificarmos que o próprio narrador já revela que a beleza da noite sobre a qual ele falará ao seu interlocutor foi tão singular que “nem o mais hábil pincel seria capaz de retratar” (SAINT-PIERRE, 1958, p. 174). No entanto, ainda assim ele procura ilustrar em sua descrição os aspectos que permitiram que esta beleza fosse construída. Vemos que diversos elementos da natureza estão presentes na cena e interagem provocando ações ou sofrendo-as. No caso dos animais, eles produzem os sons que repercutem em diversos lugares da ilha. Dos pássaros, escutamos doces “murmúrios” e os insetos “farfalham”. Quanto à escolha do vocabulário para a tradução, inicialmente pensamos em utilizar “gorgeios” para especificar o barulho produzido pelos pássaros, mas mantivemos uma tradução que acreditamos ser mais próxima do texto em francês “murmúrios”, pois acreditamos que esta palavra possui um sentido mais

123 “[...] exterior ao texto e investido no romance pelo leitor” (MIRAUX, 2003, p.62).

124 “[...] imaginariamente construído pelo criador” (MIRAUX, 2003, p.62).

125 “[...] se realiza o fenômeno estético de recepção do retrato” (MIRAUX, 2003, p.62).

amplo, podendo ser atribuído, segundo o dicionário Houaiss, a sons emitidos por vozes simultâneas, a sons produzidos pelo mar, a conversas em tons baixos. Além disso, como já mencionamos, acontece a repetição de certos vocábulos em trechos distintos da obra e “murmure” está entre eles. É possível encontrarmos o vocábulo se referindo aos sons produzidos por juncos agitados pelos ventos, por torrentes de água, por palmeiras que, agitadas pelos ventos, têm seus murmúrios reproduzidos pelos ecos, pelas ondas quebrando ao longe, pelas fontes etc.

Quadro 15 Exemplo 1 *portrait* - Texto em Francês e Retradução 2014

1958 – Francês	2004 – Retradução
<p>Il faisait une de ces nuits délicieuses, si communes entre les tropiques, et dont le plus habile pinceau ne rendrait pas la beauté. La lune paraissait au milieu du firmament, entourée d'un rideau de nuages que ses rayons dissipaient par degrés. Sa lumière se répandait insensiblement sur les montagnes de l'île et sur leurs pitons, qui brillaient d'un vert argenté. Les vents retenaient leurs haleines. On entendait dans les bois, au fond des vallées, au haut des rochers, de petits cris, de doux murmures d'oiseaux, qui se caressaient dans leurs nids, réjouis par la clarté de la nuit et la tranquillité de l'air. Tous, jusqu'aux insectes, bruissaient sous l'herbe. Les étoiles étincelaient au ciel, et se réfléchissaient au sein de la mer qui répétait leurs images tremblantes. p.174</p>	<p>Era uma dessas noites deliciosas, tão comuns entre os trópicos, a qual nem o mais hábil pincel seria capaz de retratar a beleza. A lua pairava no meio do firmamento rodeada por uma cortina de nuvens que seus raios dissipavam gradativamente. Sua luminosidade propagava-se insensivelmente sobre as montanhas da ilha e sobre seus cumes, que brilhavam com um verde prateado. Os ventos continham seus sopros. Escutava-se no bosque, no fundo dos vales, no alto dos rochedos, pequenos gritos, doces murmúrios de pássaros que se acariciavam em seus ninhos, regozijados pela claridade da noite e pela a tranquilidade do ar. Todos, até mesmo os insetos, farfalhavam sob a relva. As estrelas cintilavam no céu, e se refletiam no seio do oceano que repetia suas imagens trêmulas.</p>

Nas traduções brasileiras analisadas, vemos que a maioria optou por traduzir “murmure” por “murmúrio”. Como variação temos “chilrar” (tradução de 1906). No que se refere à ação descrita dos ventos, temos notáveis variedades. Nas traduções de 1906, na edição sem data da Editora Garnier e na de 2008: “Os ventos comprimiam seus sopros”. Na tradução de 1913 e de 1941: “O vento corria brando”. Na tradução de 1943 e na tradução sem data da Editora Aurora: “Os ventos pararam”. Na tradução de 1965: “O vento dificultava a respiração”. Na tradução de 1986: “Os ventos moderavam-se”. Na tradução de 1988: “Os ventos retinham seu sopro”. Há variações também nas escolhas para ilustrar o barulho que era feito na relva até mesmo “pelos insetos”. Temos as variações “sussurravam”, “rumorejavam”, “zumbiam”. A escolha da nossa tradução de “bruissaient” foi por “farfalhar” pois

acreditamos que por conter uma significação de barulhos inexatos poderia atender a ideia contida no texto de que vários sons eram produzidos por diversos elementos da natureza, não estando explícito aqui se se referiam apenas a animais ou também às plantas. Quanto ao fragmento que contém a projeção das estrelas no seio do mar, a variação mais notável está nas traduções de 1913 e de 1941, pois em vez do mar refletir “as imagens trêmulas” das estrelas, ele reproduz “seus clarões”.

Quadro 16 Exemplo 1 *portrait* - Texto em Francês e Traduções Brasileiras do século XX

1958 – francês	1811 – 2008
<p>Il faisait une de ces nuits délicieuses, si communes entre les tropiques, et dont le plus habile pinceau ne rendrait pas la beauté. La lune paraissait au milieu du firmament, entourée d'un rideau de nuages que ses rayons dissipait par degrés. Sa lumière se répandait insensiblement sur les montagnes de l'île et sur leurs pitons, qui brillaient d'un vert argenté. Les vents retenaient leurs haleines. On entendait dans les bois, au fond des vallées, au haut des rochers, de petits cris, de doux murmures d'oiseaux, qui se caressaient dans leurs nids, réjouis par la clarté de la nuit et la tranquillité de l'air. Tous, jusqu'aux insectes, bruisaient sous l'herbe. Les étoiles étincelaient au ciel, et se réfléchissaient au sein de la mer qui répétait leurs images tremblantes. p.174</p>	<p>Fazia uma daquelas noites deliciosas, tão comuns entre os trópicos, e cuja beleza nem o mais hábil pincel poderia representar. A lua parecia no meio do firmamento, cercada de uma cortina de nuvens, que seus raios dissipavam gradualmente. A sua luz se derramava insensivelmente sobre as montanhas e sobre seus picos, que brilhavam de um verde prateado. Os ventos comprimiam seus sopros. Ouviam-se nos bosques, no fundo dos vales, no alto desses rochedos, uns pequenos gritos, uns doces murmúrios de pássaros que se acariciavam nos seus ninhos, alegrando-se da claridade da noite e do sossego do ar. Todos, até os insetos, sussurravam debaixo da erva; as estrelas cintilavam no firmamento e refletiam no seio do mar, que repetia suas imagens trêmulas. p.105</p>
<p>1906</p> <p>Era por uma d'essas noites deliciosas, tão comuns nos tropicos, cuja beleza não poderia representar o mais habil pincel. A lua apparecia no meio do firmamento, cercada de uma cortina de nuvens que seus raios dissipavam gradualmente. A sua luz se derramava insensivelmente sobre as montanhas e sobre seus picos, que brilhavam de um verde prateado. Os ventos comprimiam seus sopros. Ouvia-se nos bosques, no fundo dos valles, no alto dos rochedos uns pequenos gritos, um doce chilrar de passaros que acariciavam nos seus ninhos, alegrados pela claridade da noite e a tranquillidade do ar. Todos, até os insectos, assurravam debaixo da herva; as estrellas scintillavam no firmamento e reflectiam-se no seio do mar, que reproduzia as suas imagens tremulas. p. 62-63</p>	<p>1913</p> <p>Estava uma noite deliciosa, cousa vulgar nos tropicos, e que o mais habil artista-pintor não poderia reproduzir na t'ela. A lua emergia, cercada d'uma cortina de nuvens, que os seus raios dissipavam pouco a pouco. A luz illuminava insensivelmente as montanhas da ilha e os cumes, que tomavam um tom argentino. O vento corria brando. Até nós chegavam das florestas e dos fundos dos vales e dos altos rochedos gritos imperceptíveis, dôces murmurios de avesinhas que se acariciavam em ninhos, á claridade do luar pela tranquillidade da atmospherá. Todos rumorejavam, não excluindo os insectos occultos na relva. As estrellas brilhavam no céu e espelhavam-se no mar, que reproduzia os seus clarões tremulos. p.70</p>
<p>1941</p>	<p>1943</p>

<p>Estava uma noite deliciosa, cousa vulgar nos trópicos, o que o mais hábil artista pintor não poderia reproduzir na tcla. A lua emergia cercada de uma cortina de núvens que os raios dissipavam pouco a pouco. A sua luz iluminava insensivelmente as montanhas das ilhas e os cumes, que tomavam um tom argentino. O vento corria brando e até nós chegavam das florestas, dos fundos dos vales e dos altos rochedos gritos imperceptíveis, doces murmúrios de avesinhas que se acariciavam nos ninhos à claridade do luar e pela tranquilidade da atmosfera. Tudo rumorejava, não excluindo os insetos ocultos na relva. As estrelas brilhavam no céu e espalhavam-se no mar, que reproduzia os seus clarões trêmulos. p.42</p>	<p>Era numa dessas noites deliciosas, tão frequentes nos trópicos e das quais um habilíssimo pincel não poderia reproduzir a beleza.</p> <p>A lua aparecia no meio do firmamento, envolvida n'um véu de nuvens, que os seus raios iam gradualmente dissipando. O luar derramava-se pelas montanhas da ilha, pelos seus píncaros, que refulgiam com uma cor verde prateada. Os ventos pararam. Nos bosques, no fundo dos vales, e no cume dos rochedos, ouviam-se gritos e doces murmúrios de pássaros, que se acariciavam nos ninhos, satisfeitos pela claridade do ar. Todos eles, até os insetos rumurejavam escondidos na erva.</p> <p>As estrelas cintilavam no céu, refletindo-se no seio do mar, que reproduzia suas imagens palpitantes. p.92</p>
<p>1965</p>	<p>1986</p>
<p>Era uma dessas deliciosas noites, tão frequentes nos trópicos, noites que não há pincel, por mais hábil, capaz de lhes retratar a beleza!</p> <p>A lua surgia no meio do firmamento, cercada de um véu de nuvens, que os seus raios iam, pouco a pouco, rarefazendo. A luz espargia-se tenuemente sôbre as montanhas da ilha e na crista dos picos que brilhavam em tons verde-argênteos</p> <p>O vento dificultava a respiração.</p> <p>Ouviam-se, nos bosques, no fundo dos vales, no alto dos rochedos, pequenos gritos, suaves murmúrios de pássaros, que se acariciavam nos ninhos, deliciando-se com a claridade da noite e a quietação do ar. Até os próprios insetos zumbiam sob relva. As estrêlas cintilavam no céu e refletiam-se no mar, que lhes reproduzia as imagens trêmulas! p.86</p>	<p>Era uma dessas noites deliciosas, tão comuns entre os trópicos, cuja beleza nem o pincel mais hábil poderia traduzir. A luz aparecia, cercada de uma cortina de nuvens, dissipadas aos poucos por seus raios. Sua luz se espalhava vagarosamente pelos picos e serras da ilha, onde brilhava um verde prateado. Os ventos moderavam-se. Ouviam-se nos bosques, no fundo dos vales, no alto dos montes, pios e suaves murmúrios de passarinhos, que se acariciavam nos seus ninhos, regozijando-se com a claridade da noite e a quietude do ar. Todos até os insetos, sussurravam entre as plantas. As estrelas reluziam no céu e se refletiam nas águas do mar que repetia suas imagens trêmulas. p. 43-44</p>
<p>1988</p>	<p>Edição sem data Aurora</p>
<p>Era uma dessas noites deliciosas, tão comuns nos trópicos, cuja beleza nem o mais hábil pincel conseguiria retratar. A lua se encontrava no meio do firmamento, rodeada por uma cortina de nuvens, que os seus raios dissipavam pouco a pouco. O luar se espalhava insensivelmente sobre as montanhas da ilha, e os seus picos brilhavam com um tom verde prateado. Os ventos retinham o seu sopro. Ouvia-se, nos bosques, no fundo dos vales, no alto dos montes o doce murmúrio dos pássaros, que se</p>	<p>Era numa dessas noites deliciosas, tão frequentes nos trópicos e das quais um habilíssimo pincel não poderia reproduzir a beleza.</p> <p>A lua aparecia no meio do firmamento, envolvida n'um véu de nuvens, que os seus raios iam gradualmente dissipando. O luar derramava-se pelas montanhas da ilha, pelos seus píncaros, que refulgiam com uma cor verde prateada. Os ventos pararam. Nos bosques, no fundo dos vales, e no cume dos rochedos, ouviam-se gritos e doces</p>

<p>acariciavam em seus ninhos, animados pela claridade da noite e pela tranquilidade da atmosfera. Todos, até os insetos, sussurravam escondidos pelo mato. As estrelas brilhavam no céu e se refletiam no mar, e este, por sua vez, repetia as suas trêmulas imagens. p. 57</p>	<p>murmúrios de pássaros, que se acariciavam nos ninhos, satisfeitos pela claridade do ar. Todos eles, até os insetos rumorejavam escondidos na erva. As estrelas cintilavam no céu, refletindo-se no seio do mar, que reproduzia suas imagens palpitantes. p. 92-93</p>
<p>Edição sem data irmãos Garnier</p>	
<p>[...] fazia uma daquelas noites deliciosas tão comuns entre os trópicos, e cuja beleza não poderia representar o mais habil pincel. A lua aparecia no meio do firmamento, cercada de uma cortina de nuvens que seus raios dissipavam gradualmente. A sua luz se derramava insensivelmente sobre as montanhas e sobre seus picos, que brilhavam de um verde prateado. Os ventos comprimiam seus sopros. Ouvião-se nos bosques, no fundo dos vales, no alto desses rochedos uns pequenos gritos, uns doces murmúrios de passaros que se acariciavam nos seus ninhos, alegrando-se da claridade da noite do socego do ar. Todos, até os insectos, sussurravam debaixo da herva; as estrelas scintillavam no firmamento e reflectião no seio do mar, que repetia as suas imagens tremulas. p.113</p>	

A proposta do terceiro capítulo desta tese foi a apresentar a segunda justificativa que nos levou ao desejo de retraduzir *Paul et Virginie*: a descoberta de elementos que singularizam a forma de escrita de Saint-Pierre e que caracterizam o chamado texto descritivo segundo Philippe Hamon (1981). Para isto, procuramos enumerar características presentes nesta forma textual e nas que enquadrámos nesta mesma categoria, o *portrait* e o *récit poétique*, e exemplificá-las com passagens do romance, que dispusemos ao longo do texto em comparação com nossa retradução e com as traduções brasileiras que constituem nosso *corpus* de pesquisa segundo o modelo de quadro desenvolvido por Marie-Hélène C. Torres (2004).

Desta maneira, além da nossa proposta de retradução se basear no enunciado feito por Gambier (1994), de que “a retradução seria uma nova tradução, em uma mesma língua, de um texto já traduzido, inteiro ou em parte, que estaria ligada à noção de reatualização dos textos” (1994, p.413), que foi justificada com a tradução inédita de dois paratextos criados por Saint-Pierre para edições distintas da referida obra e de um paratexto autobiográfico, a descoberta de elementos que

singularizam a escrita do autor de *Paul et Virginie* foi outro ponto de justificativa.

A apresentação e discussão dos excertos deste capítulo procuraram traçar uma metodologia própria que configurasse um caminho para esta retradução. Sabendo-se que um texto traduzido sempre refletirá o posicionamento histórico do tradutor, no qual estão contidas suas concepções acerca do ato tradutório, objetivamos demonstrar com nossa análise que toda obra possui características que a singularizam. E a busca por estas marcas textuais pôde configurar um caminho para que fosse feita sua (re)tradução em um contexto no qual as diferenças linguístico culturais foram consideradas como parte de um projeto pautado no princípio denominado *ética*, proposto por Berman (2012), que, em linhas gerais, busca uma manutenção das estrangeiridades, que permite ao leitor ter o conhecimento de que está lendo uma obra escrita originalmente em outra língua, que contém sua própria *carga de novidade*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como definido anteriormente, os objetivos gerais desta tese foram um estudo das traduções brasileiras do século XX e XXI de *Paul et Virginie*, uma discussão sobre os paratextos criados por Saint-Pierre, visando legitimar seu valor dentro dos sistemas literário, e a elaboração de uma metodologia que orientasse a retradução do romance.

No primeiro capítulo, analisamos diacronicamente as traduções brasileiras encontradas segundo a metodologia de Torres (2011), que nos permitiu uma “visualização das traduções”. No que se refere às primeiras traduções, este procedimento permitiu a descoberta de uma possível recorrência à tradução de 1913, feita por quem traduziu o romance em 1941. Não há menção direta a este fato mas o cotejo de fragmentos pertencentes às traduções mostra uma proximidade muito marcante da escolha vocabular e dificilmente dois tradutores imersos em um tempo-espaço diferente fariam as mesmas escolhas. Temos, por exemplo, um quadro comparativo das respectivas traduções nas quais vemos que, salvo uma mudança ortográfica, as palavras são as mesmas¹²⁶:

De ordinario, a acção passava-se sempre na clareira d'um bosque em que as arvores formavam arcadas irregulares de folhagem. Estavamos alli, abrigados do sol durante o dia todo; quando, porém, o sol estava a desaparecer no occaso, os raios, quebrados pelo tronco das árvores, divergiam nas sombras da floresta em longos reflexos luminosos que produziam um bonito effeito. Outros vezes o disco solar apparecia completo no extremo d'uma avenida e fazia-a scintillar de luz. As folhas das arvores, onde batiam os raios, davam ao chão tons de topazio e esmeralda; os troncos musgosos e escuros pareciam columnas de bronze antigo, e as aves, já recolhidas á sombra das folhas para dormir, surpreendidas ao ver aquella nova alvorada, saudavam, a uma voz unica, o astro com milhares de trinados diversos. (SAINT-PIERRE, 1913, p.45-46)	De ordinário, a ação passava-se sempre na clareira de um bosque em que as árvores formavam arcadas irregulares de folhagem. Estavamos ali abrigados do sol durante o dia todo; quando, porém, o sol estava a desaparecer no ocaso, os raios, quebrados pelo tronco das árvores divergiam nas sombras da floresta em longos reflexos luminosos que produziam um bonito efeito. Outras vezes o disco solar aparecia completo no extremo de uma avenida e fazia-a cintilar de luz. As folhas das árvores onde batiam os raios davam ao chão tons de topázios e esmeraldas; os troncos musgosos e escuros pareciam colunas de bronze antigo e as aves, já recolhidas à sombra das folhas para dormir, surpreendidas ao ver aquela nova alvorada saudavam a uma voz única o astro com milhares de trinados diversos. (SAINT-PIERRE, 1941, p. 27).
--	--

¹²⁶ Outros exemplos podem ser observados no Apêndice B desta tese.

Quanto às traduções mais recentes, este procedimento confirmou um maior reconhecimento da visibilidade dos tradutores, notado a partir da tradução de 1965, para a qual foram criados paratextos que permitiram um maior conhecimento para o leitor brasileiro sobre o autor e a obra traduzida. Com a tradução de 1986, feita por Rosa Maria Boaventura, foi possível vislumbrarmos um projeto de tradução mais pautado nas diferenças linguísticas e culturais, que procurou manter características das estrangeiridades contidas no romance através da tradução e criação de notas que esclareciam eventuais diferenças de vocabulário que determinados vocábulos poderiam causar nos leitores brasileiros. Essa tradução também trouxe a informação de que a tradutora pertencia a um grupo de estudos da Tradução, o que pode ter contribuído para que buscasse a realização de seu trabalho tradutório pautado em um viés mais *ético* da tradução. Dentre as traduções estudadas mereceu destaque também a publicada em 2008, que se declarou como sendo uma “atualização” da tradução de 1811 publicada pela imprensa Régia. Nesta tradução atualização, vemos uma notória presença de paratextos que permite ao leitor brasileiro obter diferentes tipos de informações. Temos, por exemplo, a menção ao fato do romance ter estado entre os trinta primeiros livros de ficção publicados pela Imprensa Régia, o que certamente é uma confirmação do prestígio que possuía na época, e que foi mencionado inúmeras vezes pelo próprio Bernardin de Saint-Pierre nos paratextos de sua autoria. Além disso, traz informações sobre as aparições do romance como intertexto em obras brasileiras, como em *Lucíola* (1862), de José de Alencar, e *Helena* (1876), de Machado de Assis, o que também propicia ao leitor brasileiro o entendimento de que esta obra influenciou autores nacionais. E, também, outras informações, como as relacionadas ao conteúdo presente no livro. De todas as traduções precedentes que analisamos, esta tradução atualização de 2008 mostra ser, até o presente, a fonte mais rica de informações sobre o autor e a obra em português brasileiro.

E, pensando nestes aspectos relacionados diretamente à presença de paratextos nas traduções, as notas que aparecem na tradução de 1986 e os extensos paratextos da tradução atualização de 2008 reafirmam seu valor enquanto espaço de mediação de um autor e uma obra em um sistema literário e ainda demonstram sua funcionalidade a serviço do tradutor, que pode materializar a pesquisa que faz sobre o autor e a obra, divulgando-os adequadamente no sistema literário receptor do texto que traduziu.

Embora tenhamos realizado uma análise dessas traduções segundo a metodologia de Torres (2011), restam ainda muitos caminhos possíveis para serem explorados em trabalhos subsequentes. Um deles é um estudo da categorização de algumas destas traduções no contexto de sua produção, empreendimento que poderia ter como ponto de partida um levantamento das demais obras que foram publicadas como parte da coleção a que elas pertencem (no caso das traduções que possuem esta indicação). Isto permitiria aferir, por exemplo, algo sobre o que se pretendeu obter com a inserção de *Paul et Virginie* em uma determinada coleção e uma possível relação desse “espaço literário” que ela consequentemente dividiria com outras obras. Além disso, também seria possível traçar uma trajetória de estudo para a história da tradução de *Paul et Virginie* no Brasil, visto que este romance já instigou mais de 197 anos de traduções em nosso sistema literário.

No segundo capítulo, apresentamos alguns excertos dos paratextos criados por Saint-Pierre. Nosso objetivo foi demonstrar que, muitas vezes, a primeira fonte de informações que auxiliará a recepção de um autor e de sua obra pode estar contida na própria obra. No caso de *Paul et Virginie*, Saint-Pierre teve a possibilidade de realizar três edições do romance, o que permitiu que ele fizesse uma reformulação do que gostaria de materializar no espaço de seus paratextos e que se consolidaria no sistema literário mundial. Isso reforça a necessidade de se formular um projeto de tradução que contemple a inserção de paratextos no texto de chegada, tanto os criados pelos próprios autores, quanto os elaborados por críticos da obra e pelo tradutor que, além de “crítico” do próprio trabalho, é um mediador cultural.

No terceiro e último capítulo desta tese, procuramos apresentar a construção do nosso projeto de tradução, que serviu de base para a nossa retradução de *Paul et Virginie* e do conjunto de seus paratextos.

Em termos gerais, o trabalho tradutório de um texto clássico mostrou-se, como já mencionado, um procedimento mais complexo do que previsto. Foi preciso compreender, além das características próprias do texto, as características do período de sua produção, além de conhecer outras obras do autor. Essa pesquisa permitiu que se soubesse mais sobre seu processo de escrita, que mantém no curso de suas produções uma recorrência a determinados vocabulários, uma repetição de cenários (Ilha de França), um contato direto com o público, a defesa de ideais e a materialização de ideias.

A reflexão sobre as escolhas feitas durante a passagem do texto em língua francesa para língua portuguesa confirmou as enunciações

feitas por Venuti (1995) sobre a tradução inevitavelmente realizar uma domesticação no texto porque as diferenças entre as línguas estrangeiras revelam-se tanto na sintática quanto na semântica. E, sendo desejável que em seu trabalho o tradutor conserve “a letra” do texto, como menciona Berman (2012), o tradutor faz escolhas, que podem ou não ser conscientes, visando manter a estrangeiridade da obra ao mesmo tempo em que torna possível sua compreensão na língua para a qual está sendo traduzida.

Contudo, procuramos identificar as *passagens significantes* do romance, que nos permitiram empreender uma leitura poética de trechos que enquadrámos na categoria do texto descritivo, sob as formas de “*récit poétique*” e “*portrait*”, para nos atermos às características que singularizam a escrita de Saint-Pierre e que, dentro do possível, foram reconstruídas no texto de chegada.

A leitura do romance e de seus paratextos, na perspectiva da construção da proposta de retradução, levou-nos a uma reflexão sobre a tradução dos nomes dos personagens e dos lugares que, respaldada na discussão proposta por Michel Ballard (2001), buscou se desenvolver respeitando, sobretudo, as referências culturais que os nomes poderiam trazer. Desta maneira, procuramos fazer uma mediação cultural que resultou em certa hibridizem na tradução dos nomes. Os antropônimos foram mantidos em francês mas na tradução dos topônimos alguns termos foram traduzidos: os que representam lugares “reais” e os que possuíam uma significação semântica importante para a compreensão da obra, como foi o caso de “Rochedo do Adeus”.

Sobre a abordagem dos fragmentos classificados como *passagens significantes* nas traduções brasileiras, foram dispostos próximos à nossa retradução e em determinados momentos comentamos algumas das escolhas vocabulares dos tradutores em comparação com as nossas escolhas. Um dos pontos notáveis desta análise detalhada de cada texto das traduções brasileiras foi a descoberta de que há trechos que não foram traduzidos, como é possível verificar nos excertos que seguem em nosso Apêndice B. Isso serviu como um reforço a mais quanto à viabilidade de se retraduzir *Paul et Virginie*.

Para finalizar nossas considerações finais, gostaríamos de reforçar que ainda há muito o que se pesquisar sobre Bernardin de Saint-Pierre e suas obras. Em se tratando de traduções, *Paul et Virginie* é seu único livro traduzido para o português do Brasil, sendo interessante portanto realizar a tradução de *Études de la nature* e *Voyage à l'île de France*. Embora tenhamos traduzido os paratextos grandes que o autor

criou para as edições distintas do romance, há escassez de referências sobre o autor e sua obra em língua portuguesa.

Tendo sido encontrados, no âmbito acadêmico, apenas um ensaio, um trabalho de especialização, um projeto de pesquisa e um artigo,¹²⁷ é válido ressaltarmos que, com exceção do trabalho de Terezinha de Mattos, que é de 2005, os demais se desenvolveram a partir de 2011, sendo recente, portanto, o interesse em se pesquisar Bernardin de Saint-Pierre no Brasil, o que ainda torna desejável a elaboração de materiais críticos que preencham esta lacuna.

127 Um ensaio, “Entre Manon e Virginie, Helena: presença de Bernardin de Saint-Pierre e do Abade Prévost em *Helena* de Machado de Assis” de Daniela Mantarro Callipo; um trabalho de especialização, “O espaço em *Paulo e Virgínia* de Bernardin de Saint-Pierre”, de Terezinha de Mattos; um projeto de pesquisa, “O sentimento de natureza na obra *Paul et Virginie* de Bernardin de Saint-Pierre (1787)”, de Michel Kobelinski; e um artigo, “Notas sobre Bernardin de Saint-Pierre e a literatura romântica (1772-1814)” também de Michel Kobelinski.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 2000. 8ª edição.

AIMÉ-MARTIN, Louis. *Correspondance de J.-H. Bernardin de Saint-Pierre précédée d'un supplément aux-mémoires de sa vie*. Paris: Chez Ladvocat, librairie, 1826.

AQUIEN, Michèle. *Dictionnaire de poésie*. Paris: Générale Française, 1993.

AULETE, Caldas. *Aulete Digital. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

AUDOIN, Elisabeth. *Bernardin de Saint-pierre: voyages à l'île Maurice et à la Réunion*. Paris : Magellan & Cie, 2004.

BALLARD, Michel. *Le nom propre en traduction*. Paris: Ophrys, 2001.

BALZAC, Honoré de. *O cura da aldeia*. Trad de Paulo Rónai, in *A Comédia Humana*, Vol XV. São Paulo: Globo, 1989.

BARINE, Arvède. *Les grans écrivains français Bernardin de Saint-Pierre*. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1891.

BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina*. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BESCHERELLE: *la conjugaison pour tous*. Paris: Hetier, 2006.

BERGEZ, Daniel. *Littérature et peinture*. Paris: Armand Colin, 2011.

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

_____. *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSP, 2002.

BERNARD, Suzanne. *Le Poème en prose de Baudelaire jusqu'à nos Jours*. Paris, Nizet, 1959. Un vol. in-8° de 814 p

BOAVENTURA, Rosa. “Introdução”. In SAINT-PIERRE, Bernardin. *Paulo e Virgínia*. Tradução de Rosa Maria Boaventura. São Paulo: Ícone, 1986. p.7-8

CHARARA, Youmna. *Paul et Virginie, récit poétique*. In *Poétique* 2010/1 (n° 161)
128 pages.

CANTU, Césare; VASARI, Giorgio; BEUVE, Saint. *Biografias de Homens Célebres: retratos literários*. Tradução de Carlos Chaves São Paulo: Editora das Américas, 1955. 12 volume

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. 368p.

COHEN, Jean. *Estrutura da Linguagem poética*, São Paulo: Cultrix, 1966.

COTHARD, Malcolm. “*Linguistic constraints on translation*”. *Ilha do Desterro*, Vol 28, Florianópolis: Editora da UFSC, p.9-23, II Sem. 1992.

DUFRENNE, Mikel. *O poético*. Porto Alegre: Globo, 1969. Tradução por Luiz Arthur Nunes e Reasylyvia Kroeff de Souza.

FALEIROS, Á. S. *A crítica da retradução poética*. *Revista Itinerários*, n.28. Araraquara: jan/jun, 2009. p.145-158. Disponível em <<http://200.145.78.103/index.php/itinerarios/article/viewFile/2146/1764>>. Acesso em: fevereiro 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008. 543p.

FLEURY, Antoine. *Vie de Bernardin de Saint-Pierre*. Paris : Sagmer et Bray ,1844.

FONTANIER, Pierre. *Les Figures du discours*, Paris, Flammarion, 1968 (réimpr. 1977, 1996, 2009), 507 p.

FORT, Sylvain. *Le romantisme Anthologie*. Paris: Flammarion, 2002.

GAMBIER, Yves. *La Retraduction, retour et détour. Meta*, 39 (3), 1994, p.421-425. Disponível em:
<http://www.erudit.org/revue/meta/1994/v39/n3/002799ar.pdf>. Acesso em: fev. 2010.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GOURNIER, Jean Ruinat de. *Amour de Philosophe Bernardin de Saint-Pierre et Félicité Didot*. Paris: Librairie Hacheitk, 1903.

HAMON, Philippe. *Introduction à l'analyse du descriptive*. Paris: Hachette,1981.

HOUAISS, Antonio;VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Objetiva, 2009. 1.ed.

LANSON, Gustave. *L'art de la prose*. Paris : libraire des annales, 1909.

LARANJEIRA, Mário. *A poética da tradução*. São Paulo: 1993

LEMONTEY, P. E. *Étude littéraire sur la partie historique du romain de Paul et Virginie*, accompagnée des pièces officielles relatives au naufrage du vaisseau le Saint-Géran. Paris: Aimé André, 1823.

LESCURE, M. De. *Bernardin de Saint-Pierre*. Paris: Hicène, Ocdin et Cie, 1892.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário Prático de Regência Nominal*. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo: Ática, 1999.

PEIXOTO, Matos. “Introdução”. In. SAINT-PIERRE, Bernardin. *Paulo e Virgínia*. Tradução de Vieira Neto. Rio de Janeiro: Matos Peixoto, 1965. p.9-14.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à Estilística: a expressividade na língua portuguesa*. Coleção Acadêmica. Vol. 71. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MAULPOIX, Jean-Michel. *Du lyrisme*. Paris: Librairie José Corti, 2000.

MAURY, Fernand. *Étude sur la vie et les oeuvres de Bernardin de St-Pierre*. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1892.

MEAUME, M. Édouard. *Étude sur la vie privée de Bernardin de Saint-Pierre (1792-1800)* Nancy: Grimlot et Veuve Raybois, 1855.

MIRAUX, Jean-Philippe. *Le portrait littéraire*. Paris :Hachette, 2003.

MONTI, Enrico; SCHNYDER, Peter. *Autour de la retraduction: perspectives littéraires européennes*. Paris: Orizons, 2011.

MONTI, Enrico. “Avant-Propos”. In MONTI, Enrico; SCHNYDER, Peter. *Autour de la retraduction: perspectives littéraires européennes*. Paris: Orizons, 2011. p.7-8.

MORIER, Henri. *Dictionnaire de poétique et de rhétorique*. France: Presses Universitaires, 1998

MORNET, Daniel. *Le sentiment de la nature en France* de J.J. Rousseau a Bernardin de Saint-Pierre. New York: Burt Franklin, 1907

_____. *Le Romantisme en France au XVIII siècle*. Paris : Librairie Hachette et C&A, 1912.

_____. *La pensée française au XVIII siècle*. Paris: Librairie Aramand Colin, 1926.

OLMI, Alba. *Metodologia crítica da tradução literária: duas versões críticas de Dom Casmurro*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

PAUL, Robert. *Le nouveau Petit Rober de la langue française*. Paris: Sejer, 2008.

Philippe de Commines; Jean-François Paul de Gondi Retz, cardinal de); Jean de La Bruyère; Franz de Voeghel; Georges Sion. *Le Portrait dans la littérature*. Bruxelles: A. de Rache, 1978.

Quatro novelas em tempos de D. João. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, Luiz Carlos Villalta (orgs.). – Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2008.

RICHARD, Jean-Pierre. *Études sur le romantisme*. Paris : Éditions du Seuil, 1970.

RISTERUCCI-ROUDNICKY, Danielle. *Introduction à l'analyse des œuvres traduites*. Paris: Armandi Colin, 2008.

ROMMERU, Claude. *De la nature à l'histoire, 1685-1794*. Paris : Pierre Bordas & Fils, Editeurs, 1986.

SAINT-CHARLES. *La vie et les aventures de Bernardin de Saint-Pierre d'après les documents les plus authentiques*. Lille: MAISON SAINT-JOSEPH, 1900.

Bernardin de Saint-Pierre et l'océan indien. Edited by JEAN-MICHEL RACAULT , CHANTALE MEURE and ANGÉLIQUE GIGAN . Paris: Classiques Garnier. 2011. 565 p.

SAINT-PIERRE, Bernardin. *Paul et Virginie suivi de La Chaumière indienne*. Paris: Nelson, 1798.

_____. *Paul et Virginie La Chaumière Indienne les origines de Paul et Virginie*. Paris: Ernest Flammarion, 1929.

_____. *Paul et Virginie*. Édition abrégée avec une Notice biographique, une Notice historique et littéraire, des Notes Explicatives,

des Jugements, un Questionnaire et des Sujets de devoir par Émile Feuillat. Paris: Librairie Larousse, 1934.

_____. *Paul et Virginie*. Texte établi avec une introduction, des notes et des variantes par Pierre Trahard. Paris: Classiques Garnier, 1958.

_____. *Paul et Virginie*. Paris: Gallimard, 2004.

_____. *Paul et Virginie*. Préface et commentaires de Jean Delabroy. Paris: Pocket, 2002.

_____. *Paul et Virginie*. Présentation, notes et variantes par Jean-Michel Racault. Paris: Classique, 1999.

_____. *Paul et Virginie* Paris: Librairie Ambert. non daté. In-8. Edition Moderne

_____. *Études de la Nature extraits Paul et Virginie*. Paris: Mignot, s/d.

_____. *Paulo e Virginia*. História Fundada em Factos, traduzida em vulgar. Rio de Janeiro: Imprensa Régia 1811.

_____. *Paulo e Virgínia*. Trad. Alfredo Alves e Bulhão Pato. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1903.

_____. *Paulo e Virginia*. Pelotas: Livraria Universal, 1904. Nova ed. rev. e corr. 130 p

_____. *Paulo e Virgínia*. Pelotas: Livraria Universal de Echenique Irmãos & CIA, 1906. 130p.

_____. *Paulo e Virgínia*. São Paulo: Livraria Teixeira, 1913.

_____. *Paulo e Virginia*. São Paulo: Livraria e Officinas Magalhães, 1918.

_____. *Paulo e Virgínia*. São Paulo: Paulicéia, 1941.

_____. *Paulo e Virgínia*. Tradução de Vieira Neto. Rio de Janeiro: Matos Peixoto, 1965.

_____. *Paulo e Virgínia*. Tradução de Rosa Maria Boaventura. São Paulo: Ícone, 1986.

_____. *Paulo e Virgínia*. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A, 1988.

_____. *Paulo e Virginia*. Rio de Janeiro: Aurora, s/d.

SAINT-PIERRE, Bernardin de. *Esclaves des iles francaises et autres textes*. France: les editeurs libres, 2006.

SANTOS, Giovana Bleyer Ferreira dos; TORRES, Marie-Hélène Catherine. “Reflexões sobre uma ética na tradução”. *Belas Infiéis*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 7-15, 2012.

SCHILLER, Friedrich. *Poesia Ingênua e Sentimental*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1971

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)* 2007. 215f. Tese (Doutorado) Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SOURIAU, Maurice. *Bernardin de Saint-Pierre D'après ses manuscrits*. Paris: SOCIÉTÉ FRANÇAISE D'IMPRIMERIE ET DE LIBRAIRIE, 1905.

TADIÉ, Jean-Yves. *Le Récit poétique*. Paris: Gallimard, 1994.

THOMAS, Adolphe V. *Dictionnaire des difficultés de la langue française*. Paris: Larousse, 1956. 435p.

TORRES, Marie-Hélène C. *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*. Arras: Artois Presses Université, 2004. 332p.

_____. *Traduzir o Brasil Literário: paratexto e discurso de acompanhamento*. Tubarão: COPIART, 2011.134p.

TOURY, Gideon. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires. *Teorizando e contextualizando a tradução, seleção e organização* Else Ribeiro Pires Vieira. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

Dicionários *on line*

http://www.lexilogos.com/francais_langue_dictionnaires.htm

<http://www.dictionnaire.sensagent.com/remonter/fr-pt/>

<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm>

APÊNDICE A – Quadros com os trechos descritivos do romance *Paul et Virginie* e nossa retradução.

1958	2014 – Retradução
<p>- À l'entrée de ce bassin, d'où l'on découvre tant d'objets, les échos de la montagne répètent sans cesse le bruit des vents qui agitent les forêts voisines, et le fracas des vagues qui brisent au loin sur les récifs; mais au pied même des cabanes on n'entend plus aucun bruit, et on ne voit autour de soi que de grands rochers escarpés comme des murailles. Des bouquets d'arbres croissent à leurs bases, dans leurs fentes, et jusque sur leurs cimes, où s'arrêtent les nuages. Les pluies que leurs pitons attirent peignent souvent les couleurs de l'arc-en-ciel sur leurs flancs verts et bruns, et entretiennent à leurs pieds les sources dont se forme la petite Rivière des Lataniers. Un grand silence règne dans leur enceinte, où tout est paisible, l'air, les eaux et la lumière. À peine l'écho y répète le murmure des palmistes qui croissent sur leurs plateaux élevés, et dont on voit les longues flèches toujours balancées par les vents. Un jour doux éclaire le fond de ce bassin, où le soleil ne luit qu'à midi; mais dès l'aurore ses rayons en frappent le couronnement, dont les pics s'élevant au-dessus des ombres de la montagne, paraissent d'or et de pourpre sur l'azur des cieux. p.109-111</p>	<p>À entrada desta bacia, de onde descobre-se tantos objetos, os ecos da montanha repetem sem cessar o barulho dos ventos que agitam as florestas vizinhas, e as ondas que quebram ao longe sobre os recifes; mas ao pé mesmo das cabanas não se escuta nenhum barulho, e não vemos em torno delas mais que grandes rochedos escarpados como muralhas. Buquês de árvores crescem em suas bases, em suas fendas, e até em seus cumes, onde param as nuvens. As chuvas que seus picos atraem pintam frequentemente as cores do arco-íris sobre seus flancos verdes e marrons, e preservam em seus pés as fontes que formam o pequeno rio <i>Lataniers</i>. Um grande silêncio reina neste recinto, onde tudo é calmo, o ar, as águas e a luminosidade. Na cercania o eco repete o murmúrio das palmeiras que crescem sobre os planaltos elevados, e de onde vemos longos pináculos balançados pelos ventos. Um dia doce ilumina o fundo desta bacia, onde o sol brilha ao meio dia; mas na aurora seus raios atingem a coroa, cujos picos se elevam sobre as sombras da montanha, parecendo de ouro e de púrpura sobre o azul dos céus.</p>

1958	2014 – Retradução
<p>Virginie n'avait que douze ans; déjà sa taille était plus qu'à demi formée; de grands cheveux blonds ombrageaient sa tête ; ses yeux bleus et ses lèvres de corail brillaient du plus tendre éclat sur la fraîcheur de son visage: ils souriaient toujours de concert quand elle parlait; mais quand elle gardait le silence, leur obliquité naturelle vers le ciel leur donnait une expression d'une sensibilité extrême, et même celle d'une légère mélancolie. p.122</p>	<p>Virginie não tinha mais que doze anos; sua estatura estava quase formada; grandes cabelos loiros sombreavam sua cabeça; seus olhos azuis e seus lábios de coral brilhavam do mais terno esplendor sobre o frescor de seu rosto: eles sempre sorriam juntos quando ela falava; mas se guardava o silêncio, sua obliquidade natural, em direção ao céu dava-lhe uma expressão de uma sensibilidade extrema, e mesmo de uma ligeira melancolia.</p>

1958	2014 – Retradução
<p>Pour Paul, on voyait déjà se développer en lui</p>	<p>Quanto a Paul, víamos se desenvolver nele o</p>

<p>le caractère d'un homme au milieu des grâces de l'adolescence. Sa taille était plus élevée que celle de Virginie, son teint plus rembruni, son nez plus aquilin, et ses yeux, qui étaient noirs, auraient eu un peu de fierté, si les longs cils qui rayonnaient autour comme des pinceaux ne leur avaient donné la plus grande douceur. p.122-123</p>	<p>caráter de um homem em meio as graças de adolescente. Era mais alto que Virginie, a pele mais escurecida, o nariz mais aquilino, e os olhos, que eram pretos, teriam um pouco de altivez, se os longos cílios que transbordavam em volta como pincéis não lhes dessem uma grande doçura.</p>
---	---

1958	2014 – Retradução
<p>Paul, à l'âge de douze ans, plus robuste et plus intelligent que les Européens à quinze, avait embelli ce que le Noir Domingue ne faisait que cultiver. Il allait avec lui dans les bois voisins déraciner de jeunes plants de citronniers, d'orangers, de tamarins dont la tête ronde est d'un si beau vert, et d'attiers dont le fruit est plein d'une crème sucrée qui a le parfum de la fleur d'orange: il plantait ces arbres déjà grands autour de cette enceinte.</p> <p>Il y avait semé des graines d'arbres qui dès la seconde année portent des fleurs ou des fruits, tels que l'agathis, où pendent tout autour, comme les cristaux d'un lustre, de longues grappes de fleurs blanches; le lilas de Perse, qui élève droit en l'air ses girandoles gris de lin; le papayer, dont le tronc sans branches, formé en colonne hérissée de melons verts, porte un chapiteau de larges feuilles semblables à celle du figuier.</p> <p>Il y avait planté encore des pépins et des noyaux de badamiers, de manguiers, d'avocats, de goyaviers, de jaques et de jameroses. La plupart de ces arbres donnaient déjà à leur jeune maître de l'ombrage et des fruits. Sa main laborieuse avait répandu la fécondité jusque dans les lieux les plus stériles de cet enclos. Diverses espèces d'aloès, la raquette chargée de fleurs jaunes fouettées de rouge, les cierges épineux, s'élevaient sur les têtes noires des roches, et semblaient vouloir atteindre aux longues lianes, chargées de fleurs bleues ou écarlates, qui pendaient çà et là le long des escarpements de la montagne.</p> <p>Il avait disposé ces végétaux de manière qu'on pouvait jouir de leur vue d'un seul coup d'oeil. Il avait planté au milieu de ce bassin les herbes qui s'élèvent peu, ensuite les arbrisseaux, puis les arbres moyens, et</p>	<p>Paul, com doze anos, mais robusto e mais inteligente que os Europeus aos quinze, havia embelezado o que o Negro Domingue apenas cultivava. Ia com ele aos bosques vizinhos desenterrar jovens pés de limoeiros, de laranjeiras, de tamarineiros cuja copa redonda é de um verde tão belo, ateiras cuja fruta é cheia de um creme açucarado que tem o perfume da flor de laranja: ele plantava estas árvores já crescidas em torno deste recinto.</p> <p>Ele havia plantado sementes de arvores que desde o segundo ano dão flores ou frutos tais como a agathis, de onde pendem de seu entorno, como cristais de um lustre, longos cachos de flores brancas; o lilás da Pérsia, que eleva direto para o ar suas girândolas cinzas de linho, o papaia, cujo tronco sem galhos, formado em coluna eriçada de melões verdes, possui um capitel de folhas largas parecidas com a das figueira.</p> <p>Ele ainda plantou pepinos e caroços de amendoeirias, de mangueiras, de abacateiros, de goiabeiras, de jaqueiras e de jameleiros. A maior parte das árvores já davam ao seu jovem mestre sombra e frutos. Sua mão laboriosa havia espalhado a fecundidade até nos lugares mais estéréis do recinto. Diversas espécies de aloés, carregadas de flores amarelas salpicadas de vermelho, os cactos, se elevavam sobre as copas negras, e pareciam querer alcançar os longos cipós, carregados de flores azuis ou escarlates, que pendiam aqui e a ali ao longo das escarpas da montanha.</p> <p>Ele havia disposto estes vegetais de uma maneira que se podia desfrutar de sua vista de um só golpe de olho. No meio desta bacia ele plantou as ervas que se elevam pouco, sem seguida os arbustos depois as árvores médias e por fim as árvores que margeavam a circunferência, de maneira que este vasto</p>

<p>enfin les grands arbres qui en bordaient la circonférence ; de sorte que ce vaste enclos paraissait de son centre comme un amphithéâtre de verdure, de fruits et de fleurs, renfermant des plantes potagères, des lisières de prairies, et des champs de riz et de blé. Mais en assujettissant ces végétaux à son plan, il ne s'était pas écarté de celui de la nature; guidé par ses indications, il avait mis dans les lieux élevés ceux dont les semences sont volatiles, et sur le bord des eaux ceux dont les graines sont faites pour flotter: ainsi chaque végétal croissait dans son site propre et chaque site recevait de son végétal sa parure naturelle. Les eaux qui descendent du sommet de ces roches formaient au fond du vallon, ici des fontaines, là de larges miroirs qui répétaient au milieu de la verdure les arbres en fleurs, les rochers, et l'azur des cieux. p.138-140</p>	<p>recinto visto de seu centro parecia um anfiteatro de verdura, de frutos e de flores, abarcando as plantas tuberculosas, as de margens de pradaria, e os campos de arroz e de trigo. Mas sujeitando os vegetais a seu plano, ele não se afastou daquele da natureza; guiado por suas indicações, colocou nos lugares mais elevados aqueles cujas sementes são voláteis, e sobre a borda das águas aqueles cujas sementes são feitas para flutuar: assim cada vegetal crescia no seu próprio sítio e cada sítio recebia o vegetal de sua aparência natural. As águas que desciam do topo destas rochas formavam no fundo do vale, aqui fontes, lá largos espelhos que refletiam no meio da verdura as árvores em flor, as rochas e o azul dos céus.</p>
---	--

1958	2014 – Retradução
<p>Malgré la grande irrégularité de ce terrain toutes ces plantations étaient pour la plupart aussi accessibles au toucher qu'à la vue: à la vérité nous l'aidions tous de nos conseils et de nos secours pour en venir à bout. Il avait pratiqué un sentier qui tournait autour de ce bassin et dont plusieurs rameaux venaient se rendre de la circonférence au centre. Il avait tiré parti des lieux les plus raboteux, et accordé par la plus heureuse harmonie la facilité de la promenade avec l'aspérité du sol, et les arbres domestiques avec les sauvages. De cette énorme quantité de pierres roulantes qui embarrassait maintenant ces chemins ainsi que la plupart du terrain de cette île, il avait formé çà et là des pyramides, dans les assises desquelles il avait mêlé de la terre et des racines de rosiers, de poinçillades, et d'autres arbrisseaux qui se plaisent dans les roches; en peu de temps ces pyramides sombres et brutes furent couvertes de verdure, ou de l'éclat des plus belles fleurs. Les ravins bordés de vieux arbres inclinés sur leurs bords formaient des souterrains voûtés inaccessibles à la chaleur, où l'on allait prendre le frais pendant le jour. Un sentier conduisait dans un bosquet d'arbres sauvages, au centre duquel croissait à l'abri des vents un arbre domestique chargé de fruits. Là était une moisson, ici un verger.</p>	<p>Apesar da grande irregularidade deste terreno todas estas plantações eram em sua maioria acessíveis tanto ao toque quanto à vista: na verdade todos nós ajudávamos com nossos conselhos e nossa ajuda para que ele tivesse êxito. Ele havia feito um caminho que contornava esta bacia e no qual muitos galhos se transpassavam da circunferência ao centro. Ele aproveitou os lugares mais acidentados e conciliou com facilidade a aspereza do solo com a mais feliz harmonia para um passeio em meio a árvores domésticas e selvagens. Desta enorme quantidade de pedras rolantes que embaraçam agora os caminhos assim como a maior parte do terreno desta ilha, ele havia formado aqui e ali pirâmides, na base das quais ele havia misturado na terra raízes de roseiras, de flamboyant, e outros arbustos que se adaptam bem nas rochas; em pouco tempo estas pirâmides sombrias e brutas ficaram cobertas de verdura, ou do resplendor das mais belas flores. Os barrancos orlados com velhas árvores inclinadas sobre as bordas formavam galerias curvadas inacessíveis ao calor, onde íamos tomar a fresca durante o dia. Um caminho conduzia a um bosque de árvores selvagens, no centro do qual crescia ao abrigo dos ventos uma árvore doméstica carregada de frutos. Lá havia uma safra, aqui um pomar. Por esta avenida se percebiam as</p>

<p>Par cette avenue on apercevait les maisons; par cette autre, les sommets inaccessibles de la montagne. Sous un bocage touffu de tatarques entrelacés de lianes on ne distinguait en plein midi aucun objet; sur la pointe de ce grand rocher voisin qui sort de la montagne on découvrait tous ceux de cet enclos, avec la mer au loin, où apparaissait quelquefois un vaisseau qui venait de l'Europe, ou qui y retournait. C'était sur ce rocher que ces familles se rassemblaient le soir, et jouissaient en silence de la fraîcheur de l'air, du parfum des fleurs, du murmure des fontaines, et des dernières harmonies de la lumière et des ombres. p.138-140</p>	<p>casas; por esta outra os picos inacessíveis da montanha. Numa cúpula de árvores entrelaçadas por cipós não se distinguia objeto algum ao meio dia; do topo deste grande rochedo vizinho que sai da montanha vê-se todo este recinto e o mar ao longe, onde algumas vezes aparecia algum navio que vinha ou que voltava para a Europa. Era nesta rocha que estas famílias se reuniam a noite, e desfrutavam em silêncio do frescor do ar, do perfume das flores, do murmúrio das fontes, e das últimas harmonias da luz e das sombras.</p>
--	--

1958	2014 – 2014 – Retradução
<p>Il naquit de ces deux fruits deux cocotiers, qui formaient toutes les archives de ces deux familles; l'un se nommait l'arbre de Paul, et l'autre, l'arbre de Virginie. Ils crûrent tous deux, dans la même proportion que leurs jeunes maîtres, d'une hauteur un peu inégale, mais qui surpassait au bout de douze ans celle de leurs cabanes. Déjà ils entrelaçaient leurs palmes, et laissaient pendre leurs jeunes grappes de cocos au-dessus du bassin de la fontaine. Excepté cette plantation on avait laissé cet enfoncement du rocher tel que la nature l'avait orné. Sur ses flancs bruns et humides rayonnaient en étoiles vertes et noires de larges capillaires, et flottaient au gré des vents des touffes de scolopendre suspendues comme de longs rubans d'un vert pourpré. Près de là croissaient des lisières de pervenche, dont les fleurs sont presque semblables à celles de la giroflée rouge, et des piments, dont les gousses couleur de sang sont plus éclatantes que le corail. Aux environs, l'herbe de baume, dont les feuilles sont en coeur, et les basilics à odeur de girofle, exhalaient les plus doux parfums. Du haut de l'escarpement de la montagne pendaient des lianes semblables à des draperies flottantes, qui formaient sur les flancs des rochers de grandes courtines de verdure. Les oiseaux de mer, attirés par ces retraites paisibles, y venaient passer la nuit. Au coucher du soleil on y voyait voler le long des rivages de la mer le corbigeau et l'alouette marine, et au haut des airs la noire frégate, avec l'oiseau blanc du tropique, qui</p>	<p>Destes dois frutos nasceram dois coqueiros que formavam todo o arquivo destas duas famílias; um se nomeava árvore de Paul, e o outro, árvore de Virginie. Todos os dois cresceram na mesma proporção que seus jovens mestres, de uma altura desigual mas que no final de doze anos ultrapassava a altura das cabanas. Eles já entrelaçavam suas palmeiras e deixavam pendrer seus jovens cachos de cocos sobre o lago da fonte. Exceto por esta plantação deixamos esta depressão do rochedo tal qual a natureza havia ornado. Sobre os flancos marrons e úmidos raiavam, em estrelas verdes e negras, largos capilares, e fluuando a vontade do vento tufo de escalopendra suspensos como longas fitas de um verde púrpura. Próximo de lá cresciam cipós de pervencha, cujas flores são quase semelhantes às giroflée vermelha, e pimentas, cujas grossas vagens cor de sangue são mais brilhantes que o coral. Em torno o erva cidreira, cujas folhas são em formato de coração, e os manjeriões com cheiro de cravo, exalando os mais doces perfumes. Do alto da escarpa da montanha pendiam cipós parecidos com cortinas flutuantes, que formavam sobre os flancos das rochas grandes cortinas de verdura. Os pássaros do mar, atraídos por estes refúgios tranquilos, vinham passar a noite. Ao pôr-do-sol via-se voar ao longo da costa do mar o corvo e a cotovia, e no alto dos ares a negra fragata, com o pássaro branco do trópico, que abandonam, assim como o astro do dia, as solidões do oceano indico.</p>

abandonnaient, ainsi que l'astre du jour, les solitudes de l'océan indien. p.143-144	
--	--

1958	2014 – Retradução
Virginie leur distribuait de temps en temps des grains de riz, de maïs et de millet: dès qu'elle paraissait, les merles siffleurs, les bengalis, dont le ramage est si doux, les cardinaux, dont le plumage est couleur de feu, quittaient leurs buissons; des perruches vertes comme des émeraudes descendaient des lataniers voisins; p.145	Virginie lhes distribuía de tempos em tempos grãos de arroz, de milho e de milhete: quando ela aparecia, os melros assobiadores, os bengalis, cuja plumagem é tão suave, os cardinais, cuja plumagem é cor de fogo, deixavam seus arbustos; os periquitos verdes como esmeraldas desciam das palmeiras vizinhas;

1958	2014 – Retradução
Quelquefois elles s'endormaient au bruit de la pluie qui tombait par torrents sur la couverture de leurs cases, ou à celui des vents qui leur apportaient le murmure lointain des flots qui se brisaient sur le rivage. Elles bénissaient Dieu de leur sécurité personnelle, dont le sentiment redoublait par celui du danger éloigné. p.147	Algumas vezes elas dormiam ao barulho da chuva torrencial que caía na cobertura de suas casas, ou ao barulho do vento que lhes trazia o murmúrio distante das ondas que quebravam sobre a costa.

1958	2014 – Retradução
Paul, qui nageait d'ailleurs comme un poisson, s'avancait quelquefois sur les récifs au-devant des lames, puis à leur approche il fuyait sur le rivage devant leurs grandes volutes écumeuses et mugissantes qui le poursuivaient bien avant sur la grève. Mais Virginie à cette vue jetait des cris perçants, et disait que ces jeux-là lui faisaient grand-peur. p.150	Paul, que por sinal nadava como um peixe, lançava-se algumas vezes sobre os recifes, na frente das ondas, depois quando elas se aproximavam ele fugia para a costa diante de suas grandes espumas mugizantes e em aspirais que lhe perseguiam bem atrás sobre a estiragem.

1958	2014 – Retradução
Le lieu de la scène était pour l'ordinaire au carrefour d'une forêt dont les percés formaient autour de nous plusieurs arcades de feuillage: nous étions à leur centre abrités de la chaleur pendant toute la journée; mais quand le soleil était descendu à l'horizon, ses rayons, brisés par les troncs des arbres, divergeaient dans les ombres de la forêt en longues gerbes lumineuses qui produisaient le plus majestueux effet. Quelquefois son disque tout entier paraissait à l'extrémité d'une avenue et la rendait toute étincelante	O lugar da cena era por rotina a encruzilhada de uma floresta cujas brechas formavam em torno de nós muitas arcadas de folhagem; nós ficávamos em seu centro, abrigados do calor durante todo o dia; mas quando o sol se punha no horizonte, seus raios, quebrados pelos troncos das árvores, divergiam as sombras da floresta em longos feixes luminosos que produziam o mais majestoso efeito. Algumas vezes seu disco aparecia todo inteiro na extremidade de uma avenida e a deixava toda cintilante de luz. As folhagens das árvores,

de lumière. Le feuillage des arbres, éclairés en dessous de ses rayons safranés, brillait des feux de la topaze et de l'émeraude; leurs troncs mousseux et bruns paraissaient changés en colonnes de bronze antique; et les oiseaux déjà retirés en silence sous la sombre feuillée pour y passer la nuit, surpris de revoir une seconde aurore, saluaient tous à la fois l'astre du jour par mille et mille chansons. p.151-152	clareadas abaixo de seus raios açafroados, brilhava de fogo, de topázio e de esmeralda; seus troncos espumosos e castanhos pareciam transformados em colunas de bronze antigo; e os pássaros já retirados em silêncio sob as sombras das folhas para passarem a noite, surpresos de rever uma segunda aurora, saudavam todos juntos o astro do dia com mil e uma canções.
--	---

1958	2014 – Retradução
- Quand du haut de la montagne je t'aperçois au fond de ce vallon, tu me parais au milieu de nos vergers comme un bouton de rose. Si tu marches vers la maison de nos mères, la perdrix qui court vers ses petits a un corsage moins beau et une démarche moins légère. p.156	Quando do auto da montanha eu a percebo no fundo deste vale, você me aparece no meio dos vegetais como um botão de rosa. Se você caminha para a casa de nossas mães, a perdiz que corre para seus filhotes tem uma camisetta menos bela e um andar menos ligeiro.

1958	2014 – Retradução
L'azur du ciel est moins beau que le bleu de tes yeux ; le chant des bengalis, moins doux que le son de ta voix. p.156	O azul do céu é menos belo que o azul dos seus olhos; o canto dos bengalis, menos doce que o som de sua voz.

1958	2014 – Retradução
Elle entrevoit dans l'eau, sur ses bras nus et sur son sein, les reflets des deux palmiers plantés à la naissance de son frère et à la sienne, qui entrelaçaient au-dessus de sa tête leurs rameaux verts et leurs jeunes cocos. Elle pense à l'amitié de Paul, plus douce que les parfums, plus pure que l'eau des fontaines, plus forte que les palmiers unis; et elle soupire. Elle songe à la nuit, à la solitude, et un feu dévorant la saisit. Aussi tôt elle sort, effrayée de ces dangereux ombrages et de ces eaux plus brûlantes que les soleils de la zone torride. p.159-160	Ela entrevê na água, sobre seus braços nus e sobre seu seio, os reflexos de duas palmeiras plantadas no nascimento de seu irmão e do seu, que entrelaçavam em suas copas seus galhos e seus cocos jovens. Ela pensa na amizade de Paul, mais doce que os perfumes, mais pura que a água das fontes, mais forte que as palmeiras unidas; e ela suspira. Ela contempla a noite, a solidão, e um fogo devorador a intercepta. Rapidamente ela sai, amedrontada por essas perigosas sombras e por essas águas mais quentes que os sóis da zona tórrida.

1958	2014 – Retradução
Un de ces étés qui désolent de temps à autre les terres situées entre les tropiques vint étendre ici ses ravages. C'était vers la fin de décembre, lorsque le soleil au capricorne chauffe pendant trois semaines l'île de France de ses feux verticaux. Le vent du sud-est qui y règne presque toute l'année	Um destes verões que desolam de tempos em tempos as terras situadas entre os trópicos veio espalhar aqui seus estragos. Era perto do fim de dezembro, quando o sol de capricórnio enerva durante três semanas a Ilha da França com suas chamas verticais. O vento sudeste que reina durante quase todo o

<p>n'y soufflait plus. De longs tourbillons de poussière s'élevaient sur les chemins, et restaient suspendus en l'air. La terre se fendait de toutes parts; l'herbe était brûlée; des exhalaisons chaudes sortaient du flanc des montagnes, et la plupart de leurs ruisseaux étaient desséchés. Aucun nuage ne venait du côté de la mer. Seulement pendant le jour des vapeurs rousses s'élevaient de dessus ses plaines, et paraissaient au coucher du soleil comme les flammes d'un incendie. La nuit même n'apportait aucun rafraîchissement à l'atmosphère embrasée. L'orbe de la lune, tout rouge, se levait, dans un horizon embrumé, d'une grandeur démesurée. Les troupeaux abattus sur les flancs des collines, le cou tendu vers le ciel, aspirant l'air, faisaient retentir les vallons de tristes mugissements. p.158-159</p>	<p>ano não soprava mais. Longos turbilhões de poeira se elevavam sobre os caminhos, e ficavam suspensos no ar. A terra se partia em toda parte; a grama estava queimada; vapores quentes saíam do flanco das montanhas, e a maior parte de seus riachos estavam secos. Nenhuma nuvem vinha do lado do mar. Somente durante o dia vapores rosas se elevavam por detrás das planícies, et pareciam, no pôr do sol, chamas de um incêndio. Mesmo a noite não trazia nenhum refrescamento para a atmosfera incandescente. A órbita da lua, toda vermelha, se erguia, em um horizonte enevoadado, de uma grandiosa exorbitância. Os rebanhos abatidos sobre a encosta das colinas, o pescoço esticado para o céu, aspirando o ar, faziam ecoar tristes mugidos nos vales.</p>
---	--

<p>1958</p> <p>- Cependant ces chaleurs excessives élevèrent de l'océan des vapeurs qui couvrirent l'île comme un vaste parasol. Les sommets des montagnes les rassemblaient autour d'eux, et de longs sillons de feu sortaient de temps en temps de leurs pitons embrumés. Bientôt des tonnerres affreux firent retentir de leurs éclats les bois, les plaines et les vallons; des pluies épouvantables, semblables à des cataractes, tombèrent du ciel. Des torrents écumeux se précipitaient le long des flancs de cette montagne: le fond de ce bassin était devenu une mer; le plateau où sont assises les cabanes, une petite île; et l'entrée de ce vallon, une écluse par où sortaient pêle-mêle avec les eaux mugissantes les terres, les arbres et les rochers. p.160-161</p>	<p>2014 – Retradução</p> <p>Todavia estes calores excessivos elevaram do oceano vapores que cobriram a ilha como um vasto guardasol. As copas das montanhas os reuniam em torno delas, e longos sulcos de fogo saiam de tempos em tempos de seus picos enevoados. Logo os estrondos horrendos fizeram repercutir seus clarões nos bosques, nas planícies e nos vales; as chuvas, apavorantes, pareciam cataratas, tombando do céu. Torrentes espumosas se precipitavam ao longo dos flancos desta montanha: o fundo desta bacia havia virado um mar; o planalto onde estão assentadas as cabanas, uma pequena ilha; e a entrada deste vale, uma represa de onde saíam desordenadamente com as águas mugizantes as terras, as árvores e as rochas.</p>
--	--

<p>1958</p> <p>Il faisait une de ces nuits délicieuses, si communes entre les tropiques, et dont le plus habile pinceau ne rendrait pas la beauté. La lune paraissait au milieu du firmament, entourée d'un rideau de nuages que ses rayons dissipavaient par degrés. Sa lumière se répandait insensiblement sur les montagnes de l'île et sur leurs pitons, qui brillaient d'un</p>	<p>2014 – Retradução</p> <p>Era uma dessas noites deliciosas, tão comuns entre os trópicos, e que nem o mais hábil pincel seria capaz de retratar a beleza. A lua pairava no meio do firmamento, rodeada por uma cortina de nuvens que seus raios dissipavam gradativamente. Sua luminosidade propagava-se insensível-mente sobre as montanhas da ilha e sobre seus cumes, que</p>
---	---

vert argenté. Les vents retenaient leurs haleines. On entendait dans les bois, au fond des vallées, au haut des rochers, de petits cris, de doux murmures d'oiseaux, qui se caressaient dans leurs nids, réjouis par la clarté de la nuit et la tranquillité de l'air. Tous, jusqu'aux insectes, bruissaient sous l'herbe. Les étoiles étincelaient au ciel, et se réfléchissaient au sein de la mer qui répétait leurs images tremblantes. p.174	reluziam um verde prateado. Os ventos continham seus sopros. Escutava-se no bosque, no fundo dos vales, no alto dos rochedos, pequenos gritos, doces gorjeios doces de pássaros que se acariciavam em seus ninhos, regozijados pela claridade da noite e pela a tranquilidade do ar. Até mesmo os insetos farfalhavam sob a relva. As estrelas cintilavam no céu, e se refletiam no coração do oceano que repetia suas imagens trêmulas.
---	--

1958	2014 – Retradução
La violette, lui mandait-elle, produit une petite fleur d'un violet foncé, qui aime à se cacher sous les buissons; mais son charmant parfum l'y fait bientôt découvrir. p.188	A violeta, lhe contava, produz uma pequena flor de um violeta escuro, que adora se esconder sobre as moitas; mas seu perfume encantador logo a revela.

1958	2014 – Retradução
La scabieuse, ajoutait-elle, donne une jolie fleur d'un bleu mourant, et à fond noir piqué de blanc. On la croirait en deuil. On l'appelle aussi, pour cette raison, fleur de veuve. Elle se plaît dans les lieux âpres et battus des vents». p.189	La scabieuse, ajoutait-elle, donne une jolie fleur d'un bleu mourant, et à fond noir piqué de blanc. On la croirait en deuil. On l'appelle aussi, pour cette raison, fleur de veuve. Elle se plaît dans les lieux âpres et battus des vents.

1958	2014 – Retradução
Les singes, habitants domiciliés de ces forêts, se jouent dans leurs sombres rameaux, dont ils se détachent par leur poil gris et verdâtre, et leur face toute noire; quelques-uns s'y suspendent par la queue et se balancent en l'air; d'autres sautent de branche en branche, portant leurs petits dans leurs bras. Jamais le fusil meurtrier n'y a effrayé ces paisibles enfants de la nature. On n'y entend que des cris de joie, des gazouillements et des ramage inconnus de quelques oiseaux des terres australes, que répètent au loin les échos de ces forêts. La rivière qui coule en bouillonnant sur un lit de roche, à travers les arbres, réfléchit çà et là dans ses eaux limpides leurs masses vénérables de verdure et d'ombre, ainsi que les jeux de leurs heureux habitants: à mille pas de là elle se précipite de différents étages de rocher, et forme à sa chute une nappe d'eau unie comme le cristal, qui se brise en tombant en	Os macacos, habitantes domiciliados nestas florestas, se divertem na sombra de seus galhos, dos quais eles se destacam por seu pelo cinza e esverdeado, e sua face totalmente negra; alguns se suspendem pelo rabo e se balançam no ar; outros saltam de galho em galho, levando seus pequenos em seus braços. Jamais o fúsil metralhador amedrontou estes pacíficos filhos da natureza. Só se escutam gritos de alegria, gorjeios e ramagens desconhecidas de alguns pássaros de terras austrais, que repetem ao longe os ecos destas florestas. O rio que corre borbulhante sobre o leito da rocha, através das árvores, reflete aqui e ali em suas águas límpidas suas massas veneráveis de verdura e de sombra, assim como os jogos de seus felizes habitantes: a mil passos de lá ela se precipita de diferentes andares de rocha, e forma em sua queda uma toalha de água unida como o cristal, que se quebra tombando em bolhas de espuma. Mil

<p>bouillons d'écume. Mille bruits confus sortent de ces eaux tumultueuses, et dispersés par les vents dans la forêt, tantôt ils fuient au loin, tantôt ils se rapprochent tous à la fois, et assourdissent, comme les sons des cloches d'une cathédrale. L'air, sans cesse renouvelé par le mouvement des eaux, entretient sur les bords de cette rivière, malgré les ardeurs de l'été, une verdure et une fraîcheur, qu'on trouve rarement dans cette île sur le haut même des montagnes. p.195-196</p>	<p>barulhos confusos saem dessas águas tumultuosas e, dispersados pelos ventos na floresta, ora eles evadem ao longe, ora se aproximam todos ao mesmo tempo, e ensurdecedores, como os sons dos campanários de uma catedral. O ar, sem cessar, renovado pelo movimento das águas, mantém nas margens deste rio, apesar dos ardores do verão, um verde e um frescor que raramente se encontra nesta ilha mesmo no alto das montanhas.</p>
---	--

<p>1958</p> <p>En effet tout présageait l'arrivée prochaine d'un ouragan. Les nuages qu'on distinguait au zénith étaient à leur centre d'un noir affreux, et cuivrés sur leurs bords. L'air retentissait des cris des paille-en-culs, des frégates, des coupeurs d'eau, et d'une multitude d'oiseaux de marine, qui, malgré l'obscurité de l'atmosphère, venaient de tous les points de l'horizon chercher des retraites dans l'île. Vers les neuf heures du matin on entendit du côté de la mer des bruits épouvantables, comme si des torrents d'eau, mêlés à des tonnerres, eussent roulé du haut des montagnes. p.221</p>	<p>2014 – Retradução</p> <p>De fato tudo pressagiava a chegada próxima de um tufão. O centro das nuvens que nós distinguíamos no zênite era de um preto horrendo, e suas bordas eram cobre. O ar repercutia os gritos dos rabos-de-palha, das fragatas, dos cortadores de água, e de uma multidão de pássaros marinhos, que apesar da obscuridade da atmosfera, vinham de todos os pontos do horizonte procurar abrigo na ilha. Por volta das nove horas da manhã escutamos na costa do mar barulhos apavorantes, como se torrentes de água, misturadas a trovoadas estivessem descendo do alto das montanhas.</p>
--	---

<p>1958</p> <p>Chaque lame qui venait briser sur la côte s'avancéait en mugissant jusqu'au fond des anses, et y jetait des galets à plus de cinquante pieds dans les terres; puis, venant à se retirer, elle découvrait une grande partie du lit du rivage, dont elle roulait les cailloux avec un bruit rauque et affreux. La mer, soulevée par le vent, grossissait à chaque instant, et tout le canal compris entre cette île et l'île d'Ambre n'était qu'une vaste nappe d'écumes blanches, creusées de vagues noires et profondes. Ces écumes s'amassaient dans le fond des anses à plus de six pieds de hauteur, et le vent, qui en balayait la surface, les portait par-dessus l'escarpement du rivage à plus d'une demi-lieue dans les terres. À leurs flocons blancs et innombrables, qui étaient chassés horizontalement jusqu'au pied des montagnes, on eût dit d'une neige qui sortait de la mer. L'horizon offrait tous les signes</p>	<p>2014 – Retradução</p> <p>Cada onda que vinha quebrar sobre a costa avançava mugindo até o fundo das enseadas, e jogava pedras a mais de cinquenta pés nas terras; depois, quando recuava, ela descobria uma grande parte do leito da costa, de onde ela rola pedras com um barulho estridente e aterrorizante. O mar, provocado pelo vento se elevava a cada instante, e todo o canal compreendido entre esta ilha e a ilha de <i>Ambre</i> não era mais que uma vasta toalha de espumas brancas, forjadas de vagas pretas e profundas. Suas espumas se acumulavam no fundo das enseadas a mais de seis pés de altura, e o vento que a balançava sobre a superfície, as jogava sobre o escarpamento da costa a mais de meia légua na terra. Vendo os flocos brancos e incontáveis, que eram descarregados horizontalmente bem no pé das montanhas, se dizia que uma neve saía do mar. O horizonte oferecia todos os sinais de</p>
--	---

<p>d'une longue tempête; la mer y paraissait confondue avec le ciel. Il s'en détachait sans cesse des nuages d'une forme horrible qui traversaient le zénith avec la vitesse des oiseaux, tandis que d'autres y paraissaient immobiles comme de grands rochers. On n'apercevait aucune partie azurée du firmament; une lueur olivâtre et blafarde éclairait seule tous les objets de la terre, de la mer, et des cieux. p.222-223</p>	<p>uma longa tempestade; o mar parecia confundido com o céu. Nuvens de uma forma horrível se formavam sem cessar e atravessavam o zênite com a rapidez dos pássaros, ao passo que outras pareciam imóveis como grandes rochedos. Não se via nenhuma parte azulada no firmamento; apenas um brilho oliva claro iluminava todos os objetos da terra, do mar e dos céus.</p>
---	---

<p>1958</p> <p>Ses traits n'étaient point sensiblement altérés. Ses yeux étaient fermés; mais la sérénité était encore sur son front: seulement les pâles violettes de la mort se confondaient sur ses joues avec les roses de la pudeur. p.226</p>	<p>2014 – Retradução</p> <p>Seus olhos estavam fechados; mas a serenidade ainda estava em sua fronte: somente as pálidas violetas da morte se confundiam sobre suas bochechas com as rosas do pudor.</p>
--	---

<p>1958</p> <p>Je suis pure et inaltérable comme une particule de lumière; et vous me rappelez dans la nuit de la vie! p.241</p>	<p>2014 – Retradução</p> <p>Eu estou pura e inalterada como uma partícula de luz; e você me chama na noite da vida!</p>
---	--

APÊNDICE B – Quadros com trechos das traduções brasileiras de *Paul et Virginie*

1958 – francês	1811 - 2008
<p>- À l'entrée de ce bassin, d'où l'on découvre tant d'objets, les échos de la montagne répètent sans cesse le bruit des vents qui agitent les forêts voisines, et le fracas des vagues qui brisent au loin sur les récifs; mais au pied même des cabanes on n'entend plus aucun bruit, et on ne voit autour de soi que de grands rochers escarpés comme des murailles. Des bouquets d'arbres croissent à leurs bases, dans leurs fentes, et jusque sur leurs cimes, où s'arrêtent les nuages. Les pluies que leurs pitons attirent peignent souvent les couleurs de l'arc-en-ciel sur leurs flancs verts et bruns, et entretiennent à leurs pieds les sources dont se forme la petite Rivière des Lataniers. Un grand silence règne dans leur enceinte, où tout est paisible, l'air, les eaux et la lumière. À peine l'écho y répète le murmure des palmistes qui croissent sur leurs plateaux élevés, et dont on voit les longues flèches toujours balancées par les vents. Un jour doux éclaire le fond de ce bassin, où le soleil ne luit qu'à midi; mais dès l'aurore ses rayons en frappent le couronnement, dont les pics s'élevant au-dessus des ombres de la montagne, paraissent d'or et de pourpre sur l'azur des cieux. p.109-111</p>	<p>À entrada dessa planície, de onde se descobrem tantos objetos, os ecos da montanha repetem continuamente o sussurro dos ventos, que agitam os bosques vizinhos, e o estrondo das vagas, que se quebram ao longe sobre os recifes; mas, ao pé das cabanas não se ouve já ruído algum, e se vêem à roda grandes rochedos escarpados como muralhas. Grupos de árvores crescem nas suas faldas, nos seus intervalos e até sobre os seus cumes, onde param as nuvens. As chuvas, que os seus picos atraem, refletem frequentemente as cores do arco-íris sobre seus declives verdes e pardos, e encorpam as fontes com que se forma o pequeno rio dos Lataneiros. Reina grande silêncio, onde tudo está quieto, o ar, as águas e a luz. Ali apenas o eco repete o murmúrio das palmeiras que crescem sobre seus tabuleiros nos altos, e cujas longas varas se vêem sempre agitadas pelos ventos. Um dia sereno aclara o fundo dessa caldeira, onde o sol não luz senão meio-dia; mas, ao romper da aurora, os seus raios ferem a coroa dela, cujos picos, levantando-se acima das sombras da montanha, parecem ouro e púrpura no azul do céu. P. 69</p>
<p>1906</p>	<p>1913</p>
<p>À entrada deste valle, donde se descobre todo isso, os ecos da montanha repetem continuamente o sussurro dos ventos que agitam os bosques visinhos e o estrondo das vagas que se quebram ao longe sobre os recifes; junto das cabanas tudo é silencioso, e não se vem à roda senão grandes rochedos escarpados como muralhas. Grupos de arvores crescem nas suas faldas, nas suas fendas, e até sobre os cumes, onde pairam as nuvens. As chuvas, que os seus picos atraem, reflectem frequentemente as côres do arco-íres sobre seus declívios verdes e pardos, e alimentam nas suas faldas as fontes, com que se fórma o pequeno rio das Palmeiras. Reina um grande silêncio na região, onde tudo é tranquilo: o ar as aguas e a luz. Alli apenas o echo repete o murmúrio das palmeiras, que crescem nos seus</p>	<p>A entrada d'esta habia d'onde tantos objectos se descobrem, os echos da montanha repetem incessantemente o ruído dos ventos que agita as florestas próximas e o embate das ondas querando-se ao longe nos recifes; mas mesmo ao pé das cabanas não chega ruído algum e em derredor só se vêem enormes rochedos, escarpados como muralhas. Tufos de árvores crescem na sua base, nas fendas e até nos cumes onde pairam as nuvens. As chuvas condensadas pelas suas cumiadas, gottejando, realisam por vezes o arco-íris sobre as faces verde-negras d'esses rochedos e alimenta, nos socalcos que acidentam as suas encostas as pequenas quedas d'agua que formam o riacho das Palmeiras. Um silencio profundo reina n'esse local em que tudo é tranquillo, o ar, as aguas e a luz. Sómente o echo repercute o murmurio dos palmitos que</p>

<p>pináculos e cujas longas flechas estão sempre agitadas pelos ventos. Um dia sereno aclaro o fundo deste valle, onde o sol não brilha senão ao meio dia; mas desde ao romper da aurora, os seus raios ferem-lhe os picos, que levantando-se acima das sombras da montanha, parecem ouro e púrpura sobre o azul dos céos. p. 5-6</p>	<p>crecem nos picos elevados cujas folhas compridas são sempre balouçadas pelo vento. Uma luz serena ilumina o fundo d'essa bahia, e que o sol só brilha ao meio-dia; mas desde o alvorecer que os seus raios incendeiam as corôas dos rochedos, cujas agulhas, erguendo-se acima das sombras da montanha, parecem ouro e púrpura recortadas no fundo azul do céu. p. 2</p>
<p>1941</p> <p>A entrada desta baía, de onde tanta coisa se descobre, os écos da montanha repetem incessantemente o ruído dos ventos que agitam as florestas próximas e o embate das ondas quebrando-se ao longe nos recifes; mas, mesmo ao pé das cabanas não chega ruído algum e em redor só se veem enormes rochedos escarpados como muralhas. Tufos de árvores crescem na sua base, nas fendas, e até nos cumes onde pairam as nuvens. As chuvas, condensadas pelas suas cumiadas, gotejando, realisam por vezes o arco-íris sobre as faces verde-negro d'esses rochedos e alimentam nos socalcos que lhe acidentam as encostas as pequenas quedas d'água que formam o riacho das Palmeiras. Um silêncio profundo reina nesse local em que tudo é tranquilo, o ar, as águas e a luz. Sómente o céu repercute o murmúrio dos palmitos que crescem nos picos elevados e cujas folhas compridas são sempre balouçadas pelo vento. Uma luz serena alumia o fundo dessa baía, e que o sol só brilha ao meio-dia, mas desde o alvorecer os raios incendeiam as corôas dos rochedos, cujas agulhas, erguendo-se acima das sombras da montanha, parecem ouro e púrpuras recortados no fundo azul do céu. p. 3-4</p>	<p>1943</p> <p>À entrada dessa quebrada, donde tantas coisas se avistam, repetem incessantemente os ecos da montanha o rumor dos ventos que sacodem as florestas vizinhas, e o bramido das ondas que rebentam ao longe sobre a penedia, próximo porem das casinholas já nenhum ruído se ouve e não se vê à roda de si senão grandes rochedos escarpados como muralhas. Grupos de árvores crescem nas suas bases, nas suas fendas, e até nas cumiadas, onde esbarram nas nuvens. As chuvas, que as suas cúspides atraem, pinta frequentes vezes as cores do arco iris nos despenhadeiros verdes negros, e alimentam no socalco as nascentes das quais se forma o riacho das Borásseas. Um profundo silêncio reina naquele recinto, onde tudo está sereno, o ar, as águas e a luz. Com dificuldade o eco repete alí o murmúrio das arecas que crescem nas suas altas esplanadas e cuja longa folhagem se avista perpetuamente balanceada pelos ventos. Uma suave claridade ilumina o fundo da quebrada, onde o sol penetra apenas ao meio dia; mas desde que rompe a aurora os seus ráios douram a coroa dos rochedos, cujas agulhas, erguendo-se acima das sombras das montanhas, parecem ouro e púrpura sobre o azul dos céus. p. 5-6</p>
<p>1965</p> <p>À entrada d'esse recinto, donde se goza panorama tão variado, incessantemente repetem-se os ecos da montanha, o soluçar do vento, que perpassa pelas florestas vizinhas, e o rumor das vagas, que se despedaçam de encontro aos rochedos. Junto das cabanas arruinadas, porém, nenhum ruído se percebe, descobrindo-se apenas em volta penhascos alcantilados, parecendo grossas muralhas. Em sua base, em suas fendas e até nos cumos cobertos pelas nuvens, as árvores crescem, formando</p>	<p>1986</p> <p>A entrada deste vale, de onde se descobrem tantas paisagens, os ecos da serra repetem sem cessar o murmúrio dos ventos que agitam as matas vizinhas e o fragor das vagas, que quebram ao longe contra os recifes; entretanto, junto das casas, já não se ouve nenhum ruído e só se vêem, ao redor, altos rochedos escarpados como muralhas. Matas crescem nas suas bases, nas suas fendas e até nos seus cumos, onde pairam as nuvens. As chuvas, atraídas por seus picos, pintam frequentemente com as cores do arco-</p>

<p>grandes massas frondosas. As chuvas, caindo, prestam a coloração do íris aos seus flancos verdes e sombrios e vão alimentar na base os mananciais donde deriva a torrente das Palmeiras. Neste recinto reino profundo [sic] silêncio. Tudo se mostra em delicioso remanso, o ar, a luz e as águas. Apenas o eco vai repetindo o murmúrio das palmeiras, que crescem nas altas planuras, cujas fôlhas se descobrem como flechas, agitando-se cadencialmente ao sabor da viração. Luz suave enche essa cavidade onde sômente ao meio-dia o sol penetra. Mas, desde que nasce, os seus raios inundam de luz os penedos que a coroa e cingem, cujos píncaros, destacando-se de entre as sombras da montanha, parecem feitos de ouro e tintos de púrpura, brilhando sôbre a formosa tela do azul. p.18</p>	<p>íris suas encostas verdes e sombrias, gerando fontes que dão origem ao ribeirão das Palmeiras. Profundo silêncio reina naqueles ermos, onde tudo é tranqüilo, o ar, as águas e a luz. Ali o vento mal repete o murmúrio dos palmiteiros, crescidos nos plâtes elevados, e cujas folhas longas o vento está sempre balançando. Uma luz suave clareia o fundo deste vale onde só brilha o sol a pino; mas já na aurora seus raios iluminam a coroa dos cumes que, saindo das sombras da serra, parecem ouro e púrpura contra o azul do céu. p. 9-10</p>
<p>1988</p>	<p>Edição sem data Aurora</p>
<p>À entrada daquele vale, de onde se divisa tão ampla paisagem, os ecos da montanha repetem sem cessar o ruído dos ventos que agitam as florestas vizinhas e o barulho das vagas, que arrebentam ao longe, de encontro aos recifes; junto das cabanas, no entanto, já não se ouve ruído algum, e nada se vê em torno, a não ser os grandes rochedos, escarpados como muralhas. Moitas de árvores crescem em suas bases, em suas fendas e até no seu cimo, onde se detêm as nuvens. As chuvas, que os seus picos atraem muitas vezes, pintam as cores do arco-íris em seus flancos verdes e escuros, e alimentam, em seu sopé, as fontes que formam o regato das Palmeiras. Um grande silêncio reina naquele recinto, onde tudo é agradável, o ar, as águas e a luz. Apenas o eco ali repete o murmúrio das copas dos coqueiros que se erguem acima dos cumes, sempre sacudidas pelo vento. Uma luz suave ilumina o fundo daquele vale, onde o sol só penetra ao meio-dia; desde a aurora, porém, os seus raios, incidindo sobre os picos que se elevam acima das sombras das montanhas, parecem de ouro e de púrpura, no azul dos céus. p. 7-8</p>	<p>À entrada dessa quebrada, donde tantas coisas se avistam, repetem incessantemente os ecos da montanha o rumor dos ventos que sacodem as florestas vizinhas, e o bramido das ondas que rebentam ao longe sobre a penedia; próximo porém das casinhas já nenhum ruído se ouve e não se vê à roda senão grandes rochedos dos escarpados como muralhas. Grupos de árvores crescem nas suas bases, nas suas fendas, e até nas cumiadas, onde esbarram as nuvens. As chuvas, que as suas cúspides atraem, pintam frequentes vezes as cores do arco íris nos despenhadeiros verdes negros, e alimentam no socalco as nascentes das quais se forma o riacho das Borásseas. Um profundo silencio reina naquele recinto, onde tudo está sereno, o ar as águas e a luz. Com dificuldade o eco repete ali o murmúrio das arecas que crescem nas suas altas esplanadas e cuja longa folhagem se avista perpetuamente balanceada pelos ventos. Uma suave claridade ilumina o fundo da quebrada, onde o sol penetra apenas ao meio dia; mas desde que rompe a aurora os seus raios douram a coroa dos rochedos, cujas agulhas, erguendo-se acima das sombras das montanhas, parecem ouro e púrpura sôbre o azul dos céus. p. 5-6</p>
<p>Edição sem data irmãos Garnier</p>	
<p>Entrada desta planície, donde se descobrem tantos objectos, os ecos da montanha</p>	

<p>repetem continuamente o susurro dos ventos, que agitam os bosques vizinhos, e o estrondo das vagas, que se quebrão ao longe sobre os recifes; mas ao pé das cabanas não se ouve já ruído algum, e não se vem á roda senão grandes rochedos escarpados como muralhas. Grupos de arvores crescem nas suas faldas, nos seus intervallos, e até sobre os seus cumes, onde parão as nuvens. As chuvas, que os seus picos attrahem, reflectem frequentemente as cores do arco Iris sobre seus declívios verdes e pardos, e conservão nas suas faldas as fontes, com que se forma o pequeno rio dos Lataneiros. Reina um grande silencio no seu recinto, onde tudo está quieto, o ar, as águas e a luz. Alli apenas o eco repete o murmúrio das palmeiras, que crescem sobre suas planuras mais altas, e cujas longas varas estão sempre agitadas pelos ventos. Um dia sereno aclara o fundo desta caldeira, onde o sol não luz senão ao meio dia; mas o romper da aurora, os seus raios ferem a coroa della, cujos picos, levantando-se acima das sombras da montanha, parecem ouro e púrpura sobre o azul dos céos. p.9</p>	
<p>1958 - francês</p> <p>Paul, à l'âge de douze ans, plus robuste et plus intelligent que les Européens à quinze, avait embelli ce que le Noir Domingue ne faisait que cultiver. Il allait avec lui dans les bois voisins déraciner de jeunes plants de citronniers, d'orangers, de tamarins dont la tête ronde est d'un si beau vert, et d'attiers dont le fruit est plein d'une crème sucrée qui a le parfum de la fleur d'orange: il plantait ces arbres déjà grands autour de cette enceinte.</p> <p>Il y avait semé des graines d'arbres qui dès la seconde année portent des fleurs ou des fruits, tels que l'agathis, où pendent tout autour, comme les cristaux d'un lustre, de longues grappes de fleurs blanches; le lilas de Perse, qui élève droit en l'air ses girandoles gris de lin; le papayer, dont le tronc sans branches, formé en colonne hérissée de melons verts, porte un chapiteau de larges feuilles semblables à celle du figuier.</p> <p>Il y avait planté encore des pépins</p>	<p>1811 – 2008</p> <p>Paulo, na idade de 12 anos, mais robusto e mais inteligente que os europeus aos 15 anos, tinha aformoseado o que preto Domingos sabia apenas cultivar. Com ele, ia aos bosques vizinhos desarraigar limoeiros, laranjeiras, tamarindos ainda novos, cuja copa é de um verde tão belo, e palmeiras, cuja fruta é cheia de uma nata substancial e açucarada, que tem o perfume da flor de laranjeira. Plantava essas árvores já crescidas à roda deste recinto. Nele tinha deitado sementes de árvores, que já no segundo ano davam flores ou frutas, tais como a agati, da qual pendem em roda como os cristais de um lustre, longos cachos de flores brancas; o alfeneiro da Pérsia, que eleva direito ao ar suas girândolas roxas; a papaia cujo tronco sem ramos forma uma coluna ouriçada de melões verdes e tem um capitel de largas folhas semelhantes às da figueira.</p> <p>Ele tinha ainda disposto pevides e caroços de diversas árvores, que, pela maior parte, davam já ao seu jovem senhor sombra</p>

<p>et des noyaux de badamiers, de manguiers, d'avocats, de goyaviers, de jaques et de jameroses. La plupart de ces arbres donnaient déjà à leur jeune maître de l'ombrage et des fruits. Sa main laborieuse avait répandu la fécondité jusque dans les lieux les plus stériles de cet enclos. Diverses espèces d'aloès, la raquette chargée de fleurs jaunes fouettées de rouge, les cierges épineux, s'élevaient sur les têtes noires des roches, et semblaient vouloir atteindre aux longues lianes, chargées de fleurs bleues ou écarlates, qui pendaient çà et là le long des escarpements de la montagne.</p> <p>Il avait disposé ces végétaux de manière qu'on pouvait jouir de leur vue d'un seul coup d'oeil. Il avait planté au milieu de ce bassin les herbes qui s'élèvent peu, ensuite les arbrisseaux, puis les arbres moyens, et enfin les grands arbres qui en bordaient la circonférence; de sorte que ce vaste enclos paraissait de son centre comme un amphithéâtre de verdure, de fruits et de fleurs, renfermant des plantes potagères, des lisères de prairies, et des champs de riz et de blé. Mais en assujettissant ces végétaux à son plan, il ne s'était pas écarté de celui de la nature; guidé par ses indications, il avait mis dans les lieux élevés ceux dont les semences sont volatiles, et sur le bord des eaux ceux dont les graines sont faites pour flotter: ainsi chaque végétal croissait dans son site propre et chaque site recevait de son végétal sa parure naturelle. Les eaux qui descendent du sommet de ces roches formaient au fond du vallon, ici des fontaines, là de larges miroirs qui répétaient au milieu de la verdure les arbres en fleurs, les rochers, et l'azur des cieux. p.108-111</p>	<p>e frutas. Tinha sua mão laboriosa espalhado a fecundidade até pelos sítios os mais estéreis do terreno. Diversas espécies de aloés, a figueira-da-índia carregada de flores amarelas salpicadas de vermelho, os cardos espinhosos se elevavam sobre os cabeços pretos dos rochedos, e pareciam chegar às longas lianas, carregadas de flores azuis ou mui vermelhas que pendiam aqui e acolá ao longo da ladeira da montanha. Tinha disposto esses vegetais de tal maneira que se podia gozar seu aspecto de um só golpe de vista. Tinha disposto no meio destas planícies as plantas que crescem pouco, logo os arbustos, depois as árvores médias e, finalmente, as grandes árvores, que bordavam sua circunferência; de sorte que este vasto recinto parecia de seu centro como um anfiteatro de verdura, de frutas e de flores, contendo hortaliças, prados e campos de arroz e de trigo.</p> <p>Mas, sujeitando esses vegetais ao seu plano, não os afastava do da natureza. Guiado pela suas indicações, tinha disposto nos sítios mais altos aqueles cujas sementes são voláteis, e na borda das águas aqueles cujos bagos são feitos para flutuar. Assim, cada vegetal crescia no seu terreno próprio, e cada terreno recebia do seu vegetal seu ornato natural. As águas que descem do cume desses rochedos formavam, no fundo do vale, aqui fontes, acolá largos espelhos, que repetiam, no meio da verdura das árvores em flor, os rochedos e o azul do céu. p.84-85</p>
1906	1913
<p>Paulo, na idade de doze annos, mais robusto e mais intelligente que os Europeos aos quinze annos, tinha aformoseado o que o preto Domingos sabia apenas cultivar. Com elle ia aos bosques visinhos arrancar limoeiros, laranjeiras, tamarindos ainda novos, cuja coma é de um verde tão bello, e tamareiras, cuja fructa é cheia de uma creme assucarada, que tem o perfume da flôr da laranjeira. Plantava estas arvores, já crescidas á roda deste recinto. Nellee tinha atirado sementes de arvores que já no segundo anno davam flôres ou fructas,</p>	<p>Paulo aos doze annos, mais robusto e intelligente do que os Europeus aos quinze, tinha embellezado o que o negro Domingos cultivára apenas. Acompanhava-o ás florestas próximas em busca dos pés de limoeiros, de laranjeiras, de tamarindos cuja copa é d'um verde muito bonito, de palmeiras, cujo fructo é impregnado d'um creme doce, e que tem o aroma da flôr de laranjeira, que [sic] transplantára para este logar. Plantou aqui diversas arvores que no anno seguinte lhe deram flôres e fructos, como a agalhi, com as flôres semelhantes aos</p>

<p>taes como a agathis, de onde pendiam em roda como os crystaes de um lustre, longos cachos de flôres brancas; o lilaz da Persia, que eleva direto ao ar suas girandolas roxas; a papaya, cujo tronco sem ramos fórma uma coluna ouriçada de melões verdes, e tem um capitel de largas folhas semelhantes ás da figueira.</p> <p>Elle tinha ainda plantado pevides e caroços de diversas arvores, que pela maior parte davam já ao seu jovem cultivador sombra e fructa. Sua mão laboriosa tinha espalhado a fecundidade até pelos sítios mais estéreis deste recinto. Diversas espécies de aloes, a figueira de India carregada de flôres amarelas salpicadas de vermelho, os cardos espinhosos, se elevam sobre os cabeços pretos dos rochedos, e pareciam querer chegar aos longos cipós carregados de flôres azues ou vermelhas, que pendiam aqui e acolá ao longo das escarpas da montanha.</p> <p>Tinha disposto estes vegetaes de tal maneira que se podia gozar do seu aspecto de um só golpe de vista. Tinha plantado no meio desta planície as plantas que crescem pouco, e em seguida os arbustos, e depois as arvores medias, e finalmente grandes arvores que fechavam a circumferencia; de sorte que este vasto recinto parecia do seu centro um amphitheatro de verdura, de fructa de flôres, contendo hortaliças, prados e campos de arroz e de trigo. Mas sujeitando estes vegetaes ao seu plano, não se afastara do da natureza. Guiado pelas suas indicações tinha disposto nas elevações do terreno aquelles cujas sementes são voláteis, e á beira d'agua aquellas cujos bagos são feitos para fluctuar. D'este modo cada vegetal crescia, em terreno apropriado, e cada terreno recebia do seu vegetal o seu ornato natural. As aguas que descem do cume destes rochedos formavam, no fundo do valle, aqui fontes, acolá largos espelhos, que reflectiam, no meio da verdura as arvores em flôr, o rochedo e o azul dos Céos.</p>	<p>pingentes d'um lustre, com grandes cachos de flôres brancas; o lilaz da Persia, que erguia para o céu as suas girandolas; a ambap ayeiras de tronco despido de ramos, formado de columnas cheias de melões-verdes e que termina n'um capitel de folhas largas parecidas com as das figueiras.</p> <p>Ainda plantou pevides e cravos de bananeiras, de mangueiras, de palmas, de goyabeiras, arvores de pão e jamboreiros. A maior parte d'estas arvores já dava ao seu juvenil cultor sombra e fructos. A sua mão infatigavel espalhára a fecundidade até os logares tidos como mais estereis d'esse recinto: Aloës de varias especies, o nopal de flôres amarellas raiadas de vermelho, os lyrios espinhosos vegetavam aqui e além sobre os rochedos alcantilados e pareciam querer attingir os compridos cipós de flôres azues ou escarlates, que se viam pendidas ao longo do escarpado da montanha.</p> <p>Dispuzera estes vegetaes todos de maneira que pudessem abranger-se n'uma vista d'olhos. Semeára em torno d'este recinto as hervas que crescem pouco, em seguida arbustos, depois as arvores de tamanho mediano e em seguida grandes arvores a cercál-o, de maneira que este grande recinto visto do centro parecia um grande amphitheatro de verdura, fructos e flôres, constituido por plantas caseiras, relva e grandes campos de legumes, searas e arvores. Todavia, sujeitando estes vegetaes ao seu plano, não se afastou do da Natureza. Guiado pelas suas indicações, collocàra nos sítios mais altos aquelles cujas sementes eram volateis e ao-pé da agua os que tinham grãos feitos para fluctuar. D'esta fórma todos os vegetaes estavam no sítio que lhes competia e esses sítios recebiam do seu vegetal o seu feitio natural.</p> <p>No fundo do valle, as aguas, que vinham do cume das rochas, formavam aqui fontes, alli grandes espelhos que reflectiam, no meio da verdura, as arvores com flôres, os rochedos e o céu.</p>
<p>1941</p> <p>Paulo, aos doze anos, mais robusto e inteligente do que os europeus aos quinze, tinha embelezado o que o negro Domingos cultivara apenas. Acompanhava-o às florestas próximas em busca dos pés de limoeiros, de laranjeiras, de tamarindos cujas</p>	<p>1943</p> <p>Paulo, que aos 12 anos era mais robusto e inteligente que a maioria dos europeus, aos 15, tinha aformoseado o que o preto Domingos só sabia cultivar. Ia com ele aos bosques vizinhos procurar pés de limoeiros, laranjeiras, tamarineiros, cuja copa circular</p>

copas são de um verde muito bonito, e de palmeiras, cujo fruto é impregnado de um crême doce e aque tem o aroma da flôr de laranja, que [sic] transplantara para este lugar. Plantou aí diversas árvores que no ano seguinte lhe deram flôres e frutos, como a agati, com as flôres semelhantes aos pingentes de um lustre, com grandes cachos de flôres brancas; o lilaz da Persia, que erguia para o céu as suas girandolas; a ambareira, de tronco despido de ramos, formado de colunas cheias de melões-verdes e que termina nem um capitel de folhas largas parecidas com as das figueiras.

Ainda plantou pevides e cravos de bananeiras, de mangueiras, de palmas, de goyabeiras, arvores de pão e jamboreiros. A maior parte destas árvores já dava ao seu juvenil cultor sombra e frutos. A sua mão infatigável espalhara a fecundidade até os lugares tidos como mais estereis dêsse recinto: Alôes de várias espécies, o nopal de flôres amarelas rajadas de vermelho, os lírios espinhosos vegetavam aqui e além sobre os rochedos alcantilados, e pareciam querer atingir os compridos cipós de flôres azues ou escarlates que se viam pendidos ao longo do escarpado das montanhas.

Dispuzera êstes vegetaes todos de maneira que pudessem abranger-se numa vista de olhos. Semeara em torno deste recinto as ervas que crescem pouco, em seguida arbustos, depois as árvores de tamanho mediano, e em seguida grandes árvores a cerca-los, de maneira que êste grande recinto visto do centro, parecia um grande anfiteatro de verdura, frutos e flôres, constituído por plantas caseiras, relva, grandes campos de legumes, searas e árvores. Todavia, sujeitando êstes vegetais ao seu plano, não se afastou do da Natureza. Guiado pelas suas indicações, colocara nos sítios mais altos aqueles cujas sementes eram voláteis e ao-pé da água as que tinham grãos feitos para flutuar. Desta fórmula todos os vegetais estavam no sítio que lhes competia

Falta um pedaço nessa tradução

apresentar uma cor verde tão bonita, e de palmeiras, cujo fruto está cheio de uma polpa açucarada que tem o perfume da flor de laranja; transplantava estas árvores já crescidas no circuito deste recinto. Aquí tinha plantado árvores que ao segundo ano dão flores ou frutos; tais como o agate, com suas flores pendentes como vidros dum lustre; o lilás da Persia que se ergue em forma de candelabro; o papaier cujo tronco sem ramos, formado em coluna eriçada de melões verdes sustenta uma copa com folhas largas semelhantes às da figueira. Também tinha plantado combretos, mangueiras, pereiras, goiabeiras, árvores de pão e jamboeiros. A maior parte destas árvores davam já ao seu jovem proprietário sombra e frutos. A sua mão laboriosa tinha espalhado fecundidade até pelos lugares mais estereis deste recinto. Várias espécies de aloés, o nopal carregado de flores amarelas rajadas de vermelho, os círios espinhosos, erguiam-se sobre os cabeços negros das rochas, pareciam querer chegar as compridas bignônias carregadas de flores azues e escarlates, que pendiam aquí e alem pelos alcantís da serra. Ele tinha disposto estes vegetais de modo que se podia gozar da sua vista n'um relance. No centro desta quebrada tinha plantado as ervas que pouco crescem, depois os arbustos, mais afastadas, as árvores medianas, finalmente as árvores grandes que ficavam fechando a circunferência; de sorte que visto do centro este vasto recinto parecia um anfiteatro de verdura, frutos e flores, contendo legumes, courelas de lameiros e campos de arroz e trigo.

Mas, colocando estes vegetais segundo o seu plano, não se tinha desviado do plano da natureza: guiado pelas indicações que ela lhe dava, tinha situado nos lugares elevados aqueles cujas sementes são volateis e nas margens das correntes aqueles cujas sementes são destinadas a flutuar. Assim cada vegetal crescia no sítio apropriado, cada sítio recebia do seu vegetal a ornamentação adequada. As águas que descem do cume dessas rochas formavam, no fundo do vale, aquí fontes, alem lagoas cristalinas, que espelhavam, no meio da verdura, as árvores floridas, os rochedos e o azul dos céus.

Paulo, que tinha doze anos de idade e que era mais robusto e inteligente que os europeus aos quinze, tinha enriquecido o terreno que Domingos se limitava a cultivar. Ia com êste aos bosques vizinhos buscar pés de limoeiros, de laranjeiras, de tamarindos, cuja copa redonda tem bela coloração verde, e de tamareiras, cujo fruto contém suco açucarado que tem o aroma da flor de laranjeira, e plantava-os já crescidos em volta do sítio. Êle lançou também na terra semestres de árvores que, passado o primeiro ano, produzem flôres ou frutos, à volta das quais pende, como pingentes de lustre, longos cachos de flôres de côr branca, o lilás da Pérsia, que eleva ao espaço os seus pardos feixes de linho, e mamoeiros, cujo troncos sem ramos, formando coluna carregada de melões verdes, apresenta um capitel de largas fôlhas parecidas com as da figueira. Tinha plantado sementes diversas e caroços como benjoim, mangueiras, abacateiros, goiabadas e jacas. A maior parte dessas árvores dava já ao seu jovem cultivador fruto e sombra.

A sua mão laboriosa esparzira a fecundidade até nos lugares mais estêreis daquele cerrado.

Diversas espécies de alôes, o cacto onde vive a cochinhilha, carregado de flôres amarelas, raiadas de vermelho, outro espécie de cacto, espinhoso, em forma de círio, erguiam-se na crista denegrida dos rochedos, parecendo querer ombrear com os altos cipós, cobertos de flôres azuis e escarlates, que pendiam, aqui e além, ao longo dos declives da montanha.

Tinha disposto aqueles vegetais de forma que se podia gozar a sua contemplação em simples relance de olhos.

Plantara a meio da bacia ervas de pouco crescimento, em seguida arbustos, depois árvores grandes, ao longo da circunferência, de modo que aquêlê vasto círculo parecia, visto do centro, como anfiteatro de verdura, de frutos e flôres, contendo hortaliças, orelas de relvão, campos de arroz e trigo.

Sujeitando, porém, aquêlê vegetação ao seu plano, não se afastara daquele que indica a natureza.

Pusera nos lugares elevados vegetais cujas sementes são voláteis e à beira

Aos doze anos, mais forte e mais inteligente que os europeus aos quinze, Paulo embelezara o que Domingos apenas sabia cultivar. Acompanhava-o às matas próximas para arrancar com as raízes, árvores novas, limoeiros, laranjeiras, tamarineiros, cuja copa redonda tem um verde tão bonito, a ateiras, cuja fruta do conde contém um creme adocicado, perfumado como a flor da laranja. Plantava estas mudas, já crescidas, ao redor de todo esse sítio. Havia semeado árvores que desde o segundo ano produzem flores ou frutos, tais como o agathis do qual pendem, à volta toda, cachos compridos de flores brancas qual cristais de um lustre; o lilás da Pérsia, que envia para o ar girândolas de um cinza arroxeadado; o mamoeiro cujo tronco sem ramos, em forma de coluna eriçada de frutos verdes, abre-se num capitel de largas folhas, semelhantes às da figueira.

Havia plantado ainda sementes e caroços de chapêus-de-sol, mangueiras, abacateiros, goiabeiras, jaqueiras e jambeiros. A maior parte dessas árvores já dava ao jovem proprietário sombra e frutos. Sua mão laboriosa esparzira a fecundidade até nos lugares mais estêreis do sítio. Diversas espécies de babosas, figueiras-da-índia carregadas de flores amarelas raiadas de vermelho, cactos colunares subiam pelos altos sombrios das rochas e pareciam alcançar os longos cipós, carregados de flores azuis ou escarlates, que pendiam aqui e ali, ao longo das escarpas.

Dispusera esses vegetais de maneira que de relance se podia apreciar todo o conjunto. Plantara no meio do vale as relvas rasteiras, em seguida os arbustos, depois as arvores médias e por fim as grandes, que lhe emolduravam a circunferência; de tal sorte que, visto do centro, este cercado enorme parecia um anfiteatro de verdura, frutos e flores, compreendendo hortaliças, pastos, campos de arroz e trigo. Submetendo essas plantas ao seu projeto, no entanto seguira a própria natureza; guiado pelas indicações naturais colocara, nos altos, as sementes voláteis e à beira da água os grãos que flutuavam. Assim cada vegetal crescia no lugar conveniente e cada lugar recebia do seu vegetal o ornamento natural. As águas que descem do cimo dessas rochas formavam no fundo do vale, ora fontes, ora vastos

<p>da água as que são próprias para flutuar. Cada um crescia, pois, em lugar propício, e cada local recebia dêste modo o seu natural adorno.</p> <p>As águas que descem do cimo dos rochedos formavam, no fundo do vale, aqui fontes, além largos espelhos, que retratavam, no meio da verdura, as árvores, as flôres, os rochedos e o azul do firmamento.</p> <p>p.48-49</p>	<p>espelhos, refletindo por entre a verdura, as árvores em flor, os rochedos e o azul dos céus. p.25</p>
<p>1988</p>	<p>Edição sem data Aurora</p>
<p>Paulo, aos doze anos de idade, mais robusto e mais inteligente que os europeus aos quinze anos, embelezara o que Domingos só fazia cultivar. Ia com ele nos bosques vizinhos dezenraizar árvores ainda novas, limoeiros, laranjeiras, tamarineiros, cuja copa redonda tem um verde tão belo, a anonas, cujo fruto é cheio de um creme açucarado e com o perfume da flor das laranjeiras. Paulo replantava todas aquelas árvores que já no segundo ano têm flores e frutas, como os agatis, cujas flores, muito brancas, crescem em cachos, parecendo os cristais de um lustre; o lilás da Pérsia, que ergue bem alto seus cachos cinzentos; o mamoeiro, cujo tronco sem galhos forma uma coluna repleta de frutas, e suas folhas se parecem com as da figueira.</p> <p>Havia plantado também sementes e mudas de badianas, mangueiras, abacateiros, goiabeiras, jaqueiras e jambeiros. A maior parte dessas árvores já dava sombra e frutas. A mão laboriosa do rapazinho espalhará a fertilidade até nos lugares mais áridos do pequeno sítio. Diversas espécies de aloés, de nopal coberto de flores amarelas pintalgadas de vermelho, de círios espinhosos, erguendo-se sobre os cabeços negros dos rochedos e parecendo quererem alcançar as compridas lianas, cobertas de flores azuis ou escarlates, que pendiam, aqui e ali, ao longo das escarpas da montanha.</p> <p>Paulo dispusera as plantas de maneira que se pudesse desfrutar a sua vista com um só olhar. Plantara no meio do vale as plantas de pequeno porte, depois os arbustos, em seguida as árvores um pouco maiores e finalmente as árvores mais altas, que formavam a orla da circunferência, de maneira que o vasto recinto parecia, visto de seu centro, um anfiteatro de verdura dos prados e plantações de arroz e de trigo.</p>	<p>Paulo, que aos 12 anos era mais orbusto e inteligente que a maioria dos europeus aos 15, tinha aformoseado o que o preto Domingos sabia cultivar. Ia com ele pelos bosques vizinhos procurar pés de limoeiros, laranjeiras, tamarineiros, cuja copa circular apresenta uma cor verde tão bonita, e de palmeiras, cujo fruto está cheio de uma polpa açucarada que tem o perfume da flor de laranjeira; transplantava estas árvores já crescidas no circuito deste recinto. Aqui tinha plantado arvores que ao segundo ano dão flores ou frutos; tais como o agate, com suas flores pendentes como vidros dum lustre; o lilás da Persia que se ergue em forma de candelabro; o papier cujo tronco sem ramos, formado em coluna eriçada de melões verdes sustenta uma copa com folhas largas semelhantes às da figueira. Também tinha plantado combretos, mangueiras, pereiras, goiabeiras, árvores de pão e jamboeiros. A maior parte destas árvores davam já ao seu jovem proprietário sombra e frutos. A sua mão laboriosa tinha espalhado a fecundidade até pelos lugares mais estereis deste recinto. Várias espécies de aloés, o nopal carregado de flores amarelas raiadas de vermelho os círios espinhosos, erguiam-se sobre os cabelos negros das rochas, pareciam querer chegar as compridas bignônias carregadas de flores azues e escarlates, que pendiam aqui e além pelos alcantãs da serra. Ele tinha disposto estes vegetais de modo que se podia gozar da sua vista num relance. No centro desta quebrada tinha plantado as ervas que pouco crescem, depois os arbustos, mais afastadas, as árvores medianas, finalmente as árvores grandes que ficavam fechando a circunferência; de sorte que visto do centro este vasto recinto parecia um anfiteatro de verdura, frutos e flores, contendo legumes, courelas de lameiros e</p>

<p>Sujeitando as plantas ao seu planejamento, no entanto, ele não se afastara dos planos da natureza; guiado por suas indicações, pusera nos lugares elevados as plantas cujas sementes são voláteis, e à beira da água aquelas cujas sementes são próprias para flutuar; desse modo, cada planta crescia em lugar adequado e cada lugar recebia das plantas o seu revestimento natural. As águas que desciam do alto dos rochedos formavam, no fundo do vale, ora fontes, ora grandes espelhos, que refletiam, no meio da verdura das árvores em flor, os rochedos e o azul do céu. p.28-29</p>	<p>campos de arroz e trigo.</p> <p>Mas, colocando estes vegetais segundo o seu plano, não se tinha desviado do plano da natureza: guiado pelas indicações que ela lhe dava, tinha situado nos lugares elevados aqueles cujas sementes são volateis e nas margens das correntes aqueles cujas sementes são destinadas a flutuar. Assim cada vegetal crescia no sítio apropriado, cada sítio recebia do seu vegetal a ornamentação adequada. As águas que descem do cume dessas rochas formavam, no fundo do vale, aqui fontes, além lagoas cristalinas, que espelhavam, no meio da verdura, as árvores floridas, os rochedos e o azul dos céus.p.30-32</p>
Edição sem data irmãos Garnier	
<p>Paulo, na idade de doze annos, mais robusto e mais intelligente que os Europeos aos quinze annos, tinha aformozeado o que o preto Domingos sabia cultivar. Com elle hia aos bosques vizinhos desarraigâr limoeiros, laranjeiras, tamarinhos ainda novos, cuja copa é de um verte tão bello, e palmeiras, cuja fruta é cheia de uma nata substancial e assucarada, que tem o perfume da flor de laranja. Plantava estas arvores já crescidas á roda, deste recinto. Nelle tinha semeado sementes de arvores, que já ao segundo anno Davao flores ou frutas, taes como a agathis, da qual pendião em roda, como os cristaes de um lustre,, longos cachos de flores brancas; o alfeneiro da pérsia, que eleva direito ao ar suas girândolas roxas, a papaya, cujo tronco sem ramos forma uma columna ouriçada d emeões verdes, e tem um capitel de largas folhas semelhantes ás da figueira.</p> <p>Elle tinha ainda disposto pevides e caroços de diversas arvores, que pela maior parte davão já ao seu jovem senhor sombra e frutas. Tinha sua mão laboriosa espalhado a fecundidade até pelos sítios os mais estéreis deste recinto. Diversas espécies de aloés, a figueira da India carregada de flores amarellas salpicadas de vermelho, os cardos espinhosos, se elevavão sobre os cabeços pretos dos rochedos, e parecião chegar ás longas lianas, carregadas de flores azues, ou mui vermelhas, que pendião e aqui e acolá ao longo das ladeiras da montanha.</p> <p>Tinha disposto esses vegetaes de tal maneira, que se podia gozar do seu aspecto</p>	

<p>de um só golpe de vista. Tinha disposto no meio desta planície as plantas, que crescem pouco, logo os arbustos, e depois as arvores medias, e finalmente as grandes arvores, que bordavão a sua circumferencia; de sorte que este vasto recinto parecia de seu centro como um amphitheatro de verdura, de frutas e de flores, contendo hortaliças, prados e campos de arroz e de trigo. Mas sujeitando estes vegetaes ao seu plano, não se afastára do da natureza.. guiado pelas suas indicações, tinha disposto nos sitios altos aquelles, cujas sementes são volateis, e na borda das aguas aquelles, cujas bagos são feitos para fluctuar. Assim cada vegetal crescia no seu terreno proprio, e cada terreno recebia do seu vegetal o seu ornato natural. As aguas, que descem do cume destes rochedos formavão no fundo do Valle, aqui fontes, acolá largos espelhos, que repetião no meio da verdura as arvores em flor os rochedos e o azul dos Céos. p.55-57</p>	
---	--

1958 - francês	1811 - 2008
<p>Malgré la grande irrégularité de ce terrain toutes ces plantations étaient pour la plupart aussi accessibles au toucher qu'à la vue: à la vérité nous l'aïdions tous de nos conseils et de nos secours pour en venir à bout. Il avait pratiqué un sentier qui tournait autour de ce bassin et dont plusieurs rameaux venaient se rendre de la circonférence au centre. Il avait tiré parti des lieux les plus raboteux, et accordé par la plus heureuse harmonie la facilité de la promenade avec l'aspérité du sol, et les arbres domestiques avec les sauvages. De cette énorme quantité de pierres roulantes qui embarrassent maintenant ces chemins ainsi que la plupart du terrain de cette île, il avait formé çà et là des pyramides, dans les assises desquelles il avait mêlé de la terre et des racines de rosiers, de poinçillades, et d'autres arbrisseaux qui se plaisent dans les roches; en peu de temps ces pyramides sombres et brutes furent couvertes de verdure, ou de l'éclat des plus belles fleurs. Les ravins bordés de vieux arbres inclinés sur leurs bords formaient des souterrains vouëtés inaccessibles à la chaleur, où l'on allait prendre le frais pendant le jour. Un sentier conduisait dans un bosquet d'arbres</p>	<p>Apesar da grande irregularidade deste terreno, todas essas plantações eram pela maior parte tão acessíveis ao tato como à vista. Na verdade, nós o ajudamos todos com nossos conselhos e socorros para conseguilo. Tinha feito uma vereda à roda deste planície, da qual alguns braços vinham ter da circumferência ao centro. Ele tinha aproveitado os sítios mais escabrosos e conciliado, pela mais feliz harmonia, a felicidade do passeio com a aspereza do terreno e as árvores mansas com as bravias. Desta enorme quantidade de pedras redondas, que embaraça agora estes caminhos, assim como a maior parte do terreno desta ilha, tinha formado aqui e acolá pirâmides, em cujas bases tinha misturado terra, raízes de roseiras e outros arbustos que se dão nos rochedos. Em pouco tempo essas pirâmides sombrias e toscas se cobriram de verdura ou do esplendor das mais belas flores. Os barrancos bordados de árvores antigas, inclinadas sobre suas bordas, formavam subterrâneos abobados, inacessíveis ao calor, aonde se ia tomar o fresco de dia. Uma vereda conduzia a um bosquezinho de árvores bravias, em cujo centro crescia ao abrigo dos ventos uma</p>

<p>sauvages, au centre duquel croissait à l'abri des vents un arbre domestique chargé de fruits. Là était une moisson, ici un verger. Par cette avenue on apercevait les maisons; par cette autre, les sommets inaccessibles de la montagne. Sous un bocage touffu de tatamaques entrelacés de lianes on ne distinguait en plein midi aucun objet; sur la pointe de ce grand rocher voisin qui sort de la montagne on découvrait tous ceux de cet enclos, avec la mer au loin, où apparaissait quelquefois un vaisseau qui venait de l'Europe, ou qui y retournait. C'était sur ce rocher que ces familles se rassemblaient le soir, et jouissaient en silence de la fraîcheur de l'air, du parfum des fleurs, du murmure des fontaines, et des dernières harmonies de la lumière et des ombres. p.138-140</p>	<p>árvore mansa carregada de frutas. Acolá havia uma seara, aqui um vegetal. Por esta avenida avistavam-se as casas; por esta outra os cumes inacessíveis da montanha. À sombra de um bosque frondoso de tamacacos entrelaçados de lianas, não se distinguia ao meio-dia objeto algum; sobre a ponta deste recinto, com o mar ao longe, onde aparecia, algumas vezeum navio que vinha da Europa ou que para lá voltava. Sobre este rochedo aquelas famílias se ajuntavam pela tarde; e gozavam em silêncio da fresquidão do ar, do perfume das flores, do murmúrio das fontes e das últimas harmonias da luz e das sombras. p. 85-86</p>
<p>1906</p> <p>Apezar da grande irregularidade d'est terreno, todas as plantações eram pela maior parte tão accessíveis ao tacto como á vista. É verdade que nós o ajudavamos todos com os nossos conselhos e socorros para conseguilo. Tinha feito uma vereda á roda deste planície, da qual algumas ramificações vinham da circumferencia ao centro, aproveitado os sitios mais escabrosos e conciliado pela mais feliz harmonia a facilidade do passeio com as asperezas do solo, e as arvores mansas com as bravias. Com a enorme quantidade de pedras redondas, que embaraçavam, não só estes caminhos, como a maior parte do terreno da ilha tinha formado piramides aqui e acolá em cujas fiadas tinha misturado terra e raizes de roseira e outros arbustos, que se dão nos rochedos. Em pouco tempo estas pirâmides sombrias e toscas se cobriam de verdura, ou do esplendor das mais bellas flôres. Os barrancos, bordados de velhas arvores inclinadas sobre suas bordas, formavam subterrâneos abobadados, inacessíveis ao calor, aonde se podia tomar fresco durante o dia. Uma vereda conduzia a um bosquezinho de arvores selvagens, em cujo centre crescia, ao abrigo dos ventos, uma arvore mansa carregada de fructas. Acolá havia uma seara, aqui um vergel. Por esta avenida avistavam-se as casas: por esta outra os cumes inacessíveis da montanha. A sombra de um bosque frondoso de tamacacos enlaçado de cipó não se distinguia ao meio-dia objecto</p>	<p>1913</p> <p>Apezar da notoria irregularidade do terreno, todas essas plantações eram, na sua maioria, tão accessíveis á mão como agradáveis á vista: verdade é que nós o ajudavamos com conselhos e socorros para que conseguisse o seu fim. Abriira uma verêda que rodeava esse recinto e cujos ramos vinham dar á circumferencia do centro. Tirára partido dos sitios mais ásperos e combinára – com engenho feliz – a facilidade do passeio com a espereza do terreno, e as arvores domesticas com as selvagens. Com essa enorme quantidade de pedras movediças que embaraçavam a passagem bem como a mór parte do terreno d'esta ilha, lográra fazer aqui e acolá pyramides sob as quaes misturára herva e pés de roseira, genuncianas e outros arbustos que se dão bem nas rochas. Em breve tempo essas pyramides estavam disfarçadas por verdura e flôres. As quebradas cercadas de velhas arvores debruçadas pelas escarpas formavam subterrâneos abobadados aonde não penetrava o calor, mas que eram um bom sitio para se permanecer no verão. Uma vereda dava accesso a um pequeno mattagal d'arvores dilvestres, e a meio d'elle crescia, abrigada do vento, uma arvore domestica ajoujada de fructos. Allí uma seára, aqui um pomar. Por uma via-se as casas; pela outra, os cumes inexpurgnavéis da montanha. p.32-34</p> <p>Falta um pedaço nessa tradução</p>

<p>algum; sobre a ponta d'este grande rochedo vizinho que sahe da montanha, descobriam-se todos os deste recinto, com o mar ao longe, onde apparecia algumas vezes um navio que vinha da Europa, ou que para lá voltava. Era sobr eestes [sic] rochedos que aquellas familias se reuniam á tarde, e gosavam em silencio da frescura do ar, do perfume das flôres, do murmurio das fontes, e das ultimas harmonias da luz e das sombras. p. 31-33</p>	
<p>1941</p>	<p>1943</p>
<p>Apezar da notória irregularidade do terreno, todas essas plantações eram, na sua maioria, tão acessíveis à mão como agradáveis à vista. Verdade é que nós ajudávamos Paulo com conselhos e auxílios para que conseguisse o seu fim. Abriera uma verêda que rodeava esse recinto, e cujos ramos vinham dar à circunferência do centro. Tirara partido dos sítios, facilidade do passeio com a aspezeza do terreno e das arvores domesticas com as selvagens. Com essa enorme quantidade de pedras moveiças que embaraçavam a passagem, bem como a maior parte do terreno desta ilha, lograra fazer aqui e acolá pirâmides sob as quais misturara erva e pés de roseira, genuncianas e outros arbustos que se dão bem nas rochas. Em breve tempo essas pirâmides estavam disfarçadas por verdura e flôres. As quebradas, cercadas de velhas árvores debruçadas pelas escarpas, formavam subterrâneos abadados aonde não penetrava o calor, mas que eram um bom sitio para se permanecer no verão; uma verêda dava acesso a um pequeno matagal de árvores silvestres, e a meio dêle crescia, abrigada do vento, uma árvore doméstica ajoujada de frutos. Ali uma seara, aqui um pomar. Por uma via-se as casas, pela outra os cumes inexpugnáveis da montanha.</p> <p>p-20-21</p> <p>Falta um pedaço nessa tradução</p>	<p>Não obstante a grande irregularidade deste terreno, todas estas plantações eram na sua maioria tão acessíveis ao tacto como à vista. E' verdade que nós todos o auxiliavamos com indicações e meios para obter este resultado. Ele tinha aberto um atalho que contornava esta quebrada, do qual vários ramais vinham ter da circunferência ao centro. Tinha tirado partido dos lugares mais escabrosos e conciliado, com feliz harmonia, a facilidade do passeio com a aspezeza do solo, as árvores de fruta com as de espinho. Da enorme quantidade de pedras soltas que entulham agora esses caminhos, assim como a maior parte do terreno desta ilha, tinha ele formado pirâmides em diversos lugares, na base das quais tinha misturado terra com raízes de roseiras e outros arbustos que se dão bem nas rochas. Em pouco tempo essas pirâmides sombrias ficaram, ou cobertas de verdura ou de belíssimas flores.</p> <p>As barocas com árvores velhas debruçadas nas suas escarpas, formavam subterrâneos abobadados, inacessíveis ao calor, onde se ia tomar o fresco. Um atalho conduzia a um bosquezinho de árvores silvestres, no meio das quais crescia, abrigada dos ventos, uma árvore carregada de frutos. Alem havia uma seara. Aquí estava um pomar. Por esta avenida avistavam-se as casas, por aquela outra os píncaros inacessíveis da serra.</p> <p>À sombra de um monte que aquí havia de tacamacas enlaçados com bignônias, não se diferenciavam à hora do meio dia os objetos, do alto daquele grande penhasco que sai da montanha, viam-se todos os rochedos deste recinto, e ao longe o mar, onde às vezes apparecia algum navio que vinha da França ou para lá voltava.</p> <p>Era nesse penhasco que estas</p>

	<p>famílias se reuniam à tarde, gozavam da frescura do ar, do perfume das flores, do murmúrio das fontes e das últimas harmonias da luz e das sombras. P. 42-46</p>
1965	1986
<p>Apesar da grande irregularidade do terreno, tôdas aquelas plantações eram tão acessíveis à mão como à vista.</p> <p>Havia feito um trilho em volta daquela bacia e diversos ramais convergiam da circunferência ao centro.</p> <p>Tirou partido dos lugares mais escarpados, conciliando pela mais feliz harmonia a facilidade do passeio com a aspereza do solo e as árvores domésticas com as bravias.</p> <p>Da enorme quantidade de pedras sôltas, que atulham agora os caminhos, como sucede na maior parte da ilha, formou aqui e ali, pirâmides, em cuja base pôs terra e meteu raízes de roseiras e outros arbustos, que se dão bem nos pedregais. Em pouco tempo essas sombrias e rudes pirâmides estavam cobertas de verdura ou do esplendor das mais belas flôres.</p> <p>Os barrancos orlados de árvores anosas pendiam das suas beiras, formavam subterrâneos inacessíveis ao calor, amenos retiros de frescor no correr do dia.</p> <p>Um atalho ia dar a um bosque de árvores selváticas, em cujo centro, ao abrigo dos ventos, crescia uma árvore doméstica, carregada de frutos.</p> <p>Além estava uma seara, aqui um vergel.</p> <p>Desta alamêda viam-se as casas, daquela outra os picos inacessíveis da montanha.</p> <p>Sob denso bosque de cipós entrelaçados, à hora do meio-dia, não se enxergava objeto algum. Do extremo daquele grande rochedo, que sai da serra, descobria-se todo o horizonte e o mar ao longe, onde, de tarde em tarde, aparecia algum navio, que vinha da Europa ou regressava a ela. Era sôbre êsse rochedo que as duas famílias se reuniam às tardes, para gozar em silêncio da frescura do ar, do perfume das flôres, do murmúrio das fontes e das últimas harmonias da luz e das sombras. p. 48-51</p>	<p>Apesar da grande irregularidade do terreno, as plantações, em sua maioria, eram acessíveis tanto ao tato quanto à vista; de fato, nós todos ajudávamos a Paulo com nossos conselhos para que tivesse êxito. Ele havia aberto uma vereda que circundava este vale e cujos atalhos conduziam da circunferência ao centro. Aproveitara os trechos mais rudes e combinara harmoniosamente a facilidade do passeio com a aspereza do solo, as árvores domésticas com as silvestres. Desta enorme quantidade de pedras soltas, que agora danificam os caminhos como a maior parte do terreno desta ilha, ele formara pirâmides aqui e ali, em cujas bases misturava terra, raízes de roseiras e de outros espinheiros que se dão bem nas rochas; em pouco tempo os grosseiros montes de pedra cobriram-se de verdura ou do brilho das mais belas flores. Os barrancos, em cujas rampas se inclinavam árvores frondosas, formavam sulcos sombreados, inacessíveis ao calor onde se ia procurar a fresca durante o dia. Uma trilha levava a um bosque de árvores silvestres em cujo centro, abrigada dos ventos, havia uma árvore doméstica carregada de frutos. Ali, uma seara, aqui, um pomar! Desta alameda, avistavam-se as casas; de outra, os cimos inatingíveis da serra. Num cerrada mata de tacamacas entrelaçadas de cipós, nada se podia ver, nem ao meio-dia. Do alto daquela elevado rochedo que se ergue sobre a montanha, descortinava-se toda paisagem deste sítio, com o mar ao longe onde aparecia, por vezes, um navio vindo da Europa ou para lá voltando. Precisamente naquele pico, as famílias se reuniam, ao entardecer e, em silêncio, usufruíam as últimas harmonias do dia. p.24- 26</p>
1988	Edição sem data Aurora
<p>Apesar da acentuada irregularidade do terreno, as plantações eram, em sua maior</p>	<p>Não obstante a grande irregularidade deste terreno, todas estas plantações eram na sua</p>

<p>parte, tão acessíveis ao contato direto quanto à vista; na verdade, todos ajudamos Paulo, com os nossos conselhos e o nosso apoio a alcançar aquele fim. Ele havia aberto um caminho que rodeava o vale, vários ramos do qual ligavam a periferia ao centro. Tirara partido dos lugares mais acidentados, combinando, de modo mais harmonioso, a facilidade da caminhada com a aspereza do solo e as árvores cultivadas com as nativas. Com a enorme quantidade de pedras roladas que atravancam os caminhos, assim como a maior parte desta ilha, formara, aqui e ali, pirâmides, misturando com as camadas inferiores terra e raízes de arbustos que crescem bem entre os rochedos, e, dentro de pouco tempo, aquelas pirâmides sombrias e brutas se cobriram de verdura e de lindas fores. As ravinas margeadas por árvores inclinadas formavam galerias abobadadas inacessíveis ao calor, aonde se ia gozar a frescura durante o dia. Um trilho levava a um pequeno bosque de árvores nativas, no centro do qual crescia, protegida dos ventos uma grande árvore carregada de frutas. Aqui havia uma seara, ali um vergel. Em uma alameda avistavam-se as casas; em uma outra, os cumes inacessíveis da montanha. Sob uma mata, formada por árvores entrelaçadas, nada se distinguia, mesmo ao meio-dia; na ponta do grande rochedo vizinho que se projetava da montanha, avistavam-se todos os pontos do terreno, tendo ao fundo o mar, onde às vezes, via-se um navio que chegava da Europa ou para lá estava partindo. Era nesse rochedo que as duas famílias se reuniam ao entardecer, gozando em silêncio a frescura do ar, o perfume das flores, o murmúrio das fontes e as últimas harmonias da luz e das sombras. p. 29-30</p>	<p>maioria tão acessíveis ao tacto como à vista. É verdade que nós todos o auxiliávamos com indicações e meios para obter este resultado. Ele tinha aberto um atalho que contornava esta quebrada, do qual vários ramais vinham ter da circunferência ao centro. Tinha tirado partido dos lugares mais escabrosos e conciliado, com feliz harmonia, a facilidade do passeio com a aspereza do solo, as árvores de fruta com as de espinho. Da enorme quantidade de pedras soltas que entulham agora esses caminhos assim como a maior parte do terreno desta ilha, tinha ele formado pirâmides em diversos lugares, na base das quais tinha misturado terra com raízes de roseiras e outros arbustos que se dão bem nas rochas. Em pouco tempo essas pirâmides sombrias ficaram, ou cobertas de verdura ou de belíssimas flores.</p> <p>As barocas com árvores velhas debruçadas nas suas escarpas, formavam subterrâneos abobadados, inacessíveis ao calor, onde se ia tomar o fresco. Um atalho conduzia a um bosquezinho de árvores silvestres, no meio das quais crescia, abrigada dos ventos, uma árvore carregada de frutos. Além havia uma seara. Aqui estava um pomar. Por esta avenida avistavam-se as casas, por aquela outra os píncaros inacessíveis da serra.</p> <p>A sombra de um monte que havia de tacamacas enlaçados com bgnônias, não se diferenciavam à hora do ameiio dia os objetos, do alto daquele grande penhasco que sai da montanha, viam-se todos os rochedos deste recinto, e ao longe o mar, onde às vezes aparecia algum navio que vinha da França ou para lá voltava.</p> <p>Era nesse penhasco que estas famílias se reuniam à tarde, gozavam da frescura do ar, do perfume das flores, do murmúrio das fontes e das últimas harmonias da luz e das sombras. p.30-31</p>
<p>Edição sem data irmãos Garnier</p>	
<p>A pezar da grande irregularidade deste terreno, todas estas plantações são pela maior parte tão acessíveis ao tacto como a vista. Na verdade nós o ajudavamos todos com nossos conselhos e socorros para conseguil-o. Tinha feito uma vereda á roda desta planície, da qual uns braços vinhão ter da circunferencia ao centro. Elle tinha aproveitado os sitios os mais escabrosos, e</p>	

<p>conciliado pela mais feliz harmonia a facilidade do passeio com a aspereza do terreno, e as arvores mansas com as bravias. Desta enorme quantidade de pedras redondas, que embaraça agora estes caminhos, assim como a maior parte do terreno desta ilha, tinha formado aqui e acolá pyramides, em cujas fiadas tinha misturado terra e raizes de roseiras e outros arbustos, que se dão nos rochedos. Em pouco tempo estas pyramides sombrias e toscas se cobrirão de verdura, ou do esplendor das mais bellas flores. Os barrancos, bordados de arvores antigas inclinadas sobre suas bordas, formavão soterraneos abobadados, inacessíveis ao calor, aonde se hia tomar o frescco de dia. Uma vereda conduzia a um bosquezinho de arvores bravias, em cujo centro crescia ao abrigo dos ventos uma arvore mansa carregada de frutas. Acolá havia uma seara, aqui em vergel. Por essa avenida avistavão-se as casas por esta outra os cumes inacessíveis da montanha. A sombra de um bosque frondoso se distinguia ao meio-dia objecto algum: sobre a ponta deste grande rochedo vizinho, que sahe da montanha, descobrião-se todos os deste recinto, com o mar ao longe, onde apparecia algumas vezes um navio, que vinha da Europa, ou que para lá voltava. Sobre este rochedo, aquellas familias se ajuntavão pela tarde, e gozavão em silencio da fresquidão do ar, do perfume das flores, do murmurio das fontes, e das ultimas harmonias da luz e das sombras. p. 57-59</p>	
--	--

1958 – francês	1811 - 2008
<p>Il naquit de ces deux fruits deux cocotiers, qui formaient toutes les archives de ces deux familles; l'un se nommait l'arbre de Paul, et l'autre, l'arbre de Virginie. Ils crurent tous deux, dans la même proportion que leurs jeunes maîtres, d'une hauteur un peu inégale, mais qui surpassait au bout de douze ans celle de leurs cabanes. Déjà ils entrelaçaient leurs palmes, et laissaient pendre leurs jeunes grappes de cocos au-dessus du bassin de la fontaine. Excepté cette plantation on avait laissé cet enfoncement du rocher tel que la nature l'avait orné. Sur ses flancs bruns et humides rayonnaient en étoiles vertes et noires de larges capillaires, et flottaient au</p>	<p>Nasceram de ambas essas frutas dois coqueiros, que formavam todos os arquivos dessas famílias ambas; um se chamava a "Árvore de Paulo" e o outro a "Árvore de Virgínia". Ambas cresceram na mesma proporção que os seus jovens senhores, de altura um pouco desigual, mas que excedeu, ao cabo de 12 anos, à de cabanas. Já enlaçavam suas palmas e deixavam pender seus novos cachos de coco sobre o lago da fonte. À exceção desta plantação, tinha deixado este lugar retirado tal como a natureza o adornara. Sobre seus flancos pardos e úmidos raiavam, como estrelas verdes e pretas, largas capilárias, e</p>

<p>gré des vents des touffes de scolopendre suspendues comme de longs rubans d'un vert pourpré. Près de là croissaient des lisières de pervenche, dont les fleurs sont presque semblables à celles de la giroflée rouge, et des piments, dont les gousses couleur de sang sont plus éclatantes que le corail. Aux environs, l'herbe de baume, dont les feuilles sont en cœur, et les basilics à odeur de girofle, exhalaient les plus doux parfums. Du haut de l'escarpement de la montagne pendaient des lianes semblables à des draperies flottantes, qui formaient sur les flancs des rochers de grandes courtines de verdure. Les oiseaux de mer, attirés par ces retraites paisibles, y venaient passer la nuit. Au coucher du soleil on y voyait voler le long des rivages de la mer le corbeau et l'alouette marine, et au haut des airs la noire frégate, avec l'oiseau blanc du tropique, qui abandonnaient, ainsi que l'astre du jour, les solitudes de l'océan indien. p.143-144</p>	<p>flutuavam, à vontade dos ventos, tufos de escolopendra suspensos como longas fitas de um verde purpúreo. Perto dali, bordejavam congorsas, cujas flores são quase semelhantes às do goiveiro vermelho, e pimenteiras, cujas vagens cor de sangue brilham mais que o coral. Aos arredores a erva de bálsamo, cujas folhas se assemelham ao coração, e os manjeriões, com cheiro de goivo, exalavam os doces perfumes. Do alto do escarpado da montanha pendiam lianas semelhantes às roupagens flutuantes, que formavam sobre os flancos dos rochedos grandes cortinas de verdura. Os pássaros do mar, atraídos por esses retiros pacíficos, neles vinham passar a noite. Ao pôr do Sol, viam-se ali voar, ao longo das praias do mar, o corvo e a cotovia marinha; e no alto dos ares, a negra fragata com o pássaro branco do trópico, que deixavam, assim como o astro do dia, as solidões do Oceano Índico. p.8</p>
<p>1906</p>	<p>1913</p>
<p>Nasceram de ambas estas fructas dous coqueiros que formavam todos os archivos das duas famílias; um chamava-se arvore de Paulo, e o outro a arvore de Virginia. Ambas cresceram na mesma proporção que seus jovens senhores, de altura um pouco desigual, mas que excedia ao cabo de doze annos a de suas cabanas. Já enlaçavam suas palmas, e deixavam pender seus novos cachos de coco sobre o lago da fonte. A excepção desta plantação, tinham deixado este lugar retirado tal como a natureza o adornara. Sobre seus flancos pardos e humidos raiavam, como estrelas e pretas, largos capilares, e tufos de escolopendra fluctuavam a vontade dos ventos, suspensos como longas fitas de um verde purpureo. Perto d'alli cresciam taboleiros de congossa, cujas flôres são quasi semelhantes as do goiveiro vermelho, e pimenteiras, cujas vagens côr de sangue, brilham mais que o coral. Aos arredores a herva de balsamo, cujas folhas se assemelham ao coração e aos mangeriões com cheiro de goivo exhalavam os mais doces perfumes. Do alto do escarpado da montanha pendiam cipos semelhantes á roupagens fluctuantes, que formavam sobre os flancos dos rochedos grandes cortinas de verdura. Os passaros do mar, attrahidos por estes retiros pacíficos,</p>	<p>Esses dois fructos produziram dous coqueiros que ficaram sendo os pergaminhos das duas familias; uma era conhecida pela arvore de Paulo e a outra pela arvore de Virginia. Ambas cresceram em eguaes proporções dos donos, mas ficaram deseguaes no tamanho; ao cabo de doze annos, porém, estavam mais altas do que as cabalas e já se entrelaçavam as palmas, e os pesados cachos de côcos pendiam para o espelho da agua. Salvo esta excepção feita a estas arvores, o recôncavo d'este rochedo estava adornado conforme a Natureza o apresentára. Avenças de folhas largas enfeitavam esses recôncavos sobrios e luminosos, emquanto tufos de scolopendros semelhantes a grandes fitas verde-purpureadas fluctuavam ao sabor do vento. Muito proximo cresciam pervencas, cujas flores são quase idénticas ás do goivo encarnado, e as malaguetas, cujas vagens côr de sangue eram mais vivas o que o coral.</p> <p>Nas cercanias, a balsamina cujas folhas têm a fôrma de coração, e basilicos, com o aroma do cravo da India, exhalavam inebriantes perfumes. Do alt da escarpa da montanha caiam cipós semelhantes a pannos fluctuantes, que formavam nos socialcos dos rochedos grandes cortinas de verdura. As aves marinhas, atraidas por esses retiros socegados, vinham ahi passar a noite. Ao pôr</p>

<p>n'elles vinham passar a noite. Ao pôr do sol via-se allí voar ao longe das praias do mar o corbegeo e a cotovia marinha; e no alto dos ares a negra fragata com o passaro branco dos tropicos, que deixavam, assim como o astro do dia, as solidões do Oceano Indico. p.35-36</p>	<p>do sol viam-se voar ao longo da margem as aves marítimas e no espaço a fragata preta e o albatroz abandonavam, como o astro do dia, as solidões do oceano Indico. p.38</p>
<p>1941</p> <p>Êsses dois frutos produziram dois coqueiros que ficaram sendo os pergaminhos das duas famílias; um era conhecido pela árvore de Paulo e o outro de Virgínia. Ambas cresceram em iguais proporções dos donos, mas ficaram desiguais no tamanho. Ao cabo de doze anos, porém, estavam mais altas do que as cabalas e já se entrelaçavam as palmas, e os pesados cachos de côcos pendiam para o espelho das aguas. Salvo esta exceção feita a estas árvores, o recôncavo dêste rochedo estava adornado conforme a Natureza o apresentara. Avencas de folhas largas enfeitavam êsses recôncavos sombrios e luminosos, enquanto tufos de cleopendros semelhantes a grandes fitas verde-purpureadas, flutuavam ao sabor do vento. Muito próximo cresciam pervincas, cujas flores são quase idênticas às do goivo encarnado, e as malaguetas, cujas vagens côr de sangue eram mais vivas o que o coral.</p> <p>Nas cercanias, a balsamina, cujas folhas teem a fôrma de coração, e basilicos, com o arôma do cravo da Índia, exalava inebriantes perfumes. Do alto da escarpa da montanha caíam cipós semelhantes a panos flutuantes, que formavam nos socalcos dos rochedos grandes cortinas de verdura. As aves marítimas, atraídas por êsses retiros sossegados, vinham aí passar a noite, e ao pôr do sol voavam ao longo da margem. No espaço, a fragata preta e o albatroz abandonavam com o astro do dia, as solidões do oceano Indico. p.23</p>	<p>1943</p> <p>Dos dois frutos nasceram dois coqueiros, que constituíam os únicos arquivos das duas famílias. Um chamava-se “A árvore de Paulo” e o outro “A árvore de Virgínia”. Cresceram ambos na mesma proporção que os seus pequenos donos, com altura um tanto desigual, mas que sobrepujavam ao fim de doze anos, a altura das suas cabanas. Já então entrelaçavam suas palmas, deixavam pender seus pequenos cachos de cocos por cima do tanque da fonte.</p> <p>A excessão desta plantação, tinha se deixado este recôncavo da rocha tal qual a natureza o tinha ornado. Nos seus declives escuros e úmidos brilhavam em grupos verdes e negros grandes capilares, agitados pelo vento flutuavam tufos de escolopendra, suspensos como compridas fitas dum verde purpureado. Alí perto cresciam pervincas ou congossas, cujas flores são semelhantes as do goivo encarnado e malgetas, cujas vargens da cor de sangue têm mais brilho que o coral. Nas proximidades, a balsameira com folhas em forma de coração e os basilicos que cheiram à cravo da índia, exalavam suavíssimo aroma. Dos alcantís da montanha pendiam bignônias que formavam pelas escarpas dos rochedos cortinas de verdura.</p> <p>As aves aquáticas, atraídas por este retiro silencioso, alí vinham abrigar-se durante a noite. Ao por do sol, viam-se voar para alí, rastejando pelas praias do mar, o curfino e a calhandra marinha; e a grande altura, a negra fragata juntamente o albatroz que deixava, assim como o astro do dia, as solidões do Oceano Índico. p. 50-51</p>
<p>1965</p> <p>Dos dois frutos nasceram dois coqueiros, que resumiam os arquivos das duas famílias. Um chamava-se a Árvore de Paulo, o outro Árvore de Virgínia.</p> <p>Cresceram ambas juntamente com seus donos infantís.</p> <p>Eram de altura quase igual e, aos doze anos, suas fôlhas tremulavam acima das</p>	<p>1986</p> <p>Desses dois frutos nasceram dois coqueiros, únicos arquivos daquelas duas famílias; um chamava-se a árvore de Paulo, o outro, a árvore de Virgínia. Cresceram ambos, na mesma proporção de seus jovens donos, porém muito mais altos e ao cabo de doze anos ultrapassaram as casas. Já entrelaçavam</p>

<p>cabanas. Já entrelaçavam as palmas e deixavam pender os cachos amarelos sôbre a bacia da fonte.</p> <p>Exceto essas plantas, conservavam o local como a natureza o havia criado. Sôbre os flancos escuros e tímidos, abriam-se em estrêlas, verdes e negras, as fôlhas largas da avenca e flutuavam, à feição do vento, tufos de escolopendra, suspensos como largas fitas de verde purpurado.</p> <p>Próximo, vicejavam relvões de congossa, cujas flôres são quase semelhantes às do cravo-vermelho, e as pimenteiras, com as vagens côr de sangue, mais vivas ainda do que o coral.</p> <p>Nas cercanias, a erva de bálamo, que tem a forma de um coração, e os manjeriços, cheirando a cravo, exalavam suavíssimos perfumes. Do alto do escarpamento da montanha pendiam as lianas, como roupagens flutuantes, formando sôbre os flancos dos rochedos grandes cortinas de verdura. As aves aquáticas, atraídas por aquêle apartado retiro, vinham ali pernoitar. Ao pôr do sol, viam-se voar, ao longo das praias, os corvos-marinhos e os grajaus e, lá nas alturas, pelos ares, a negra fragata e o pássaro branco trópico, que abandonavam, como o astro do dia, as solidões do oceano índico. p.53-54</p>	<p>as suas palmas, e por sobre a lagoa da fonte pendiam os cachos de cocos. Afora estes coqueiros, deixaram-se essa depressão do rochedo tal qual o criara a natureza. As paredes escuras e úmidas guarneciam-se de estrelas verdes e negras de grandes avencas e tufos de escolopêndrios suspensos, como longas fitas de um verde puxado à púrpura, oscilavam ao sabor dos ventos. Nas proximidades, cresciam campos de pervincas com flores semelhantes às do goivo vermelho e pimentas cor de sangue, mais vivas do que o coral. Nos arredores, o bálamo com folhas em coração e os manjeriços com aroma de cravo-da-índia, exalavam os mais delicados perfumes. Do alto da escarpa da montanha pendiam cipós como drapeados flutuantes, que desciam os flancos dos rochedos formando grandes cortinas de verdura. Os pássaros do mar, atraídos por esses retiros tranquilos, vinham ali passar a noite. Ao entardecer, viam-se voar, ao longo da orla marítima, o corvo-da-áfrica e o maçarico e muito alto, a negra fragata e o rabo-de-palha que imitando o Sol, abandonavam as solidões do Oceano Índico. p. 27-28</p>
<p>1988</p>	<p>Edição sem data Aurora</p>
<p>Assim, nasceram dois coqueiros, que constituíam todo o arquivo das duas famílias; um se chamava a árvore de Paulo, o outro a árvore de Virgínia. Cresceram na mesma proporção que os seus donos, de alturas um pouco desiguais, mas que, no final de doze anos, ultrapassavam a altura de suas cabanas. As suas folhas já se entrelaçavam e os cachos de coco já se debruçavam sobre a fonte.</p> <p>A não ser isso, o vão do rochedo fora deixado como a natureza o enfeitara. Nas paredes escuras e úmidas, cresciam, como estrelas negras e verdes, grandes samambaias, e flutuavam ao sabor dos ventos tufos de escolopêndrio suspensos, como compridas fitas de um verde arroxeadado. Perto de lá cresciam renques de pervincas, cujas flores são muito parecidas com as do goivo vermelho, e de pimentas, cuja cor de sangue é mais brilhante que o coral. Nos arredores, o bálamo, de folhas em forma de coração, e o manjeriço</p>	<p>Dos dois frutos nasceram dois coqueiros, que constituíam os únicos arquivos das duas famílias. Um chamava-se “A árvore de Paulo” e o outro “A árvore de Virgínia”. Cresceram ambos na mesma proporção que os seus pequenos donos, com altura um tanto desigual, mas que sobrepujavam ao fim de doze anos, a altura das suas cabanas. Já então entrelaçavam suas palmas, deixavam pender seus pequenos cachos de cocos por cima do tanque da fonte.</p> <p>A exceção desta plantação, tinha se deixado este recôncavo da rocha tal qual a natureza o tinha ornado. Nos seus declives escuros e úmidos brilhavam em grupos verdes e negros grandes capilares, agitados pelo vento flutuavam tufos de escolopendra, suspensos como compridas fitas dum verde purpureado. Alí perto cresciam pevincas ou congossas, cujas flores são semelhantes as do goivo encarnado e malaguetas, cujas vagens da cor de sangue têm mais brilho que o coral.</p>

<p>exalavam os mais suaves perfumes. Do alto das escarpas das montanhas pendiam lianas parecidas com reposteiros flutuantes, que formavam sobre os flancos do rochedo grandes cortinas de verdura. As aves marinhas, atraídas por aqueles abrigos acolhedores, ali vinham passar a noite. Ao pôr do Sol, viam-se voar ao longo da casa as gaivotas e os corvos-marinheiros, e, bem no alto, as negras fragatas, com as aves brancas dos trópicos, que abandonavam, assim como o astro do dia, as solidões do Oceano Índico. p.32-33</p>	<p>Nas proximidades, a balsameira com folhas em forma de coração e os basflicos que cehiram [sic] a cravo da índia, exalavam suavíssimo aroma. Dos alcantás da montanha pendiam bignônias que formavam pelas escarpas dos rochedos cortinas de verdura.</p> <p>As aves aquáticas, atraídas por este retiro silencioso, al vinham abrigar-se durante a noite. Ao por do sol, viam-se voar para alí, rastejando pelas praias do mar, o curlino e a calhandra marinha; e a grande altura, a negra fragata juntamente o albatroz que deixava, assim como o astro do dia, as solidões do Oceano Índico. p.36-37</p>
<p>Edição sem data irmãos Garnier</p> <p>Nascêrão de ambas estas frutas dous coqueiros, que formavão todos os arquivos das duas familias; um se chamava a arvore de Paulo, e o outro a arvore de Virginia. Ambas crescêrão na mesma proporção que seus jovens senhores, de altura um pouco desigual, mas que excedia ao cabo de doze annos a de suas cabanas. Já enlaçavão suas palmas, e deixavão pender seus novos cachos de coco sobre o lago da fonte. A excepção desta plantação, tinhão deixado este lugar retirado tal como a natureza o adornára. Sobre seus flancos pardos e humidos raiavão, como estrellas verdes e pretas, largos capillares, e fluctuavão á vontade dos ventos tufos de escolopendra, suspensos como longas fitas de um verde purpúreo. Perto d'alli crescião taboleiros de congorça, cujas flores são quase semelhantes ás do goiveiro vermelho, e pimenteiras, cujas bagens cõr de sangue, brilhão mais que o coral. Aos arredores a herva de balsamo, cujas folhas se assimilhão ao coração, e os magericões com cheiro de goivo exhalavão os mais doces perfumes. Do alto do escarpado da montanha pendião lianas semelhantes á roupagens fluctuantes, que formavão sobre os flancos dos rochedos grandes cortinas de verdura. Os passaros do mar, attrahidos por estes retiros pacíficos, nelles vinhão passar a noite. Ao pôr do sol vião-se ali voar ao longo das praias do mar o corbegeo e a cotovia marinha; e no alto dos ares a negra fragata, com o passaro branco do tropico, que deixavão, assim como o astro do dia, as solidões do Oceano Indico. p.64- 66</p>	

<p>1958 – francês</p> <p>Le lieu de la scène était pour l'ordinaire au carrefour d'une forêt dont les percés formaient autour de nous plusieurs arcades de feuillage: nous étions à leur centre abrités de la chaleur pendant toute la journée; mais quand le soleil était descendu à l'horizon, ses rayons, brisés par les troncs des arbres, divergeaient dans les ombres de la forêt en longues gerbes lumineuses qui produisaient le plus majestueux effet. Quelquefois son disque tout entier paraissait à l'extrémité d'une avenue et la rendait toute étincelante de lumière. Le feuillage des arbres, éclairés en dessous de ses rayons safranés, brillait des feux de la topaze et de l'émeraude; leurs troncs mousseux et bruns paraissaient changés en colonnes de bronze antique; et les oiseaux déjà retirés en silence sous la sombre feuillée pour y passer la nuit, surpris de revoir une seconde aurore, saluaient tous à la fois l'astre du jour par mille et mille chansons. p.151-152</p>	<p>1811 - 2008</p> <p>O lugar da cena era comumente de um bosque, cujas aberturas formavam à roda de nós algumas arcadas de folhagem. Estávamos no seu centro abrigados do calor todo o dia; mas quando o sol baixava no horizonte, seus raios, quebrados pelos troncos das árvores, divergiam nas sombras do bosque em longos ramos luminosos, que produziam o mais majestoso efeito. Algumas vezes, seu disco todo aparecia no cabo de uma avenida, e a tornava toda resplandecente de luz. A folhagem das árvores, alumada por baixo com seus raios açafroados, brilhava dos fogos do topázio e da esmeralda. Seus troncos musgosos e pardos pareciam mudados em colunas de bronze antigo, e os pássaros já recolhidos em silêncio debaixo da sombria ramada para nela passar a noite, pasmados de ver uma segunda aurora, saudavam todos juntamente o astro do dia, com mil e mil cantigas. p.92</p>
<p>1906</p> <p>-[...] o lugar da scena era ordinariamente na encruzilhada de um bosque, cujas aberturas formavam á roda de nós algumas arcadas de folhagem. Estavam no seu centro abrigados do calor todo dia; mas quando o sol baixava ao horizonte, seus raios, quebrados pelos troncos das arvores, divergiam nas sombras do bosque em longas pavêas luminosas, que produziam o mais magestoso efeito. Algumas vezes todo o seu disco apparecia na extremidade de uma avenida tornando-a resplandecente de luz; e a folhagem das arvores illuminadas por baixo pelos seus raios açafroados, reproduzia as côres do topazio e da esmeralda. Seus troncos musgosos e pardos pareciam transformados em columnas de bronze antigo, e os passaros já recolhidos em silencio debaixo da sombria ramada, para nella passarem a noite, pasmados de ver uma segunda aurora, saudavam todos juntamente o astro do dia com mil e mil cantigas. p.42-43</p>	<p>1913</p> <p>De ordinario, a ação passava-se sempre na clareira d'um bosque em que as arvores formavam arcadas irregulares de folhagem. Estavamos alli, abrigados do sol durante o dia todo; quando, porém, o sol estava a desaparecer no occaso, os raios, quebrados pelo tronco das árvores, divergiam nas sombras da floresta em longos reflexos luminosos que produziam um bonito efeito. Outros vezes o disco solar apparecia completo no extremo d'uma avenida e fazia-a scintillar de luz. As folhas das arvores, onde batiam os raios, davam ao chão tons de topazio e esmeralda; os troncos musgosos e escuros pareciam columnas de bronze antigo, e as aves, já recolhidas á sombra das folhas para dormir, surpreendidas ao ver aquella nova alvorada, saudavam, a uma voz unica, o astro com milhares de trinados diversos. p. 45-46</p>
<p>1941</p> <p>De ordinário, a ação passava-se sempre na clareira de um bosque em que as árvores formavam arcadas irregulares de folhagem. Estavamos ali abrigados do sol durante o dia todo; quando, porém, o sol estava a desaparecer no ocaso, os raios, quebrados</p>	<p>1943</p> <p>O lugar da cena era na encruzilhada de um bosque, cujas copas formavam em volta de nós, várias arcadas de folhagem.</p> <p>Nós estávamos, no seu centro, abrigados do calor durante o dia todo, mas quando o sol baixava no horizonte, seus</p>

<p>pelo tronco das árvores divergiam nas sombras da floresta em longos reflexos luminosos que produziam um bonito efeito. Outras vezes o disco solar aparecia completo no extremo de uma avenida e fazia-a cintilar de luz. As folhas das árvores onde batiam os raios davam ao chão tons de topázios e esmeraldas; os troncos musgosos e escuros pareciam colunas de bronze antigo e as aves, já recolhidas à sombra das folhas para dormir, surpreendidas ao ver aquela nova alvorada saudavam a uma voz única o astro com milhares de trinados diversos. p. 27</p>	<p>raios, quebrados pelos troncos das árvores, divergiam nas sombras da floresta em irradiações luminosas.</p> <p>Às vezes, todo o seu disco aparecia ao fim de uma alameda, e a fazia refulgir completamente. as folhas das árvores, batidas pelos raios açafroados, ostentavam os fulgores do topázio e da esmeralda.</p> <p>Os troncos musgosos e enegrecidos pareciam mudados em colunas de bronze antigo; os passarinhos, já aninhados sob a umbrosa ramada, surpreendidos com outra aurora saudavam todos a um tempo com milhares de gorjeios o astro do dia. p. 61-62</p>
<p>1965</p> <p>O lugar da cena era, ordinariamente, a encruzilhada duma floresta, cujas saídas formavam em volta muitas arcadas de folhagem.</p> <p>Os espectadores ficavam no centro, ao abrigo do calor durante o dia. Mas quando o sol declinava no horizonte, os seus raios, quebrados pelos troncos das árvores, divergiam nas sombras da floresta em longos feixes luminosos, que produziam o mais majestoso efeito.</p> <p>Algumas vezes o disco solar aparecia todo inteiro no extremo duma alamêda, tornando-a súbitamente faiscante de luz! A folhagem das árvores, iluminava como os clarões do topázio e da esmeralda. Os troncos, musgosos e escuros, pareciam transformados em colunas de bronze antigo e os pássaros, já recolhidos e silenciosos para passarem a noite, entre a folhagem sombria, sentindo, de improviso, uma segunda aurora, rompiam todos, súbitamente, a saudar o astro do dia, em doces canções. p. 62</p>	<p>1986</p> <p>O palco ficava, comumente, na clareira de uma floresta cujas brechas formavam à nossa volta várias arcadas de folhagens. No seu centro, estávamos protegidos do calor, durante todo o dia; porém, quando o sol baixava no horizonte, seus raios, cortados pelos troncos das árvores, difundiam-se nas sombras da mata em longos feixes luminosos, produzindo efeito majestoso. As vezes, todo o seu disco aprecia na extremidade de uma avenida. A parte inferior da ramagem, iluminada pelos raios açafroados, luzia com brilhos de topázio e esmeralda; os troncos escuros e recobertos de musgo pareciam transformados em colunas de bronze antigo; e os passarinhos, já recolhidos em silêncio à ramaria escura para ali passar a noite, surpresos por uma segunda aurora, saudavam o astro do dia com mil e uns trinados. p.32</p>
<p>1988</p> <p>O lugar da cena era, na maioria das vezes, a encruzilhada de uma floresta, cujas árvores formavam em torno de nós vários arcos de folhagens; ficávamos no meio, protegidos contra o calor durante todo o dia; quando, porém o Sol descia no horizonte, os seus raios, quebrados pelos troncos das árvores, separavam-se nas sombras da floresta em longas faixas luminosas, que produziam um efeito magnífico. Às vezes, o seu disco inteirinho aparecia na extremidade de um trilho, tornando-o fulgurante. A folhagem das árvores, iluminada de baixo para cima</p>	<p>Edição sem data Aurora</p> <p>- O lugar da cena era na encruzilhada de um bosque, cujas copas formavam em volta de nós, várias arcadas de folhagem.</p> <p>Nós estávamos, no seu centro, abrigados de calor durante o dia todo, mas quando o sol baixava no horizonte, seus raios quebrados pelos troncos das árvores, divergiam nas sombras da floresta em irradiações luminosas.</p> <p>Às vezes, todo o seu disco aparecia ao fim de uma alameda, e a fazia refulgir completamente, as folhas das árvores, batidas pelos raios açafroados, ostentavam os</p>

<p>pelos raios solares cor de açafrão, brilhava como topázios ou esmeraldas; os troncos musgosos e escuros pareciam transformados em colunas de bronze antigo; e as aves, já recolhidas em silêncio sob a sombria folhagem, para ali passarem a noite, saudavam, todas ao mesmo tempo, o astro do dia com milhares de cantos. p.39</p>	<p>fulgores do topázio e da esmeralda. Os troncos musgosos e enegrecidos pareciam mudados em colunas de bronze antigo; os passarinhos, já aninhados sob a umbrosa ramada, surpreendidos com outra aurora saudavam todos a um tempo com milhares de gorjeios o astro do dia. p.43-44</p>
<p>Edição sem data irmãos Garnier</p>	
<p>O lugar da scena era comumente na encruilhada de um bosque, cujas aberturas formavão a roda de nós algumas arcadas de folhagem. Estavamos no seu centro abrigados do calor todo o dia; mas quando o sol baixava do horizonte, seus raios quebrados pelos troncos das arvores divergião nas sombras do bosque em longas paveas luminosas, que produzião o mais majestoso efeito. Algumas vezes o seu disco todo aparecia no cabo de uma avenida e a tornava toda resplandecente de luz. A folhagem das arvores alumiada por baixo com seus raios açafroados, brilhava dos fogos do topázio e da esmeralda. Seus troncos musgosos e pardos parecião mudados em calumnas de bronze antigo, e os passaros já recolhidos em silencio debaixo da sombria ramada, para nella passar a noite, pasmados de ver uma segunda aurora, saudavão todos juntamente o astro do dia com mil e mil cantigas. p.77-78</p>	

<p>1958 – francês</p>	<p>1811 - 2008</p>
<p>Un de ces étés qui désolent de temps à autre les terres situées entre les tropiques vint étendre ici ses ravages. C'était vers la fin de décembre, lorsque le soleil au capricorne échauffe pendant trois semaines l'île de France de ses feux verticaux. Le vent du sud-est qui y règne presque toute l'année n'y soufflait plus. De longs tourbillons de poussière s'élevaient sur les chemins, et restaient suspendus en l'air. La terre se fendait de toutes parts; l'herbe était brûlée; des exhalaisons chaudes sortaient du flanc des montagnes, et la plupart de leurs ruisseaux étaient desséchés. Aucun nuage ne venait du côté de la mer. Seulement pendant le jour des vapeurs rousses s'élevaient de dessus ses plaines, et paraissaient au coucher du soleil comme les flammes d'un incendie. La nuit même n'apportait aucun</p>	<p>Um daqueles verões, que assolam de tempos a tempos as terras situadas entre os trópicos, veio espalhar aqui os seus estragos. Isso sucedia pelos fins de dezembro, quando o sol de Capricórnio aquecia durante três semanas a Ilha de França com fogos verticais. O vento do sudoeste, que reina quase todo o ano, não assoprava já. Turbilhoes de poeira se levantavam sobre os caminhos e ficavam suspensos no ar. A terra se abria por todas as partes; a erva estava queimada; saíam do flanco das montanhas exalações quentes e a maior parte dos seus rios eram secos. Nenhuma nuvem vinha da parte do mar. Somente no decurso do dia, uns vapores pardos se levantavam das suas planícies e pareciam, ao pôr-do-sol, como as chamas de um incêndio. A noite nem sequer dava fresco algum à atmosfera abrasada. O orbe</p>

<p>raffaichissement à l'atmosphère embrasée. L'orbe de la lune, tout rouge, se levait, dans un horizon embrumé, d'une grandeur démesurée. Les troupeaux abattus sur les flancs des collines, le cou tendu vers le ciel, aspirant l'air, faisaient retentir les vallons de tristes mugissements. p.158-159</p>	<p>da lua, todo vermelho, se elevava num horizonte enevoado, de uma grandeza desmedida. Os rebanhos abatidos sobre as encostas dos outeiros mugiam. p. 96</p>
<p>1906</p> <p>Um d'estes verões, que assola de tempos em tempos as terras situadas entre os trópicos, veio espalhar aqui os seus estragos. Isso succedia em fins de Dezembro, quando o sol no Capricornio aquece durante tress semanas a Ilha de França com seus fogos verticaes O vento do sudoeste, que reina quasi todo o anno, não soprava mais. Turbilhoes de poeira se levantavam nos caminhos, e ficavam suspensos no ar. A terra se abria por todas as partes; a herva estava queimada; sahiam no flanco das montanhas exhalações quentes, e a maior parte de seus rios estavam secos. Nenhuma vinha do lado do mar; sómente, durante o dia uns vapores ruivos se levantavam das suas planícies, e pareciam ao pôr do sol como as chammas de um incendio. A noite nem se quer refrescava a atmosphera abrazadada. O orbe da lua, todo vermelho, se elevava n'um horizonte ennevado, de uma grandeza desmedida. Os rebanhos deitados nas encostas das collinas, o pescoço voltado para o céo, aspirando o ar faziam ressoar os valless com tristes mugidos. p. 48-49</p>	<p>1913</p> <p>Veiu aqui fazer-se sentir um d'esses estios sufocantes e abrasadores que de vez em quando atacam as regiões entalaeas nos tropicos. Era nos fins de dezembro, quando o sol no Capricornio abafa durante tres semanas a Ilha de França com os seus raios a prumo. O vento do sudoeste, que ahi durante o anno, não corria. Grandes turbilhões de poeira se levantavam pelas estradas e ficavam muito tempo no ar. A terre recava fendas em toda a parte; a heva estava queimada; exalações quentes emanavam dos flancos das montanhas e a mór parte dos riachos estava sêcca. Do lado do mar não se via nuvem alguma. Sómente, em todo o dia, se erguiam vapores avermelhados sobre as planícies e apareciam, ao pôr do sol, como as chamas de um incendio. A noite mesmo não corria nenhuma aragem para amenisar a atmosfera abafacida. O disco lunar, muito encarniçado, apparecia n'um horizonte ennevado, d'um tamanho descommunal. Os rebanhos, estirados, com os pescoços extendidos, faeiam echoar no valle tristes baldos. p.52-53</p>
<p>1941</p> <p>Veio aqui fazer-se sentir um d'esses estios sufocantes e abrazadores que de vez em quando atacam as regiões entaladas nos trópicos. Era nos fins de dezembro, quando o sol no Capricórnio abafa durante tres semanas a Ilha de França com os seus raios a prumo. O vento do sudoeste, que aí é vulgar durante o ano, não corria. Grandes turbilhões de poeira se levantavam pelas estradas e ficavam muito tempo no ar. A terre criava fendas em toda a parte e a erva estava queimada; exhalações quentes emanavam dos flancos das montanhas e a maior parte dos riachos estavam secos. Do lado do mar não se via nuvem alguma. Sómente em todo o dia, se erguiam vapores avermelhados sôbre as planícies e apareciam ao pôr do sol, como as chamas de um incêndio. À noite mesmo não corria nenhuma aragem para</p>	<p>1943</p> <p>Um desses estios que assolam de tempos a tempos as terras situadas entre os trópicos, veio aquí espalhar suas danificações.</p> <p>Era em fins de dezembro quando o sol abraza durante três semanas a ilha de França. O vento do sudeste que reina aquí, quase todo o ano já não soprava. Extensos turbilhoes de poeira se levantavam nas estradas e ficavam suspensos no ar.</p> <p>A terra abria fendas por toda a parte, a erva estava crestada; quentes exalações saíam da encosta dos montes e a maior parte dos arroios tinham secado. Da lado do mar não vinha nuvem nenhuma. Apenas de dia, alguns vapores avermelhados se erguiam das suas planuras, e figuravam ao por do sol, as labaredas dum incêndio.</p> <p>A própria noite não trazia nenhum</p>

<p>amenisar a atmosfera abafadiça. O disco lunar, muito encarnadiço, aparecia num horizonte enevoado dum tamanho desconunal. Os rebanhos, estirados, com os pescoços estendidos, faziam ecoar no vale tristes balidos p.31</p>	<p>refrigério à atmosfera abrasada. O disco da lua, todo vermelho, surgia com desmesurada grandeza. As reses estiradas nas ladeiras das colinas, com o pescoço estendido para o céu, faziam ecoar pelos vales seus tristes mugidos. p. 70-71</p>
<p>1965</p>	<p>1986</p>
<p>UM DÊSSES estios, que devastam, de tempos a tempos, as terras entre os trópicos, estendeu os seus estragos até aquelas terras. Era pelos fins de dezembro, quando o sol, no Capricórnio, escalda, durante três semanas, a Ilha de França, com os seus raios verticais.</p> <p>O vento sudoeste, que ali, domina quase todo o ano, não apareceu.</p> <p>A poeira, em grandes turbilhões, erguia-se pelas estradas e ficava suspensa nos ares. A terra fendia-se por todos os lados. Crestava-se erva, exalações ardentes saíam dos flancos das montanhas e a maior parte das ribeiras tinha secado.</p> <p>Nem uma nuvem apontava do lado do mar. Apenas, durante o dia, vapores avermelhados levantavam-se de sob as planuras e pareciam, ao pôr do sol, as chamas de um incêndio. Nem a própria noite trazia o mínimo refrigério à atmosfera abrasada. O disco da lua, afogueado, despontava, com desmesura grandeza, no horizonte brumoso. Os rebanhos, abrigados nas encostas das colinas, com as cabeças erguidas para o céu, aspirando o ar, faziam ecoar os vales com os tristes balidos. p. 69-70</p>	<p>Um daqueles verões que, de vez em quando, devastam as terras situadas nos trópicos, veio assolar esta ilha. Dezembro chegava ao fim, quando o sol de Capricórnio escaldou por três semanas a Ilha-da-França, com raios verticais. O vento dudeste, perene quase todo o ano, não soprava mais. Rodamoinhos de poeira erguiam-se nas estradas e ficavam pairando no ar. A terra gretava-se; odores quentes exalavam-se das encostas das montanhas e ribeirões, na grande maioria, haviam secado. Nuvem alguma vinha do lado do mar. Apenas durante o dia, brumas avermelhadas flutuavam por sobre as planícies e ao sol poente lembravam labaredas de um incêndio. Nem a noite trazia algum refrigério à atmosfera esbraseada. Com desmedida grandeza, o disco da lua, todo vermelho, erguia-se no horizonte enevoado. Enfraquecidos, nas quebradas dos montes, os rebanhos, com a cabeça voltada para o céu, aspirando o ar, enchiam os vales de mugidos patéticos. p.35</p>
<p>1988</p>	<p>Edição sem data Aurora</p>
<p>Um daqueles verões que, de vez em quando, desolam as regiões situadas entre os trópicos alcançou estas paragens. Aproximava-se o fim de dezembro, quando o sol de Capricórnio aquece durante três semanas a Ilha de França com seus raios verticais. Não soprava mais o vento de sueste, que predomina durante quase todo o ano. Longos turbilhões de poeira se elevavam sobre as estradas e ficavam suspensos no ar. A terra se rachava por toda a parte; o capim parecia ter sido queimado; exalações quentes saíam das encostas da montanha; a maior parte dos ribeiros secara. Nuvem alguma vinha do lado do mar. Apenas, durante o dia, vapores avermelhados se elevavam acima das planícies e, ao pôr do Sol, pareciam as chamas de um incêndio.</p>	<p>Um desses estios que assolam de tempos a tempos as terras situadas entre os trópicos veio aqui espalhar suas danificações.</p> <p>Era em fins de dezembro quando o sol abrasa durante três semanas a ilha de França. O vento do sueste que reina aqui, quase todo o ano já não soprava. Extensos turbilhões de poeira se levantavam nas estradas e ficavam suspensos no ar.</p> <p>A terra abria fendas por toda a parte, a erva estava crestada; quentes exalações saíam da encosta dos montes e a maior parte dos arroios tinha secado. Do lado do mar não vinha nuvem nenhuma. Apenas de dia, alguns vapores avermelhados se erguiam das suas planuras, e figuravam ao por do sol, as labaredas dum incêndio.</p> <p>A própria noite trazia nenhum</p>

<p>A própria noite não trazia frescura à atmosfera sufocante. O disco da Lua, bem vermelho, mostrava-se no horizonte enfumaçado, de um tamanho desmedido. Os rebanhos se espelhavam abatidos nas encostas das colinas, os animais estendendo a cabeça para cima, aspirando o ar, enchendo o vale com seus mugidos dolorosos. p.44</p>	<p>refrigério à atmosfera abrasada. O disco da lua todo vermelho, surgia com desmesurada grandeza. As reses estiradas nas ladeiras das colinas, com o pescoço estendido para o céu, faziam ecoar pelos vales seus tristes mugidos. p.49-50</p>
<p>Edição sem data irmãos Garnier</p>	
<p>Um daquelles veões, que assolão de tempos em tempos as terras situadas entre os tropicos, veio espalhar aqui os seus estragos. Isto succedia pelos fins de dezembro, quando o sol no capricornio aquecia durante tres semanas a Ilha de França com seus fogos vericaes. O vento do sudoeste, que reina quasi todo o anno, não assoprava já. Turbilhões de poeira se levantavão sobre os caminhos, e ficavão suspensos no ar. A terra se abria por todas as partes; a herva estava queimada; sahião do flanco das montanhas exalações quentes, e a maior parte dos seus rios erão seccos. Nenhuma nuvem vinha da parte do mar. Sómente no decurso do dia alguns vapores pardos se levantavão das suas planícies, e parecião ao pôr do sol como chamas de um incendio. A noite nem sequer dava refresco algum á atmosfera abrasada. O orbe da lua todo vermelho se elevava n'um horizonte enevoado, de uma grandeza desmedida. Os rebanhos abatidos sobre as encontas dos outeiros fazião ressoar os vales com tristes mugidos. p.89-90</p>	

<p>1958 - francês</p>	<p>1811 - 2008</p>
<p>- Cependant ces chaleurs excessives élevèrent de l'océan des vapeurs qui couvrirent l'île comme un vaste parasol. Les sommets des montagnes les rassemblaient autour d'eux, et de longs sillons de feu sortaient de temps en temps de leurs pitons embrumés. Bientôt des tonnerres affreux firent retentir de leurs éclats les bois, les plaines et les vallons; des pluies épouvantables, semblables à des cataractes, tombèrent du ciel. Des torrents écumeux se précipitaient le long des flancs de cette montagne: le fond de ce bassin était devenu une mer; le plateau où sont assises les cabanes, une petite île; et l'entrée de ce vallon, une écluse par où sortaient pêle-mêle avec les eaux mugissantes les terres, les</p>	<p>Contudo, aqueles calores excessivos levantaram do oceano vapores que cobriam toda a ilha como um vasto pára-sol. Os cumes das montanhas os ajuntavam à roda de si, e uns longos sulcos de fogo saíam de quanto em quando de seus picos enevoados. Logo uns trovões horrorosos fizeram ressoar com seu estrondo os bosques, as planícies e os vales; umas chuvas espantosas, semelhantes a cataratas, caíram do céu. Um torrente espumoso se precipitou ao longo das encostas da montanha; o fundo desta planície se tornou um mar; o chão levantado, onde estão assentadas as cabanas, uma ilha; e a entrada deste vale, uma comporta, por onde saíam, confusamente, com as águas estrepitosas, as terras, as</p>

arbres et les rochers. p.160-161	árvores e os rochedos. p.97
1906	1913
<p>Nesse meio tempo, aqueles calores excessivos levantaram do oceano vapores que cobriam a ilha como um vasto parasol. Os cumes das montanhas os ajuntavam á roda de si, e longos sulcos de fogo saíam de quando em quando de seus picos enneoados Logo depois trovões horrorosos fizeram resoar com o seu estrondo os bosques, as planícies e os vales: chuvas torrenciais semelhantes a cataractas cahiram do céu. Torrentes espumosas se precipitavam ao longo das encostas da montanha; o fundo da planície se tornara um mar; a chapada onde estão edificadas as cabanas, uma ilha; e a entrada do valle uma comporta, por onde saíam confusamente, com as aguas estrepitosas, terra, arvores e rochedos. p.50</p>	<p>No emtanto este excessivos calores [sic] fizeram sair do Oceano vapores que se espalharam pela região como um enorme manto de nevoa. Nos pincaros das montanhas cobertos pelo nevoeiro denso, viam-se grandes sulcos de fogo irromperem de tempos a tempos.</p> <p>Pouco depois trovões fortísimos ribombavam, repercutindo o echo pelas florestas, planícies e vales; chuvas torrenciaes, semelhante cataratas, caíam sobre a região, chegando a produzir cascatas gigantescas precipitando-se ao longo das montanhas; o fundo d'esse lago tornára-se um mar; a clareira onde estão assentes as cabanas uma comporta por onde saíam confusamente aguas gemendo, terra, arvores e rochedos, arrancados. p. 54-55</p>
1941	1943
<p>No entanto êsses excessivos calores fizeram saír do Oceano vapores que se espalhavam pela região como um enorme manto de neves. Nos pincaros das montanhas cobertas pelo nevoeiro denso via-se grandes sulcos de fogo irromper de tempos a tempos.</p> <p>Pouco depois, trovões fortísimos ribombavam, repercutindo o éco pelas florestas, planícies e vales; chuvas torrenciais, semelhante cataratas, caíam sôbre a região, chegando a produzir cascatas gigantescas precipitando-se ao longo das montanhas; o fundo dêsse lago tornara-se um mar, a clareira onde estão assentes as cabanas uma pequena ilha, e a entrada dêsse vale parecia a de uma comporta por onde saíam confusamente aguas gemendo, terra, arvores e rochedos, arrancados. p. 32</p>	<p>Todavia estas calmas levantaram do oceano evaporações, à semelhança dum grande toldo cobrindo a ilha. Os cumes das montanhas acumulavam-nas ao redor de si, e extensos sulcos de fogo saíam de quando em quando de seus pincaros nebulosos. Pouco tempo depois horrorosos trovões fizeram retumbar seu estampido pelo bosque, planície e vales; chuvas espantosas como cataratas caíam do céu.</p> <p>Torrentes espumantes precipitavam-se ao longo da montanha; o fundo do vale, tinha-se convertido n'um mar; a chapada onde estavam as cabanas, n'uma ilha; e a entrada do vale, n'uma comporta por onde saíam confusamente, águas bramidoras, terras, árvores e rochedos. p.73</p>
1965	1986
<p>O calor excessivo levantava do oceano vapôres que cobriam a ilha como enorme guarda-sol.</p> <p>Os picos das montanhas reuniam-nos em volta e sulcos de fogo saíam, de vez em quando, das suas extremidades brumosas.</p> <p>Em breve, com terrível estampido, os trovões ribombavam pelos bosques, planuras e vales. Chuvas diluviais, como cataratas, caíam do céu. Torrentes espumantes, precipitando-se pelos córregos da montanha, tornavam em mar o fundo da</p>	<p>Todavia, aquele calor excessivo levantou do oceano uma névoa úmida que cobriu a ilha, como um vasto guarda-sol. Os cumes das montanhas coroaavam-se com as brumas e longos sulcos de fogo saíam, de quando a quando, de seus picos enneoados. Logo depois, estrondos medonhos de trovões atroaram pelas matas, planícies e vales; chuvas torrenciais, comparáveis a cataratas, caíram do céu. Cursos de água espumantes desabavam ao longo dos declives da serra: o fundo deste vale transformara-se em mar; o</p>

<p>bacia. A chapada, onde assentam as cabanas, transformara-se em pequena ilha. A entrada do vale era simples estreito por onde saíam, de mistura com as águas mugidoras, terra, árvores e penedos! p. 71</p>	<p>platô, onde estão situadas estas casas, em ilha; e a entrada deste sítio, em comporta por onde saíam de roldão com as águas tumultuantes, as terras, as árvores e as rochas. p. 36</p>
<p>1988</p> <p>Enquanto isso, aquele calor excessivo levantou do mar vapores que cobriram toda a ilha, como um pálio imenso. Concentraram-se em torno dos picos das montanhas, e longas riscas de foto cortavam, de vez em quando, os cumes nebulosos. Dentro em pouco, terríveis tempestades agitavam com o seu fragor as matas, as planícies e os vales; verdadeiras cataratas desabaram do céu. Torrentes espumejantes precipitaram-se ao longo das encostas da montanha; o fundo deste vale parecia um mar, e o platô onde se encontravam as cabanas um ilhota; a entrada do vale uma represa, por onde saíam, de mistura com as águas barulhentas, terra, árvores e pedras. p.45-46</p>	<p>Edição sem data Aurora</p> <p>Todavia estas calmas levantaram do oceano evaporações, à semelhança dum grande toldo cobrindo a ilha. Os cumes das montanhas acumulavam-nas ao redor de si, e extensos sulcos de fogo saíam de quando em quando de seus píncaros nebulosos. Pouco tempo depois horrorosos trovões fizeram retumbar seus estampido pelos bosques, planícies e vales; chuvas espantosas como cataratas caíam do céu.</p> <p>Torrentes espumantes precipitavam-se ao longo da montanha; o fundo do vale, tinha-se convertido num mar; a chapada onde estavam as cabanas, numa ilhota; e a entrada do vale, numa comporta por onde saíam confusamente, águas bramidoras, terras, árvores e rochedos. p. 51-52</p>
<p>Edição sem data irmãos Garnier</p> <p>Comtudo, aqueles calores excessivos levantarão do oceano vapores, que cobrirão a ilha como um vasto parasol. Os cumes das montanhas os ajuntarão á roda de si, e longos sulcos de fogo sahião de quando em quando de seus picos enneoados. Logo trovões horrorosos fizeram resoar com seu estrondo os bosques, as planícies e os vales, chuvas espantosas semelhantes a cataractas cahirão do céu. Torrentes espumosas se precipitavão ao longo das encostas desta montanha; o fundo desta planicie se tornara um mar; o chão levantado, onde estão sentadas as cabanas, uma ilhota; e a estrada deste valle uma comporta, por onde sahião confusamente, com as aguas estrepitosas, as terras, as arvores e os rochedos. p.92</p>	

<p>1958 – francês</p> <p>Il faisait une de ces nuits délicieuses, si communes entre les tropiques, et dont le plus habile pinceau ne rendrait pas la beauté. La lune paraissait au milieu du firmament, entourée d'un rideau de nuages que ses rayons dissipaient par degrés. Sa lumière se répandait insensiblement sur les montagnes</p>	<p>1811 - 2008</p> <p>Fazia uma daquelas noites deliciosas, tão comuns entre os trópicos, e cuja beleza nem o mais hábil pincel poderia representar. A lua parecia no meio do firmamento, cercada de uma cortina de nuvens, que seus raios dissipavam gradualmente. A sua luz se derramava insensivelmente sobre as</p>
---	--

<p>de l'île et sur leurs pitons, qui brillaient d'un vert argenté. Les vents retenaient leurs haleines. On entendait dans les bois, au fond des vallées, au haut des rochers, de petits cris, de doux murmures d'oiseaux, qui se caressaient dans leurs nids, réjouis par la clarté de la nuit et la tranquillité de l'air. Tous, jusqu'aux insectes, bruissaient sous l'herbe. Les étoiles étincelaient au ciel, et se réfléchissaient au sein de la mer qui répétait leurs images tremblantes. p.174</p>	<p>montanhas e sobre seus picos, que brilhavam de um verde prateado. Os ventos comprimiam seus sopros. Ouviam-se nos bosques, no fundo dos vales, no alto desses rochedos, uns pequenos gritos, uns doces murmúrios de pássaros que se acariciavam nos seus ninhos, alegrando-se da claridade da noite e do sossego do ar. Todos, até os insetos, sussurravam debaixo da erva; as estrelas cintilavam no firmamento e refletiam no seio do mar, que repetia suas imagens trêmulas. p. 105</p>
<p>1906</p>	<p>1913</p>
<p>Era por uma d'essas noites deliciosas, tão comuns nos tropicos, cuja beleza não poderia representar o mais habil pincel. A lua apparecia no meio do firmamento, cercada de uma cortina de nuvens que seus raios dissipavam gradualmente. A sua luz se derramava insensivelmente sobre as montanhas e sobre seus picos, que brilhavam de um verde prateado. Os ventos comprimiam seus sopros. Ouvia-se nos bosques, no fundo dos valles, no alto dos rochedos uns pequenos gritos, um doce chilrar de passaros que acariciavam nos seus ninhos, alegrados pela claridade d noite e a tranquillidade do ar. Todos, até os insectos, assurravam debaixo da herva; as estrellas scintillavam no firmamento e reflectiam-se no seio do mar, que reproduzia as suas imagens tremulas. p. 62-63</p>	<p>Estava uma noite deliciosa, cousa vulgar nos tropicos, e que o mais habil artista-pintor não poderia reproduzir na tēla. A lua emergia, cercada d'uma cortina de nuvens, que os seus raios dissipavam pouco a pouco. A luz illuminava insensivelmente as montanhas da ilha e os cumes, que tomavam um tom argentino. O vento corria brando. Até nós chegavam das florestas e dos fundos dos vales e dos altos rochedos gritos imperceptíveis, dōces murmurios de avesinhas que se acariciavam em ninhos, á claridade do luar pela tranquillidade da atmosfera. Todos rumorejavam, não excluindo os insectos occultos na relva. As estrellas brilhavam no céu e espelhavam-se no mar, que reproduzia os seus clarões tremulos. p. 70</p>
<p>1941</p>	<p>1943</p>
<p>Estava uma noite deliciosa, cousa vulgar nos trópicos, o que o mais hábil artista pintor não poderia reproduzir na tēla. A lua emergia cercada de uma cortina de núvens que os raios dissipavam pouco a pouco. A sua luz iluminava insensivelmente as montanhas das ilhas e os cumes, que tomavam um tom argentino. O vento corria brando e até nós chegavam das florestas, dos fundos dos vales e dos altos rochedos gritos imperceptíveis , doces murmúrios de avesinhas que se acariciavam nos ninhos à claridade do luar e pela tranquillidade da atmosfera. Tudo rumorejava, não excluindo os insetos occultos na relva. As estrelas brilhavam no céu e espalhavam-se no mar, que reproduzia os seus clarões trêmulos. p. 42</p>	<p>Era numa dessas noites deliciosas, tão frequentes nos trópicos e das quais um habilíssimo pincel não poderia reproduzir a beleza.</p> <p>A lua aparecia no meio do firmamento, envolvida n'um véu de nuvens, que os seus raios iam gradualmente dissipando. O luar derramava-se pelas montanhas da ilha, pelos seus píncaros, que refulgiam com uma cor verde prateada. Os ventos pararam. Nos bosques, no fundo dos vales, e no cume dos rochedos, ouviam-se gritos e doces murmúrios de pássaros, que se acariciavam nos ninhos, satisfeitos pela claridade do ar. Todos eles, até os insetos rumurejavam escondidos na erva.</p> <p>As estrelas cintilavam no céu, refletindo-se no seio do mar, que reproduzia suas imagens palpitantes. p.92</p>
<p>1965</p>	<p>1986</p>

<p>Era uma dessas deliciosas noites, tão frequentes nos trópicos, noites que não há pincel, por mais hábil, capaz de lhes retratar a beleza!</p> <p>A lua surgia no meio do firmamento, cercada de um véu de nuvens, que os seus raios iam, pouco a pouco, rarefazendo. A luz espargia-se tenuemente sobre as montanhas da ilha e na crista dos picos que brilhavam em tons verde-argênteos</p> <p>O vento dificultava a respiração.</p> <p>Ouviam-se, nos bosques, no fundo dos vales, no alto dos rochedos, pequenos gritos, suaves murmúrios de pássaros, que se acariciavam nos ninhos, deliciando-se com a claridade da noite e a quietação do ar. Até os próprios insetos zumbiam sob relva. As estrelas cintilavam no céu e refletiam-se no mar, que lhes reproduzia as imagens trêmulas! p. 86</p>	<p>Era uma dessas noites deliciosas, tão comuns entre os trópicos, cuja beleza nem o pincel mais hábil poderia traduzir. A luz aparecia, cercada de uma cortina de nuvens, dissipadas aos poucos por seus raios. Sua luz se espalhava vagarosamente pelos picos e serras da ilha, onde brilhava um verde prateado. Os ventos moderavam-se. Ouviam-se nos bosques, no fundo dos vales, no alto dos montes, pios e suaves murmúrios de passarinhos, que se acariciavam nos seus ninhos, regozijando-se com a claridade da noite e a quietude do ar. Todos até os insetos, sussurravam entre as plantas. As estrelas reluziam no céu e se refletiam nas águas do mar que repetia suas imagens trêmulas. p. 43-44</p>
<p>1988</p> <p>Era uma dessas noites deliciosas, tão comuns nos trópicos, cuja beleza nem o mais hábil pincel conseguiria retratar. A lua se encontrava no meio do firmamento, rodeada por uma cortina de nuvens, que os seus raios dissipavam pouco a pouco. O luar se espalhava insensivelmente sobre as montanhas da ilha, e os seus picos brilhavam com um tom verde prateado. Os ventos retinham o seu sopro. Ouvia-se, nos bosques, no fundo dos vales, no alto dos montes o doce murmúrio dos pássaros, que se acariciavam em seus ninhos, animados pela claridade da noite e pela tranquilidade da atmosfera. Todos, até os insetos, sussurravam escondidos pelo mato. As estrelas brilhavam no céu e se refletiam no mar, e este, por sua vez, repetia as suas trêmulas imagens. p. 57</p>	<p>Edição sem data Aurora</p> <p>Era numa dessas noites deliciosas, tão frequentes nos trópicos e das quais um habilíssimo pincel não poderia reproduzir a beleza.</p> <p>A lua aparecia no meio do firmamento, envolvida n'um véu de nuvens, que os seus raios iam gradualmente dissipando. O luar derramava-se pelas montanhas da ilha, pelos seus píncaros, que refulgiam com uma cor verde prateada. Os ventos pararam. Nos bosques, no fundo dos vales, e no cume dos rochedos, ouviam-se gritos e doces murmúrios de pássaros, que se acariciavam nos ninhos, satisfeitos pela claridade do ar. Todos eles, até os insetos rumorejavam escondidos na erva.</p> <p>As estrelas cintilavam no céu, refletindo-se no seio do mar, que reproduzia suas imagens palpitantes. p. 92-93</p>
<p>Edição sem data irmãos Garnier</p> <p>fazia uma daquelas noites deliciosas tão comuns entre os trópicos, e cuja beleza não poderia representar o mais hábil pincel. A lua aparecia no meio do firmamento, cercada de uma cortina de nuvens que seus raios dissipavam gradualmente. A sua luz se derramava insensivelmente sobre as montanhas e sobre seus picos, que brilhavam de um verde prateado. Os ventos comprimiam seus sopros. Ouviam-se nos bosques, no fundo dos vales, no alto desses rochedos uns pequenos gritos, uns doces murmurios de</p>	

<p>passaros que se acariciavão nos seus ninhos, alegrando-se da claridade da noite e do socego do ar. Todos, até os insectos, sussuravão debaixo da herva; as estrelascintillavão [SIC] no firmamento e reflectião no seio do mar que repetia as suas imagens tremulas. p. 115</p>	
--	--

1958 – francês	1811 - 2008
<p>Les singes, habitants domiciliés de ces forêts, se jouent dans leurs sombres rameaux, dont ils se détachent par leur poil gris et verdâtre, et leur face toute noire; quelques-uns s’y suspendent par la queue et se balancent en l’air; d’autres sautent de branche en branche, portant leurs petits dans leurs bras. Jamais le fusil meurtrier n’y a effrayé ces paisibles enfants de la nature. On n’y entend que des cris de joie, des gazouillements et des ramages inconnus de quelques oiseaux des terres australes, que répètent au loin les échos de ces forêts. La rivière qui coule en bouillonnant sur un lit de roche, à travers les arbres, réfléchit çà et là dans ses eaux limpides leurs masses vénérables de verdure et d’ombre, ainsi que les jeux de leurs heureux habitants: à mille pas de là elle se précipite de différents étages de rocher, et forme à sa chute une nappe d’eau unie comme le cristal, qui se brise en tombant en bouillons d’écume. Mille bruits confus sortent de ces eaux tumultueuses, et dispersés par les vents dans la forêt, tantôt ils fuient au loin, tantôt ils se rapprochent tous à la fois, et assourdissent, comme les sons des cloches d’une cathédrale. L’air, sans cesse renouvelé par le mouvement des eaux, entretient sur les bords de cette rivière, malgré les ardeurs de l’été, une verdure et une fraîcheur, qu’on trouve rarement dans cette île sur le haut même des montagnes. p.195-196</p>	<p>Os macacos, habitantes domiciliados destes bosques, brincam nos seus sombrios ramos, dos quais se diferenciam pelo seu pêlo cinzento e verdeengo, e pelo seu focinho todo preto; alguns se suspendem neles pelo rabo, e se balançam no ar; outros saltam de ramo em ramo, levando seus filhinhos nos braços. Jamais a espingarda matadora assustou ali esses pacíficos filhos da natureza. Ali não se ouvem senão gritos de alegria, gorjeios e cantos não conhecidos de alguns pássaros de terras austrais, que repetem ao longe os ecos destes bosques. O rio, que corre aos borbotões sobre um leito de rocha por entre as arvores, reflete aqui e acolá nas suas águas cristalinas, suas massas venerandas de verdura e sombra, como também os brincos de seus felizes habitantes; a mil passos dali, se precipita de diversos andares de rochedos e forma na sua queda como uma toalha d’água, unida como o cristal, que se quebra caindo em borbotões de escuma. Mil ruídos confusos saem dessas águas tumultuosas e, dispersos pelos ventos no bosque, ora fogem ao longo, ora se reúnem todos juntamente, e ensurdecem como os sons dos sinos d’uma catedral. O ar incessantemente renovado pelo movimento das águas, conserva nas margens desse rio, apesar dos calores do verão, uma verdura e uma fresquidão que se acham raras vezes nesta ilha sobre o mesmo cume das montanhas. p.116-117</p>
1906	1913
<p>Os macacos, habitantes domiciliados destes bosques, brincam nos seus sombrios ramos, dos quais se diferenciam pelo seu pêlo cinzento e verdeengo, e pelo seu focinho todo preto; alguns se suspendem nelles pelo rabo, e se balançam no ar; outros saltam de ramo em ramo, levando seus filhinhos nos braços. Jamais a espingarda matadora assustou alli estes pacíficos filhos da</p>	<p>Os macacos, habitantes d’estas florestas, saltavam nas sombrias ramadas, de que se distinguem pela côr acinzentada do pello e pelo focinho negro; alguns ha que se suspendem pela cauda e se balouçam no espaço; emquanto outros saltam de ramo em ramo, com os filhinhos no braços [sic]. Nunca a espingarda assassina assustou esses pacíficos sêres da Natureza. Só se ouvem</p>

<p>natureza. Allí não se ouvem senão gritos de alegria, gorgeios e cantos não conhecidos de alguns passaros das terras austraes, que os écos destes bosques repetem ao longe. O rio que corre aos borbotões sobre um leito de rocha por entre as arvores, reflete aqui e acolá nas suas aguas crystallinas as massas venerandas de verdura e sombra, como tambem os brincos de seus felizes habitantes: mil passos d'alli se precipita de diversos andares de rochedos, e fórmaa na sua quédaa como uma cascata, unida como o cristal, que se quebra cahindo em borbotões de espuma. Mil ruídos confusos sahem destas aguas tumultuosas, e dispersados pelos ventos no bosque, ora fogem ao longe, ora approximam-se todos ao mesmo tempo, e ensurdecem como os sons dos sinos d'uma cathedral. O ar, continuamente renovado pelo movimento das aguas, conserva nas margens deste rio, apezar dos calores do verão, uma verdura e fresquidão que se acham raras vezes n'esta ilha mesmo sobre o cume das montanhas. p. 81-82</p>	<p>gritos de alegria, trinados e gorgeios de algumas aves dos paizes austraes que os echos das florestas repercutem ao longe. A ribeira, que corre borbulhando n'num leito, cavado na rocha, por entre as arvores, espelha aqui e allí nas suas aguas crystallinas as massas veneráveis de sombra e verdura, assim como os entretenimentos dos seus felizes moradores; a mil passos além precipita-se de diferentes alturas dos rochedos e a sua queda fórma uma toalha d'agua pura como Crystal que se quebra, ao cair n'um redemoinho de espuma. D'essas aguas tumultuosas saem confusos ruídos, e dispersos na floresta pelo vento, quer se afastem, quer se aproximem ao mesmo tempo ensurdecem como o tanger dos sinos d'uma cathedral! O ar, continuamente renovado pelo movimento das águas, mantem nas margens d'esta ribeira, não obstante o ardor estival, uma verdura e uma frescura que raramente se encontra n'esta ilha embora no cume das montanhas. p. 93-94</p>
<p>1941</p> <p>Os macacos, habitantes destas florestas, saltavam nas sombrias ramadas, distinguindo-se pela côr acinzentada do pelo focinho negro. Alguns há que se suspendem pela cauda e se balouçam no espaço, enquanto outros saltam de ramo em ramo com os filhinhos nos braços. Nunca a espingarda assassina assustou êsses pacíficos sêres da Natureza. Só se ouvem gritos de alegria, trinados e gorgeios de algumas aves dos países austrais, que os écos das florestas repercutem ao longe. A ribeira que corre borbulhando num leito cavado na rocha por entre as árvores espelha aqui e ali, nas suas aguas crystallinas, as massas veneráveis de sombra e verdura, assim como os entretenimentos dos seus felizes moradores; a mil passos além precipita-se de diferentes alturas dos rochedos e a sua quéda fórma uma toalha d'agua pura como cristal, que se quebra, ao cair num redemoinho de espuma. Dessas águas tumultuosas saem confusos ruidos que, dispersos na flores [sic] pelo vento, ensurdecem como o tangêr dos sinos de uma cathedra!</p> <p>O ar, continuamente renovado pelo movimento das águas, mantém nas margens desta ribeira, não obstante o ardor estival,</p>	<p>1943</p> <p>Os macacos, habitantes domiciliados nestas florestas, brincam nos seus ramos sombrios, dos quais se destacam por seu pêlo pardo e esverdeado e focinho preto; uns penduram-se neles pela cauda e bambaleam-se no ar; outros saltam de rama em ramo, com os filhos no colo.</p> <p>Nunca a mortífera espingarda assustou estes filhos pacíficos da natureza. Alí só se ouvem gritos de alegria, chilros e gorgeios que os ecos destas florestas repetem ao longe.</p> <p>O ribeiro que corre em borbotões por seu leito de rocha, sob o arvoredado, reflete aquí e alí grupos de verdura e de sombra; a mil passos dalí precipita-se de diferentes escarpas de rocha e forma, na sua queda, um jacto d'água, lisa como cristal, que se despedaça, ao cair, em borbotões de espuma.</p> <p>Mil rumores confusos e distintos saem de suas águas tumultuosas e, dispersos pelos ventos, na floresta, ora somem ao longe ora se aproximam todos a um tempo e atordoam como o som dos sinos de diversas cathedrais.</p> <p>O ar, incessantemente renovado pelo movimento das águas, mantem nas margens do ribeiro, não obstante os ardores</p>

<p>uma verdura e frescura que raramente se encontra em outras ilhas, embora no cume das montanhas. p. 55-56</p>	<p>do estio, uma verdura e frescura que é raro encontrar nesta ilha, mesmo no alto das montanhas. p. 122-123</p>
<p>1965</p>	<p>1986</p>
<p>Os macacos, habitantes domiciliados naqueles bosques, brincam nas ramadas sombrias, de onde se destacam pela pele esverdeada e pelo focinho negro. Alguns suspendem-se pela cauda e balouçam-se no ar. Outros saltam de rama em ramo, trazendo os filhos nos braços. Jamais o fuzil mortífero aterrou aqueles pacíficos filhos da natureza. Não se ouvem senão vozes da alegria, tal o pipilar e o gorjear desconhecido de alguns passarinhos das terras austrais que ao longe se repetem pelos ecos, nas florestas. O córrego vai aos borbotões sôbre um leito de rochedos, através das árvores, e reflete aqui e além, nas suas águas límpidas, a massa venerável de verdura e de sombra e o vozear dos seus ditosos moradores. A mil passos precipita-se de diversos andares de rochedo e forma, na sua queda, uma toalha de água compacta como o cristal que se desfaz em cachões de espuma!</p> <p>Rumôres confusos saem dessas águas tumultuosas e, dispersos pelos ventos da floresta, ora fogem para longe, ora se aproximam todos a um tempo, ensurdecendo-nos como o dobrar dos sinos duma catedral!</p> <p>O ar, incessantemente renovado pelo movimento das águas, contorna as margens da ribeira, apesar do ardor estival, numa verdura e fresquidão que rara vez se encontra na ilha, mesmo no cimo das montanhas. p.108</p>	<p>Os macacos, que vivem nestas matas, brincam nas suas ramagens sombrias, das quais se destacam pelo cinzento-esverdeado e pela cara negra; alguns se penduram pela cauda e balançam no ar; outros pulam de galho em galho, carregando os filhotes nos braços. Jamais uma espingarda assassina atemorizou estes pacíficos filhos da natureza. Ali só se ouvem gritos de alegria, chilreados e gorjeios desconhecidos de pássaros das regiões austrais, repetidos ao longe pelos ecos das montanhas. O rio, que corre borbulhando num leito de pedras, por entre as árvores, reflete aqui e ali nas águas límpidas as massas veneráveis de verdura e sombra, bem como as brincadeiras dos habitantes felizes da floresta. Mil passos além, precipita-se de diferentes degraus de rocha, formando na sua queda uma cortina de água, como um cristal inteiro que se despedaça ao cair em borbotões de espuma. Rumores confusos vêm das águas tumultuosas e, dispersos pelos ventos na mata, ora fogem para longe, ora aproximam todos ao mesmo tempo, ensurdecedores como os sons dos sinos de uma catedral. O ar, incessantemente renovado pelo movimento das águas, conserva nas margem daquele rio, apesar dos ardores do verão, uma verdura e um frescor, raramente encontrados nesta ilha, mesmo no cimo das montanhas. p.55</p>
<p>1988</p>	<p>Edição sem data Aurora</p>
<p>Os macacos, habitantes fixos destas florestas, brincam nos ramos escuros, destacando-se por seu pêlo cinzento e esverdeado e sua cara inteiramente negra; alguns se balançam no ar, suspensos pela cauda; outros saltam de galho em galho, carregando os filhotes nos braços. Jamais uma carabina assassina assustou aqueles simpáticos filhos da natureza. Não se ouvem senão gritos de alegria, arrulhos de aves desconhecidas, vindas das terras austrais, que repetem de longe os ecos das florestas. O rio, que corre ruidoso em seu leito de rocha, reflete, aqui e</p>	<p>Os macacos, habitantes domiciliados nestas florestas, brincam nos seus ramos sombrios, dos quais se destacam por seu pelo pardo e esverdeado e focinho preto; uns penduram-se neles pela cauda e bamboeam-se no ar; outros saltam de ramo em ramo, com os filhos no colo.</p> <p>Nunca a mortífera espingarda assustou estes filhos pacíficos da natureza. Ali só se ouvem gritos de alegria, chilros e gorjeios que os ecos destas florestas repetem ao longe.</p> <p>O ribeiro que corre em borbotões</p>

<p>ali, em suas águas límpidas, as massas veneráveis de verdura e de sombra, assim como as brincadeiras de seus felizes habitantes; a mil passos dali, ele se precipita de diferentes degraus de rochedo, formando em sua queda um lençol de água unida como o cristal, que, ao cair, se desfaz em bolhas de espuma. Mil ruídos confusos saem daquelas águas tumultuosas, e, dispersados pelos ventos na floresta, ora fogem para bem longe, ora se aproximam todos ao mesmo tempo, ensurdecedores como o badalar dos sinos de uma catedral. O ar, sempre renovado pelo movimento das águas, conserva á margem do rio, apesar do calor do verão, uma verdura e uma frescura que raramente se encontram nesta ilha, mesmo no alto das montanhas. p. 74-75</p>	<p>por seu leito de rocha, sob o arvoredor, reflete aqui e ali grupos de verdura e de sombra; a mil passos dali precipita-se de diferentes escarpas de rocha e forma, na sua queda, um jacto d'água, lisa como cristal, que se despedaça, ao cair, em borbotões de espuma.</p> <p>Mil rumores confusos e distintos saem de suas águas tumultuosas e, dispersos pelos ventos, na floresta, ora somem ao longe ora se aproximam todos a um tempo e atordoam como o som dos sinos de diversas catedrais.</p> <p>O ar, incessantemente renovado pelo movimento das águas, mantém nas margens do ribeiro, não obstante os ardores do estio, uma verdura e frescura que é raro encontrar nesta ilha, mesmo no alto das montanhas. p. 85-86</p>
<p>Edição sem data irmãos Garnier</p> <p>Os macacos, habitantes domiciliados destes bosques, brincão nos seus sombrios ramos, dos quaes se differença pelo seu pelo cinzento e verdoengo, e pelo seu focinho todo preto; alguns se suspendem nelles pelo rabo, e se balanção no ar; outros saltão de ramo em ramo, levando seus filhinhos nos seus braços. Jamais a espingarda matadora assustou ali estes pacíficos filhos da natureza. Ali não se ouvem senão gritos de alegria, gorjeios e cantos não conhecidos de alguns passaros de terras austraes, que repetem ao longe os ecos destes bosques. O rio que corre aos borbotões sobre um leito de rocha por entre as arvores, reflete aqui e acolá nas suas aguas cristalinas suas massas venerandas de verdura e sombra, como tambem od brincos de seus felizes habitantes: a mil passos d'alli se precipita de diversos andares de rochedos, e forma na sua queda como uma cascada de agua, unida como o cristal, que se quebra cahindo em borbotões de escuma. Mil ruídos confusos sahem destas aguas tumultuosas, e dispersos pelos ventos no bosque, ora fogem ao longe, ora se reúnem todos juntamente, e ensurdecem como os sons dos sinos d'uma cathedral. O ar, incessantemente renovado pelo movimento das aguas, conserva nas margens deste rio, a pezar dos calores do verão, uma verdura e fresquidão que se achão raras vezes nesta ilha sobre o mesmo cume das montanhas. p.149</p>	

1958 - francês	1811 - 2008
<p>En effet tout présageait l'arrivée prochaine d'un ouragan. Les nuages qu'on distinguait au zénith étaient à leur centre d'un noir affreux, et cuivrés sur leurs bords. L'air retentissait des cris des paille-en-culs, des frégates, des coupeurs d'eau, et d'une multitude d'oiseaux de marine, qui, malgré l'obscurité de l'atmosphère, venaient de tous les points de l'horizon chercher des retraites dans l'île. Vers les neuf heures du matin on entendit du côté de la mer des bruits épouvantables, comme si des torrents d'eau, mêlés à des tonnerres, eussent roulé du haut des montagnes. p.221</p>	<p>Com efeito, tudo pressagiava a proximidade de um furacão. As nuvens que se descobriram no zênite eram no seu centro de uma cor negra horrenda e avermelhada nas suas proximidades. O ar ressoava dos gritos de diversas aves e de uma multidão de pássaros marinhos, que, apesar da escuridão da atmosfera, vinham de todos os pontos do horizonte buscar refúgio na ilha.</p> <p>Pelas nove horas da manhã, ouviram-se do lado do mar ruídos espantosos, como se umas torrentes de água, misturados com trovões tivessem rolado do alto das montanhas. p. 132</p>
1906	1913
<p>Com efeito, tudo presagiava a proximidade d'um furacão. As nuvens que se descobriam no Zenith, eram, no seu centro, d'uma cor negra horrenda e avermelhada nas suas extremidades. O ar resoava dos gritos de diversas aves que apesar da escuridão da atmosfera vinham de todos os pontos do horizonte buscar refúgio na ilha.</p> <p>Pelas nove horas da manhã ouviu-se do lado do mar grandes estrondos, como se catadupas. Acompanhadas de trovões rolassem do alto das montanhas. p.105-106</p>	<p>Effectivamente tudo presagiava a proxima chegada de um furacão. As nuvens que se apercebiam no zenith, com o centro d'um negro assustador, eram acobreadas nas orlas. O echo repetia os gritos das aves aquáticas que esvoaçavam aos milhares e que, apesar da escuridade que reinava na atmosfera, vinham de todas as partes do horizonte buscar refugio na ilha.</p> <p>Por volta das nove horas da manhan ouviram-se do lado do mar terríveis ruidos como se torrentes d'agua, misturadas com trovões, tivessem rolado das altas montanhas. p. 119-120</p>
1941	1943
<p>Efetivamente tudo presagiava a próxima chegada de um furacão. As nuvens que se percebia no zenith, com o centro de um negro assustador, eram acobreadas nas orlas. O eco repetia os gritos das aves aquáticas que esvoaçavam aos milhares, e que apesar da escuridade que reinava na atmosfera vinham de todas as partes do horizonte buscar refúgio na ilha.</p> <p>Por volta das nove horas da manhã ouviu-se do lado do mar terríveis ruídos, como se torrentes de água misturadas com trovões tivessem rolado das altas montanhas [...]. p. 69</p>	<p>Efetivamente, tudo pressagiava que estava a chegar um furacão. As nuvens que se viam no zênite eram de cor negra carregada no centro, acobreadas nos bordos.</p> <p>O ar ecoava os gritos dos albatrozes das fragadas, dos corlinos e duma infinidade de aves marítimas, que não obstante a obscuridade da atmosfera vinham de todos os pontos do horizonte, para buscar refúgio.</p> <p>Pelas nove horas da manhã, ouviu-se do lado do mar rumores espantosos, como se torrentes de água, misturados com trovões, se tivessem precipitado do alto das montanhas. p.153</p>
1965	1986
<p>Com efeito, tudo pressagiava próximo furacão. As nuvens do zênite eram, no centro, de um negro aterrador e</p>	<p>De fato tudo pressagiava a chegada iminente de um tufão. As nuvens, que se distinguiam no zênite estavam negras no centro e</p>

<p>acobreadas nas bordas. O ar retinia com os gritos de tôda espécie de aves marítimas que, apesar da escuridão da atmosfera, vinham de todos os pontos do horizonte procurar abrigo na ilha. Pelas nove da manhã, ouviram-se do lado do mar estampidos medonhos, como se as torrentes de água, de envolta com os trovões, tivessem rolado do cimo da montanha! p. 133</p>	<p>acobreadas nos contornos. Retiniam no ar gritos dos rabos-de-palha, fragatas, talhamares e de uma revoada de pássaros do mar que, apesar da obscuridade do céu, vinham de todos os pontos do horizonte buscar abrigo.</p> <p>Por volta das nove horas da manhã, ouviram-se, oriundos do mar, estrondos medonhos, como se torrentes de água de roldão com trovões rolassem do alto da serra. p.70</p>
<p>1988</p> <p>Com efeito, tudo indicava que se aproximava um furacão. As nuvens que se avistavam no zênite eram, no centro, de uma horrível negrura, e cor de cobre nas bordas. O ar ressoava com os gritos das gaivotas, das fragatas e de um bando de outras aves marinhas, que, apesar da escuridão, vinham de todos os pontos do horizonte, procurando o abrigo da ilha.</p> <p>Cerca de nove horas da manhã ouviu-se, do lado do mar, um ruído pavoroso, como se torrentes de água, misturadas aos raios, tivessem rolado do alto das montanhas. p.95</p>	<p>Edição sem data Aurora</p> <p>Efetivamente, tudo pressagiava que estava a chegar um furacão. As nuvens que se viam no zênite eram de cor negra carregada no centro, acobreada nos bordos.</p> <p>O ar ecoava os gritos das fragatas, dos corlinos e duma infinidade de aves marítimas, que não obstante a obscuridade da atmosfera vinham de todos os pontos do horizonte, para buscar refúgio.</p> <p>Pelas nove horas da manhã, ouviu-se do lado do mar rúmoreos espantosos, como se torrentes de água, misturados com trovões, se tivessem precipitado do alto das montanhas. p. 106-107</p>
<p>Edição sem data irmãos Garnier</p> <p>Com efeito, tudo pressagiava a proximidade d'um furacão. As nuvens que se descobrião no Zenith, erão no seu centro d'uma côr negra horrenda e avermelhada nas suas extremidades. O ar resoava dos gritos de diversas aves e d'uma multidão de passaros marinhos, que a pezar da escuridão da atmosfera vinhão de todos os pontos do horizonte buscar retiros na ilha.</p> <p>Pelas nove horas da manhã ouvirão-se do lado do mar ruidos espantosos, como se torrentes de agua misturadas com trovões tivessem rolado do alto das montanhas. p. 191- 192</p>	

<p>1958 – francês</p> <p>Chaque lame qui venait briser sur la côte s'avancait en mugissant jusq'au fond des anses, et y jetait des galets à plus de cinquante pieds dans les terres; puis, venant à se retirer, elle découvrait une grande partie du lit du rivage, dont elle roulait les cailloux avec un bruit rauque et affreux. La mer, soulevée par le vent, grossissait à chaque</p>	<p>1811 – 2008</p> <p>Cada vaga que vinha quebra-se na costa se adiantava, bramando até o cabo das enseadas, e, ali, lançava seixos a mais de 50 pés pela terra dentro; depois, vindo a recolher-se, descobria uma grande parte do leito da praia cujos seixos rolava com um ruído rouco e horroroso. O mar empolado pelo vento engrossava a cada instante, e todo</p>
---	---

<p>instant, et tout le canal compris entre cette île et l'île d'Ambre n'était qu'une vaste nappe d'écumes blanches, creusées de vagues noires et profondes. Ces écumes s'amassaient dans le fond des anses à plus de six pieds de hauteur, et le vent, qui en balayait la surface, les portait par-dessus l'escarpement du rivage à plus d'une demilieue dans les terres. À leurs flocons blancs et innombrables, qui étaient chassés horizontalement jusqu'au pied des montagnes, on eût dit d'une neige qui sortait de la mer. L'horizon offrait tous les signes d'une longue tempête; la mer y paraissait confondue avec le ciel. Il s'en détachait sans cesse des nuages d'une forme horrible qui traversaient le zénith avec la vitesse des oiseaux, tandis que d'autres y paraissaient immobiles comme de grands rochers. On n'apercevait aucune partie azurée du firmament; une lueur olivâtre et blafarde éclairait seule tous les objets de la terre, de la mer, et des cieux. p.222-223</p>	<p>o canal comprido entre esta ilha e a ilha de Âmbar era somente um vasto lençol de escumas brancas, escavadas pelas vagas pretas e profundas. Essas vagas se amontoavam nos extremos das enseadas e a mais de seis pés de altura, e o vento que varria sua superfície, as levava acima do escarpado da praia a mais de meia légua pela terra dentro. Ao ver esses flocos brancos e inumeráveis que estavam arrojados horizontalmente até o pé das montanhas, ter-se-ia dito que era neve que saía do mar. O horizonte offercia todos os indícios de uma grande tempestade: ali parecia o mar confundido com o céu. Dele saíam incessantemente nuvens em forma horrenda, que atravessavam o zênite com a celeridade dos pássaros, enquanto outras pareciam ali imóveis como grandes rochedos. Não se descobria parte alguma azul do firmamento; um clarão pardo e desmaiado alumiaava só todos os objetos da terra, do mar e dos céus. p. 132-133</p>
<p>1906</p>	<p>1913</p>
<p>Cada vaga que vinha quebrar-se na casa, espraiva-se bramindo até o fundo das enseadas e lançando seixos a mais de cincoenta pés pela terra dentro; depois, retirando-se, descobria uma grande parte do leito da praia, cujos seixos rolava, com um ruído rouco e horroroso. O mar, sacudido pelo vento, engrossava a cada instante, e todo o canal comprido entre esta ilha de Ambre era sómente um vasto lençol de escumas brancas, cavado por profundas vagas. Essas escumas amontoavam-se nos extremos das enseadas, a mais de seis pés de altura, e o vento que varria a sua superfície, as levava acima do escarpado da praia a mais de meia legoa pela terra a dentro. Ao ver estes frocos brancos e inumeraveis, que eram arrojados horizontalmente até á falda das montanhas, dir-se-hia neve que sahia do mar. O horizonte offercia todos os indicios de uma grande tempestade: o mar parecia confundir-se com o céu. D'elle sahiam incessantemente nuvens de fórmias horrendas, que atravessavam o Zenith com a celeridade dos pássaros, emquanto outras pareciam immoveis como grandes rochedos. Não se descobria parte alguma azul do firmamento; só um clarão pardo e desmaiado illuminava todos os objectos da terra, do mar</p>	<p>Cada estoque d'agua que vinha quebrar-se na costa avançava mugindo até o fundo das ancoras e ahi projectava seixos a mais de cincoenta pés na terra; assim que se retirava, deixava a descoberto uma grande parte do leito do rio d'onde fazia rolar os seixos com um som rouco e medonho. O mar, levantado pelo vento, tornava-se mais alteroso de momento para momento e todo o canal compreendido entre esta ilha e a ilhota de Ambar similhava uma larga toalha de espuma branca, cavada de profundas vagas. Esta espuma amontoava-se no fundo a mais de seis pés de altura e o vento, varrendo a superfície, levava-a por cimo do escarpado de margem para mais de meia-legua pela terra dentro. D'esses frocos brancos e innumeraveis, que eram levados horizontalmente deante de si até o sopé das montanhas, dir-se-ía que eram pura neve que saía do mar. O horizonte apresentava todos os symptomas d'uma longa horrasca; o mar confundia-se com o céu. Nuvens d'um aspecto assustador se destacam incessantemente atravessando o zenith com a rapidez das aves, enquanto outras pareciam quietas como enormes rochedos. Não se via uma nesga de céu azul; uma luz mortiça e baça apenas iluminava todos os objectos de</p>

e dos céos. p.106-107	mar, terra e céu. p. 121-122.
1941	1943
<p>Cada estoque de água que vinha quebrar-se no costado avançava mugindo até o fundo das âncoras e aí projetava seixos a mais de cinquenta pés na terra; quando se retirava deixava a descoberto uma grande parte do leito do rio, de onde fazia rolar os seixos com um som rouco e medonho. O mar, levantado pelo vento, tornava-se mais alterado de momento para momento, e todo o canal compreendido entre esta ilha e a ilhota de Ambar semelhava uma larga toalha de espuma branca cavada de profundas vagas. Esta espuma amontoava-se no fundo a mais de seis pés de altura e o vento, varrendo a superfície, levava-a por cima do escarpado de margem mais de meia légua pela terra dentro. Dêsses frocos brancos e inumeráveis que eram levados horizontalmente diante de si até ao tope das montanhas, dir-se-ia que eram pura neve que saía do mar. O horizonte apresentava todos os sintomas de uma longa borrasca e o mar confundia-se com o céu. Núvens de um aspecto assustador destacavam-se incessantemente atravessando o zenith com a rapidez das aves, enquanto outras pareciam quietas como enormes rochedos. Não se via uma nêsga de céu azul, e uma luz mortiça e baça apenas iluminava todos os objetos do mar, terra e céu. p. 70</p>	<p>Cada vaga que vinha quebrar-se na costa, avançava mugindo até o fundo das enseadas e lançava calhaus a mais de cinquenta pés pela praia a dentro; quando se retirava descobria grande parte do leito da praia, da qual rolavam os seixos com um ruído rouco e horrível.</p> <p>O mar encapelado, engrossava a todo instante, todo o canal compreendido entre esta ilha e o ilhéu de Ambar era um vasto lençol de escumas brancas, cavadas por ondas negras e profundas.</p> <p>As escumas amontoavam-se no fundo das enseadas com a altura de mais de seis pés, e o vento que lhe varria a superfície, levava-as por cima da penedia da praia, a mais de meia légua pela terra a dentro.</p> <p>Quem visse seus frocos brancos e infinitos, que eram repelidos horizontalmente até o sopé das montanhas, diriam serem frocos de neve que saíam do mar. O horizonte oferecia todos os sinais de uma longa borrasca; o mar parecia confundir-se com o céu.</p> <p>Dele se destacavam continuamente nuvens de forma horrível, que atravessavam o zênite com a velocidade dos pássaros, ao passo que outras nele pareciam enormes como enormes rochedos. Não se descobria parte nenhuma azulada no firmamento; um clarão cinzento e baço alumiaava todos os objetos da terra, do mar e do céu. p. 154-155</p>
1965	1986
<p>Cada volta de mar, que rebentava na costa, avançava, mugindo, até o fundo das enseadas e atirava seixos a amis de cento e cinquenta metros pela terra adentro. Depois, na ressaca, descobria grande parte do leito da praia, rolando os calhaus com tom rouco e medonho!</p> <p>O mar, batido pelo vento, engrossava a cada instante e todo o canal que fica entre essa ilha e a ilha do Âmbar era um vasto lençol de espuma branca, cruzado de vagas negras e enormes! Essa espuma, acumulada no fundo das enseadas, a mais de dois metros de altura, varrida depois pelas refregas, ia parar a mais de meia légua pela ilha adentro! Vendo os inúmeros flocos, sacudidos horizontalmente até a raiz da</p>	<p>Cada onda que se quebrava na praia avançava rugindo até o fundo das enseadas, e ali atirava pedras a mais de cinquenta pés, terra adentro; depois recuava, descobrindo grande extensão da costa cujos cascalhos rolavam com barulho rouco e medonho. O mar, encrespado pelo vento, engrossava cada vez mais e todo o estreito compreendido entre esta ilha e a de Âmbar não era senão um manto de espumas brancas que vagalhões negros e profundos rasgavam. As espumas se encastelavam sobre as angras até mais de seis pés de altura, e o vento varrendo a superfície as arremessava por sobre as escarpas da costa por mais de meia légua para dentro das terras. Seus flocos brancos e inumeráveis, impelidos horizontalmente até</p>

<p>montanha, dir-se-ia que do mar saíam blocos de neve!</p> <p>O céu dava mostras de prolongada tormenta. O mar confundia-se com o céu. Destacavam-se constantemente nuvens de uma forma pavorosa, que atravessavam o zênite com a rapidez do pássaro, enquanto outras pareciam imóveis, como grandes rochedos! Não se discriminava uma nesga de firmamento azul. Um clarão azeitonado e baço esclarecia a terra, o mar e os céus! p. 134-135</p>	<p>ao sopé das montanhas, pareciam neve que saía do mar. O horizonte dava todos os sinais de demorada tempestade, confundindo-se mar e céu. Incessantemente, de lá se desprendiam nuvens medonhas que atravessavam o zênite com a rapidez das aves, ao passo que outras permaneciam imóveis como grandes rochas. Não se via sequer uma nesga azulada no firmamento; só um clarão baço e esverdeado iluminava a terra, o mar e os céus. p. 71</p>
<p>1988</p>	<p>Edição sem data Aurora</p>
<p>O mar, agitado pelo vento, crescia de instante a instante, e todo o canal compreendido entre a Ilha de França e a ilha de Âmbar transformara-se em um lençol muito branco de espuma, agitado por vagas negras e profundas. Essa espuma formava no fundo uma vasa de mais de seis pés de altura. O vento, que a espalhava na superfície, levava-a acima das escarpas da margem, a mais de meia légua para dentro da terra. Os brancos e inumeráveis flocos que eram empurrados horizontalmente até o sopé dos montes pareciam um lençol de neve saído do mar.</p> <p>Ao mesmo tempo, o horizonte apresentava todos os sinais de uma longa tempestade, e o mar parecia confundido com o céu. Nuvens de formatos estranhos atravessavam o zênite com enorme velocidade, enquanto outras lá permaneciam imóveis, como grandes rochedos. Não se via no firmamento um ponto sequer azulado; tudo que havia em terra, no mar ou nos céus recebia apenas uma luz muito fraca, de cor azeitonada e embaçada.</p> <p>p. 95</p>	<p>Cada vaga que vinha quebra-se na costa, avançava mugindo até o fundo das enseadas e lançava calhaus a mais de cinquenta pés pela praia a dentro; quando se retirava descobria grande parte do leito da praia, da qual rolavam os seixos com um ruído rouco e horrível.</p> <p>O mar encapelado, engrossava a todo instante, todo o canal compreendido entre esta ilha e o ilhéu de Ambar era um vasto lençol de escumas brancas, cavadas por ondas negras e profundas.</p> <p>As escumas amontoavam-se no fundo das enseadas com a altura de mais de seis pés, e o vento que lhe varria a superfície, levava-as por cima da penedia da praia, a mais de meia légua pela terra dentro.</p> <p>Quem visse seus flocos brancos e infinitos, que eram repelidos horizontalmente até o sopé das montanhas, diriam serem flocos de neve que saíam do mar. O horizonte oferecia todos os sinais de uma longa borrasca; o mar parecia confundir-se com o céu.</p> <p>Dele se destacavam continuamente nuvens [sic] de forma horrível, que atravessavam o zênite com a velocidade dos pássaros, ao passo que outras nele pareciam enormes como enormes rochedos. Não se descobria parte nenhuma azulada no firmamento; um clarão cinzento e baço alumia todos os objetos da terra, do mar e do céu. p. 107-108</p>
<p>Edição irmãos Garnier</p>	
<p>O mar empolado pelo vento engrossava a cada instante, e todo o canal comprimido entre esta ilha e a ilha de Ambre era sómente um vasto lençol de escumas brancas escavado pelas vagas pretas e profundas. Estas vagas se amontoavão nos extremos das</p>	

enseadas a mais de seis pés de altura, e o vento que varria a sua superficie, as levava acima do escarpado da praia a mais de meia legoa pela terra dentro. Ao ver estes frocos brancos e innumeraveis, que estavam arrojados horisontalmente até o pé das montanhas, ter-se-hia dito que era neve que sahia do mar. o horisonte oferecia todos os incicios de uma grande tempestade: ali parecia o mar confundido com o céu. Dele sahião incessantemente nuvens de forma horrenda, que atravessavão o Zenith com a celeridade dos passaros, em quanto outras parecião ali immoveis como grandes rochedos. Não se descobria parte alguma azul do firmamento; um clarão pardo e desmaiado alumiaava só todos os objectos da terra, do mar e dos céos. p.193-194